

Pesquisa Arqueológica no Sítio da Trindade - Casa Amarela, Recife - Pernambuco

Relatório Final

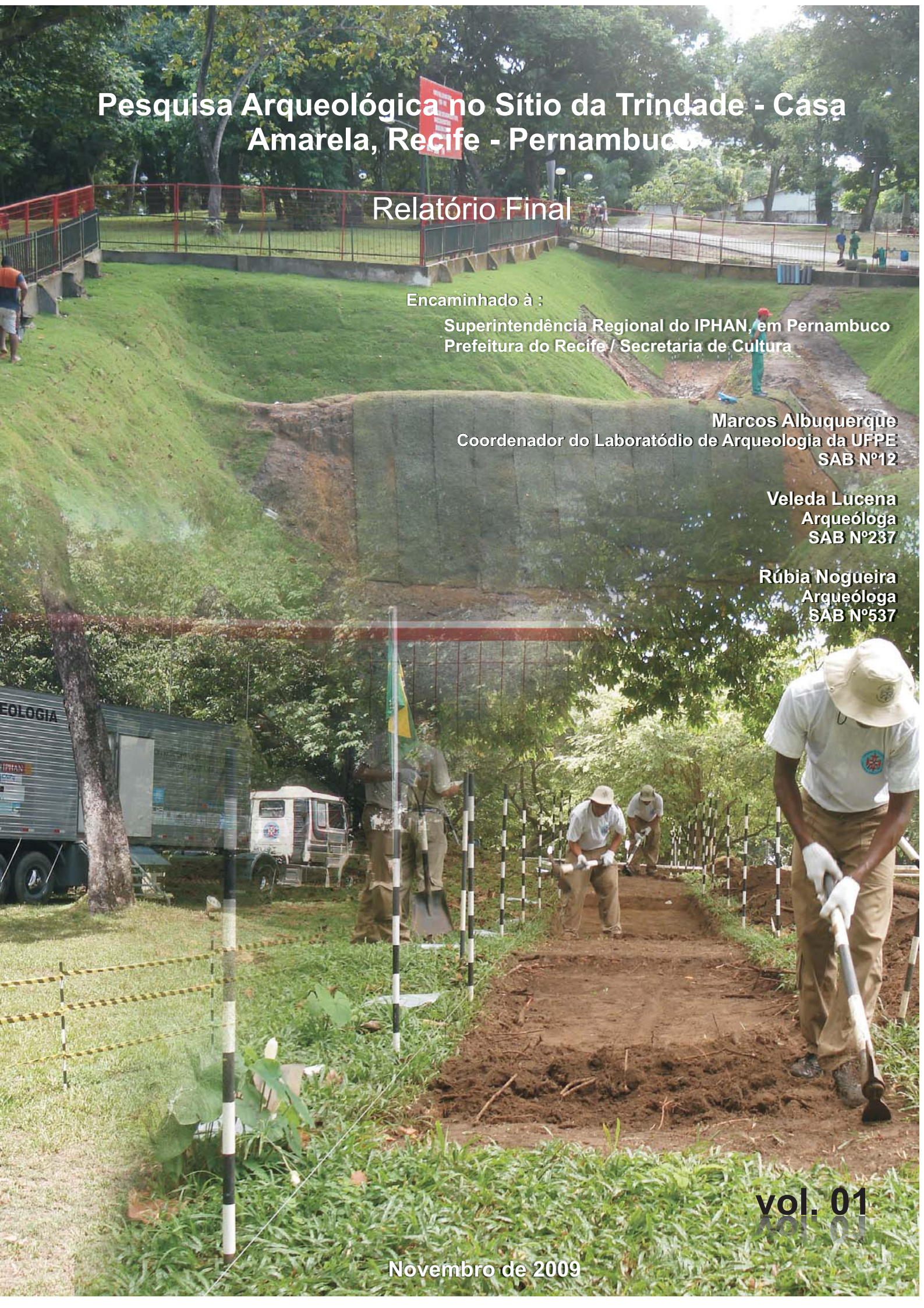
Encaminhado à :

Superintendência Regional do IPHAN, em Pernambuco
Prefeitura do Recife / Secretaria de Cultura

Marcos Albuquerque
Coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE
SAB Nº12

Veleda Lucena
Arqueóloga
SAB Nº237

Rúbia Nogueira
Arqueóloga
SAB Nº537



vol. 01

Novembro de 2009

Pesquisa Arqueológica no Sítio da Trindade - Casa Amarela, Recife - Pernambuco.

Relatório Final

Volume 1

Encaminhado à:

Superintendência Regional do IPHAN, em Pernambuco

Prefeitura do Recife / Secretaria de Cultura

Marcos Albuquerque
Coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE
SAB N°12

Veleda Lucena
Arqueóloga
SAB N°237

Rúbia Nogueira
Arqueóloga
SAB N°537

Novembro de 2009



01 - Processo IPHAN nº 01498.002243/2008-66
Projeto: Pesquisa Arqueológica no Sítio da Trindade – Casa Amarela
Instituição Executora: Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco
Arqueólogos Coordenadores: Marcos Antônio Gomes de Mattos de Albuquerque
Área de Abrangência: Município de Recife, no Estado de Pernambuco.
Prazo de Validade: 04 (quatro) meses

(DOU, Nº23, publicado em 03 de fevereiro de 2009)

Sumário

Volume 1

Sumário	3
Apresentação.....	6
Introdução.....	7
Caracterização e Localização.....	12
Identificação do Empreendimento.....	12
Identificação do Empreendedor	12
Localização e Área de Abrangência	13
Planta de Situação	14
Planta de situação – detalhe	15
Projeto Executivo da Refinaria Multicultural do Sítio Trindade.....	16
Caracterização do Município de Recife	18
Caracterização do contexto etno-histórico do Recife.....	19
Patrimônio Histórico e Arqueológico	24
Levantamento do estado atual do conhecimento acerca dos BENS HISTÓRICOS existentes na área de influência indireta do empreendimento e limites próximos	24
Levantamento do estado atual do conhecimento acerca do Patrimônio Arqueológico existente na área de influência indireta do empreendimento e limites próximos	64
Desenvolvimento da Pesquisa Arqueológica	66
Objetivos.....	67
Metodologia.....	68
Levantamento Histórico e Arqueológico acerca do Arraial do Bom Jesus	70
Pesquisa Arqueológica	79
Forte Real do Bom Jesus – Sítio Trindade.....	80

Refinaria Multicultural – Sítio Trindade.....	198
Resultados analíticos.....	231
O material arqueológico da área de topo/encosta	233
Material de Construção	235
Material de fixação	236
Trancas e Articulações	238
Material de iluminação.....	239
Instrumentos de trabalho.....	239
Material Bélico	240
Cachimbo	241
Material Lúdico	243
Selos.....	244
Moeda.....	245
Material relacionado à alimentação.....	245
Material relacionado à saúde	255
Peças de Vestuário	256
Fivela e Passadores	257
Lixo recente	257
Lítico	258
Material pré-histórico	258
Material não identificado.....	262
O material arqueológico da área baixa - Sementeira.....	263
Educação Patrimonial.....	265
Considerações Finais	282
Bibliografia	285
Equipe Técnica e de Apoio.....	287
Órgãos Envolvidos.....	290
Agradecimentos.....	291

Volume 2

Sumário	3
Anexos.....	6
Portaria do IPHAN.....	7
Ficha do IPHAN - CNSA	10
Mapa planialtimétrico	20
Diário de Campo	22
Relatórios Ensolo	56
Listagem das Instituições de Ensino que participaram do Programa de Educação Patrimonial	122
Cordel utilizado no Programa de Educação Patrimonial.....	125
Gráficos e planilhas de incidência do material arqueológico	133
Catálogo do Material Arqueológico	142
Cópia Digital	231

Apresentação

O Forte Real do Bom Jesus foi construído em 1630, pelas tropas que, sob o comando de Matias de Albuquerque promoviam a defesa da terra à invasão holandesa. Um forte em terra que resistiu durante cinco anos ao assédio holandês. Durante este tempo muitos moradores vieram se instalar “a sua sombra”, constituindo o ‘Arraial do Bom Jesus’. Em 1635, tendo resistido a um longo cerco e ao fogo das baterias que o cercavam, o Forte, já em ruínas, capitulou. Após a capitulação, Forte e Arraial foram destruídos pelas tropas holandesas, e a área permaneceu abandonada por longo período.

Tendo em vista os resultados obtidos nas escavações arqueológicas realizadas pelo Laboratório de Arqueologia da UFPE, que lograram estabelecer parte do perímetro de ocupação do Forte Real do Bom Jesus, construído em 1630, pelas tropas da Resistência, toda área circunjacente deve ser considerada como potencialmente capaz de guardar remanescentes arqueológicos relacionados ao período.

Assim, a implantação da Refinaria Multicultural no Sítio Trindade em Casa Amarela, Recife naquele local, pode ser considerado um empreendimento potencialmente capaz de promover danos ao patrimônio histórico-arqueológico eventualmente presente naquela área.

A elaboração do **Projeto de Pesquisa Arqueológica no Sítio Trindade - Casa Amarela Recife, Pernambuco**, visou o atendimento ao Termo de Referência da Pesquisa Arqueológica no Sítio Trindade – Casa Amarela, e à legislação aplicável à realização de Pesquisa arqueológica no território brasileiro.

O Projeto de Pesquisa Arqueológica no Sítio Trindade – Casa Amarela constituiu o Processo IPHAN nº 01498.002243/2008-66, aprovado através da Portaria IPHAN Nº. 3, de 2 de fevereiro de 2009, publicada no DOU de Nº. 23, terça-feira, 3 de fevereiro de 2009¹, e teve como arqueólogo coordenador o Prof. Marcos Antônio Gomes de Mattos de Albuquerque.

O Projeto de Pesquisa foi custeado pela Prefeitura da Cidade do Recife, através do Contrato de Serviço de Pesquisa Arqueológica, Nº. 252 firmado com a Arqueolog Pesquisas Ltda.-ME, que elaborou e executou o referido Projeto.

Este é o Relatório Final do Projeto de Pesquisa Arqueológica no Sítio Trindade onde serão apresentados os resultados das atividades de campo e de laboratório. Está dividido em dois volumes, estando o segundo dedicado aos anexos.

¹ Portaria anexada ao Relatório.

Introdução

O Forte Real (Velho) do Bom Jesus teve uma vida temporal relativamente efêmera, entretanto intensa. A documentação histórica disponível dá conta do planejamento do traçado de suas linhas da utilização de uma casa já existente no local, entretanto outros aspectos nem sempre são registrados através destes documentos. Destroçado após a rendição, ao longo dos séculos sua imagem foi sendo apagada nas mentes, no inconsciente coletivo e até mesmo no terreno. Quando em meados do século XIX o Imperador do Brasil buscou visitar aquele sítio histórico, restava ainda na tradição popular a sua localização, mas no terreno já não se expunham vestígios de suas formas.

E o Imperador lamentava a falta de cuidado na preservação daquele patrimônio da cidadania dos primórdios do Brasil.

Nem a visita do Imperador, nem a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1937, resgataram o Forte Real do Bom Jesus e o arraial que ali se formou. Só mais tarde o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP), com base nos estudos documentais realizados, fez erguer no local um obelisco alusivo ao forte e seus combatentes.

Em 1968/69 o então Setor de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, contando com o apoio da Prefeitura Municipal do Recife, desenvolveu uma pesquisa arqueológica prospectiva, com vistas a localizar evidências materiais daquele forte seiscentista, o qual se supunha construído em terra. A metodologia utilizada na pesquisa tomou por base alguns pontos:

- O sítio não fora simplesmente abandonado com suas estruturas *in situ*. Fora deliberadamente destruído.
- Embora tivesse uma existência relativamente curta (cerca de cinco anos), ali teria convivido um número significativo de pessoas.
- O local fora submetido a intenso fogo inimigo, que destruíra parte de suas estruturas.
- Quaisquer objetos que houvesse escapado aos ataques, em princípio, teriam sido alvos do saque. Isto se aplicaria tanto aos apetrechos bélicos quanto a objetos de uso doméstico ou pessoal.
- Abandonado por longo período, os seguidos invernos chuvosos haviam se encarregado de mascarar os vestígios das formas de outrora.

Tais premissas conduziram a admitir-se que a estratigrafia de área seria a fonte mais segura para identificar-se o local, a extensão, a forma do Forte.

A escavação que chegou a atingir cerca de cinco metros de profundidade revelou parte de um fosso que provavelmente circundaria o Forte.

Posteriormente, em 1988, o Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, contando também com o apoio da Prefeitura da Cidade do Recife, retornou ao local:

*“Decorridos vinte anos da descoberta arqueológica do Forte do Arraial (Velho) do Bom Jesus, teve início a terceira etapa das pesquisas. As duas primeiras campanhas, realizadas em 68/69 tiveram como objetivo a localização do monumento, do qual não restavam vestígios superficiais, e a ampliação do trecho do fosso recuperado arqueologicamente. Ao longo dos anos houve um reentulhamento da sua porção escavada resultante de ações conjugadas de gênese natural e antrópica. O espaço escavado do fosso que circundava a fortificação foi preenchido por lixo urbano, restos orgânicos e inorgânicos resultantes das festas populares que habitualmente são realizadas no local, o "Sítio Trindade", e por carreamento de material sedimentar oriundo das partes mais elevadas da colina. A conjugação destes elementos não apenas preencheram o espaço escavado do fosso, mas alteraram sua estrutura original. A erosão pluvial e laminar, associada à percolação, em ação conjunta com efeitos eólicos e de insolação, alteraram alguns dos ângulos, reentrantes e salientes do fosso, bem como de sua escarpa e contra-escarpa. O início do processo pedogenético interferiu em suas dimensões. Face às peculiaridades inerentes ao próprio monumento, o desentulhamento, mesmo que de material recente, deveria ser executado através de procedimentos arqueológicos, em virtude da reconstituição do setoriamento, das cotas, ângulos e inclinações já identificadas em campanhas anteriores. A terceira campanha arqueológica, neste sítio, traduzida neste trabalho, reflete os objetivos desta etapa: o resgate do trecho do fosso escavado nas primeiras campanhas e a avaliação dos efeitos erosivos a que o monumento foi submetido durante este período. Constitui-se, sem dúvida, em uma experiência inédita, pelo menos para a equipe do Laboratório de Arqueologia do Departamento de História da UFPE, que realizou as duas primeiras campanhas e teve, nesta etapa, a oportunidade de acompanhar os danos sofridos pelo monumento, causados pelos diferentes elementos erosivos. Este acompanhamento, sem dúvida, gerará conhecimento na área de conservação de monumentos em terra, para os quais se possui pouca ou nenhuma experiência a nível nacional”.*²

Apenas em 1996 o Sítio Trindade, onde existiu o Forte Real (Velho) do Bom Jesus, foi tombado pelo IPHAN e posteriormente transformado em Zona Especial de Preservação Histórico-Cultural – ZEPH 1, Setor de Preservação Rigorosa – SPR, através da Lei Municipal 16.176/96.

² Albuquerque, Marcos. Forte Real do Bom Jesus: Resgate Arqueológico de um sítio Histórico. Recife:s.n. 1988 (Recife : CEPE) p.: II Bibliografia : 64 páginas.

Distando cerca de seis quilômetros do litoral, o Forte Real do Bom Jesus foi erguido praticamente no limite oeste da planície que circunda o Recife. Está situado em uma porção da planície costeira povoada por pequenas elevações de origem sedimentar não consolidada. São as primeiras manifestações, ou antes, os remanescentes da Superfície de Tabuleiros desgastada, que limita a planície litorânea. Trata-se de um terreno cuja textura varia de franco argilosa a argilosa, com encostas mais ou menos suaves até mesmo escarpada, cuja elevação atinge nas cercanias os 56m (Morro da Conceição- fonte Google). O sítio ocupado para a construção do Forte Real do Bom Jesus não foi o de maior cota. Uma outra elevação, muito próxima lhe ficava a cavaleiro, é conhecido atualmente como Morro da Conceição, e à época referida como Morro Bagnoulo, em alusão a uma bateria ali instalada por aquele mercenário italiano.

Do ponto de vista dos recursos naturais existentes na área da linha de cerco, e em particular nas imediações de onde se instalara o Forte Real do Bom Jesus, o material disponível difere substancialmente daquele encontrado na planície do Recife nas proximidades da costa. A planície arenosa do Recife exigia práticas específicas para a contenção das estruturas em terra. É o caso da construção dos Fortes do Brum, do Buraco, das Três Pontas, e outros, que em sua versão holandesa, foram construídos em faxina e areia, "... com uma camisa de lodo³ pela parte de fora ..." (Mogueimes, Antônio de Araújo, aplud Gonçalves de Mello, 1956, p. 283). Tais aspectos se mostram de grande interesse do ponto de vista da pesquisa arqueológica, haja vista que na construção do Forte Real do Bom Jesus poderiam ter sido adotadas práticas construtivas muito diferentes. O solo argiloso ou mesmo franco argiloso propiciaria uma maior estabilidade nos cortes do terreno, praticamente prescindindo de revestimento. Capaz de absorver grande parte do impacto produzido pelos tiros de canhão, suas escarpas praticamente exigiam apenas os necessários reparos ao fim da estação das chuvas.

O desmantelamento do Forte após a rendição, em grande parte se concentra na demolição das estruturas das muralhas em terra, que foram jogadas no interior do fosso. Os muitos invernos que se passaram se encarregaram de uniformizar a superfície da encosta onde havia o fosso. Mas a ação de transporte de material também se fez sentir na área do topo da elevação. A erosão laminar certamente promoveu o desgaste superficial daquela área que provavelmente teria permanecido por um longo tempo desprovida de vegetação.

O Sítio Trindade é, desde 17 de junho de 1974, tombado a nível federal através do Processo: 0487-T-53, como conjunto paisagístico, inscrito sob o N° 447 no Livro Histórico.

Está ainda Registrado como Sítio Arqueológico Histórico no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA)

Por outro lado, o Sítio Trindade tem sido utilizado há pelo menos quatro décadas na realização de festas populares, que contam com grande afluência de público. O equipamento ali disponível, embora simples, se converte em forte atrativo à população daquele bairro que conta com uma alta densidade demográfica. Sob a ação da

³ Traduzido como 'lodo', acreditamos se tratar de argila, material argiloso.

Prefeitura para ali convergem, durante os festejos, grupos organizados que mantêm vivas tradições culturais com o fandango, pastoril, quadrilhas juninas, bumba-meu-boi, etc.

Como as demais Refinarias Multiculturais programadas para a cidade, a de Casa Amarela se propõe a se constituir em um equipamento voltado ao ensino, produção e divulgação de produtos culturais, assim a valorização arqueológica do lugar é uma preocupação natural do empreendimento.

A par do interesse social de que se reveste a implantação da Refinaria Multicultural do Sítio Trindade, em Casa Amarela – Recife, não pode ser descurado que sua instalação se baseia em ações potencialmente capazes de afetar o patrimônio arqueológico. Embora o patrimônio arqueológico naquela área já tenha sido alvo de pesquisas anteriores, nem toda área disponível chegou a ser pesquisada.

Por outro lado, a legislação brasileira estabelece a necessidade de uma avaliação dos impactos ambientais que potencialmente poderão advir da implantação de empreendimentos em áreas com potencial arqueológico.

O patrimônio cultural brasileiro⁴, definido através da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu Art. 216, alínea V⁵, e da Lei Nº 3.924⁶ de 26 de julho de 1961, em seu Art. 7º dispõe explicitamente sobre aqueles bens ainda não manifestados e não registrados⁷. Por outro lado, a caracterização dos monumentos arqueológicos está estabelecida ainda através da Lei acima mencionada.

A legislação específica relativa ao patrimônio cultural e arqueológico remonta à Constituição anterior e suas Leis complementares, cuja definição, espírito de preservação e o caráter de propriedade da União, se encontram ratificados na Constituição vigente⁸.

⁴ **Art. 20.** São bens da União:

X. as cavidades naturais subterrâneas e os sítios arqueológicos e pré-históricos;

⁵ **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.**

Art. 216 - Constituem Patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

V. os conjuntos urbanos, e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

⁶ **LEI No 3.924** de 26 de julho de 1961 -Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos

Art. 2o. Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos:

- a- as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos da cultura dos paleo-ameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente;
- b- os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos ameríndios, tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha;
- c- os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento “estações” e cerâmicos, nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleontológico;
- d- as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleo-ameríndios.

⁷ **LEI Nº 3.924** de 26 de julho de 1961

Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos

Art. 7º. As jazidas arqueológicas ou pré-históricas de qualquer natureza, não manifestadas e registradas na forma dos artigos 4o e 6o desta Lei, são consideradas, para todos os efeitos bens patrimoniais da União.

⁸ **Art. 175** (Art. 180. C. F. 1988) da Constituição Federal.

Por outro lado, a Portaria ° 7 do IPHAN, datada de 01 de Dezembro de 1988, estabelece os procedimentos necessários à comunicação prévia, às permissões e às autorizações para pesquisas e escavações arqueológicas em sítios arqueológicos, previstas na Lei n.º 3.924.

Tomando-se por base a legislação vigente, para a elaboração deste Projeto de **Pesquisa Arqueológica no Sítio Trindade**, foram efetuados estudos prévios que envolvem: levantamento de dados secundários - tendo em vista a contextualização arqueológica e etno-histórica da área de influência do empreendimento.

Caracterização e Localização

Identificação do Empreendimento

DESCRIÇÃO DA PROPRIEDADE:

De acordo com as plantas fornecidas, o Sítio Trindade se encontra inscrito no polígono formado pelas seguintes vias: Estrada do Arraial, Rua Ferreira Lopes, Estrada do Encanamento e Rua Joubert de Carvalho e em continuação a Rua Olímpio Tavares no bairro de Casa Amarela, Recife-PE.

PROPRIETÁRIO Prefeitura da Cidade do Recife / Secretaria de Cultura

ENDEREÇO Cais do Apolo, 925. CEP 50.030-903. Recife/PE.

MUNICÍPIO Recife

UF Pernambuco

TELEFONE (81) 3232-8115

ÁREA Área Cartográfica = 66.752 m².

PERÍMETRO Comp. Cartográfico = 3,345 km

Identificação do Empreendedor

Entidade

Endereço

Responsável

Localização e Área de Abrangência

O Sítio Trindade está localizado no Recife, no bairro de Casa Amarela, situado na Estrada do Arraial, nº 359.

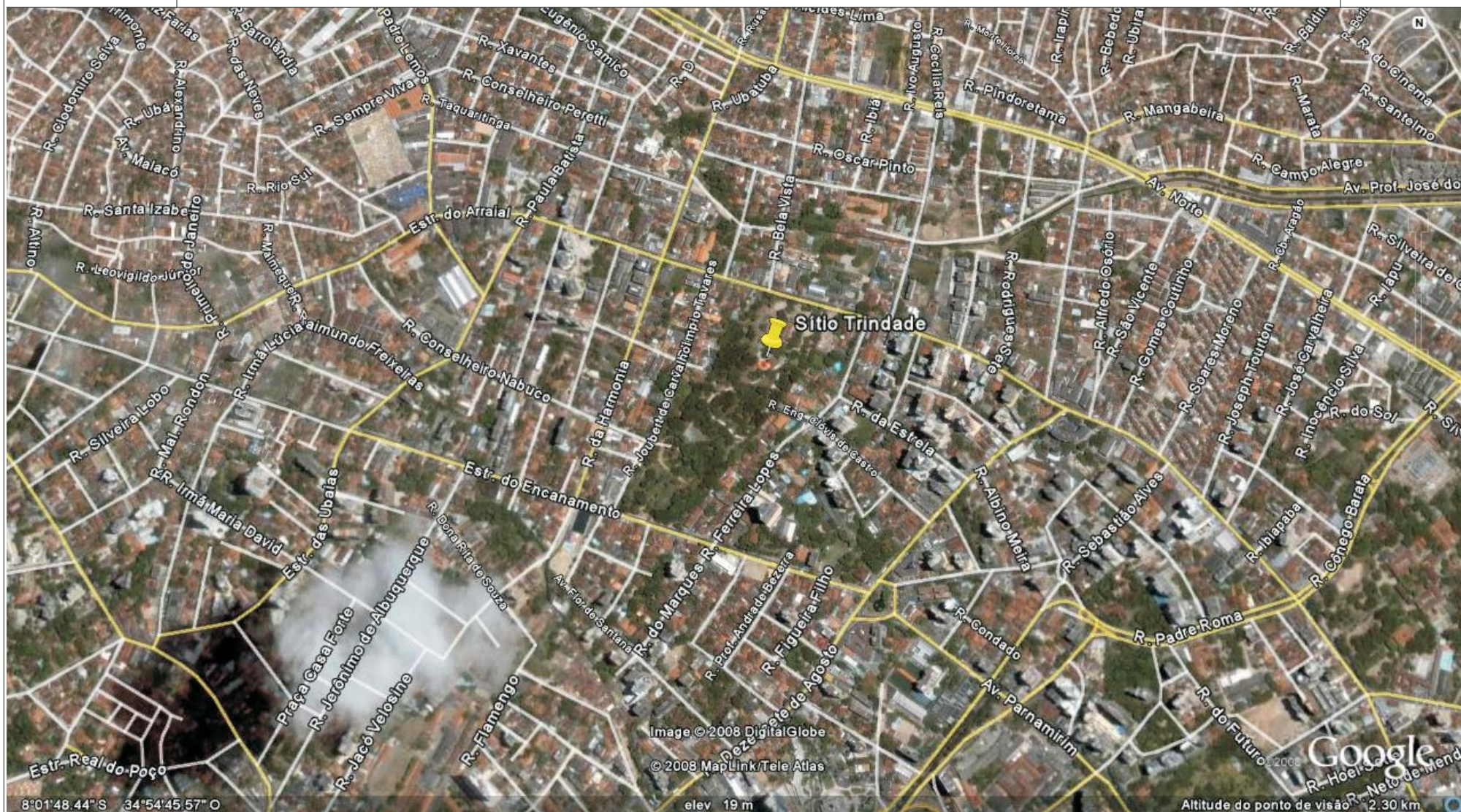
Desde algumas décadas, o local é utilizado para realização de festas públicas, em particular durante o ciclo junino e as festas de fim de ano. Ali, a Prefeitura da Cidade do Recife intenta implantar uma das Refinarias Multiculturais, que estão projetadas para o Recife.

Esta **Pesquisa Arqueológica no Sítio Trindade** abrange toda a área destinada à implantação daquela unidade do Programa de Refinarias Multiculturais, da Prefeitura da Cidade do Recife, ou seja, ultrapassa a área do Sítio propriamente dita, incluindo o terreno onde funciona atualmente a Sementeira da Cidade.



Planta de situação do Sítio Trindade Detalhe da Planta do Recife - Casa Amarela

ESCALA:
INDICADA



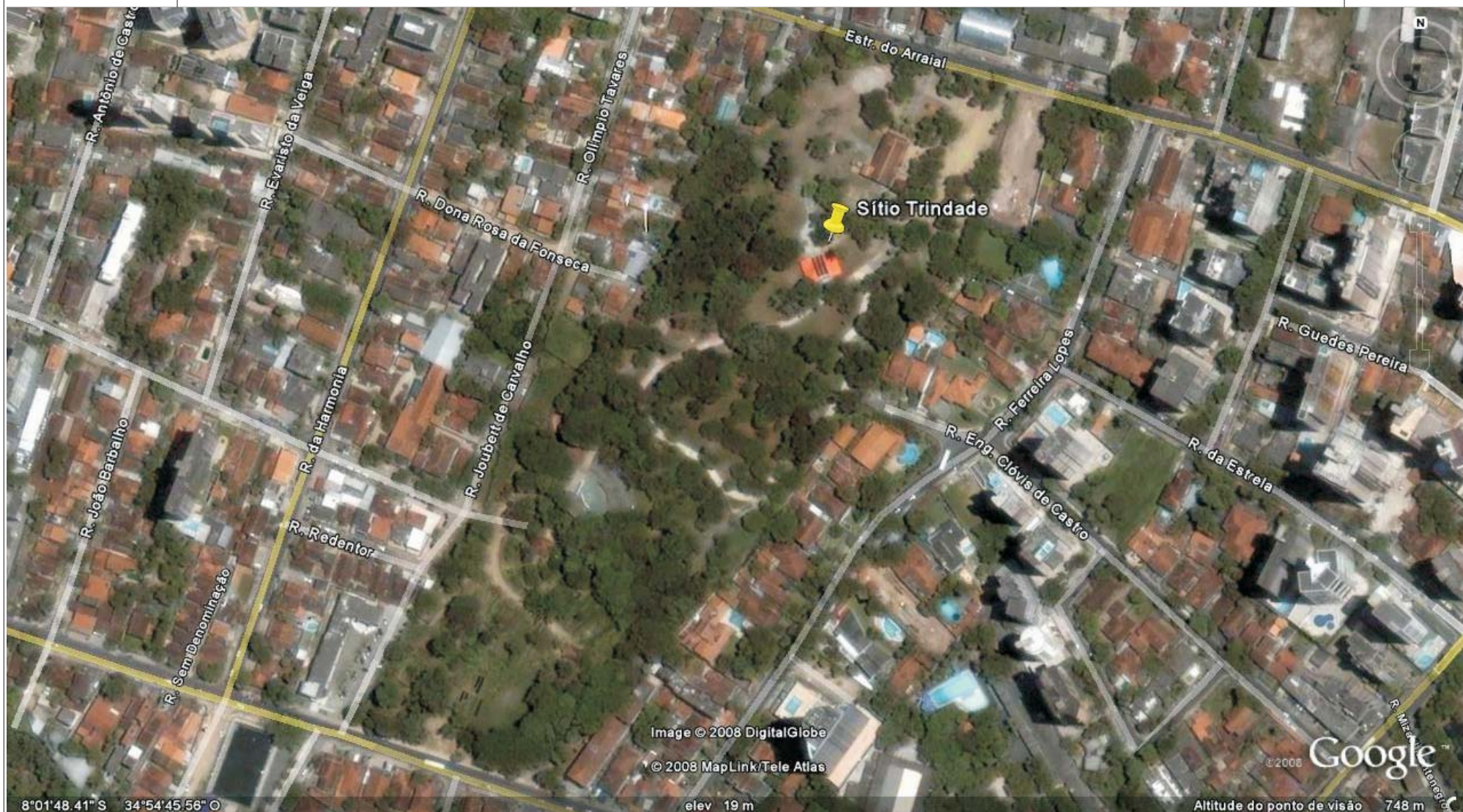
Área do empreendimento sobre imagem do Google.



Planta de situação do Sítio Trindade

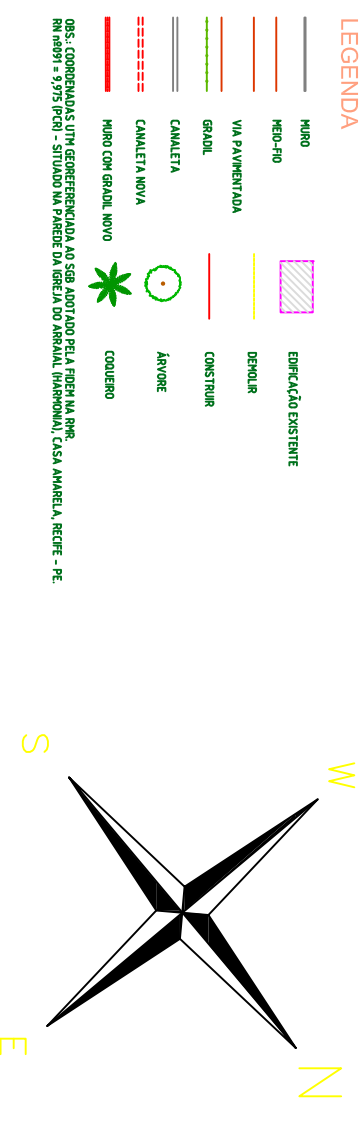
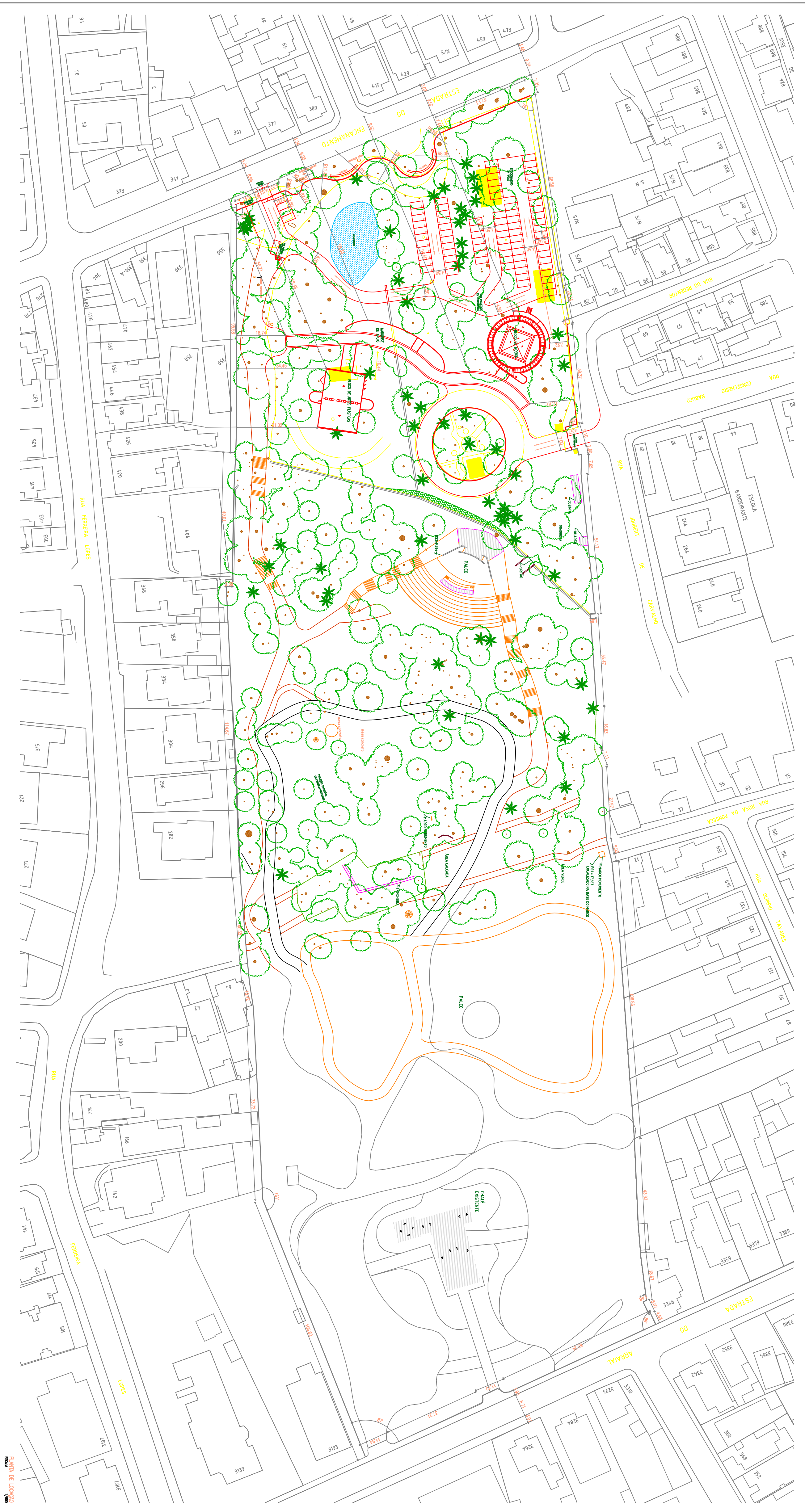
Detalhe da quadra

ESCALA:
INDICADA



Área do empreendimento sobre imagem do Google.

Projeto Executivo da Refinaria Multicultural do Sítio Trindade



LEGENDA

	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO
	ÁREA DE INTERVENÇÃO		ÁREA DE PRESERVAÇÃO

PROJETO: ANTONIO AZEVEDO DA SILVA, CARLA SILVA DE MENEZES

CONDOMÍNIO: MONTE CARLO - IMPLANTAR O NOVO

PREFEITA: ANTONIA REGINA DE OLIVEIRA

SECRETARIA DE CULTURA: ANTONIA REGINA DE OLIVEIRA

DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: ANTONIA REGINA DE OLIVEIRA

REFORMA MULTICULTURAL, SÍTIO DA TRINDADE

PLANTA DE SITUAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

01/12

Caracterização do Município de Recife

Recife, capital do Estado de Pernambuco, situa-se no litoral nordestino e ocupa uma posição central com latitude de 8° 04' 03" S e longitude de 34° 55' 00" W, a 800 km das outras duas metrópoles regionais, Salvador e Fortaleza. Limita-se ao norte com os municípios de Olinda e Paulista, ao sul com o município de Jaboatão dos Guararapes, a oeste com os de São Lourenço da Mata e Camaragibe, e a leste com o Oceano Atlântico.

A mesorregião metropolitana do Recife abrange os seguintes municípios: Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Paulista, Camaragibe, São Lourenço da Mata, Ilha de Itamaracá, Abreu e Lima, Cabo de Santo Agostinho, Ipojuca, Moreno, Igarassu, Itapissuma, e Araçoiaba.

Apresenta clima predominantemente quente e úmido, com temperatura média de 25,2° C. Seu território abrange uma área de 220 km²; que é subdividida em 94 bairros, e compreende 6 Regiões Político – Administrativas: RPA 1 Centro: 11 bairros; RPA 2 Norte: 18 bairros; RPA 3 Noroeste: 29 bairros; RPA 4 Oeste: 12 bairros; RPA 5 Sudoeste: 16 bairros; RPA 6 Sul: 8 bairros.

Caracterização do contexto etno-histórico do Recife

A História de Recife se confunde com a História da colonização portuguesa em Pernambuco. Epicentro dos principais eventos históricos da Capitania, a cidade conta com 471 anos, sendo fundada ainda quando minúscula povoação de mareantes e pescadores que viviam em torno da ermida de São Frei Pedro Gonçalves, por eles denominada de Corpo Santo. Inicialmente, servia de porto de desembarque da então nascente cidade de Olinda. Nos primeiros anos de colônia, transformou-se no porto de maior movimento da América Portuguesa, escoadouro principal das riquezas da mais promissora de todas as capitanias. Tal riqueza logo despertou rapidamente a cobiça de povos estrangeiros. Na segunda metade do século XVI, franceses e ingleses estiveram na costa pernambucana a fim de estabelecerem ou apenas saquear a cidade.

Em 1630, a povoação do Recife se compunha de 150 casas, a maior parte armazéns ou depósitos de gêneros produzidos e comercializados no país. Depois de Olinda e Igarassu, era a mais populosa da Capitania.⁹

A esta época, utilizando a maior esquadra que até então cruzara a linha do Equador, formada por 65 embarcações e 7.280 homens, os holandeses vieram se instalar na antiga capitania duartina, iniciando uma dominação que se estendeu até janeiro de 1654.

Em 1630, os holandeses invadiram a vila de Olinda. Após o domínio da sede do governo os holandeses se estabeleceram no povoado do Recife. Os luso-brasileiros, comandados por Matias de Albuquerque, bateram em retirada na tentativa de estabelecer novos pontos de defesa. A resistência procurou se estabelecer-se, principalmente, entre as áreas dominadas pelos holandeses e os centros de produção, os engenhos de açúcar. O Forte Real do Bom Jesus (Arraial Velho) foi construído a uma quase uma légua de Recife e Olinda para impedir o acesso do inimigo as áreas produtivas da Capitania. O Forte foi edificado em terra e resistiu cinco anos aos ataques das tropas holandesa (1630-1635). Após a rendição o Forte foi totalmente destruído. Esta unidade de defesa foi considerada uma marco da resistência luso-

⁹ GALVÃO, Sebastião de Vasconcellos. Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco – 2. ed., v.3 – Recife: CEPE, 2006. p 12.

brasileiras contra os batavos. Após a destruição do Forte Real do Bom Jesus os portugueses continuaram resistindo a dominação holandesa .

Durante 24 anos, o Recife passou de “povoação acanhada” do século XVI e início do século XVII a capital do Brasil Holandês. Muito se fala dos melhoramentos obtidos, particularmente durante o governo do conde João Maurício de Nassau (1637-1644), governador do Brasil Holandês. O príncipe alojou-se na ilha de Santo Antônio, onde estabeleceu a capital de seu governo, chamada *Mauritsstad* ou *Mauricia*. O Povo dos Arrecifes era coisa do passado. A cidade Mauricia foi planejada e construída segundo os moldes europeus. Para isso, o conde contratou profissionais dispostos a transformar este pedaço da costa em uma “cidade modelo”.

Enquanto a corte do conde construía a sede do governo holandês, as tensões políticas aumentavam, culminando em um revolução contra o domínio holandês. A Insurreição Pernambucana foi comandada pelo senhor de engenho João Fernandes Vieira e teve como sede o Engenho São João, na Várzea do Capibaribe. O exército libertador foi formado e as batalhas tiveram início em junho de 1645.

Depois da derrota dos holandeses no combate da Casa Forte, o Supremo Conselho do Governo Holandês determinou o arrasamento da cidade Maurícia, concedendo aos moradores o prazo de 10 dias para abandonarem suas casas. Muitas construções foram destruídas. Os insurretos, entretanto, alcançaram seguidas vitórias, recuperando as fortalezas tomadas pelos invasores. Sitiados no Recife, os holandeses decidem recuar, solicitando suspensão de armas para enviar comissários. Termina assim o domínio bátavo no Brasil.

Em seguida a estes acontecimento, o povoamento do Recife gradualmente cresceu, além do âmbito peninsular da Cidade Maurícia. Ao longo dos últimos anos do século XVII, muitos edifícios de utilidade pública e privada foram erguidos. A riqueza súbita dos habitantes do Recife (mascates), fez do antigo porto um núcleo de progresso. É deste período o início das edificações das igrejas dos Jesuítas (1655), Nossa Senhora da Penha (1655), Santo Amaro das Salinas (1681), Convento do Carmo (1667), Capela Dourada (1696) e Ordem Terceira do Carmo (1696), na ilha de Santo Antônio, que, juntamente com as igrejas de Nossa Senhora do Pilar (1680-86, restaurada entre

1898 e 1906) e Madre de Deus (1679), são testemunhos de uma época de fausto e riquezas.¹⁰

Somente em 19 de Novembro de 1709, quando contava com uma população superior a Olinda (8.000 habitantes), Recife foi elevado à categoria de vila, com a invocação de Santo Antonio do Recife. Foi então erguido o pelourinho, símbolo do poder municipal, em 15 de fevereiro do ano seguinte e logo foram escolhidos os primeiros vereadores de sua Câmara, aos quais caberia a administração municipal, não se devendo mais obediência aos vereadores de Olinda. A então Vila estava circunscrita às freguesias de São Pedro Gonçalves e Santo Antônio, área compreendida pelos atuais bairros do Recife, Santo Antônio e São José. No decorrer do século, começou-se a desenvolver o bairro continental da Boa Vista através de aterros dos terrenos de alagados e de cursos d'água. O Recife foi crescendo em área.

As grandes modificações ocorreram mesmo durante o século XIX, o chamado de “o século das luzes”, tal o número de mudanças ocorridas no âmbito das relações políticas e sociais, bem como dos avanços tecnológicos e de toda uma transformação de costumes que surgiu com a revolução industrial. A abertura dos portos e os conseqüentes tratados incentivaram a presença de estrangeiros na vida brasileira. Surgem inúmeros relatos de viajantes acerca dos habitantes, vida social, flora, fauna e aspectos outros que precederam e sucederam a independência da antiga colônia. Henry Koster, viajante inglês que realizou viagens pelo Nordeste do Brasil, observou em 1811:

Notei uma modificação considerável no aspecto do Recife e de seus habitantes, embora minha ausência fosse de curta duração. Várias casas tinham sido reparadas e as rótulas, sombrias e pesadas, foram substituídas pelas janelas, com vidros e balcões de ferro. Algumas famílias haviam chegado de Lisboa e três outras da Inglaterra. As senhoras das primeiras davam o exemplo, indo à missa a pé, em plena luz solar, e as damas inglesas tomaram por hábito passear, todas as tardes, por distração. Esses melhoramentos, mesmo introduzidos e praticados por outras

¹⁰ DANTAS, Leonardo. O Arrecife dos Navios. Disponível em http://www.memorialpernambuco.com.br/memorial/paginas/historia/4historia_recife_arrecifedosnavios.htm

peças, foram adotados por algumas outras, que conservaram o receio de iniciá-los e pelos demais por acharem agradáveis.¹¹

O Recife também foi palco de movimentos políticos de peso nacional. A Revolução de 1817 foi a primeira manifestação significativa que marcou a passagem do Brasil, do antigo sistema colonial português para uma nova perspectiva. Foi ainda a primeira tentativa de libertação política, que atenderia principalmente aos interesses das camadas dominantes e nacionais : a aristocracia rural, mercadores, militares e o clero.¹²

Somente em 1817, por provisão de 6 de dezembro, foram desmembrados do termo de Olinda o bairro da Boa Vista e a povoação de Afogados. Posteriormente, foram unidas ao Recife as freguesias da Várzea, do Jaboatão e parte da de São Lourenço da Mata. Em 1862, o município do Recife era composto pelas freguesias de São Pedro Gonçalves, Santo Antônio, São José, Boa Vista, Afogados, Muribeca, Poço da Panela, Várzea, Santo Amaro do Jaboatão e São Lourenço da Mata.

O Recife foi elevado à categoria de cidade pela Carta Imperial de 5 de dezembro de 1823. No ano seguinte, rebenta outra revolução de caráter republicano, que passou à história sob o nome de Confederação do Equador. Por Resolução do Conselho Geral da Província, passou a capital de Pernambuco em 15 de fevereiro de 1827.¹³ Neste mesmo ano, o Recife foi palco de mais dois movimentos revolucionários: a setembrizada e a abrilada, em 1831 e 1832, respectivamente. Em 1838, assume o governo da província Francisco do Rego Barros, posteriormente Conde da Boa Vista, cuja administração foi assinalada por notáveis melhoramentos urbanos. Duas grandes realizações datam desse período: a construção do Palácio do Governo e do Teatro Santa Isabel - obra do engenheiro francês Louis Léger Vauthier, que o Conde fizera vir de Paris, de onde vieram, também, outros técnicos. Cais, estradas, pontes, abastecimento de água, uma Repartição de Obras Públicas, foram algumas das tarefas empreendidas por Francisco do Rego Barros.

Esse brilhante período da vida do Recife foi perturbado, todavia, pela Revolução Praieira, irrompida em 1848 e organizada pelo partido liberal, composto dos

¹¹ KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. 12ªed. , v. 1, Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2003. pp. 258-259.

¹² DANTAS, Leonardo. A Revolução de 1817. Disponível em http://www.memorialpernambuco.com.br/memorial/paginas/historia/118revolucao_de_1817.htm

¹³ Op. cit. GALVÃO, p. 51.

"praieiros". Chefes principais: Pedro Ivo, João Roma, Nunes Machado - este último morto em combate. O Recife entra, então, numa fase de acelerado progresso. A cidade começa a ampliar-se, iniciando-se, em 1907, a execução do grande e modelar plano de saneamento, concebido pelo higienista Saturnino de Brito.

Durante todo o século XX, o município sofreu inúmeras divisões territoriais. Atualmente, o município possui 94 bairros e 6 Regiões Político-Administrativas (RPA). Segundo os dados do recenseamento de 2000, o Recife contém uma população de 1.422.905 habitantes ocupando uma superfície territorial de 220 km². O município do Recife é uma das três maiores aglomerações urbanas da Região Nordeste.¹⁴

¹⁴ Fonte: Prefeitura Municipal do Recife, disponível em <http://www.recife.pe.gov.br/>.

Patrimônio Histórico e Arqueológico

O levantamento relativo ao Patrimônio Histórico e Arqueológico foi realizado na área de Influência Indireta (AI) do referido Projeto, que compreende todo o município do Recife.

Porém, o Patrimônio Histórico e Arqueológico que poderá ser diretamente afetado com a construção da Refinaria Multicultural é o Forte Real do Bom Jesus por sua proximidade com a área a ser edificada; A construção está prevista para ocupar uma área mais próxima à Estrada do Encanamento, após o anfiteatro, construído no Sítio Trindade no início ou mesmo antes da década dos anos 1960.

Por se tratar de uma área que faz parte do conjunto do Sítio Trindade foi realizado um levantamento de gabinete exaustivo acerca deste bem que será apresentado no Desenvolvimento da Pesquisa Arqueológica.

Levantamento do estado atual do conhecimento acerca dos BENS HISTÓRICOS existentes na área de influência indireta do empreendimento e limites próximos

O levantamento de dados secundários foi efetuado através fontes da documentação textual secundária (fontes bibliográficas), e dados cadastrais do patrimônio histórico, arqueológico, artístico e paisagístico (registros do IPHAN, da Fundarpe e Prefeitura local).

Recife

O município de Recife possui 39 bens históricos tombados a nível Federal (IPHAN) e 25 bens tombados a nível Estadual (FUNDARPE), ainda a nível Estadual foram localizados 15 bens em processo de tombamento.

No levantamento realizado na base de dados do IPHAN¹⁵ (Arquivo Noronha Santos), no Livro de Tombo do Arquivo Noronha Santos, foram localizados tombamentos inscritos nos livros Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Histórico e de Belas Artes.

¹⁵ As listagens dos bens tombados a nível Federal encontram-se na base de dados do IPHAN, disponível em: <http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm> , acessado em 24/11/2009.

Nível Federal - IPHAN

NOME:	Casa Gilberto Freyre
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Vivenda Santo Antônio de Apipucos
USO ATUAL:	Fundação Gilberto Freyre
ENDEREÇO:	Recife - PE
PROCESSO:	1.245-T-87.
LIVRO:	Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico
N° DA FOLHA:	58
N° DE INSCRIÇÃO:	103
DATA:	21/11/1988
LIVRO:	Histórico
N° DA FOLHA:	10 (Volume 2)
N° DE INSCRIÇÃO:	527
DATA:	21/11/1988

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

O tombamento inclui as edificações e o sítio paisagístico ao redor. A casa de Gilberto Freyre foi transformada em Fundação no dia 11 de março de 1987, reconhecida como casa-grande original do século XIX e reformada em 1881. Abriga o conjunto de objetos colecionados, guardados e ordenados pela família Freyre.

A preservação do ambiente, exatamente como fora concebido por Gilberto, revela a emoção e a sensibilidade diante da formação de um acervo que enfaticamente testemunha a vida de Pernambuco, do país e de diferentes locais do mundo. Aí se confundem imagens sacras católicas com peças de origem africana, azulejos portugueses com peças da arte popular brasileira, porcelanas orientais com prataria inglesa e portuguesa, além de um vasto acervo bibliográfico e de uma rica pinacoteca.

NOME:	Conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico.
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Cidade de Recife - PE
PROCESSO:	1168-T-85
LIVRO:	Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico
N° DA FOLHA:	
N° DE INSCRIÇÃO:	119
DATA:	15/12/1998
LIVRO:	Belas Artes
N° DA FOLHA:	
N° DE INSCRIÇÃO:	614
DATA:	15/12/1998

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico do Antigo Bairro do Recife, com a seguinte descrição da área de tombamento: "Inicia-se no ponto A, na interseção do eixo do canteiro central da Avenida Cais do Apolo (Avenida Martin Luther King) com o eixo da Rua do Observatório e segue pelo eixo desta Rua até o ponto B, na confluência com o prolongamento do eixo da Rua de São Jorge, onde deflete à esquerda, prosseguindo pelo prolongamento do eixo desta Rua até o ponto C, no encontro com o prolongamento da divisa posterior do imóvel n° 32 (trinta e dois) da Rua Vital de Oliveira. Neste ponto deflete à direita e acompanha o prolongamento da divisa posterior do imóvel de n° 32 (trinta e dois) desta Rua, atinge a linha de divisa posterior deste imóvel (incluído) e continua pelo prolongamento desta divisa até o ponto D, no cruzamento com o eixo da Avenida Alfredo Lisboa, onde deflete novamente à direita e percorre 280 m (duzentos e oitenta metros) ao longo do eixo desta Avenida até alcançar o ponto E. Neste ponto deflete à esquerda e segue em ângulo reto até o ponto F, na interseção com a linha marginal do Cais do Porto, onde, defletindo à direita, percorre 90 m (noventa metros) ao longo da linha marginal deste Cais até o

ponto G, onde deflete mais uma vez à direita e prossegue em ângulo reto até o ponto H, na confluência com o eixo da Avenida Alfredo Lisboa. Neste ponto deflete à esquerda e continua pelo eixo desta Avenida até o ponto I, no encontro com a linha marginal do Rio Capibaribe, onde, defletindo à esquerda, acompanha a linha marginal deste Rio até o ponto J, no cruzamento com o prolongamento do eixo do canteiro central da Avenida Cais do Apolo (Avenida Martin Luther King). Neste ponto deflete à direita e segue pelo prolongamento do eixo do canteiro central desta Avenida até o ponto K, na interseção com o eixo da Avenida Barbosa Lima, onde prossegue em linha reta pelo eixo do canteiro central da Avenida Cais do Apolo (Avenida Martin Luther King) até o ponto A, "retornando ao ponto inicial da poligonal assim definida." O tombamento confere a condição de destaque aos seguintes imóveis: Avenida Alfredo Lisboa n° 505 (quinhentos e cinco); Avenida Cais do Apolo n° 222 (duzentos e vinte e dois); Avenida Marquês de Olinda nos 58 (cinquenta e oito), 150 (cento e cinquenta), 174 (cento e setenta e quatro), 200 (duzentos) e 262 (duzentos e sessenta e dois), nos 85 (oitenta e cinco), 105 (cento e cinco), 151 (cento e cinquenta e um), 175 (cento e setenta e cinco), 225 (duzentos e vinte e cinco) e nos 253 (duzentos e cinquenta e três), 245 (duzentos e quarenta e cinco), 257 (duzentos e cinquenta e sete), 263 (duzentos e sessenta e três), 273 (duzentos e setenta e três), 277 (duzentos e setenta e sete) e 303 (trezentos e três) (Edifício Chantecler); Avenida Rio Branco nos 18 (dezoito), 50 (cinquenta) (Livraria Universal), 240 (duzentos e quarenta) e n° 23 (vinte e três); Praça Arsenal da Marinha n° 59 (cinquenta e nove) e n° 91 (noventa e um) ("Western Telegraph"); Rua do Apolo nos 97 (noventa e sete), 107 (cento e sete), 121 (cento e vinte e um) (Teatro Apolo), 133 (cento e trinta e três), 143 (cento e quarenta e três), 175 (cento e setenta e cinco), 181 (cento e oitenta e um) e 235 (duzentos e trinta e cinco); Rua do Bom Jesus nos 125 (cento e vinte e cinco), 143 (cento e quarenta e três), 171 (cento e setenta e um) e nos 197 (cento e noventa e sete) a 203 (duzentos e três) (local onde consta ter funcionado a antiga Sinagoga); Rua Maria César n° 170 (cento e setenta); Rua da Madre de Deus n° 35 (trinta e cinco); Rua Mariz e Barros n° 348 (trezentos e quarenta e oito); Rua do Observatório sem número (Torre de Malakoff); Rua Vigário Tenório nos 135 (cento e trinta e cinco), 143 (cento e quarenta e três), 177 (cento e setenta e sete) e 193 (cento e noventa e três); Rua Vital de Oliveira n° 32 (trinta e dois).

NOME: Arraial novo do Bom Jesus

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Iputinga - Recife - PE

PROCESSO: 0942-T-76

LIVRO: Histórico

N° DA FOLHA: 80 (Volume 1)

N° DE INSCRIÇÃO: 467

DATA: 08/04/1980

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

O chamado Arraial Novo esta localizado a uma légua do Recife, conhecido como "Gargantão", dominando Olinda, Recife e os Afogados próximo ao Forte de São João Batista do Brum, sobre o Arco do Bom Jesus, porta de entrada em Recife para quem vinha de Olinda. Teria estado guarnecido por seis praças sob o comando de um Sargento, e teria sido artilhado com doze peças de bronze. Foi erguido a partir de Setembro de 1645 por determinação do Mestre-de-Campo João Fernandes Vieira (1602-1681), foi inaugurado em 1 de Janeiro de 1646. A sua função era a de guardar as munições de guerra e de boca das forças de resistência portuguesa, que aí se concentravam, e de onde saíram para a primeira Batalha dos Guararapes (19 de Abril de 1648), e para a segunda Batalha dos Guararapes (19 de Fevereiro de 1649). Deste arraial foi coordenado o assédio português a Maurits Stadt (a cidade Maurícia, atual Recife).

No local onde se ergueu o Forte do Arraial [novo] do Bom Jesus, desativado com o fim da campanha (1654), foi erguida uma coluna de granito comemorativa pelo Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, em 1872, restaurada em 1917 por iniciativa do General Joaquim Inácio Batista Cardoso.

Atualmente, o sítio arqueológico, com os vestígios de uma muralha e de dois baluartes de terra, é ocupado por uma praça pública administrada pela Prefeitura Municipal, à Av. do Forte s/n° - Engenho do Meio, Recife.

NOME:	Capela de Nossa Senhora da Conceição
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Capela de Nossa Senhora da Conceição da Congregação Mariana
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Recife - PE
PROCESSO:	1133-T-84
LIVRO:	Histórico
Nº DA FOLHA:	99 (volume 1)
Nº DE INSCRIÇÃO:	516
DATA:	01/07/1987

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Também chamada de Capelinha da Jaqueira, a capela de Nossa Senhora da Conceição esta situada no Parque da Jaqueira e remonta ao início do século XVIII, época em que o proprietário daquelas terras era o capitão Henrique Martins.

Henrique Martins e a esposa eram grandes devotos da Virgem da Conceição. Há registros de que, em certa ocasião, ele foi acometido por uma crise de erisipela e recorreu à sua padroeira, para que lhe devolvesse a saúde. Tendo o capitão se restabelecido, ele e a esposa no dia 8 de janeiro de 1766, doaram a moenda de engenho de açúcar, avaliado em vinte mil réis, para que fosse levantada uma capelinha para a Virgem. Dessa maneira, como o local era chamado de Sítio das Jaqueiras, a capela ficou conhecida pela população como Capela da Jaqueira, nome que conserva até hoje.

Em 1782, os bens do capitão Henrique - incluindo o Sítio das Jaqueiras -, foram leiloados, por causa do seu envolvimento em um processo de desfalque. O Sítio foi arrematado por Domingos Afonso Ferreira, mas, no século XIX, já pertencia ao português Bento José da Costa, o homem mais abastado do Recife.

Bento José da Costa, por sua vez, além de comerciante era, ainda, coronel de milícias e comandante de um corpo de guarnição do Recife. Era muito amigo, inclusive, do último administrador português de Pernambuco: o capitão-general Luís do Rêgo Barreto. Juntamente com esse governador, como membro da Junta Constitucional Governativa, Bento compôs o Governo da Capitania em 1821.

Os herdeiros de Bento José, sem o menor cuidado pela propriedade herdada, deixaram que as jaqueiras centenárias fossem derrubadas, e que o Sítio das Jaqueiras se transformasse em um campo de futebol. Quando este foi fechado, a terra foi loteada, e a Capela da Jaqueira permaneceu abandonada em meio a um grande matagal.

Ela só não foi totalmente destruída, devido à intervenção, em 1944, do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Na ocasião, o templo foi restaurado e construíram, em sua volta, um belo parque: o da Jaqueira.

A Capela da Jaqueira é uma construção barroca. O seu interior é decorado com azulejos raros, do mesmo estilo dos azulejos dos conventos carmelitas e franciscanos. Podem ser apreciados alguns notáveis painéis sacros, de traçados e cores fortes, que o tempo não conseguiu apagar. Os forros da capela-mor (evocando a Anunciação), do coro (focalizando o casal Nossa Senhora e São José) e da nave (a efígie da Padroeira) possuem pinturas significativas do final do século XVIII.

É possível observar, também, dois grandes retratos a óleo, sobre madeira, representando Santo Antônio e São Henrique, bem como São João Batista e São Filipe Nery. O altar do templo é barroco, embora apresente alguns motivos em estilo rococó. Existe um manuscrito datado de 13 de novembro de 1781, com a tradução de um Breve de Indulgência do Papa Pio VI, na capela-mor.

Na sacristia encontra-se um lavatório de pedra, com uma torneira longa, feita em bronze, do século XVIII. É importante salientar que as telhas da Capela, suas madeiras, fechaduras, aldrabas, ferrolhos, dobradiças, entre outros objetos que foram confeccionados em ferro e bronze, são originais de sua construção e datados de 1766. E que até os anos 1960, o parque era todo iluminado por lâmpões, pendurados em postes ingleses.

NOME:	Casa natal de Joaquim Nabuco
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Casa à Rua da Imperatriz, 147
USO ATUAL:	

ENDEREÇO: Rua da Imperatriz, 147 - Recife - PE
PROCESSO: 0396-T-48
LIVRO: Histórico
N° DA FOLHA: 45 (Volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO: 259
DATA: 23/08/1949

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

No sobrado de três andares, fazendo esquina com a Rua Bulhões Marques, nasceu, a 19 de agosto de 1849, Joaquim Nabuco, o grande líder do movimento para a abolição da escravatura no Brasil. Rubem Franca, em Monumentos do Recife, livro publicado em 1977, afirma que havia, em suas paredes, uma placa onde se podia ler uma referência ao fato. A placa talvez esteja no interior da casa, ou talvez nem mais exista, a exemplo do que ocorreu com aquela que marcava, na esquina da Rua Nova com a Palma, o local do assassinato, em 1930, de João Pessoa. A memória pernambucana exige seja o prédio restaurado e reposta a placa para leitura dos passantes. Em 1911, a Prefeitura do Recife prestou-lhe uma homenagem afixando na casa onde nasceu, uma placa com os seguintes dizeres: "No segundo andar desse prédio nasceu o grande abolicionista Dr. Joaquim Nabuco, em 19 de agosto de 1849, e faleceu em Washington, em 17 de abril de 1910. Homenagem do município do Recife".

Em 1915, os seus restos mortais foram colocados no Mausoléu concebido pelo escultor italiano Giovanni Novellini e construído pelo Estado de Pernambuco no Cemitério de Santo Amaro.

NOME:	Casa de Oliveira Lima
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Casa à Rua Oliveira Lima, 813
USO ATUAL:	Colégio e Universidade dos Jesuítas
ENDEREÇO:	Rua Oliveira Lima, 813 - Recife - PE
PROCESSO:	0793-T-67
LIVRO:	Histórico
N° DA FOLHA:	66 (Volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	410
DATA:	23/01/1968

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

No dia 25 de dezembro de 1867, em um sobrado da antiga rua Corredor do Bispo número 813, no Recife, hoje chamada de rua Oliveira Lima, nasce o pesquisador, jornalista e historiador Manoel de Oliveira Lima. Seu pai era o comerciante português Luís de Oliveira Lima e, sua mãe, Maria Benedita Miranda, uma brasileira nascida no Rio Formoso, em Pernambuco.

Em 1873, com seis anos de idade, o menino Manuel parte com os pais para viver em Portugal. Lá concluiu o ensino fundamental e médio, respectivamente, no colégio dos Lazaristas e na Escola Acadêmica, ambos em Lisboa. Ingressou na Escola Superior de Letras em 1885, período em que dá início à sua correspondência com o JORNAL DO RECIFE. Nela, ele passa a elaborar artigos sobre as artes plásticas e o movimento teatral de Lisboa, e tecer comentários sobre a política inglesa.

Ele retorna ao Recife dezessete anos depois - em setembro de 1890 -, por ocasião do falecimento do seu pai. Em 1896, Manuel Oliveira Lima ingressa na carreira diplomática, como secretário da Legação do Brasil em Washington. Entretanto, devido a um grave desentendimento com um dos seus superiores - no caso, Assis Brasil -, que quase termina em duelo, o diplomata é transferido para Londres, em janeiro de 1900. Nesta cidade, ele publica os livros NOS ESTADOS UNIDOS, MEMÓRIA SOBRE O DESCOBRIMENTO DO BRASIL e RECONHECIMENTO DO IMPÉRIO.

O pernambucano Manuel Oliveira Lima, no início do século XX, foi um dos mais polêmicos e intelectualizados homens de letras do Brasil. Participou de importantes debates e levantou bandeiras que interessavam a toda a humanidade. Mesmo hoje, em se tratando das modernas relações internacionais, muitos ainda o consideram como uma das figuras mais representativas da diplomacia. Um famoso escritor sueco ressaltou que o historiador-diplomata era "o embaixador da intelectualidade brasileira". Como uma das homenagens que lhe foram feitas, na casa onde nasceu Oliveira Lima, no bairro da Boa Vista, no Recife, funciona hoje o Conselho Estadual de

Cultura de Pernambuco.

NOME:	Casa Paroquial da Igreja de Santo Antônio Casa Paroquial à Praça da Independência ou Casa Paroquial anexa à Igreja de Santo Antônio.
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Praça da Independência, s/n - Recife - PE
PROCESSO:	0996-T-79
LIVRO:	Belas Artes
N° DA FOLHA:	Não consta
N° DE INSCRIÇÃO:	537
DATA:	28/04/1980
LIVRO:	Histórico
N° DA FOLHA:	81 (Volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	473
DATA:	28/04/1980
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	

NOME:	Convento e Igreja do Carmo do Recife e Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Santa Teresa
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Convento do Carmo
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Recife - PE
PROCESSO:	0148-T-38
LIVRO:	Belas Artes
N° DA FOLHA:	38 (Volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	218
DATA:	05/10/1938
LIVRO:	Histórico
N° DA FOLHA:	19 (Volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	107
DATA:	05/10/1938
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	

O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

NOME:	Forte das Cinco Pontas Fortaleza de São Tiago das Cinco Pontas; Fortaleza das Cinco Pontas; Forte das Cacimbas; Forte Frederico Henrique
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Recife - PE
PROCESSO:	0101-T-38
LIVRO:	Histórico
N° DA FOLHA:	15 (Volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	42
DATA:	24/05/1938
LIVRO:	Belas Artes
N° DA FOLHA:	09 (Volume 1)

N° DE INSCRIÇÃO: 82
DATA: 24/05/1938
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Em outubro de 1630, no mesmo ano em que se iniciara o domínio holandês no Brasil, Theodoro Waerdenburch, o comandante das forças holandesas de terra, ordenou a construção de um forte na ponta sul da Ilha de Antônio Vaz (Ilha de Santo Antônio).

Foi encarregado da traça, o engenheiro Commeresteyn.

A posição escolhida permitia ao forte Frederick Henrich cobrir dois objetivos principais: o porto, com a defesa da “barreta dos afogados”, e garantir o domínio das chamadas ‘cacimbas de Ambrósio Machado’.

Próximo às cacimbas foi instalado o Forte Frederick Henrich que em decorrência de sua forma pentagonal, ficou conhecido como Forte das Cinco Pontas. O forte em terra, projetado pelo engenheiro Tobias Commersteijn, foi executado por Pieter van Bueren. Por outro lado, a construção deste novo forte preocupava os luso-brasileiros.

Em agosto desse mesmo ano de 1630, os luso-brasileiros atacaram o forte ainda em construção, tentando arrasá-lo, sem, no entanto, conseguirem êxito, apesar de uma árdua luta de 2 horas.

Os holandeses, temerosos de novo ataque, decidiram construir um Reduto auxiliar da defesa, uns 400 metros mais ao sul do Forte, denominando-o de Reduto Amélia ou Emília.

Em sua primeira feição, as muralhas do Forte Frederico Henrique pouco ultrapassavam os 12 a 13 pés de altura. Construído em terra, logo os invernos deterioravam suas estruturas.

Muralhas desgastadas, fossos secos e aterrados, paliçadas em grande parte caídas pela deterioração das madeiras, foi este o quadro que apresentava o Forte Frederick Henrich, quando da chegada de Nassau a Pernambuco. Logo pode Nassau constatar a pouca defesa que em tais condições aquele forte poderia oferecer; e se tratava de um importante posto, pois era o único capaz de garantir água no caso de um cerco à cidade. Mandou alargar e aprofundar os fossos; construir uma contra-escarpa na face externa do fosso; alargar e elevar as muralhas; e do lado do mar, construir uma sapata. Posteriormente ampliaram as defesas externas, com a construção de novos fossos em direção ao sul.

Quando da Restauração Pernambucana, o Forte das Cinco Pontas foi a última fortaleza a ser conquistada pelas tropas luso-brasileiras. Foi ainda no Forte das Cinco Pontas, onde se encontrava aquartelado o general Sigismund Von Schkoppe, que foram elaborados os termos da rendição das tropas holandesas. E a 28 de janeiro de 1654, na Campina do Taborda, o general Francisco Barreto de Menezes, recebeu oficialmente os termos de capitulação, quando ficaram definidos os moldes da evacuação dos holandeses de Pernambuco.

Em 1847, o forte continuava em atividade e sua guarnição compunha-se de um capitão e 15 praças, e contava com 14 peças de bronze e 10 de ferro.

Sua primitiva feição, em forma de pentágono, com cinco bastiões, que o tornou conhecido como Forte das Cinco Pontas, foi mais tarde substituída. Após a Restauração o forte foi reconstruído em pedra e cal pelo engenheiro Francisco Correia Pinto, então em forma de quadrado, com 4 baluartes.

Posteriormente o forte foi transformado em quartel e prisão.

Após as sucessivas reformas a que foi submetido, em 1637, 1684, 1822, 1904 e em 1979, - esta última correspondendo à restauração realizada através do convênio entre a SEPLAN e a SPHAN (atual IPHAN) -, a fortificação adquiriu suas feições atuais, que conserva o traçado regular e quatro bastiões poligonais.

NOME:	Forte do Brum
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Fortaleza de São João Batista do Brum; Fortaleza do Brum
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Recife - PE
PROCESSO:	0101-T-38
LIVRO:	Belas Artes
N° DA FOLHA:	15 (Volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	83
DATA:	24/05/1938
LIVRO:	Histórico

N° DA FOLHA: 09 (Volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO: 43
DATA: 24/05/1938
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

O Forte de Brum localiza-se no istmo que liga Olinda a Recife, no atual bairro do Recife, próximo à Prefeitura da Cidade. Possui as seguintes coordenadas Latitude: 008° 03' 08,9" Sul e Longitude: 034° 52' 14,8" Oeste.

A linha de arrecifes que corria paralela à costa, era bruscamente interrompida, bem próximo ao istmo que liga Olinda às terras baixas na foz dos rios Capibaribe e Beberibe; este era o acesso principal ao porto. Durante o procedimento de aproximação, ao contornar o arrecife, os navios necessariamente aproam em direção ao istmo, o que confere à posição, uma extraordinária condição para a instalação de defesas na área. Já em 1595 os portugueses haviam levantado no local o Forte Bom Jesus, que ao longo do tempo fora destruído. Quando da chegada das tropas holandeses, o porto era defendido pelo Forte do Mar, erguido sobre os arrecifes e em frente a ele, no istmo, pelo Forte de São Jorge. Construída em 1626, existia também em frente à barra, uma bateria que reforçava a defesa confiada àqueles fortes. Em 1629 a bateria que fora desarmada e abandonada, agora inspirava cuidados. Em seu lugar iniciou-se a construção do Forte Diogo Paes, que não chegou a ser concluído.

No início do mês seguinte à invasão, em abril de 1630, portanto, o coronel Diederik van Waerdenburch, comandante das tropas invasoras, já havia se decidido por construir um forte sobre os alicerces do Forte Diogo Paes, iniciado pelos portugueses. Naquele local, os holandeses haviam, de início, instalado uma bateria.

O Forte do Brum, como passou a ser chamado, foi projetado pelo engenheiro Commersteijn e construído sob contrato pelo Alferes do Capitão Ellert, Ludolf Nieuwenhuysen e pelo Sargento do Capitão Craey, Joris Bos.

Situado no istmo, o Forte do Brum, era praticamente banhado a leste pelo mar e a oeste pelo Rio Beberibe. O observador atual, situado no baluarte leste e que olhe para o mar, deve abstrair a faixa de terra que hoje separa o Forte do Brum do Porto do Recife. Toda esta faixa de terra constitui-se em aterro recente que se relaciona com a configuração atual do Porto de Recife. Aquela proximidade com o mar exigiu uma adequação da planta do Forte do Brum, às condições do terreno, na situação da época de sua construção. A forma quadrangular interna foi mantida, entretanto os bastiões, em número de quatro, foram prejudicados em decorrência da proximidade com o mar: a leste, apenas dois meios bastiões foram construídos.

Apesar dos contratemplos, o Forte do Brum foi concluído ainda em 1630, quando foi artilhado com dois canhões de vinte e quatro libras, um de dezoito, um de dezesseis, um de dez libras, além de duas bombardas, num total de quatorze peças.

Ao longo do tempo, o Forte do Brum sofreu reformas, que alteraram sobretudo suas estruturas internas. Plantas do forte, de diferentes épocas, mostram que suas linhas externas, de um modo geral, foram mantidas. As estruturas externas de defesa, no entanto, hornaveques, paliçadas, etc., estas foram excluídas.

Em 1880 sua artilharia constava de 48 peças.

Foi reparado em 1886, 1889 1908 e em 1909.

Por ocasião da Primeira Grande Guerra, nele esteve acantonada a 2a Cia do 4o Batalhão de Posição, da Bahia.

Em 1985, já como monumento tombado, o Forte do Brum foi parcialmente escavado pelo Laboratório de Arqueologia do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, em um trabalho que contou com o apoio do Comando Militar do Nordeste, da 7a Região Militar e da Fundação Joaquim Nabuco.

Atualmente, como Museu Militar do Forte do Brum, em suas exposições, presta homenagem ao Soldado Nordestino.

NOME: Igreja do Divino Espírito Santo

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Praça Dezesete - Recife - PE

PROCESSO: 0866-T-72

LIVRO: Histórico
N° DA FOLHA: 72 (Volume 01)
N° DE INSCRIÇÃO: 439
DATA: 07/12/1972

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Localizada na Praça 17, bairro de São José, Recife, pertenceu inicialmente aos franceses calvinistas. Em 1654, foi doada aos Jesuítas, para servir de sede de uma escola, sendo abandonada com a expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal. Em 1816, passou para a Irmandade de São João Batista dos Militares e novamente foi abandonada. Restaurada em 1855, passou à Irmandade do Divino Espírito Santo.

NOME: Mercado de São José

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Recife - PE
PROCESSO: 0883-T-73
LIVRO: Histórico
N° DA FOLHA: 73 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO: 445
DATA: 17/12/1973
LIVRO: Belas Artes
N° DA FOLHA: 92 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO: 509
DATA: 17/12/1973

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Sítio dos coqueiros era o nome original do terreno, onde se encontra localizado o Mercado São José, no século XVI, pertencia ao casal, Belchior Alves Camelo e sua mulher Joana Bezerra, que doaram aos Frades Capuchinhos da Igreja da Penha, escritura lavrada em 06 de Abril de 1655 e chamava-se Sítio dos Coqueiros.

O Governador de Pernambuco, Dom Tomaz José de Melo (1787/1798), escolheu, o Largo da Ribeira do Peixe, para construir "O Mercado da Ribeira do Peixe", composto de dois prédios no centro do terreno rodeado de telheiros, um grupo de barracos que vendiam peixes, carnes, frutas e verduras e que resistiu até a fundação do novo Mercado Público de São José, uma homenagem ao Bairro.

Com o melhoramento da área, os padres capuchinhos, proprietários das terras, reclamaram oficialmente ao Governo de Pernambuco em 06 de Novembro de 1789, protestando contra a instalação de um Mercado junto a Igreja.

Em 1817, os Frades Capuchinhos da Igreja da Penha, entraram na justiça, reclamando seus direitos sobre a área, uma batalha jurídica, que durou próximo de 54 anos, envolvendo Governo de Pernambuco e Igreja Católica. Solucionado pelo Imperador, declarando em favor da Província de Pernambuco, para construção do novo Mercado Público de São José, afirmando: "Admitindo Serem Régias As Terras Da Área, Para Usufruto Do Povo".

Terminado a batalha jurídica com a Igreja, o Presidente da Província de Pernambuco, Francisco Farias Lemos em 1871, enviou ofício à Câmara Municipal do Recife, autorizando a construção do novo Mercado Público de São José, para atender a população Recifense, sendo considerado o mais antigo edifício pré-fabricado em ferro no Brasil, com a mesma estrutura neoclássica dos mercados europeus do século XIX.

A construção foi projetada pelo engenheiro da Câmara Municipal do Recife, J. Louis Lieuthier, em 1871, que se inspirou no Mercado de Grenelle, de Paris, e construído pelo engenheiro francês Louis Léger Vauthier, responsável também pela construção do Teatro de Santa Isabel. O Mercado de São José foi inaugurado no dia 7 de setembro de 1875 e assim chamado por ter sido edificado no bairro de São José. Foi construído no mesmo local do antigo Largo da Ribeira do Peixe, onde eram comercializadas várias mercadorias para o consumo da cidade do Recife. Antigamente, lá se apresentavam mágicos, acrobatas, ventríloquos, ouvia-se sons de pandeiros, zabumbas, cavaquinhos e sanfonas e havia muitos tipos populares, hoje, em grande parte, ausentes do local. O Mercado já foi o maior centro no Recife de cantadores, emboladores e da literatura de cordel.

Do ponto de vista arquitetônico é um monumento nacional que não faz parte apenas do patrimônio cultural do Brasil, mas também da humanidade, pois se constitui num raro exemplar da arquitetura típica do ferro, no século XIX.

Atualmente, com seus 46 pavilhões, 561 boxes cobertos e 80 compartimentos na sua área externa, além de 24 outros destinados a peixes, 12 a crustáceos e 80 para carnes e frutas, o Mercado de São José é um local onde se encontra o melhor do artesanato regional, comidas típicas, folhetos de cordel, ervas medicinais, artigos para cultos afro-brasileiros, sendo também um importante centro de abastecimento do bairro de São José e um ponto de atração turística na cidade do Recife.

NOME:	Prédio à Avenida Rui Barbosa
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	Academia Pernambucana de Letras
ENDEREÇO:	Avenida Rui Barbosa, 1596. Ponte d' Uchoa
PROCESSO:	0797-T-67
LIVRO:	Histórico
Nº DA FOLHA:	67 (volume 1)
Nº DE INSCRIÇÃO:	413
DATA:	09/05/1968
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	
<p>A Academia Pernambucana de Letras foi fundada em 26 de janeiro de 1901, por Joaquim Maria Carneiro Vilela e um grupo de literatos radicados no Recife, tendo como objetivo "promover a defesa dos valores culturais do Estado, especialmente no campo da criação literária". É uma instituição civil, de utilidade pública e foi a terceira academia de letras fundada no Brasil. Em 1966, passou a funcionar em sede própria, num casarão na Av. Rui Barbosa, n. 1596, que pertenceu ao Barão Rodrigues Mendes, João José Rodrigues Mendes um comerciante português. O Governo do Estado de Pernambuco, na época do então governador Paulo Guerra, desapropriou o imóvel, doando-o à Academia, através do Decreto n.1.184, de 14 de janeiro de 1966. O projeto do prédio é do arquiteto francês Louis Vauthier, o mesmo que elaborou o do Teatro Santa Isabel. Possui estilo neoclássico, o prédio data do século XIX e foi desapropriado em 1966 para sediar a Academia Pernambucana de Letras. A APL possui uma biblioteca, um auditório e edita a Revista da Academia Pernambucana de Letras, que apesar de ter uma periodicidade irregular, é publicada desde 1901. Promove e estimula iniciativas de caráter cultural, concede prêmios literários, medalhas, troféus e títulos honoríficos, realiza cursos, reuniões e simpósios destinados ao estudo, pesquisa e discussões sobre literatura, especialmente a pernambucana.</p>	

NOME:	Prédio à Praça Adolfo Cirne
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	Faculdade de Direito do Recife
ENDEREÇO:	Praça Adolfo Cirne, s/n, bairro da Boa Vista - Recife - PE
PROCESSO:	0970-T-78
LIVRO:	Histórico
Nº DA FOLHA:	83 (volume 1)
Nº DE INSCRIÇÃO:	480
DATA:	06/08/1980
LIVRO:	Belas Artes
Nº DA FOLHA:	03 (volume 2)
Nº DE INSCRIÇÃO:	544
DATA:	06/08/1980
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	
<p>Faculdade de Direito da Universidade de Recife, um dos mais antigos e tradicionais estabelecimentos do ensino superior no Brasil, foi criada pela Lei de 11 de agosto de 1827, juntamente com a de São Paulo, sob o primeiro Reinado (Imperador Pedro I), contendo assim uma existência de 125 anos. Instalada em 15 de maio de 1828, no Mosteiro de São Bento, em Olinda. Em 1852 a Faculdade</p>	

mudou de sede. Do Mosteiro de São Bento, passou para o antigo Palácio dos Governadores. Em 1854, instalou-se no casarão da rua do Hospício, local onde hoje se ergue o Quartel General da 7ª Região Militar. Em 1868, houve incêndio parcial no edifício a que se seguiram reparos insuficientes, onde nesse ano também se fez a mudança para o Convento da Praça 17, do Recife, previamente preparado para receber a Escola que ali ficaria até 1911. E em 1912 fora, então, entregue à Faculdade o novo edifício, a majestosa sede onde atualmente se encontra, cujas divisões internas não correspondem, aliás, às necessidades do ensino moderno. Em 1922, como parte das comemorações do centenário da independência nacional houve sessão solene no salão nobre e foram plantadas quatro árvores no parque ao redor do prédio: dois visgueiros e duas palmeiras, as quais foram dados os nomes de Epitácio Pessoa, presidente da República, lembrado pelos relevantes serviços prestados à região Nordeste do país; Otávio Tavares, professor da Faculdade e prefeito da cidade do Recife; Neto Campelo, diretor e professor e Samuel Hardmann, doador das árvores plantadas.

De 1928 a 1951, formaram-se 1594 bacharéis, entre os quais Arnobio Graça, Mário Pessoa, Pinto Ferreira e Murilo Guimarães, que são professores Catedráticos e Torquato Castro, Mário Mendonça, Gilberto Osório.

A Faculdade de Direito do Recife hoje pertence à Universidade Federal de Pernambuco.

NOME:	Sítio Trindade
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Arraial velho do Bom Jesus
USO ATUAL:	CONJUNTO PAISAGÍSTICO DO SÍTIO TRINDADE
ENDEREÇO:	Estrada do Arraial, 3250 - Recife - PE
PROCESSO:	0487-T-53
LIVRO:	Histórico
Nº DA FOLHA:	74 (Volume 1)
Nº DE INSCRIÇÃO:	447
DATA:	17/06/1974
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	

O Forte Real do Bom Jesus situa-se na estrada do Arraial, no Bairro de Casa Amarela, na cidade do Recife, Pernambuco. Possui as seguintes coordenadas Latitude: 008º 01' 46,3" Sul e Longitude: 034º 54' 46,8" Oeste.

Durante a invasão holandesa a Pernambuco, quando as defesas à beira mar já haviam sido abatidas, as tropas luso-brasileiras retiraram-se para o interior. Buscando reorganizá-las e impedir o avanço flamengo em direção às unidades produtivas, os engenhos de açúcar, Matias de Albuquerque se empenhou na construção de um novo forte, o Forte Real do Bom Jesus. Possivelmente com base no traçado de Cristóvão Álvares, foi construído um forte em terra (taipa de pilão) circundado por um fosso de aproximadamente 4,5m de profundidade.

Internamente, uma muralha construída em taipa de pilão, de altura aproximadamente igual à profundidade do fosso, contornava uma área irregular, formando ângulos salientes e reentrantes. Em torno do forte, logo se instalou um aglomerado de casas (1630-1635), cujos moradores buscavam na proximidade do forte, sua proteção.

Daí partiram muitas das companhias de emboscada, que praticamente mantiveram os holandeses confinados à estreita faixa no litoral. Após 1633, a Resistência foi paulatinamente perdendo seus postos avançados. Com a queda do Passo dos Afogados, que fechava aos holandeses o acesso através do Rio Capibaribe, houve condições para que os holandeses pudessem atuar maciçamente contra o Arraial. Vários contingentes foram enviados e tomando de assalto pontos estratégicos, constituíram o cerco ao Forte Real do Bom Jesus. Desencadeou-se então um cerrado ataque e sobretudo um longo sítio. Suas muralhas de terra começaram a ruir, e a rendição se mostrava inevitável. Praticamente destruído pelo pesado bombardeio que sofreu, exaurido pelo longo sítio, o forte rendeu-se em 1635. Pouco depois se rendia o Forte de Nazaré. Era o fim da Resistência. Mas não foi o fim da luta, retomada a partir de 1639, com a Campanha pela Restauração.

Após a rendição, o Forte Real do Bom Jesus foi destruído pelos holandeses e abandonado.

Em 1859, por ocasião da visita de D. Pedro II a Pernambuco, o Imperador buscou localizar as ruínas do antigo forte. Tendo sido infrutíferas as diligências que fez, concluiu então, que já não havia vestígios do forte.

A pesquisa arqueológica revelou parte do fosso, as bases das muralhas e do terraplano, assim como grande quantidade de munições e objetos de uso pessoal dos combatentes.

NOME:	Sobrado Grande da Madalena
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Casa do Conselheiro João Alfredo
USO ATUAL:	Museu da Abolição
ENDEREÇO:	Rua Benfica, 1150 - Recife - PE
PROCESSO:	0780-T-66
LIVRO:	Histórico
N° DA FOLHA:	63 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	389
DATA:	27/11/1966

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

As terras do bairro da Madalena pertenceram originalmente a Jerônimo de Albuquerque, como parte da doação feita por seu cunhado Duarte Coelho.

No final do século XVI, as terras passaram para os seus filhos que as foram vendendo a várias pessoas. O trecho onde fica o bairro hoje, foi vendido a Pedro Afonso Duro, casado com Madalena Gonçalves, que fundou no local um engenho de açúcar, vendido depois a João de Mendonça, que já era seu proprietário, em 1630. Ficou conhecido pela denominação de Engenho Madalena ou Engenho do Mendonça, em estilo colonial português do século XIX, é revestido todo de azulejos azuis, janelas em guilhotina no térreo e portas com balcão de grande no primeiro andar. O bairro foi no passado uma das melhores zonas produtoras de açúcar. O engenho ficava situado no largo onde hoje está a Praça João Alfredo. A casa-grande onde viviam os proprietários ficou conhecida durante muito tempo como o Sobrado Grande da Madalena. Esse casarão, depois de muitas reformas, foi por muito tempo a residência do conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, Presidente do Conselho do Império, um abolicionista de grande influência, a ponto de ter participado na elaboração da Lei do Ventre Livre e na Lei Áurea. Hoje é ocupado pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e o Museu da Abolição, centro de referência da cultura afro-brasileira, único no Brasil a contemplar esta parte da história do Negro no país.

NOME:	Teatro Santa Isabel
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Casa à Praça da República
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Praça da República - Recife - PE
PROCESSO:	0401-T-49
LIVRO:	Histórico
N° DA FOLHA:	45 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	260
DATA:	31/10/1949

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Em 30 de abril de 1839, o presidente da província de Pernambuco, Francisco do Rego Barros, o Barão da Boa Vista, ele assinou a Lei número 74, autorizando a construção de um teatro público para a cidade. O projeto foi elaborado e dirigido pelo engenheiro francês Louis Léger Vauthier e construído pelo trabalho não-escravo, uma inovação na época, e com recursos financeiros provenientes de loterias, da companhia de acionistas e do tesouro provincial. É um exemplo de arquitetura neoclássica predominante no século XIX brasileiro. Em 1850, os pernambucanos recebiam o seu tão esperado teatro. Inaugurava-se o Teatro de Santa Isabel, iniciando-se com ele uma nova fase na vida social e cultural da Província. A data era 18 de maio de 1850 e o drama representado O Pajem D'Aljubarrota, de Mendes Leal, escritor português dos mais encenados na primeira metade do século. Às vésperas de sua inauguração em 1850, o Teatro de Pernambuco, como até então era chamado, passa a se chamar Teatro de Santa Isabel. Foi o nome com que, antes de deixar o cargo no final de 1849, o presidente da Província, Honório Hermeto Carneiro Leão, pretendeu homenagear a Princesa Isabel. A peça apresentada no dia da inauguração foi O Pajem de Aljubarrota, do escritor português Mendes Leal. O Teatro de Santa Isabel era a grande casa de espetáculos da cidade, lugar de divertimento, convivência social e também de exercício da

cidadania. Segundo Joaquim Nabuco, foi no Santa Isabel que se ganhou a causa da Abolição, referindo-se a seus discursos e eventos lá realizados. Em 1859, o teatro recebeu seu mais ilustre convidado, o Imperador Pedro II, que, visitando as províncias do Norte, passou seu aniversário no Recife e foi ali homenageado com um espetáculo de gala. No dia 19 de setembro de 1869, o Santa Isabel seria quase totalmente destruído por um incêndio. Restaram de pé apenas as paredes laterais, o alpendre e o pórtico. As obras de reconstrução só tiveram início em maio de 1871. Mais uma vez Vauthier entra em cena encarregado da revisão dos planos de obras e modernização. O Teatro de Santa Isabel foi reinaugurado em 10 de dezembro de 1876, com a companhia lírica italiana Thomaz Pasini, apresentando a ópera O Baile de Máscaras, de Giuseppe Verdi. No governo de Manoel Borba, em 1916, mais uma intervenção da qual podemos salientar: instalação de luz elétrica, reforma total da canalização de gás, substituição do pano de boca por um importado da Inglaterra e reparos gerais para garantir a conservação do prédio. Em 1936, na gestão do prefeito Pereira Borges, o poder público investiu em reformas gerais. Outras intervenções se seguiram, inclusive a chamada grande reforma do centenário, em 1950, na época em que Barbosa Lima Sobrinho era governador de Pernambuco, Moraes Rego prefeito do Recife, Valdemar de Oliveira diretor do Teatro. Em 1916, no governo de Manuel Borba, houve mais uma intervenção com a instalação de luz elétrica, reforma total da canalização de gás, substituição do pano de boca por um importado da Inglaterra e reparos gerais de conservação do prédio. Em 1936, também houve novas reformas gerais, assim como as que foram feitas por ocasião do seu centenário, em 1950, quando era governador de Pernambuco, Barbosa Lima Sobrinho, prefeito do Recife, Moraes Rego, e diretor do teatro, Valdemar de Oliveira. O Santa Isabel pertenceu ora ao estado ora ao município, sendo que, a partir de 1949, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como propriedade da Prefeitura do Recife. Houve ainda obras de restauração nos anos de 1970 e 1977 e entre 1983 e 1985 inúmeros benefícios foram realizados no Santa Isabel. Em 2000 foi iniciada outra reforma que exigiu intervenções para assegurar a preservação do prédio, retomar algumas feições originais, dar mais segurança aos seus frequentadores e mais espaços e recursos para a realização dos espetáculos. Dessa última reforma, a Fundação Joaquim Nabuco participou, através do trabalho de técnicos do seu Laboratório de Pesquisa, Conservação e Restauração de Documentos e Obras de Arte - Laborarte.

NOME:	Igreja de Nossa Senhora das Fronteiras
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Igreja das Fronteiras
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Estância - Recife - PE
PROCESSO:	0400-T-49
LIVRO:	Histórico
Nº DA FOLHA:	45 (volume 1)
Nº DE INSCRIÇÃO:	261
DATA:	11/11/1949
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	Construída no ano de 1648, era a Imperial Capela, título que ostenta em sua fachada através do emblema real. Nela vivia o Arcebispo emérito Dom Hélder Câmara. O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

NOME:	Igreja de Nossa Senhora do Pilar
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Igreja do Pilar
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Rua São Jorge - Recife - PE
PROCESSO:	0761-T-65
LIVRO:	Histórico
Nº DA FOLHA:	62 (volume 1)
Nº DE INSCRIÇÃO:	385
DATA:	25/08/1965

LIVRO: Belas Artes
N° DA FOLHA: 88 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO: 483
DATA: 25/08/1965

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Igreja de Nossa Senhora do Pilar, situada na Praça Nossa Senhora do Pilar, no bairro do Recife, foi construída em 1680, sobre os alicerces do Forte de São Jorge. A capela-mor do templo tem o formato de uma abóbada semi-esférica, e é revestida de azulejos lusos raríssimos. Quando o forte foi abandonado em ruínas, o então governador Aires de Souza Castro doou-o ao capitão-mor João do Rego Barros, com a ressalva de que ele fundasse no local uma Igreja de Nossa Senhora do Pilar.

Nas obras de construção da igreja, o capitão utilizou todo o material do Forte demolido: as antigas muralhas, os tijolos e as pedras. Registra a história que João do Rego Barros teve que ir a Portugal prestar conta do dinheiro gasto nas obras. Como a contabilidade não estava correta, ele temia que os lusos não aprovassem o orçamento gasto. Recorrendo a Nossa Senhora do Pilar, e conseguindo livrar-se do problema, o capitão mandou fazer uma imagem da santa no porto, cidade situada ao norte de Portugal, e colocou-a no templo. Na época, acreditava-se, inclusive, que ela era uma das santas mais milagrosas.

Tendo sido preso e recolhido ao Forte do Brum, por seu envolvimento na guerra dos Mascates, João do Rego Barros falece em 1712. É enterrado em local não identificado, na Igreja de Nossa Senhora do Pilar. Vale ressaltar que a data registrada na fachada da igreja - 1899 - diz respeito ao ano em que a mesma foi reparada. A obra, conduzida pelo padre João Augusto do Nascimento, foi efetuada pelos próprios moradores de Fora-de-Portas - denominação pela qual era chamada a antiga zona do bairro do Recife.

NOME:	Igreja de Nossa Senhora do Terço
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Igreja do Terço
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Rua Vidal de Negreiros - Recife - PE
PROCESSO:	0922-T-75
LIVRO:	Histórico
N° DA FOLHA:	76 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	458
DATA:	30/12/1975
LIVRO:	Belas Artes
N° DA FOLHA:	96 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	524
DATA:	30/12/1975

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

A pequena igreja de Nossa Senhora do Terço, situada no tradicional Pátio do Terço, no bairro de São José, encontra-se entre a rua Direita e a rua das Águas Verdes. Parece um "ferro de engomar", afirmam alguns: alta e esguia, como um campanário, e com uma torre, apenas.

Durante a presença holandesa no Recife, o conde Maurício de Nassau, desejando atribuir uma cor moderna à cidade, ordenou, no local onde se encontra o Pátio do Terço, a abertura de canais, a drenagem de terras alagadas, o levantamento de trincheiras com fossos e estacadas, entre outros.

Até as primeiras décadas do século XVIII, no começo da rua dos Copiares (chamada, hoje, de rua Cristóvão Colombo), existia um nicho, com uma imagem de Nossa Senhora, onde os viajantes se ajoelhavam e rezavam um terço à Virgem Santíssima. Como a localidade havia se tornado um ponto importante, a capela de Nossa Senhora do Terço foi ali erguida, na antiga rua dos Copiares.

A Irmandade de Nossa Senhora do Terço, por outro lado, só foi ali instalada no dia 19 de setembro de 1726. Na metade do século XIX, a capela já se encontrava quase demolida, quando, por iniciativa da Irmandade, o novo templo foi construído.

Antes disso, porém, um acontecimento histórico teve lugar às portas da igreja: a condenação à forca, do frade revolucionário da Confederação do Equador, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. Entretanto, como ninguém se prestou a enforcar Frei Caneca, na igreja, os soldados levaram-no a

pé, por toda a extensão do Pátio do Terço, até o Largo das Cinco Pontas, onde o frade terminou sendo morto a tiros de espingarda, junto à igreja de São José, a despeito da comoção popular. A capela-mor e um dos altares da igreja de Nossa Senhora do Terço foram entalhados pelo mestre pernambucano José de Souza. No templo, pode-se apreciar um coruchéu (parte mais elevada de uma torre) de azulejos, com jarros ornamentais e uma balaustrada elegante; um sino; uma pequena cruz com anjos; uma janela com balcão de grade; um relógio e uma data: 1726. Algumas imagens estão, também, presentes na igreja: Nossa Senhora do Terço, Senhor Bom Jesus, Santo Antônio, São João, São Brás, São Manuel da Paciência, Nossa Senhora das Angústias, São Sebastião, Santa Rita de Cássia e Nossa Senhora da Soledade.

NOME:	Igreja de São José do Ribamar
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Rua São José do Ribamar, bairro de São José - Recife - PE
PROCESSO:	0923-T-75
LIVRO:	Histórico
Nº DA FOLHA:	80 (volume 1)
Nº DE INSCRIÇÃO:	469
DATA:	08/04/1980
LIVRO:	Belas Artes
Nº DA FOLHA:	100 (volume 1)
Nº DE INSCRIÇÃO:	535
DATA:	08/04/1980

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

A igreja de São José do Ribamar é um dos prédios mais antigos da capitania de Pernambuco, situado no bairro de São José, começou como uma modesta capelinha, fruto da iniciativa de carpinteiros e marceneiros do Recife. O prédio foi levantado sob o signo de São José dos Carpinteiros - o seu padroeiro - que exercia essa mesma profissão. A fundação da igreja, propriamente dita, ocorreu no dia 6 de junho de 1752, quando o provisor do bispado de Olinda, determinando que a Irmandade erguer-se o prédio em pedra e cal, substituindo à antiga capelinha, contudo exigia-se a construção de cinco degraus, sem o que não seria concedida a licença para a benção. Os trabalhos começaram em 1756, mas, por falta de recursos financeiros, a igreja ficou inacabada. O governador da época (1788), D. Tomás José de Melo quis proteger esse templo e, para tanto, utilizou a sua astúcia. Mandou rastrear o litoral pernambucano em busca objetos de ferro dados como perdidos, pertencentes a navios naufragados na costa. Os objetos, quando encontrados, eram levados à praia de São José para serem leiloados. Foi dessa maneira que D. Tomás amealhou recursos e deu andamento às obras da igreja, ficando pronta em 1797. Em 1902, a igreja ficou mais imponente, ainda: ganhou torres, um frontispício mais austero, e ornamentos com símbolos relacionados ao trabalho em madeira para deixar em evidência, eternamente, a profissão dos seus fundadores. No forro do teto de madeira é possível apreciar um painel a imagem de São José, tendo em seu contorno doze medalhões com o busto dos apóstolos, em vulto natural. Estão presentes, ainda, as Irmandades de Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora do Bom Parto e Senhor Bom Jesus dos Aflitos.

NOME:	Igreja do Bom Jesus dos Martírios
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Recife - PE
PROCESSO:	0836-T-71
LIVRO:	Histórico
Nº DA FOLHA:	
Nº DE INSCRIÇÃO:	434

DATA: 31/08/1971

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

A Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martírios, fundadora da Igreja dos Martírios, foi instituída no ano de 1773 na Matriz de Nossa Senhora do Rosário da Vila do Recife, e era formada por homens pretos e crioulos. Em 1775, transferiu-se para a Igreja de Nossa Senhora do Paraíso onde foi colocada a imagem do Senhor dos Martírios. Por essa época, os compromissos da Irmandade já haviam sido aprovados e, entre eles, uma procissão anual.

A Igreja dos Martírios, uma pequena igreja incrustada no centro do Recife, foi alvo de uma disputa entre a municipalidade (na pessoa do prefeito Augusto Lucena) e a intelectualidade recifense.

Para dar andamento ao seu plano de urbanização do centro do Recife, o prefeito Augusto Lucena viu-se diante da Igreja dos Martírios, que lhe impedia o andamento das obras.

Até então a igreja não era tombada. A Igreja de Bom Jesus dos Martírios era uma igreja importante, porque era uma igreja de pardos e pretos do final do século XVIII, e portanto deveria ser preservada. Então, o IPHAN fez o processo de tombamento da igreja, na tentativa de impedir sua demolição.

Augusto Lucena solicitou ao Governo Federal o destombamento da igreja. E, quando alguns técnicos enviados pelo governo deslocavam-se ao Recife para avaliar a solicitação, o prefeito antecipou-se e conseguiu derrubar parte da fachada da igreja, onde ficava o sino. Este ato foi flagrado por um fotógrafo.

Técnicos, na tentativa de dissuasão, apresentaram planos alternativos, para a preservação do monumento histórico.

O prefeito conseguiu o destombamento e a igreja literalmente tombou, dando lugar à Avenida Dantas Barreto, no dizer do arquiteto e paisagista José Luiz Mota Menezes, "uma avenida do nada para o nada".

Como medida paliativa, em 1973 o ministro da educação à época, Jarbas Passarinho, autorizou o destombamento, na condição de a prefeitura do Recife construir outro frontão da igreja, em posição diferente da original, apenas para guardar a memória. Mas esse frontão não foi construído.

NOME:	Acervo do Museu do Estado
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Museu do Estado de Pernambuco: acervo
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Recife - PE
PROCESSO:	137-T-38
LIVRO:	Belas Artes
Nº DA FOLHA:	08 (volume 1)
Nº DE INSCRIÇÃO:	40
DATA:	08/04/1980

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

O Museu do Estado de Pernambuco (MEPE) foi criado em 24 de agosto de 1928, através de lei estadual, como Museu Histórico e de Arte Antiga, subordinado à Inspetoria Estadual de Monumentos Nacionais, sendo inaugurado em 7 de setembro de 1930, funcionando no Palácio da Justiça, abrangendo as áreas de arte, antropologia, história e etnografia. Em 1933, foi extinto seu acervo passou à guarda da Biblioteca Pública do Estado até 1940. Sendo recriado, por decreto de 10 de maio de 1940, passando a funcionar no palacete que pertencera a Augusto Frederico de Oliveira, filho de Francisco Antônio de Oliveira, Barão de Beberibe, e que é um exemplar típico e importante da arquitetura aristocrática pernambucana do século XIX. Reformado no início do século XX, o prédio recebeu um segundo pavimento e, em 1951, um pavilhão anexo. Novas reformas levadas a cabo em 1998 adicionaram outros espaços de exposição nos porões do casarão. Fechado em 2003 para novas reformulações, o museu reabriu em 2006.

NOME:	Capela de Nossa Senhora da Conceição
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Capela da Jaqueira, Sítio da Jaqueira
USO ATUAL:	Capela da Jaqueira
ENDEREÇO:	Recife - PE

PROCESSO: 133-t-38
LIVRO: Belas Artes
N° DA FOLHA: 28 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO: 160
DATA: 07/07/1938

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Também chamada de Capelinha da Jaqueira, a capela de Nossa Senhora da Conceição esta situada no Parque da Jaqueira e remonta ao início do século XVIII, época em que o proprietário daquelas terras era o capitão Henrique Martins. Henrique Martins e a esposa eram grandes devotos da Virgem da Conceição. Há registros de que, em certa ocasião, ele foi acometido por uma crise de erisipela e recorreu à sua padroeira, para que lhe devolvesse a saúde. Tendo o capitão se restabelecido, ele e a esposa no dia 8 de janeiro de 1766, doaram a moenda de engenho de açúcar, avaliado em vinte mil réis, para que fosse levantada uma capelinha para a Virgem. Dessa maneira, como o local era chamado de Sítio das Jaqueiras, a capela ficou conhecida pela população como Capela da Jaqueira, nome que conserva até hoje. Em 1782, os bens do capitão Henrique - incluindo o Sítio das Jaqueiras -, foram leiloados, por causa do seu envolvimento em um processo de desfalque. O Sítio foi arrematado por Domingos Afonso Ferreira, mas, no século XIX, já pertencia ao português Bento José da Costa, o homem mais abastado do Recife. Bento José da Costa, por sua vez, além de comerciante era, ainda, coronel de milícias e comandante de um corpo de guarnição do Recife. Era muito amigo, inclusive, do último administrador português de Pernambuco: o capitão-general Luís do Rêgo Barreto. Juntamente com esse governador, como membro da Junta Constitucional Governativa, Bento compôs o Governo da Capitania em 1821. Os herdeiros de Bento José, sem o menor cuidado pela propriedade herdada, deixaram que as jaqueiras centenárias fossem derrubadas, e que o Sítio das Jaqueiras se transformasse em um campo de futebol. Quando este foi fechado, a terra foi loteada, e a Capela da Jaqueira permaneceu abandonada em meio a um grande matagal. Ela só não foi totalmente destruída, devido à intervenção, em 1944, do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Na ocasião, o templo foi restaurado e construíram, em sua volta, um belo parque: o da Jaqueira. A Capela da Jaqueira é uma construção barroca. O seu interior é decorado com azulejos raros, do mesmo estilo dos azulejos dos conventos carmelitas e franciscanos. Podem ser apreciados alguns notáveis painéis sacros, de traçados e cores fortes, que o tempo não conseguiu apagar. Os forros da capela-mor (evocando a Anunciação), do coro (focalizando o casal Nossa Senhora e São José) e da nave (a efígie da Padroeira) possuem pinturas significativas do final do século XVIII. É possível observar, também, dois grandes retratos a óleo, sobre madeira, representando Santo Antônio e São Henrique, bem como São João Batista e São Filipe Nery. O altar do templo é barroco, embora apresente alguns motivos em estilo rococó. Existe um manuscrito datado de 13 de novembro de 1781, com a tradução de um Breve de Indulgência do Papa Pio VI, na capela-mor. Na sacristia encontra-se um lavatório de pedra, com uma torneira longa, feita em bronze, do século XVIII. É importante salientar que as telhas da Capela, suas madeiras, fechaduras, aldrabas, ferrolhos, dobradiças, entre outros objetos que foram confeccionados em ferro e bronze, são originais de sua construção e datados de 1766. E que até os anos 1960, o parque era todo iluminado por lâmpões, pendurados em postes ingleses.

NOME:	Capela Dourada, Claustro e Igreja da Ordem Terceira de São Francisco
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Capela dos Noviços da Ordem Terceira de S. Francisco.
USO ATUAL:	Capela Dourada
ENDEREÇO:	Rua Quinze de Novembro - Recife - PE
PROCESSO:	06-t-48
LIVRO:	Belas Artes
N° DA FOLHA:	02 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	4
DATA:	14/03/1938

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

O surgimento da Venerável Ordem Terceira de São Francisco das Chagas data do século XVI. Os Irmãos Terceiros eram mascates, em sua grande maioria, e alguns deles bastante abastados, como Antônio Fernandes de Matos. Naquele período, os franciscanos iniciaram a construção da

Capela dos Noviços da Ordem Terceira do Recife.

Recebendo acréscimos aos poucos, a antiga capela obteve a contribuição de artistas famosos e se transformou no maior símbolo da arte sacra barroca: a atual Capela Dourada da Ordem Terceira de São Francisco do Recife.

Nascendo em uma época de grande prosperidade na região, ao longo do tempo a capela recebeu melhorias e rica decoração barroca, e sua condição atual data basicamente dos séculos XVII e XVIII. Seu nome deriva da grande quantidade de ouro empregada na cobertura da exuberante talha de madeira que forra praticamente todos os espaços das paredes, altares e teto.

A sua construção e decoração contou com a participação de diversos artistas de importância na região. O teto com os arcos externo, do cruzeiro e da capela-mor, bem como mobiliário auxiliar, são obra de Luís Machado, do século XVII. O teto é dividido em caixotões para painéis pintados a óleo, com cenas diversas.

A capela-mor, com um nicho central para um grande crucifixo e nichos laterais para São Cosme e São Damião, foi entalhada por Antônio Martins Santiago em 1698, e foi dourada por Manuel de Jesus Pinto em 1799.

Ao longo das paredes laterais existe uma série de painéis de azulejos, altares menores com importante estatuária, dos quais se destacam o de Santa Isabel, o do *Cristo atado à coluna*, e o do Senhor dos Passos (com uma imagem de roca em tamanho natural com incrustações de rubis), e dezenas de painéis pintados representando santos e personificações das virtudes da Fé, Esperança, Caridade e Constância. As pinturas foram executadas entre os séculos XVIII e XIX pelos mestres José Ribeiro de Vasconcelos (entre 1759 e 1761), José Pinhão de Matos e João Vital Correia (em 1864), sendo dignas de maior atenção duas, de grandes dimensões, junto às bancadas, representando a prisão e morte de mártires franciscanos, cujos algozes, curiosamente, tiveram suas faces apagadas e riscadas, em data desconhecida, pela indignação de algum devoto.

Na sacristia, está presente todo um mobiliário (cômodas e repositórios) esculpido em jacarandá, datando de 1762, além de uma mesa de mármore e de um lavabo que foram importados da cidade portuguesa de Estremoz. Atrás da sacristia existe um pequeno cemitério, onde se eleva um cruzeiro de pedra instalado em 1840.

O claustro do convento está dividido em duas partes distintas, sendo a inferior a de maior riqueza artística, comportando arcos romanos, um piso original, e uma bonita capela, contendo uma porta torneada, que faz rememorar a austeridade da clausura franciscana.

Nas paredes claustrais, encontra-se 27 quadros de azulejos que mostram vários episódios do Gênese, a criação do mundo. Esses azulejos, que foram trazidos de Lisboa e afixados no ano de 1704, formam uma barra ao longo da parte baixa do interior do templo. São assinados por Antônio Pereira.

NOME: Convento e Igreja de Santo Antônio

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Recife - PE

PROCESSO: 144-t-38

LIVRO: Belas Artes

Nº DA FOLHA: 32 (volume 1)

Nº DE INSCRIÇÃO: 186

DATA: 20/07/1938

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

O Convento e Igreja de Santo Antônio do Recife, estado de Pernambuco, são edificações religiosas católicas pertencentes à Ordem Franciscana. O Convento Franciscano de Santo Antônio é uma das construções mais antigas ainda existentes na cidade do Recife. Sua origem remonta a 28 de outubro de 1606, data em que os frades resolveram erguer um convento na Ilha dos Navios para atender à população próxima ao porto. Durante o período da dominação holandesa o edifício foi transformado em fortaleza, sendo acrescido de muralhas, baluartes e demais apetrechos militares, recebendo o nome de Forte Ernestus. Depois, durante algum tempo foi votado à Igreja Anglicana, para atendimento dos oficiais da Companhia das Índias Ocidentais. Com a retirada dos holandeses o local passou novamente à propriedade dos Franciscanos, sendo restaurado e aumentado de uma

enfermaria. Na capela do convento existe azulejaria ilustrativa do Rosário de Nossa Senhora, e um púlpito obra de Francisco Manuel Béranger, do início do século XIX. A Igreja de Santo Antônio é a sucessora do primitivo oratório erguido junto com o convento no século XVII, sendo substituído por uma igreja maior, novamente remodelada em estilo rococó entre 1753 e 1770. A fachada se eleva sobre uma portada de pedra com cinco grandes arcos redondos, janelões emoldurados em pedra esculpida com ornamentos e volutas, encimadas por óculos redondos. O frontão que coroa o conjunto tem elegante desenho com grandes volutas floreadas, o brasão da Ordem ao centro e um cruz de arremate, além de pináculos em forma de labareda na base. Recuado em relação ao corpo da igreja está o campanário, à esquerda, com um coruchéu em bulbos octogonais superpostos revestido de azulejos.

O interior, de nave única, preserva uma série de painéis de azulejos representando cenas da vida de Santo Antônio ao longo das paredes laterais e junto ao piso, e mostra algumas tribunas, um púlpito à direita e um teto em abóbada de berço (com pinturas de Sebastião Canuto da Silva Tavares) de onde pendem grandes candelabros. Bancadas e um corredor central conduzem até o fundo da igreja, cuja parede é completamente recoberta de talha rococó de refinado desenho. Nesta parede duas capelas secundárias se apegam ao arco do cruzeiro, dedicadas à Virgem Maria e São Francisco, respectivamente à esquerda e à direita, ladeando a capela-mor, em um nicho recuado. Seu retábulo ostenta um grande crucifixo rodeado de esplendor, tendo aos lados dois pares de colunas de capitel coríntio e fuste salomônico em uma e canelado em outra, além de estatuária menor, e um grande frontão ricamente lavrado. Acima, o teto da capela-mor é também em abóbada de berço revestida de azulejaria policromática em motivos florais. No século XIX, a Igreja de Santo Antônio abrigou o "cemitério dos infamantes" ou "da vergonha", onde eram sepultados indigentes, escravos e mártires de revoluções, como os da Revolução Pernambucana, de 1817.

NOME: Prédio à Rua Aurora

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL: Ginásio Pernambucano

ENDEREÇO: Rua da Aurora - Recife - PE

PROCESSO: 1101-T-83

LIVRO: Belas Artes

Nº DA FOLHA: 7 (volume 2)

Nº DE INSCRIÇÃO: 562

DATA: 19/07/1984

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Foi fundado no dia 1º de setembro de 1825, por decreto do presidente da província de Pernambuco, José Carlos Mayrink, sob o nome de Liceu Provincial de Pernambuco, numa das dependências do convento do Carmo. Seu primeiro diretor foi o frade beneditino Miguel do Sacramento Lopes Gama, mais tarde apelidado de Padre Carapuzeiro. Em 1844 foi transferido para a rua Gervásio Pires, para logo depois instalar-se no prédio da Alfândega e, em seguida, para um prédio no mesmo bairro, onde funcionava a Companhia dos Operários Engajados. Em 1846 foi para a casa de sessões do júri e, pouco tempo depois, para a rua da Praia, mudando-se logo a seguir para a rua do Hospício, onde ficou até 1850. Em 14 de maio de 1855 uma Lei converte o Liceu Provincial de Pernambuco em um internato de educação pública, e de instrução secundária, sob o título de Ginásio Pernambucano. A pedra fundamental para o novo prédio, a ser construído na Rua da Aurora foi lançada em 14 de agosto de 1855. Em 1 de dezembro de 1866 instalou-se em suas novas dependências. Em 1893 através de um Decreto de 1º de janeiro de 1893, no governo de Alexandre José Barbosa Lima, recebeu o nome de Instituto Benjamin Constant, fazendo-se a fusão do Ginásio com a Escola Normal, abolindo o internato e agregando vários cursos de caráter científico e profissional. Porém voltou rapidamente à antiga denominação em 1942 e, logo a seguir, para Colégio Estadual de Pernambuco.

Por Decreto nº 3.432, de 31 de dezembro de 1974 do governador Eraldo Gueiros Leite, volta à antiga denominação de Ginásio Pernambucano. O Ginásio possuía um Museu de História Natural, organizado pelo naturalista francês Louis Brunet, uma Biblioteca, fundada pelo professor João Regueira Costa e uma capela, construída por iniciativa do padre Francisco Rochoel, onde eram rezadas missas aos domingos e dias santos. Foi um dos mais famosos educandários de

Pernambuco, reconhecido, principalmente, pela qualidade dos seus professores.

NOME:	Igreja da Madre de Deus
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Recife - PE
PROCESSO:	134-T-38
LIVRO:	Belas Artes
N° DA FOLHA:	33 (Volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	188
DATA:	20/07/1938
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	A Igreja da Madre de Deus é um dos mais importantes templos católicos do Recife, localizada na Rua Madre de Deus. A construção obedece ao traçado do mestre-pedreiro Antônio Fernandes de Matos, que, em 1679, contratou suas obras com os padres da Congregação do Oratório de São Felipe de Neri. A construção do templo, no entanto, só veio a ser concluída em 1720, apresentando em sua bela fachada esculturas em pedras dos arrecifes e uma estátua de São Felipe de Néri, em tamanho natural. Em 1950, a Igreja sofreu a descaracterização de parte da fachada posterior, sendo posteriormente sofrido um incêndio em 1971, devido a deficiências na instalação elétrica, que destruiu partes superiores do altar-mor e do forro. O seu interior abriga, além de uma monumental obra em talha, algumas imagens que pertenceram à primitiva igreja do Corpo Santo, demolida em 1913, no período das obras de modernização do porto.

NOME:	Igreja da Ordem Terceira de N. Sra do Carmo
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Igreja da Ordem Terceira do Carmo
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Largo de Nossa Senhora do Carmo - Recife - PE
PROCESSO:	125-T-38
LIVRO:	Belas Artes
N° DA FOLHA:	15 (Volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	81
DATA:	30/05/1938
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	Localizada na Praça do Carmo, Recife, foi concluída em 1837. Possui um verdadeiro tesouro de pedras lavradas e azulejos portugueses. A sacristia original tem móveis embutidos em jacarandá, considerados dos mais importantes de toda a América do século XVIII.

NOME:	Igreja de N. Sra da Boa Vista
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Igreja da Boa Vista
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Recife - PE
PROCESSO:	149-T-38
LIVRO:	Belas Artes
N° DA FOLHA:	35 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO:	199
DATA:	01/08/1938
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	Está localizada na Rua do Hospício, Recife. É uma construção datada de 1793, possui obras do pintor Caetano da Rocha Pereira. É a única igreja de Pernambuco que tem todo o frontispício em pedras portuguesas. Uma de suas características é não possuir imagens

NOME: Igreja de N. Sra da Conceição dos Militares
OUTRAS DENOMINAÇÕES: Igreja da Conceição dos Militares
USO ATUAL: Museu de Arte Sacra
ENDEREÇO: Rua Nova - Recife - PE
PROCESSO: 04-T-38
LIVRO: Belas Artes
N° DA FOLHA: 3 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO: 9
DATA: 28/03/1938
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:
 Construída ao longo do século XVIII pela Irmandade dos Sargentos e Soldados da Guarnição de Recife, a igreja possui uma fachada simples. Em seu interior riquezas como a imagem de Nossa Senhora da Conceição no altar-mor, as talhas em rococó branca e dourada no arco central, além das pinturas de forro que retratam Virgem Maria grávida e a primeira batalha dos Guararapes.

NOME: Igreja de N. Sra do Rosário dos Pretos
OUTRAS DENOMINAÇÕES: Igreja do Rosário dos Pretos
USO ATUAL:
ENDEREÇO: Rua Larga do Rosário - Recife - PE
PROCESSO: 759 -T-65
LIVRO: Belas Artes
N° DA FOLHA: 87
N° DE INSCRIÇÃO: 481
DATA: 08/07/1965
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:
 A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos localiza-se em Recife. O culto à santa foi introduzido na cultura dos escravos africanos aqui no Brasil pelos jesuítas na catequese, para legitimar a religião católica, buscando homens e mulheres negros para a prática religiosa. A igreja teve sua fundação entre os anos de 1662 a 1667, no período do reinado de D. Afonso VI de Portugal, venerado por essa instituição que conserva dele um retrato pintado a óleo na sacristia. No altar existem os santos negros como o rei Baltazar, São Elesbão, São Benedito, Santo Antonio de Catagerona e Santa Ifigênia. A rua na frente da igreja recebeu a denominação de Rua Estreita do Rosário.

NOME: Igreja de São Gonçalo
OUTRAS DENOMINAÇÕES:
USO ATUAL:
ENDEREÇO: Rua de São Gonçalo - Recife - PE
PROCESSO: 138-T-38
LIVRO: Belas Artes
N° DA FOLHA: 30 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO: 171
DATA: 15/07/1938
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:
 O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

NOME: Igreja de São Pedro dos Clérigos e Pátio de São Pedro: conjunto arquitetônico
OUTRAS DENOMINAÇÕES:
USO ATUAL:
ENDEREÇO: Recife - PE
PROCESSO: 123-T-38

LIVRO: Belas Artes
N° DA FOLHA: 33
N° DE INSCRIÇÃO: 187
DATA: 20/07/1938

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

A Irmandade de São Pedro dos Clérigos, criada em 26 de junho de 1700, comprou, quase 20 anos depois, uma horta e seis casas situadas no meio das Águas Verdes, no bairro de Santo Antônio da Vila do Recife, para a construção de uma igreja própria. O projeto da Igreja foi realizado por Manuel Ferreira Jácome e a sua construção começou em 1728, mas a igreja só pôde ser sagrada no dia 30 de janeiro de 1782. Possui uma grandiosa e refinada arquitetura de concepção: uma fachada rica, que desemboca em pátios exíguos, uma contrafaçanha principal, espelhando o século XVIII, e um interior que traz a marca do século XVII. Além de sua importância religiosa, em determinado período a igreja tornou-se um ativo centro de música sacra, chegando a ter como Mestre de Capela o pernambucano Luis Álvares Pinto (1719-1789), uma das grandes figuras da música colonial brasileira. A igreja recebeu foros de catedral do Arcebispado de Olinda e Recife no dia 26 de junho de 1918. O edifício faz parte de um conjunto arquitetônico característico, de grande importância, erigido em torno do Pátio de São Pedro.

A sua estrutura é incomumente verticalizada, com monumental portada de rico trabalho em cantaria. No corpo central, além da portada, vemos uma janela em meio arco abatido, com balaústres e adornos em cantaria que se unem à portada, e, acima, um frontispício ornamentado com volutas, pináculos e uma cruz, além da imagem de São Pedro no nicho do tímpano. Os cunhais são de pedras regulares. As torres possuem janelas que se abrem internamente para o coro, emolduradas por com balaústres e ornamentação de cantaria. Acima destas e abaixo do cornijamento reto há uma janela menor de verga reta em cada torre, com sobreverga curva. As janelas sineiras apresentam um desenho em arco pleno, e o coroamento das torres é feito por uma balaustrada, pináculos e cúpula de arestas sobre base prismática. O interior guarda belo trabalho de talha no estilo D. João V, com elementos rococó nos balcões e sanefas das tribunas, na capela-mor, na nave e na base do altar-mor. As obras de talha do retábulo do altar-mor não são originais. A primeira decoração foi substituída na reforma ocorrida em 1858, que alterou o estilo para o neoclássico. Durante uma segunda restauração, levada a cabo entre 1953 e 1957, substituiu-se a cobertura (sem interferir no forro) e o madeiramento de sustentação, e recuperou-se novamente o altar. Como este segundo retábulo não foi dourado originalmente, sendo apenas coberto por uma camada de tinta a óleo branca, permanece visível a madeira natural. A área defronte à Igreja, chamada de Pátio de São Pedro, conserva em seu entorno um belo conjunto de 29 casas baixas coloniais, com um ou dois pavimentos, dominadas pelo corpo imponente da igreja ao fundo. O Pátio possui um calçamento de pedras irregulares do século XIX e um gradil de ferro que delimita o átrio da igreja, cujo piso é de ladrilhos de barro. Os espaços do Pátio e adjacências sempre estiveram muito ligados aos movimentos culturais e históricos da cidade. À medida que o centro da cidade foi se desenvolvendo, as residências deram lugar a estabelecimentos comerciais, incluindo lojas, bares e restaurantes, que atraíram artistas, intelectuais e profissionais liberais até se tornar um ponto de convergência da vida cultural recifense. Na década de 80, depois de um período de efervescência anterior, no final dos anos 60, que se seguiu a uma das suas restaurações, o Pátio parecia haver atingido sua plena vitalidade. Além dos boêmios tradicionais, um grupo de intelectuais começou a freqüentá-lo, chegando a configurar o que foi chamada de Geração do Pátio.

NOME: Marco divisório da Capitania de Itamaracá

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Recife - PE
PROCESSO: 0129-T-38
LIVRO: Belas Artes
N° DA FOLHA: 7 (volume 1)
N° DE INSCRIÇÃO: 35
DATA: 20/04/1938

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

O local onde hoje fica o município de Igarassu era habitado por índios Caetés que levavam uma vida tranqüila até 1535, quando o donatário Duarte Coelho desembarcou no local para tomar posse de sua capitania (doada pela Coroa Portuguesa) e iniciou uma série de combates com os índios. Por ordem de Duarte Coelho, ali foi instalado um marco de pedra, para servir de ponto divisório entre os europeus e ameríndios. Ali foi criada, em 1516, por Cristóvão Jacques, a Feitoria de Pernambuco. Em 1535 foi assentado na localidade o marco de pedra que delimitava as capitanias de Pernambuco e Itamaracá. O marco atual, uma réplica do primitivo, é datado de 1935. É um dos poucos marcos de delimitação de Capitâncias Hereditárias existente no Brasil. Em 1537, foi fundada a Vila de Igarassu, e hoje o município é considerado o primeiro núcleo de povoamento do país.

O Distrito foi criado em 1550, sob a denominação de Igarassu. Pela lei estadual nº 130, de 28/06/1895, o Distrito foi elevado à condição de Cidade, sob a mesma denominação de Igarassu. Pelo decreto-lei estadual nº 235, de 09/12/1938, o município de Igarassu mudou o nome para Igarassu, sem o "u" depois do "g".

NOME:	Igreja Matriz de Santo Antônio (Recife, PE)
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Matriz de Santo Antônio
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Avenida Dantas Barreto - Recife - PE
PROCESSO:	0105-T-38
LIVRO:	Belas Artes
Nº DA FOLHA:	36 (volume 1)
Nº DE INSCRIÇÃO:	208
DATA:	13/08/1938

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

A Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio possui um estilo barroco colonial, teve a sua construção iniciada em 1753 e concluída em 1790, e foi dedicada a Santo Antônio. A igreja está situada na Praça da Independência, no bairro de Santo Antônio. No local onde o templo foi construído existiam, anteriormente, as trincheiras dos invasores holandeses e a conhecida Casa de Pólvora. Um século depois de sua expulsão do Brasil, o terreno então desocupado foi adquirido em 1752 pela Irmandade do Santíssimo Sacramento, para construção de uma igreja medindo 100 palmos de comprimento por 50 de largura. A decoração do interior se estendeu até o século XIX, com esplêndida obra de talha principalmente na capela-mor, além de painéis pintados de Sebastião da Silva Tavares. A pintura e a douração foram realizadas por Manuel de Jesus Pinto entre 1790 e 1805. A fachada é barroca, com rica ornamentação. O corpo central da igreja tem ao nível do solo três aberturas de entrada, em arco abatido, com ombros e lintel de arenito, encimado por florão em motivo de concha, sendo o vão central maior e emoldurado por um frontispício relativamente discreto. As portas são de madeira entalhada com almofadões volumosos, típicos do barroco. Acima das portas, janelões com decoração semelhante ao nível abaixo, mas com sacadas de ferro trabalhado e caixilharia ornamentada, e sobre eles óculos redondos sob cornija saliente em arco triplo que delimita a base do frontão. Este tem empenas em volutas, cruz e dois pequenos pináculos no topo, e um baixo-relevo incluso com forma de ostensório. Ladeando o corpo central, dois altos campanários, com pilastras de pedra nas laterais, e cujas aberturas imitam as do centro do edifício até o segundo nível, onde a cornija é já retilínea. Acima desta, óculo em estrela, nova cornija, aberturas em arco redondo para os sinos, e coruchéu em bulbos octogonais superpostos, com pequenos pináculos nas quinas.

Penetrando-se no interior, de alta nave única e cujo vão não inclui o espaço das torres, logo nos deparamos, sob o coro, com um pára-vento envidraçado e duas capelas: a da direita, a da Virgem da Piedade, com esplêndida moldura entalhada e douramento no interior, e a da esquerda sendo o batistério, com um quadro do início do século XIX - O Batismo de Jesus - pintado por José Elói, autor também da pintura dos painéis da igreja do Mosteiro de São Bento, em Olinda. A nave possui vários altares laterais em estilo já neoclássico, mas com estatuária ainda barroca, além de dois níveis de tribunas, um grande lustre de cristal, púlpito, painéis pintados e duas séries de bancadas no centro, separadas por balaustrada dos corredores de circulação fronteiros às capelas laterais.

Das capelas chama a atenção a da Virgem das Dores, com uma imagem de Nossa Senhora com o coração trespassado por uma espada, aos pés de um grande e expressivo crucifixo com a imagem

do Senhor Morto rodeado de uma glória e um nimbo povoado de querubins; o de São Miguel, com uma bela imagem do arcanjo e outras secundárias; o dos Reis Magos, e o de Nossa Senhora da Penha, com uma imagem da Virgem com o Menino de fino acabamento.

Mas o grande destaque na decoração interna é a capela-mor, com um altar de luxuriante talha rococó em estilo escalonado, como um trono para o Crucificado e o Santíssimo Sacramento no topo, ladeados por nichos contendo as imagens de Santo Antônio e São Sebastião, tendo abaixo o sacrário para o Santíssimo Sacramento, além de painéis pintados nas paredes laterais e mobiliário esculpido.

À direita, externamente à nave e alinhado com a torre, localiza-se o cemitério. Nele estão sepultados os insurretos da Revolução Pernambucana de 1817, e personalidades ilustres como o 2º Barão de Utinga e Jerônimo Vilela de Castro Tavares, poeta, político e jornalista. Na sacristia existem pinturas em painéis de parede, um lavabo de mármore e uma grande cômoda rococó, doada em 1794 pelo padre Feliciano José Dornelas.

NOME:	Palacete da Benfica
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Casa à Rua Benfica
USO ATUAL:	Blue Angel Buffet
ENDEREÇO:	Rua Benfica, 251 - Recife - PE
PROCESSO:	1140-T-85
LIVRO:	Belas Artes
Nº DA FOLHA:	02 (volume 2)
Nº DE INSCRIÇÃO:	586
DATA:	01/07/1987
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	

NOME:	Palácio da Soledade
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	Colégio Nóbrega
ENDEREÇO:	Avenida Oliveira Lima, 969 - Recife - PE
PROCESSO:	0130-T-38
LIVRO:	Belas Artes
Nº DA FOLHA:	32 (volume 1)
Nº DE INSCRIÇÃO:	182
DATA:	18/07/1938
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	

O Palácio da Soledade foi um casarão que serviu de residência para os bispos de Olinda até 1917 e atualmente faz parte das instalações do Colégio Nóbrega.

NOME:	Pavilhão Luís Nunes
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Pavilhão de verificação de óbitos da Escola de Medicina de Recife
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Rua Jenner de Souza, 130 - Recife - PE
PROCESSO:	1206-T-86
LIVRO:	Belas Artes
Nº DA FOLHA:	
Nº DE INSCRIÇÃO:	612
DATA:	26/06/1998
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	

Nível Estadual - FUNDARPE

NOME:	Conjunto Urbano da Rua da Aurora
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Trecho entre a Rua da Imperatriz e a Rua João Lyra, Boa Vista - Recife - PE
PROCESSO:	3.522/83
DECRETO:	10.714
DATA:	09/09/1985
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura	Nº 09, Livros de Tombo 111, tis. 02
Administração:	Diversos Proprietários
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	
	O trecho do conjunto arquitetônico da Rua da Aurora, localiza-se entre as pontes Duarte Coelho e Princesa Isabel, considerado de corredor cultural.
	O Conjunto Urbano da Rua da Aurora está localizado no centro da cidade, entre as ruas da Imperatriz e João Lyra. Possui uma situação privilegiada, voltado para o nascente e margeando o Rio Capibaribe.
	O início de sua ocupação regular deu-se a partir do começo do século 19. Iconografia do Recife datada de meados do século 18 mostra-nos as terras da Boa Vista com algumas poucas edificações situadas na cabeceira da antiga ponte construída por Maurício de Nassau, nas proximidades do local onde hoje está a ponte da Boa Vista.
	A Rua da Aurora somente tornou-se possível anos depois do chamado aterro de Boa Vista, feito entre os anos de 1737 e 1746. As terras situadas entre os dois extremos dela – desde a Ponte da Boa Vista até a do Limoeiro – eram cobertas por grandes mangues, ou simplesmente terrenos alagados.
	Sobre a Rua da Aurora escreveu Gilberto Freyre: “Da Rua da aurora já se disse que é uma das mais caracteristicamente recifenses: talvez a mais recifense. É de todas, a mais cortejada pelo Rio Capibaribe. Seu nome é poético”.

NOME:	Casa de Manoel Bandeira
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Espaço Pasárgada
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Rua da União, 263, Boa Vista - Recife - PE
PROCESSO:	1.326/82
DECRETO:	8.826
DATA:	26/09.1983
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura	Nº 77, Livro de Tombo 11, fls. 8.
Administração:	FUNDARPE
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	
	A casa da Rua da União nº 263 é um sobrado de gosto Neoclássico, do segundo quartel do século passado. Tem certa imponência, se considerarmos que aquela rua caracteriza-se por sobrados estreitos e casas térreas, algumas com mansarda; esta se mostra com três janelas e uma porta no pavimento térreo, e quatro janela de peitoril no primeiro andar. Ali passou uma parte muito sensível de sua infância, entre 1892 e 1896, Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho - o maior poeta nacional, o pernambucano Manuel Bandeira. Era a casa de seu avô, que ele viria a imortalizar no poema "Evocação do Recife", de 1925, e onde... "construiu-se a minha mitologia A Rua da União, com os quatro quarteirões adjacentes limitados pelas ruas da Aurora, da Saudade, Formosa e Princesa Isabel, foi a minha Tróada; a casa do meu avô, a capital desse país fabuloso," Adquirida pelo Estado de Pernambuco, a casa foi restaurada para acolher um espaço cultural destinado à produção e à vivência poéticas: o Espaço Pasárgada.

NOME:	Anexo do Arquivo Público Estadual
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Prédio da Rua do Imperador n 463
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Rua do Imperador, 463, Santo Antônio - Recife - PE
PROCESSO:	1.055/83
DECRETO:	17.287
DATA:	31/01/1994
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura	N° 92, Livro de Tombo 11, fls. II e V.
Administração:	Secretaria de Educação do Estado

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

A sede do Arquivo Público existe há 74 anos, esta localizado na Rua do Imperador, no bairro de Santo Antônio. Possui acervo composto por 9,5 mil títulos e a maior coleção de jornais da América Latina, sendo considerado o terceiro maior do Brasil.

A criação de um arquivo público é de suma importância: ele centraliza, em um só lugar, uma grande quantidade de documentos, encarregando-se ainda da seleção, classificação, catalogação, restauração e conservação dos mesmos.

Um documento - fonte de dados mais rica e completa - por mais precioso que seja, torna-se inútil se não for devidamente classificado e catalogado. Portanto, é a acessibilidade, o elemento que o transforma em um bem de conhecimento público.

Quando o Palácio do Campo das Princesas foi reformado, no ano de 1922, foram jogados milhares de documentos (considerados apenas como "papéis velhos") no rio Capibaribe, que pertenciam ao acervo histórico do Estado, e que vinham sendo arquivados desde a administração do Conde da Boa Vista, ano de 1842.

Diante da própria necessidade, foi no governo do Desembargador José Neves Filho - interventor federal no Estado de Pernambuco -, no dia 4 de dezembro de 1945, que o Arquivo Público Estadual (APE) foi criado, mediante o Decreto-Lei 1.265. Isto pretendeu dar um basta à destruição dos documentos do Governo, e abrir um espaço para todos os indivíduos que desejassem consultá-los.

Desde a década de 1970, o APE vem sendo chamado *Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciando* (APEJE), em homenagem ao seu primeiro diretor, cuja gestão se estendeu de 1945 a 1972. O Arquivo Público funciona na rua do Imperador, número 371, no bairro de Santo Antônio, no Recife.

Cabe ressaltar, por fim, que, sem a presença do *Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano*, uma grande quantidade de documentos simplesmente não mais existiria, e muitos capítulos históricos permaneceriam como elos perdidos: não poderiam ter sido restaurados e, tampouco, construídos e disponibilizados. A criação do Arquivo Público, por conseguinte, representa o fecho de uma luta em prol do conhecimento e contra o descaso cultural. Desse modo, desde 1946, o A.P.E. beneficia a população com o resgate inestimável da História de Pernambuco e, conseqüentemente, do próprio País.

NOME:	Arquivo da Antiga Casa de Detenção do Recife
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Recife - PE
PROCESSO:	3.52/83
DECRETO:	10.924
DATA:	06/11/1985
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura	N° 01, Livro de Tombo I, fls. 01
Administração:	Arquivo Público Estadual
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	

Após a desativação da antiga Casa de Detenção do Recife, em 1973, os documentos da importante penitenciária, sem um local definido para sua guarda, corriam sério risco de extravio ou danos físicos. Note-se que pela velha Casa, em seus 18 anos de ininterrupto funcionamento, passaram milhares de presos - desde os condenados por delitos comuns, como presos políticos, ou até mesmo simples perseguidos - tendo sido, ela mesma, palco de acontecimentos históricos de grande importância. Com o tombamento do monumento, em 1980, fazia-se necessário reunir e tomar, também, aquela vasta e insubstituível documentação. Finalmente, em 1982, o acervo foi reunido e catalogado pelo Arquivo Público Estadual, constando de 2.401 volumes encadernados e 4.705 fichas individuais de presos, dando-se início ao processo de tombamento. O material encontra-se hoje à disposição de pesquisadores e público interessado, no Arquivo Público Estadual, Rua do Imperador D. Pedro 11n° 371, Santo Antônio, Recife.

NOME:	Palácio da Justiça
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Praça da República, Santo Antônio, Recife - PE
PROCESSO:	2.203.191
DECRETO:	17.288
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura	N° 93, Livro de Tombo 11, tis. 11
DATA:	31/01/1994
Administração:	Poder Judiciário

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

O Tribunal de Justiça de Pernambuco passou a existir mediante o alvará de D. João VI, de 6 de fevereiro de 1821. À época, foi denominado Tribunal da Relação de Pernambuco e instalou-se num espaço dentro do antigo Colégio dos Jesuítas do Recife, em 13 de agosto de 1822.

A sede do Tribunal foi transferida algumas vezes: do Colégio dos Jesuítas passou para o imóvel do antigo Erário (demolido em 1840), depois para o Palácio do Governo, em 12 de julho de 1838. Voltou para o Colégio dos Jesuítas, funcionou na Cadeia Velha, na rua do Imperador, até a sua extinção em 8 de janeiro de 1892, data em que fora criado o Superior Tribunal de Justiça. A partir de então, funcionou num prédio que ficava entre o atual Arquivo Público e a Secretaria da Fazenda até ocupar o imponente Palácio da Justiça, localizado na esquina da rua do Imperador Pedro II, com frente para o jardim da Praça da República.

No Governo de Sérgio Loreto, a construção do Palácio da Justiça recebeu atenção especial, sendo construído na Praça da República, bairro de Santo Antônio, em 1924. O local onde foi erguido pertenceu ao Palácio de Friburgo, que servia como palácio de despachos do Conde Maurício de Nassau, conhecido também como Palácio das Torres.

O projeto para a construção do Palácio da Justiça, em estilo eclético, aprovado em 1924 pelo engenheiro-chefe das Obras Complementares do Porto, é do arquiteto italiano, formado pela Escola de Belas Artes de Paris, Giacommo Palumbo (1891-1966), com a colaboração de Evaristo de Sá. Foi o quarto projeto apresentado. O primeiro, no ano de 1917, do arquiteto Heitor Mello, professor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. O segundo, de Giacommo Palumbo, em estilo Luiz XVI, em dimensões menores que o projeto aprovado; e o terceiro, do arquiteto e pintor Henrique Moser.

O Palácio abrange uma superfície de 2.506m² e tem cinco pavimentos. A cúpula é um pouco rebaixada do que deveria ser no projeto original. Os vitrais são do alemão Heinrich Moser e representam a 1ª Assembléia Legislativa do Estado. É também de sua autoria um quadro que representa a Justiça e que pode ser visto na atual sala das sessões do Tribunal Pleno.

Na fachada, em frente à cúpula, encontram-se dois grupos de esculturas alegóricas a justiça e à lei, intitulados "A Justiça e a Família" e "A Justiça e o Homem", do artista pernambucano Bibiano Silva. São também de sua autoria os bustos dos juristas pernambucanos [Francisco de] Paula Batista e Gervásio Pires, localizados na Sala dos Passos Perdidos.

NOME:	Escola Rural Alberto Torres
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Av. Dr. José Rufino s/n, Tijipió - Recife - PE
PROCESSO:	1.037/86
DECRETO:	17.289
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura	Nº 94, Livro de Tombo 11, fls. 11.
DATA:	31/01/1994
Administração:	Secretaria de Educação do Estado
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	Entre 1934 e 1937, quando aqui esteve o arquiteto mineiro Luiz Nunes de Souza, foram construídos em Pernambuco vários edifícios inspirados nas tendências racionalistas da arquitetura, entre eles a "Escola Rural Alberto Torres". Inaugurada em 1936, inspirado seu projeto na chamada "escola nova", tinha características especiais como sementeira, horta, apiário, etc., correspondendo a um caráter ruralista que o governo pretendia imprimir à educação. A edificação tem espaços internos simples e despojados, que contrastam com a composição arrojada das rampas da fachada principal, e formas audaciosas, como a da caixa d'água, de cone invertido apoiado em pilar cilíndrico. Possui dois pavimentos com 4 salas cada um, alinhadas longitudinalmente, das quais 3 têm acesso por circulação aberta, protegida por guarda-corpos de ferro; a última sala confronta com a circulação dos bebedouros e sanitários. No outro extremo, as duas rampas suspensas por arcos parabólicos, bem como as lajes de cobertura que se apóiam nos mesmos arcos, se inspiraram em projetos de Le Corbusier. O prédio é um dos marcos da arquitetura moderna no Brasil.

NOME:	Conjunto Paisagístico e Ambiental do Prata
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Reserva Florestal de Dois Irmãos - Recife - PE
PROCESSO:	2.959.191
DECRETO:	17.648
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura	Nº 03 Livro de Tombo 111, fls. 01
DATA:	04/07/1994
Administração:	Compesa
DESCRIÇÃO SUMÁRIA:	A Mata de Dois Irmãos constitui uma das poucas áreas remanescentes da Mata Atlântica no Grande Recife. É no interior desta área recoberta por densa vegetação que está localizado o riacho do Prata, cujas águas represadas deram origem ao açude do Prata, ponto inicial do abastecimento de água do Recife, no século XIX. Além do Prata, mais três açudes: do Meio, do Germano e de Dois Irmãos, compunham o Sistema de Abastecimento da antiga Companhia do Beberibe. Dois desses açudes, o do Prata e o do Meio, continuam até hoje fornecendo água de excelente qualidade a parte da cidade do Recife. A área do Conjunto Ambiental do Prata além da exuberante vegetação, apresenta relevo fortemente ondulado, com encostas acentuadas em alguns trechos, o que possibilitou a implantação do Sistema de Abastecimento no local. A paisagem circundante é de rara beleza. O somatório água + vegetação + topografia propicia ao espectador um espetáculo único no Recife. Das edificações existentes na área, duas sobressaem-se: o prédio da Usina de Dois Irmãos, construído no final do século XIX, em estilo clássico inglês e localizado na Praça de Dois Irmãos ao lado da entrada do Horto, e o Chalé do Prata, construção ao gosto europeu, com características do ecletismo, estilo dominante na época. Além de protegida pelo Tombamento, a Mata de Dois Irmãos é preservada pela Lei Estadual nº 9.989 de 13.11.1997 como "Reserva ecológica para fins de proteção do Sistema Hidrográfico, do relevo do solo, da flora e fauna existentes", e os açudes, pela Lei Estadual nº 9.980 de 12.08.1986, que legisla a proteção dos mananciais da Região Metropolitana do Recife.

NOME: Quartel do Derby

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Praça do Derby, Derby - Recife - PE

PROCESSO: 430/92

DECRETO: 17.972

DATA: 18/10/1994

Inscrição do Tombamento no

Conselho Estadual da Cultura N° 98, Livro de Tombo 11, fls. 12

Administração: Polícia Militar de Pernambuco

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Localizado no bairro do Derby, o edifício situa-se às margens do rio Capibaribe, num entorno com praça de esportes, ruas arborizadas e uma das mais belas praças urbanas do Recife. Foi construído no Governo de Sérgio Loreto e inaugurado em 1925. No local existiu anteriormente o "Derby Club", que encerrou suas atividades hípcas no final do século passado. Em seu lugar, foi construído pelo legendário Delmiro Gouveia, empresário inovador e nacionalista, um mercado público, em 1899, dotado de recursos de infra-estrutura novos na época: água corrente, esgoto, iluminação elétrica, etc. Destruído em 1900 por um incêndio, a área ficou abandonada até a década de 20, quando foi construído o quartel da Polícia Militar, ocupando a mesma área do antigo mercado, porém sem aproveitar os elementos remanescentes da obra incendiada. É composto por uma parte central, mais elevada, que se destaca do plano da fachada, ladeada por dois corpos laterais de grande extensão. O tramo central possui três pavimentos e é encimado por um terraço com guarda-corpo em ameias e coroada por uma cúpula octogonal em concreto armado. A edificação estimulou a urbanização do Bairro, e sua presença constitui um marco monumental da cidade.

NOME: Conjunto Fabril da Tacaruna

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Av. Agamenon Magalhães, 5091, Santo Amaro - Recife - PE

PROCESSO: 2.374/93

DECRETO: 18.229

Inscrição do Tombamento no

Conselho Estadual da Cultura N° 13, Livro de Tombo 111, fls. 3v.

DATA: 16/12/1994

Administração: Secretaria de Educação do Estado

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

A construção do conjunto fabril data de fins do século XIX, sendo muito superior às edificações de fábricas do mesmo período, por utilizar novas técnicas construtivas, como o concreto armado, e por resultar em alta qualidade técnica e estética. Destinou-se inicialmente, em 1895, a refinaria de açúcar, com o nome de "Usina Beltrão", posteriormente sendo adaptada para indústria têxtil. A composição assimétrica e a valorização da ala central, mais elevada, garantem um aspecto monumental ao edifício. O arremate superior de todo o prédio é feito por uma cimalha que encobre o telhado, hoje em telhas de cimento-amianto, e o frontão onde está o relógio de mostrador em louça, até hoje em funcionamento. A solução estrutural adotou o uso do ferro nas colunas e lages armadas, no sistema de abobadilhas. A volumetria é destacada pela grande chaminé, com 60m de altura, elemento vertical marcante em contraposição à horizontalidade da edificação, constituindo um efeito insubstituível na paisagem da ampla várzea que separa o Recife de Olinda.

NOME: Prédio da Casa Cultura de Pernambuco - CCPE (Antiga Casa de Detenção do Recife)

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Rua Floriano Peixoto s/n, Santo Antônio - Recife - PE

PROCESSO: I.00 1/80
DECRETO: 6.687
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura N° 64, Livro de Tombo li, Fls.05
DATA: 03/09/1980
Administração: FUNDARPE

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Em 1848, o governo da província de Pernambuco resolveu construir uma nova cadeia no Recife. As obras iniciadas em 1850 se basearam no projeto do engenheiro Mamede Alves Ferreira, segundo o modelo de penitenciária mais moderna existente na época, na França.

A nova Casa de Detenção do Recife, com 8400 m² de área construída e 6000 m² de pátio externo terminou de ser construída em 1867 e seu projeto foi concebido Seguindo essa lógica, o edifício, inaugurado em 1855, apresenta o formato de cruz, composto por quatro raios correspondentes aos pontos cardeais (Norte, Sul, Leste, Oeste), todos com três pavimentos, que confluem para um saguão central, coberto por uma cúpula metálica – o Mirante.

Em 1963, o então Chefe da Casa Civil, Francisco Brennand imaginou que aquele local poderia ser transformado numa casa que abrigasse toda a produção cultural do estado, criando assim em Pernambuco uma instituição similar aos centros de educação nas áreas de literatura, teatro, música e artes plásticas que estavam sendo criados na França pelo escritor André Malraux. No entanto, a idéia só foi colocada em prática quando a Casa de Detenção chegou a uma superpopulação de mil presos quando celas projetadas para abrigar 3 detentos chegavam a abrigar 8.

Esse excesso de detentos e a noção de que não era mais seguro manter uma casa de detenção no centro da cidade fizeram com que em 1973, o então governador Eraldo Gueiros Leite decidiu fechar a Casa de Detenção do Recife, sendo os detentos transferidos para outros presídios do Estado, especialmente para a Penitenciária Agrícola de Itamaracá.

O projeto para restauração do antigo complexo neoclássico foi elaborado pela arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi, juntamente com Jorge Martins Junior. A restauração e o aparelhamento ficaram sob a responsabilidade da Fundarpe.

A inauguração da Casa da Cultura aconteceu no dia 14 de abril de 1976. Hoje, o local é um centro de cultura regional e ponto turístico obrigatório da cidade. Suas antigas celas são ocupadas por lojas de artesanato, livraria e lanchonetes. É um espaço para shows e representações folclóricas regionais e abriga também o Museu do Frevo.

Conservando as características originais, a Casa da Cultura foi tombada como monumento histórico de Pernambuco, através do Decreto 6.687, de 3 de setembro de 1980.

NOME: Casa 157 da Rua Benfica

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Rua Benfica, 157 - Madalena - Recife - PE

PROCESSO: I.025/80

DECRETO: 8.544

Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura N° 71, Livro de Tombo 11, tis. 07

DATA: 13/04/1983

Administração: Universidade Federal de Pernambuco

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

A Rua Benfica - nome que veio a tomar a conhecida "Passagem da Madalena", ou de Dona Madalena, influente proprietária do local - conserva ainda hoje algumas casas que surgiram no século XIX para residências de famílias abastadas. Remanescentes de antigas chácaras, resistiram ao retalhamento do solo urbano iniciado neste século e, embora perdendo grande parte de seus sítios ancestrais, mantêm-se de pé, como documento físico da transformação social do Recife. A Casa n° 157 é um desses exemplares. Construção marcadamente recifense, representa o gosto neoclássico e um tanto afrancesado da época, conservando elementos originais de cantaria e estucaria. Possui ampla "terrasse" lateral descoberta, com piso em pedras de lioz, por onde se dá a entrada principal em pórtico, sendo a frontaria marcada por cinco grandes janelas que se repetem

no primeiro andar. Restaurada pela Fundarpe, serve hoje ao Departamento de Extensão Cultural da UFPE.

NOME:	Prédio da Torre Malakof
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Praça do Arsenal da Marinha, s/n, Bairro do Recife Antigo
PROCESSO:	431192
DECRETO:	18.232
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura	Nº 99, Livro de Tombo 11, fls. 12v.
DATA:	19.12.1994
Administração:	FUNDARPE

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

A Torre Malakoff foi construída na época da heróica defesa de Sebastopol, durante a guerra da Criméia (1853-1855). A guerra da Criméia, península ao sul da Ucrânia, foi um confronto fundamentalmente naval, travado no mar Negro e que teve como episódio mais sangrento e marcante o cerco à cidade portuária de Sebastopol. O destaque que ganhou os jornais de toda a Europa foi o foco de resistência em defesa da colina e da torre fortificada de Malakoff. A despeito da derrota russa a resistência em Malakoff é lembrada como um dos mais importantes momentos da História Militar.

A Torre era o acesso ou portão de entrada para o Arsenal de Marinha, construída em 1853 num amplo terreno a beira mar, com quase 800 metros de cais, onde funcionavam a administração, depósitos e galpões para recolher, consertar e construir embarcações. A origem segundo Veloso Costa, o batismo do Torreão do Arsenal, no Recife, foi dado pela população, identificada com a resistência da Malakoff de além mar.

Na década de 20 a Torre do Arsenal foi condenada a demolição para ampliação do Porto do Recife, o que motivou um vitorioso movimento em sua defesa. Formado por importantes setores da intelectualidade e instituições culturais pernambucanas, o movimento contou com amplo engajamento da sociedade e utilizou-se do nome Malakoff- símbolo de resistência e capacidade de luta - para sensibilizar as autoridades durante o processo de defesa do edifício. Com o advento da República são extintos os Arsenais de Marinha do Pará, da Bahia e de Pernambuco. Com a extinção dessas unidades e a centralização das atribuições no Rio de Janeiro, o imóvel passa a servir à Capitania dos Portos de Pernambuco. Anos mais tarde, com a transferência da Capitania para outro local, a Torre Malakoff cai no abandono, até ser resgatada para funcionar como um centro de referência da cultura em Pernambuco.

Atualmente realiza a divulgação da música e das artes visuais como políticas de cultura, com diretrizes formativas e exposições A estrutura do prédio (anfiteatro e salas de exposição, palestras, oficinas e sala multimídia) é utilizada para abrigar e promover exposições, festivais, oficinas e diversas outras iniciativas na área cultural. Paralelo a essas ações culturais, a Torre está aberta diariamente para visitação.

NOME:	Torre de atracação do Zepellin
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Campo do Jiquiá
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Capo do Jiquiá, Jiquiá - Recife - PE
PROCESSO:	314-N81
DECRETO:	8.710
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura	Nº 02, Livro de Tombo 111, tis. Ol.
DATA:	01/08/1983
Administração:	Polícia Militar de Pernambuco

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Em 22 de maio de 1930, chegava ao Brasil o dirigível de Passageiros Graf Zeppelin, nove meses após haver feito sua primeira volta ao mundo. O local de pouso dos dirigíveis no Recife era uma

planície no bairro do Jiquiá, a cerca de 10 quilômetros do centro, onde foram montadas as instalações apropriadas, como uma usina de gás, acomodações de passageiros e visitantes, dormitórios de tripulantes, estação de rádio, etc. A torre de atracação, objeto do tombamento, é a única existente no Brasil e talvez no mundo. É uma estrutura de ferro com 19m de altura e igual dimensão em cada lado da base quadrada, possuindo um sistema telescópico que permite alçar uma espiga que alcança mais 19m; na extremidade, com a altura de 38 metros, era atracado o bojo do Zeppelin.

NOME: Cemitério dos Ingleses

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Av. Cruz Cabugá, Santo Amaro - Recife - PE

PROCESSO: 747/81

DECRETO: 9.131

Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura N° 07, Livro de Tombo 111, tis. 01 v.

DATA: 23/01/1984

Administração: Cemitério dos Ingleses

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

No começo do século XIX, quando o príncipe regente D. João abriu os portos do País, os ingleses começaram a chegar ao Brasil - em especial, para São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. A Inglaterra era possuidora de uma frota poderosa que percorria o mundo, e os ingleses esperavam encontrar aqui uma boa oportunidade para expandir sua indústria e comércio, bem como obter o máximo de lucro.

A influência inglesa em Pernambuco foi bem marcante. Quando a atual avenida Conde da Boa Vista se chamava apenas de rua Formosa, já existia uma igreja anglicana - a *Holly Trinity Church* (foto acima) - local onde se encontra, hoje, o Edifício Duarte Coelho e o cinema São Luiz. Os recifenses chamavam-na de Igreja dos Ingleses. E, no número 35 do antigo aterro da Boa Vista (a atual rua da Imperatriz), existia o *British Hospital*, uma casa de quatro andares, com um cais de embarque e desembarque no Capibaribe, que era destinada, em princípio, aos súditos britânicos, e que encerrou as suas atividades no final de 1878. Na própria rua Padre Inglês, no bairro da Boa Vista, hoje chamada de rua do Padre Inglês, costumavam se hospedar os ingleses.

Em 1814, o governador da então Capitania, sob as ordens do Príncipe Regente, tinha mandado demarcar em um lugar chamado, desde o século XVI, de Santo Amaro das Salinas um terreno do Morgadio de 120 palmos de frente sobre 200 de fundo, desapropriando e doando aquela área ao Cônsul Inglês com a finalidade específica de ali ser construído o Cemitério dos Ingleses.

Embora seja um cemitério voltado para o sepultamento de ingleses residentes no Recife, ali são sepultadas pessoas de outras nacionalidades, e até brasileiros.

O mais importante brasileiro ali sepultado é o general José Inácio de Abreu e Lima, que lutou pela libertação de países americanos. Por ser um dos dirigentes da Maçonaria, o bispo Cardoso Aires negou sepultamento de seu corpo no Cemitério de Santo Amaro, tendo sido acolhido pelos ingleses.

Por razões semelhantes, alguns brasileiros não católicos (protestantes em sua maioria), eram ali enterrados, em função da negativa da Igreja Católica de lhe dar sepultura.

NOME: Igreja de Santo Amaro das Salinas

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Praça Frei Caneca, Santo Amaro - Recife - PE

PROCESSO: 747/81

DECRETO: 9.122

Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura N° 78, Livro de Tombo II, tis. 08

DATA: 13/01/1984

Administração:

Paróquia de Santo amaro

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

A igreja de Santo Amaro das Salinas, cuja lateral dá para a Praça General Abreu e Lima, está situada no bairro de Santo Amaro. Nela, pode-se ler: IGREJA DE SANTO AMARO DAS SALINAS – 1654.

O surgimento da igreja de Santo Amaro das Salinas se confunde, em parte, com a própria trajetória de Francisco do Rêgo Barros. Nascido em Olinda, filho de pais nobres e ricos, Rêgo Barros era um juiz ordinário e de órfãos, em 1593, além de vereador e presidente da Câmara de Olinda. Ele mantinha nas proximidades de sua residência, além do mais, um serviço de aproveitamento de sal, mais conhecido como AS SALINAS. E, nas primeiras décadas do século XVII, uma animada povoação havia se constituído em volta daquela fabricação de sal.

Quando os holandeses invadiram Pernambuco, em 1630, sua primeira investida foi contra a propriedade das salinas de Rêgo Barros. Esta não era bem protegida, mas os locais resistiram corajosamente, recebendo os flamengos com grossa metralha. Ao fim de três horas de lutas, os invasores se retiraram, carregando os feridos e deixando setenta mortos. Estes últimos tiveram o mesmo destino que a polícia volante deu, em 1938, ao bando de Lampião: as suas cabeças foram degoladas.

Dois meses depois desse episódio, os holandeses retornaram ao local e conseguiram incendiar a casa da propriedade. Não conseguindo tomar As Salinas, porém, foram novamente forçados a recuar, deixando um saldo de vinte e seis mortos. Com o tempo, como era de se esperar, As Salinas caíram em poder dos invasores, e eles ali construíram vários fortes, entre os quais o Forte das Salinas.

No dia 15 de janeiro de 1654, os pernambucanos obtiveram uma grande vitória: a conquista daquela fortaleza! Como o dia 15 era consagrado a Santo Amaro, atribuiu-se a vitória a um milagre desse santo. Derrotados os holandeses, de uma vez por todas, pôde Francisco do Rego Barros, agora com o título de capitão e foro de fidalgo da Casa Real (por especial mercê de D. João IV), retornar às suas terras e Às salinas.

Quando Rego Barros faleceu, o seu filho mais velho - Luís do Rego Barros - construiu, em 1681, uma capela sob a invocação de Santo Amaro - o protetor de seu pai -, sobre as ruínas do Forte das Salinas. Procedeu da mesma forma o seu irmão - João do Rego Barros -, quando mandou erguer a Igreja de Nossa Senhora do Pilar sobre os alicerces do Forte de São Jorge.

Por volta da metade do século XIX, os moradores da localidade já planejavam construir uma Irmandade na igreja, sob a invocação do seu padroeiro. Afinal, em 1870, os últimos herdeiros do antigo morgado (o Conde da Boa Vista - Francisco do Rego Barros -, e José Joaquim do Rego Barros), transferiram, para a Irmandade de Santo Amaro, todos os seus direitos sobre a propriedade. Os termos da cessão registravam que aquela incluía: *a Capela e terrenos adjacentes, com a extensão de 450 palmos de norte a sul, sobre a que vai do alinhamento marginal da estrada de Olinda, ao poente, até 20 palmos além da fachada lateral do Templo, ao nascente, inclusive o terreno pelo mesmo ocupado e o seu respectivo quintal.*

A Irmandade de Santo Amaro, posteriormente, fez algumas reformas no prédio, e a igreja foi aberta ao culto público. Estabeleceu-se, então, a tradicional romaria que focalizou o nome Santo Amaro das Salinas, por todo o estado de Pernambuco, como o grande santo milagreiro.

Um aspecto interessante do templo diz respeito à posição em que o prédio foi construído: voltado de lado para a avenida principal, e com a frente virada para o nascente. Registra a História que, várias vezes, tentou-se adotar a posição correta - mudando o altar-mor para uma posição contrária àquela em que se encontra -, e que, no dia seguinte à mudança, a imagem havia virado para a posição antiga, como se isso representasse um protesto (ou, mesmo, teimosia) de Santo Amaro.

NOME:	Cinema Glória
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	(Fachada principal voltada para a Praça Dom Vital)
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Rua Direita, 127, São José
PROCESSO:	1.475/81
DECRETO:	8.443
Inscrição do Tombamento no	Nº 68, Livro de Tombo 11, fls. 06

Conselho Estadual da Cultura

DATA: 28/02/1983
Administração: Maria José Ferreira Leite

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Desde 1925, o Cinema Glória foi o centro diversional único daquela parte fortemente característica do centro do Recife, marcada pelo Mercado de São José, Igreja da Penha, velhos sobrados, becos, "as tortas ruas Direitas". Gerido pela filha de seu fundador, funcionou como um empreendimento familiar até o final dos anos oitenta, quando foi desativado. O tombamento do Cinema Glória visou a garantir a permanência da mais antiga casa de exposições do Recife, e oportunamente deverá abrigar um projeto de revitalização de iniciativa da FUNDARPE em parceria com empresários do bairro.

NOME:	Terreiro Oba Ogunté
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	Sítio do Pai Adão
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Estrada Velha de Água Fria, 1.014, Água Fria - Recife - PE
PROCESSO:	103/84
DECRETO:	10.715
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura	Nº 81, Livro de Tombo 11, tis. 09.
DATA:	09/09/1985
Administração:	Herdeiros de Felipe Sabino da Costa (fundador)

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

A história do Ilê Obá Ogunté começa por volta de 1875, com a chegada ao Brasil da africana Inês Joaquina da Costa (Ifá Tinuké) também chamada de Tia Inês, morreu em 1905.

É a mais antiga casa de culto Nagô de Pernambuco e uma das mais venerandas do Brasil, considerada uma das matrizes da nação de culto afro-brasileiro Nagô, que guarda alguma semelhança com a nação Ketu da Bahia, similar ao Xambá e ao Tchamba de Togo, e Trinidad e Tobago.

O Ilê Obá Ogunté, mais conhecido hoje como Sítio de Pai Adão, é um modelo de culto sob todos os pontos-de-vista: na sofisticação ritual, na beleza de sua música e da dança, no número de divindades cultuadas (ali são cultuadas divindades não encontradas em nenhum outro culto do Brasil), no poder espiritual das possessões, tudo indicando uma tradição conservada com fidelidade às suas raízes.

Em Pernambuco, as seitas ou cultos africanos existem desde o século XVII, produto da imigração dos negros trazidos como escravos para o Brasil. Da preservação cultural desses povos, originários de diferentes regiões da África, resultaram em manifestações variadas na culinária, linguística, folclore, religião, etc.

Xangô é a designação genérica, do território onde se processam as cerimônias religiosas. É um orixá ou santo fetichista dos raios e trovões, personagem central de vários mitos heróicos yorubanos. Segundo Artur Ramos, é a "entidade fantasmal escondida no nosso inconsciente folclórico, a ponte da união psíquica entre África e Brasil."

Entre os grupos identificados no Recife, o mais destacado é o da Seita Obacurnim, na Estrada Velha de Água Fria, nº 1644, no chamado Chapéu de Sol, cujo pai de terreiro mais conhecido foi Felipe Sabino da Costa - Pai Adão, nascido em 1877, falecido em 1936.

O terreiro OBÁ - OGUNTÉ é consagrado a Iemanjá, uma homenagem dos adeptos à cidade do Recife, ligada à água pelos rios e mar. Aliás, há uma relação estreita entre a cidade e o terreiro no aspecto da religiosidade, por causa das grandes festas do catolicismo - N. Srª. Da Conceição, São Sebastião, Santo Antônio e São João correspondem aos grandes festejos dos ritos NAGÔ. O terreiro é um grande polo de elaboração e processamento cultural e o maior destaque é o pé de Troco - notável gameleira, única no Recife, que tem um significado especial no culto aos orixás: "é a divindade que habita o tempo, é o próprio tempo meteorológico e cronológico, é o senhor da gameleira".

NOME:	Pavilhão Luís Nunes, Antigo Serviço de Verificação de Óbitos
--------------	--

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Rua Jenner de Souza, 130, Derby - Recife - PE

PROCESSO: 2.211/84

DECRETO: 11.193

Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura N° 86, Livro de Tombo li, fls. 10.

DATA: 18/02/1986

Administração: Universidade federal de Pernambuco/Instituto de Arquitetos do Brasil

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

O Pavilhão de Verificação de Óbitos foi uma das pioneiras edificações que se ergueram no Recife, ainda nos anos 30, sob influência do racionalismo na arquitetura, a partir dos princípios inovadores de Le Corbusier. O projeto, de 1937, foi de autoria do arquiteto Luiz Nunes, que na época chefiou a Diretoria de Arquitetura e Construção (DAC), depois Diretoria de Arquitetura e Urbanismo (DAU). Servia como laboratório de anatomia patológica da Faculdade de Medicina, instalada no belo edifício neocolonial, ao lado, hoje também tombado. Embora singelo e de pequenas dimensões, o Pavilhão é uma obra-prima da arquitetura moderna, coerente em seus elementos estruturais, funcionais e estéticos. Desativado de suas funções originais, após a transferência da Faculdade de Medicina para a Cidade Universitária, o prédio teve várias utilizações, até ser cedido, em 1978, ao Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-PE), para sua sede. Em homenagem ao grande arquiteto, o IAB resolveu denominá-lo "Pavilhão Luiz Nunes". Recentemente, foi tombado a nível federal pelo IPHAN.

NOME: Antiga Escola de Medicina

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Rua Amaury de Medeiros, 206, Recife - PE

PROCESSO: 2.212/84

DECRETO: 11.260

Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura N° 85, Livro de Tombo 11, fls. 09v

DATA: 19/03/1986

Administração: Universidade Federal de Pernambuco

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Corresponde a primeira sede da Escola de Medicina no estado. Sua pedra fundamental foi lançada em 1926, e a conclusão da obra se deu em 1927. O Curso de Medicina no estado foi criado em 1914, instalando-se em locais provisórios até a construção desta sede no Derby. Por três décadas, o Curso funcionou neste prédio juntamente com os cursos anexos de Odontologia e Farmácia, até mudar-se em 1957 para o campus da UFPE. O imóvel tanto representa um marco da história da medicina no estado, como tem importância no quadro do patrimônio arquitetônico do Recife - constituindo, na condição de edifício público, raro exemplar que apresenta traços da corrente neo colonialista. O autor do projeto foi o arquiteto italiano Giacomino Palumbo. O prédio ostenta dentre as características do estilo neocolonial, uma composição volumétrica pesada, aberturas em arcos, acabamento de cobertas compreendidos por espigões completados por telhas em rabo de andorinha e cumeeiras arrematadas por pináculos. O edifício, com 3.497 m², desenvolve-se em dois pisos, em torno de um pátio, e possui grandes salas próprias do programa da escola.

NOME: Casa Grande do Engenho Barbalho

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Bairro da Iputinga - Recife - PE

PROCESSO: 995/85

DECRETO: 11.435

Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura

Nº. 87, Livro de Tombo 11, fls. 10.

DATA:

19/05/1986

Administração:

Prefeitura de Cidade do Recife

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

O imóvel está localizado próximo ao rio Capibaribe, no bairro da Iputinga, no Recife, onde se destaca, imponente, em meio a um amplo terreno de escassa vegetação. De arquitetura bastante sóbria, o Sobrado do Cordeiro, como também é conhecido, apresenta características neoclássicas. Construído em alvenaria de tijolos, o sobrado desenvolve-se em dois pavimentos: no primeiro estava a casa de moradia, com amplas salas, quarto e demais dependências; o térreo destinava-se às instalações de serviços e abrigos de animais domésticos, havendo até vestígios de uma vacaria. A fachada principal possui dupla escadaria que leva a um terraço em arcadas no primeiro pavimento. Esse terraço se prolonga em ambos os lados para além dos limites da fachada principal, destacando-se por sua cobertura independente, enquanto a do corpo principal da casa desenvolve-se em 3 águas, com frontão triangular na fachada principal e beiral encornijado nas demais. Referências históricas levam a crer que a casa remonta à primeira metade do século XIX. Quando à denominação "Engenho Barbalho", também utilizada no Processo de Tombamento, verificou-se ser errônea, uma vez que todas as referências apontam Barbalho como sítio ou lugarejo, nunca como engenho.

NOME: Praça de Boa Viagem com Igreja de 1707 e Obelisco de 1926

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO:

Av. Boa Viagem, sn. Boa Viagem - Recife - PE

PROCESSO:

2.509/89

DECRETO:

17.671

Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura

Nº 12, Livro de Tombo 111, fls. 3.

DATA:

11/07/1994

Administração:

Prefeitura da Cidade do Recife/Arquidiocese de Recife e Olinda

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Situado à beira-mar do bairro da Boa Viagem, o conjunto de Praça, com a igreja de N. Sra. Da Boa Viagem e o obelisco comemorativo da conclusão da avenida Boa Viagem, em 1926, é um marco histórico do próprio povoamento e de sua consolidação como bairro. A praça, inicialmente destinada a reserva de área verde e lazer, foi aos poucos sendo ocupada por comércio, estando em andamento a sua recuperação e restauração. O obelisco é feito em uma só pedra, em cantaria fina, cercado por uma guarnição de bronze com palmas e flores, com o brasão do Estado de Pernambuco e placa comemorativa. A igreja tem em seu frontispício inscrição com a data de 1707, mas somente a partir de 1730 há referências a seu funcionamento. A fachada, embora alterada, tem características do barroco setecentista e é harmoniosa na simetria da composição, marcado por colunas que correspondem à nave central e galerias laterais. Apresenta três portas, com duas janelas e óculo central, ao nível do coro, e frontão triangular encimado por cruz e recortado em suaves volutas. Modificações recentes unificaram a nave e as galerias, sacrificando o anterior partido de planta, embora não tenham comprometido os trabalhos de entalhadores, pintores e douradores, que podem ainda hoje ser apreciados no altar-mor e altar da sacristia.

NOME: Liceu de Artes e Ofícios

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO:

Praça da República, 268, Santo Antônio - Recife - PE

PROCESSO:

2.202.191

DECRETO: 17.348
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura N° 96, Livro de Tombo 11, tfs. 12.
DATA: 28/02/1994
Administração: Universidade Católica de Pernambuco

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

O Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco é uma escola brasileira que funcionava como sede da Escola de Ofícios, mantida pela Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco, fundada em novembro de 1836 e inaugurada em 1841.

Localizado na Praça da República, n. 281, ao lado do Teatro Santa Isabel, é um projeto do engenheiro pernambucano José Tibúrcio Pereira de Magalhães, autor de outros importantes edifícios recifenses, como o da Assembléia Provincial, atual Assembléia Legislativa de Pernambuco.

Em estilo classicista imperial, inspirado no neoclassicismo francês, o prédio é composto de dois pavimentos. A fachada sofreu pequenas modificações durante a construção e também no século XX, mas não chegaram a causar uma grande desfiguração do projeto de Magalhães. A escadaria única, localizada no centro da fachada do projeto original, foi trocada por uma dupla e simétrica. Trabalhada em mármore e com guarda-corpo em ferro, leva ao pavimento superior onde existem dois grandes salões.

Extinto em 1950, desde 1970 o edifício e o acervo estão sob a responsabilidade da Universidade Católica de Pernambuco, que o utiliza como colégio.

Com o fechamento do Colégio Nóbrega Jesuítas (colégio privado ligado a UNICAP) em 2006, o Liceu foi transferido para suas instalações, passando a localizar-se no *campus* da Católica, no bairro da Boa Vista. Com a transferência, o Liceu, antes denominado Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco, passou a denominar-se Liceu Nóbrega de Artes e Ofícios. Na sua antiga sede funciona o Centro de Ensino Experimental Porto Digital e na sua atual sede funciona outro colégio, o Centro de Ensino Experimental Nóbrega.

Trata-se de um dos maiores complexos de ensino de Pernambuco. Agora o Liceu conta com instalações adequadas que vão de laboratórios a quadra poliesportiva, inexistentes na antiga sede na Praça da República.

NOME: Hospital Ulysses Pernambucano

OUTRAS DENOMINAÇÕES:

USO ATUAL:

ENDEREÇO: Av. Rosa e Silva, 2130, Tamarineira, Recife - PE

PROCESSO: 737/87

DECRETO: 15.650

Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura N° 90, Livro de Tombo IV, fls. 10v.

DATA: 20/03/1992
 Secretaria de Saúde do Estado/ Santa Casa de Misericórdia/Arquidiocese de Recife e Olinda

Administração:

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Hospital Ulysses Pernambucano, ou simplesmente Hospital da Tamarineira, é o segundo hospital psiquiátrico do Brasil (1874), inicialmente administrado pelo governo da província de Pernambuco.

Durante o Império do Brasil, a saúde dos brasileiros ficava nas mãos da Santa Casa de Misericórdia, sucessora da *Corporação São Felipe Neri da Madre de Deus*.

Em 1883 o Hospital da Tamarineira, foi entregue à Santa Casa, para administração e em 1924, o governo do Estado de Pernambuco, através de decreto do Governador Barbosa Lima Sobrinho, retomou e assumiu a administração do Hospital, com custeio e manutenção.

Com administração precária e em mau estado, o Hospital da Tamarineira passou a ser administrado, em 1930 pelo médico Ulysses Pernambucano, que o restaurou.

O Hospital ocupa uma área de 9 hectares, dos quais 5 estão cobertos de plantação (a chamada *Matinha*), é uma das áreas verdes do Recife, atualmente ameaçada de extinção.

Ainda em atividade como hospital psiquiátrico, mantém tratamentos em regime de internação, emergência, ambulatório, Terapia Ocupacional. Mantém uma das duas únicas emergências psiquiátricas do Estado.

A Santa Casa de Misericórdia mostrou interesse em desfazer-se da área, que pode ser utilizada para extensão imobiliária do Recife. Nesse sentido, a comunidade da Tamarineira e, por extensão, de todo o Recife vem fazendo campanha em defesa do Hospital, sua história, seu patrimônio, a preservação da área verde. Foi criada a ONG Amigos da Tamarineira, para assumir a defesa e a divulgação da ameaça hoje existente a todo o seu patrimônio. Além da Assembléia Legislativa de Pernambuco e a Câmara Municipal do Recife estão empenhados na sua preservação.

NOME:	Mural Pictórico de Hélio Feijó
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Av. Visconde de Albuquerque, 275, Madalena - Recife -PE
PROCESSO:	367193
DECRETO:	17.700
Inscrição do Tombamento no Conselho Estadual da Cultura	
DATA:	21/07/1994
Administração:	Elza Moura

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

Hélio Feijó foi um artista atuante e de grande participação no movimento cultural do Estado, até a década de 1960, sendo de sua autoria vários murais de grandes proporções executados em obras públicas. Infelizmente, a maioria desses trabalhos desapareceu, com demolições ou reformas dos respectivos locais. Um dos poucos murais realizados em residência particular foi conservado até 1993, quando se iniciou um movimento de intelectuais pedindo seu Tombamento. O trabalho, datado de 1940, mede 2,86mx2,62m e está colocado sobre um suporte de alvenaria, revestido em cimento, massa e tinta. A composição, figurativa regional, tem formas volumosas e arredondadas, lembrando os trabalhos de Portinari, do mesmo período, predominando as cores terra, azul e verde, sobre base branca. A herdeira da casa, ao perceber os estudos relativos ao Tombamento, e pretendendo evitá-lo, recobriu toda a obra com tinta a óleo preta. A Fundarpe pretende, oportunamente, restaurar o mural e removê-lo para um museu, mediante negociações com seus proprietários.

NOME:	Hospital Pedro II
OUTRAS DENOMINAÇÕES:	
USO ATUAL:	
ENDEREÇO:	Rua dos Coelhoos, s/n, Coelhoos - Recife - PE
DECRETO:	31.573
DATA:	26/03/2008
Administração:	Instituto Materno Infantil de Pernambuco

DESCRIÇÃO SUMÁRIA:

O Hospital Pedro II foi inaugurado em 1861 e o seu projeto arquitetônico é do engenheiro José Mamede Alves Ferreira. Pertencente à Santa Casa de Misericórdia, por muito tempo foi utilizado como hospital-escola pela Universidade Federal de Pernambuco, com a denominação de Hospital das Clínicas.

Antes ainda de sua inauguração, foi promovido um baile no seu 1º andar, que contou com a participação de Dom Pedro II, então de passagem pelo Recife.

Após a transferência do Hospital das Clínicas para as novas instalações, na Cidade Universitária, o Hospital Pedro II foi desativado e o prédio foi parcialmente utilizado pela Diretoria Regional da Secretaria Estadual de Saúde. Com a saída desta, está sendo completamente restaurado, novamente para ser hospital-escola de nova Faculdade de Medicina, pertencente ao IMIP (Instituto Materno-Infantil de Pernambuco).

BENS EM PROCESSO DE TOMBAMENTO

Nível Estadual - FUNDARPE

NOME:	Antiga Casa da Câmara e Cadeia do Recife - Sede do Arquivo Público Estadual
ENDEREÇO:	Rua do Imperador, 371, Santo Antônio - Recife - PE
Administração:	Secretaria de Educação do Estado
NOME:	Sede do Museu do Estado de Pernambuco - MEPE
ENDEREÇO:	Av. Rui Barbosa, 960, Graças - Recife - PE
PROCESSO:	2.935.191
Administração:	FUNDARPE
NOME:	Palácio do Campo das Princesas
ENDEREÇO:	Praça da República, Santo Antônio - Recife - PE
PROCESSO:	2.201.191
Administração:	Governo do Estado
NOME:	Escola Manuel Borba (Sede dos Ex-combatentes)
ENDEREÇO:	Rua Gervásio Pires, 5, Boa vista - Recife - PE
Administração:	Secretaria de Administração do Estado
NOME:	Arquipélago de Fernando de Noronha
Administração:	Governo do Estado
NOME:	Conjunto Ferroviário - Estação Central do Recife
ENDEREÇO:	Praça Santo Antônio - Recife - PE
PROCESSO:	124/91
Administração:	Banco do Brasil/ Governo do Estado
NOME:	Estação do Brum
ENDEREÇO:	Bairro do Recife
PROCESSO:	123/91
Administração:	Poder Judiciário
NOME:	Casas n 47, 55, 61 e 73 da Rua da União
PROCESSO:	1.911/89
ENDEREÇO:	Boa vista - Recife - PE
Administração:	Vários Proprietários
NOME:	Casa n 150 da Rua Benfica
ENDEREÇO:	Recife - PE
Administração:	Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente do Estado
NOME:	Estação Ponte D'Uchoa
ENDEREÇO:	Av. Rui Barbosa, Ponte D'Uchoa - Recife - PE
Administração:	Prefeitura da Cidade do Recife
NOME:	Casa de Badia
ENDEREÇO:	Rua Vital de Negreiros, 143, Pátio do Terço - Recife - PE
PROCESSO:	301196
Administração:	Maria Lúcia Soares
NOME:	Cinema São Luiz
ENDEREÇO:	Rua da Aurora, Boa Vista - Recife - PE
Administração:	Grupo Luiz Severiano Ribeiro

NOME: Igreja N.Sra. de Fátima do Colégio Nóbrega
ENDEREÇO: Av. Oliveira Lima, Boa vista - Recife - PE
Administração: Província Jesuítica

NOME: Cruzeiro do Largo da Paz
ENDEREÇO: Praça do Largo da Paz, Afogados - Recife - PE
Administração: Prefeitura da Cidade do Recife

NOME: Placa Indicativa do Clube do Cupim
ENDEREÇO: Av. Rosa e Silva, 617, Aflitos - Recife - PE
Administração: Luis Inácio de Barros Lima Filho

NOME: Basílica da Penha
ENDEREÇO: Praça Dom Vital, São José - Recife -PE
Administração: Província de N.Sra. da Penha do Nordeste

Levantamento do estado atual do conhecimento acerca do Patrimônio Arqueológico existente na área de influência indireta do empreendimento e limites próximos

O levantamento acerca do patrimônio arqueológico existente na área de influência do empreendimento foi realizado através de consulta ao Sistema de Gerenciamento de Patrimônio Arqueológico do IPHAN, das ocorrências arqueológicas catalogadas no Laboratório de Arqueologia da UFPE, além de outras publicações como o cadastro patrimonial e o plano diretor de alguns dos municípios envolvidos.

Recife

No Sistema de Gerenciamento de Patrimônio Arqueológico do IPHAN constam 5 bens tombados em Recife, todos são sítios históricos. No cadastro do Laboratório de Arqueologia consta, ainda, o sítio arqueológico PE 158 – Ln, correspondente ao Forte do Brum.

Recife

Sistema de Gerenciamento de Patrimônio Arqueológico - IPHAN

Sítio arqueológico: PE 16 – Cb - Arraial Velho do Bom Jesus

Denominação

atribuída pelo IPHAN: PE00052 e PE00079

Descrição sumária:

Sítio histórico onde foram localizadas estruturas arquitetônicas de fortificações e artefatos coloniais. Área de 46000 m². Atualmente localizado em Parque Municipal. Material encontrado: estruturas de combustão (fogueira, forno, fogão); vestígios de edificação; manchas pretas; canais tipo trincheiras, valeta; fossas; sílex de pederneira; cerâmica, objetos de metal. Estratigrafia Espessura: Pacote estratigráfico com profundidade máxima de 2 metros. Datação relativa: século XVII. Ocupação – Histórico (Colonial): obra de defesa – forte ou fortificação. Categoria Unicomponencial.

Observação:

Este sítio se encontra registrado duas vezes no IPHAN¹⁶. Por outro lado, como Conjunto Paisagístico do Sítio Trindade se encontra registrado no Livro Histórico, inscrição 447, processo 0487-T-53, datado de 17-6-1974. Arquivo Noronha Santos-IPHAN.

¹⁶ O sítio arqueológico PE 0016 LA/UFPE encontra-se com duas nomenclaturas no Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico do IPHAN. Links acessados no dia 25/11/2009: **PE00052**: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montaDetalheSítioArqueologico.do?id=PE00052> ; **PE00079**: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montaDetalheSítioArqueologico.do?id=PE00079> .

Sítio arqueológico: Bairro do Recife

Denominação

atribuída pelo IPHAN: PE00059

Descrição sumária:

Núcleo primário da formação urbana do Recife, ocupada cerca de 1534. Ocupado pelos holandeses entre 1630 e 1654. Trata-se do maior conjunto urbano do Recife com sistema viário, quadras, lotes e praças. Arquitetura civil residencial e comercial. Área de 150000 m². Área de refugio; funerárias; vestígios de edificação; alinhamento de pedras; canais tipo trincheiras, valeta; buracos de estacas; fossas; paliçadas, ossos humanos e restos alimentares. Aldeamento, fortificação, habitação. Profundidade mediana: 1,5m. Datação absoluta: 1200 DC. Ocupação: Contato, Pré-Colonial, Histórico. Categoria Multicomponencial.

Sítio arqueológico: Engenho do Meio

Denominação

atribuída pelo IPHAN: PE00082

Descrição sumária:

Sítio arqueológico histórico com níveis de ocupação de que vão desde o período do contato entre nativos e portugueses, até a estrutura de moradias do século XIX. Área de 5000 m² (estimada). Área de refugio; vestígios de edificação; alinhamento de pedras; manchas pretas. Datação Relativa: séculos XVII ao XIX. Ocupação: de contato e histórico (colonial); engenho de açúcar do século XIX. Categoria Multicomponencial.

Sítio arqueológico: Forte das Cinco Pontas

Denominação

atribuída pelo IPHAN: PE00056

Descrição sumária:

Fortificação de orientação italiana, adaptada pelos holandeses. Construção do século XVII, modificada posteriormente. Material encontrado: cerâmico e metálico. Categoria Multicomponencial .

Outros sítios arqueológicos registrados pelo Laboratório de Arqueologia da UFPE:

Sítio arqueológico: Forte do Brum - PE 158 Ln

Descrição sumária:

Unidade de defesa colonial voltada para a proteção de Recife e Olinda. Fortificação construída no século XVII. O início da construção do forte foi realizado pelos luso-brasileiros quando, em 1630, os holandeses invadiram Pernambuco e continuaram a construção da fortificação. Após a expulsão dos holandeses o forte retornou para as mãos dos luso-brasileiros. Atualmente o funciona no local um museu militar.

Desenvolvimento da Pesquisa Arqueológica

A pesquisa arqueológica realizada nos anos de 1968/69 resultou na descoberta de parte do antigo fosso que deveria circundar o Forte Real do Bom Jesus, como foi mencionado anteriormente. Interrompido em 1969, o projeto de pesquisa do Forte foi retomado em 1988. Naquela ocasião foram elaboradas propostas de conservação da parte exposta do fosso, que, no entanto, nenhuma delas chegou a ser executada.

Atualmente o Sítio Trindade continua a ser utilizado para a realização de festas populares, com grande afluência de público. É ainda freqüentado como área de lazer no cotidiano do bairro.

A Refinaria Multicultural do Sítio Trindade que se pretende implantar, integra o Programa Pontão Cultural que abrange a implantação de uma série de equipamentos voltados ao ensino, à produção e à divulgação de produtos culturais em pontos distintos da cidade de modo a melhor atender à população.

A Refinaria Multicultural do Sítio Trindade visa atender a área de Casa Amarela, um bairro de alta densidade demográfica, carente de equipamentos de lazer. Na área do Sítio Trindade seriam construídos o bloco de Música e o bloco de Artes Plásticas além de uma marquise de apoio. Está ainda prevista a instalação de uma área destinada a estacionamento. A construção da infra-estrutura da Refinaria Multicultural do Sítio Trindade está prevista para ocupar uma área mais próxima à Estrada do Encanamento, após o anfiteatro, construído no Sítio Trindade no início ou mesmo antes da década dos anos 1960.

Embora deslocadas da área onde foram registradas as antigas estruturas do Forte, a implantação das estruturas da Refinaria Multicultural, poderia eventualmente atingir parte do conjunto do forte. Evitar tal dano foi um dos objetivos fundamentais desta pesquisa.

Objetivos

Os objetivos definidos no Termo de Referência expedido pela Prefeitura da Cidade do Recife / Secretaria de Cultura, concernente ao Projeto da REFINARIA MULTICULTURAL DO SÍTIO TRINDADE do Programa Pontão de Cultura buscam atender à legislação federal - Lei n. 3.924 de 26 de Julho de 1961, e à Portaria n° 07, de 01 de dezembro de 1988 do IPHAN. Tal preocupação se pauta no fato da área prevista para a instalação da infra-estrutura que dará suporte ao Projeto ocupar uma área contígua aquela identificada como o local em que existiu o Forte Real do Bom Jesus, entre 1630-35. Aquele Termo de Referência reflete assim, a preocupação para com as obras de instalação da Refinaria Multicultural de Casa Amarela, no sentido de que não venham a provocar danos a eventuais vestígios arqueológicos, mormente aqueles relacionados ao sítio arqueológico do Forte Real do Bom Jesus, onde teria se instalado em 1630, o Arraial do Bom Jesus.

Deste modo, os objetivos específicos buscados se voltam no sentido de garantir a preservação daquele patrimônio e promover sua divulgação, estando assim explicitados:

1. Avaliar os possíveis danos, decorrentes da implantação da Refinaria Multicultural do Sítio Trindade, no terreno do Sítio Trindade, ao seu patrimônio arqueológico;
2. Dar subsídio a possíveis ajustes na locação dos edifícios da Refinaria Multicultural do Sítio Trindade, a serem construídos no terreno do Sítio Trindade, excluindo os impactos negativos que a obra civil e o próprio edifício possam causar sobre o seu patrimônio arqueológico.
3. Levantar dados para orientar pesquisas arqueológicas futuras que permitam uma melhor divulgação e valorização do patrimônio do Sítio Arqueológico Arraial Velho do Bom Jesus;

Metodologia

A metodologia aplicada esteve voltada sobretudo para a avaliação do potencial arqueológico da área em que se pretende implantar a Refinaria Multicultural do Sítio Trindade. Assim, de fato não se busca efetivamente pesquisar um sítio arqueológico, mas avaliar através de sondagens, o potencial arqueológico do local onde está projetada a Refinaria Multicultural de Casa Amarela, de modo a garantir que sua implantação não cause dano ao sítio arqueológico do Forte Real do Bom Jesus.

De acordo com as recomendações transmitidas pelo IPHAN, e transcritas pela Prefeitura da Cidade do Recife, no TR deste Projeto, foram realizadas prospecções intensivas de superfície em todo o Sítio Trindade, com atenção especial ao terreno onde vai ser construído o empreendimento. A realização da prospecção se fez com base na planta fornecida pelo empreendedor, contemplando tanto o outeiro onde foi evidenciado parte do fosso do Forte do Bom Jesus, quanto a área que lhe fica ao pé, e onde atualmente funciona a “sementeira”.

Em seguida foram realizadas sondagens por tradagem manual e ainda por tradagem mecânica, no intuito de avaliar-se a estratigrafia em diversos pontos do terreno. Buscou-se deste modo identificar possíveis indicadores de localização da antiga estrutura do fosso que circundava o Forte, e deste modo delimitar sua área de abrangência.

Nesta etapa da pesquisa, duas áreas foram privilegiadas: de início a área contígua ao trecho já escavado do fosso, na face voltada para a Rua Ferreira Lopes; e a segunda, aquela entre o outeiro e o anfiteatro construído em meados do século XX. A escolha da primeira área visou a identificação da tendência de prosseguimento da estrutura do fosso, de modo a propiciar informações para futuras intervenções arqueológicas na área. Na segunda área, dois foram os objetivos buscados: a busca de informações acerca do limite do forte em sua face voltada para o rio; e a origem e efeitos da escarpa, naquele trecho.

A avaliação do potencial arqueológico se fez, em gabinete, concomitantemente com a etapa de prospecção de superfície. Em gabinete se buscou ainda coligir dados textuais e iconográficos, decorrentes tanto da documentação histórica quanto arqueológica.

Com base nos resultados obtidos através das sondagens, foram demarcados cortes e trincheiras a serem escavados, de modo a checar os resultados obtidos com as sondagens.

Uma terceira etapa dos trabalhos de campo voltou-se para uma sondagem sistemática, em profundidade, nas áreas a serem ocupadas pelas construções dos blocos e marquise da Refinaria Multicultural. Para tanto foi elaborado um plano de escavação que contemplou “no mínimo 70% das unidades de fundação independentemente de suas dimensões, com ênfase naquelas de maior porte”. Ademais, o plano de escavação se baseou ainda na avaliação do potencial

arqueológico de cada área de modo a buscar aquelas com um mínimo de chance de conter vestígios arqueológicos.

Além das atividades de pesquisa propriamente ditas, o Projeto privilegiou ainda um conjunto de ações voltadas à Educação Patrimonial. Sob este aspecto, o fato da área ser um local público, muito freqüentado, as ações foram voltadas para duas vertentes. A primeira, tendo como público alvo os freqüentadores do parque, de várias idades, de variado interesse e acesso; o segundo, a rede de ensino público, mormente local. No âmbito da rede de ensino as ações estiveram voltadas tanto para os professores, quanto aos alunos, e atingiu não apenas as escolas do bairro, nem tampouco se restringe à rede pública, mas esteve aberto aos interessados.

Paralelamente foram realizadas as atividades voltadas à revitalização de parte do fosso do Forte Real do Bom Jesus que se encontrava tomada por vegetação de médio e grande porte.

Por fim, a análise do material arqueológico, iniciada juntamente com as atividades de campo, foi finalizada no mês de novembro de 2009 devido à grande quantidade de material arqueológico resgatado.

A apresentação dos resultados da pesquisa se fará à medida que forem sendo tratados cada um dos conjuntos escavados, de modo a aproximar as conclusões das demonstrações (resultados da escavação/ estratigrafia/ material analisado), reservando-se às Conclusões apenas as considerações inerentes aos objetivos precípuos à avaliação dos riscos face a implantação da Refinaria Multicultural Sítio Trindade.

Levantamento Histórico e Arqueológico acerca do Arraial do Bom Jesus

Durante a invasão holandesa a Pernambuco, quando as defesas à beira mar já haviam sido abatidas, as tropas luso-brasileiras retiraram-se para o interior. Buscando reorganizá-las e impedir o avanço flamengo em direção às unidades produtivas, os engenhos de açúcar, Matias de Albuquerque se empenhou na construção de um novo forte, o Forte Real do Bom Jesus.

A 4 de março o general escolheu uma eminência quase a uma légua do Recife e de Olinda, próximo do rio Capibaribe e ainda mais do riacho Parnamirim, ponto de boa água e lenha. Com vinte pessoas começou a fortificação, plantando quatro peças. Deu à obra o nome de arraial do Bom Jesus. Pouco a pouco foram chegando aderentes: aventureiros, senhores-de-engenho sós ou seguidos de escravos, índios aldeados [...] Dez dias mais tarde o arraial já repelia com grandes perdas um assalto do inimigo. Será esta a sua história perene durante os cinco anos seguintes. (ABREU, 1954, p. 89-90)

Possivelmente com base no traçado de Cristóvão Álvares, foi construído um forte em terra (taipa de pilão) circundado por um fosso de aproximadamente 4,5m de profundidade. Internamente, uma muralha construída em taipa de pilão, de altura aproximadamente igual à profundidade do fosso, contornava uma área irregular, formando ângulos salientes e reentrantes.

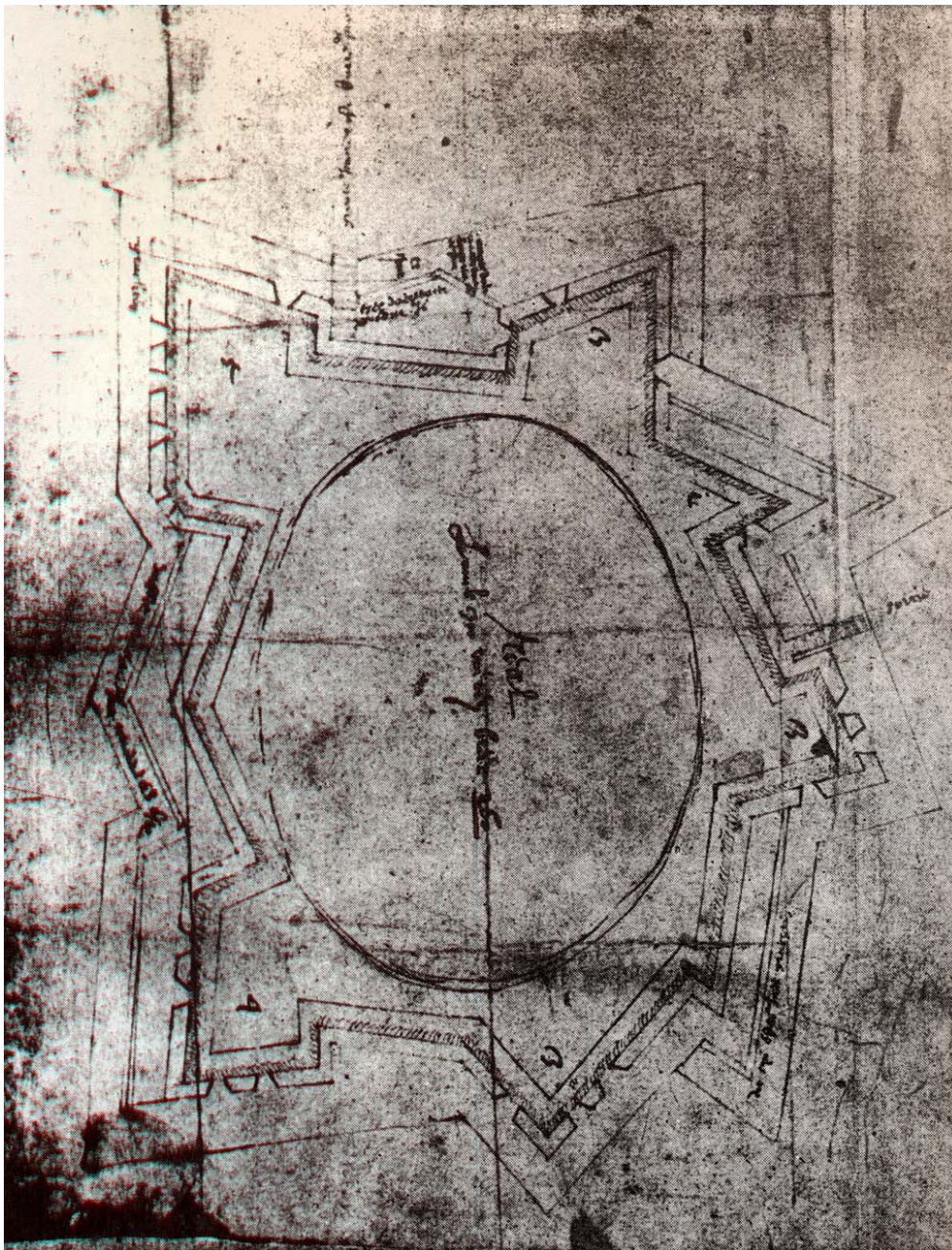


Figura 1 - Planta do Forte Real do Bom Jesus (1635) - Arquivo Geral do Reino (Haia). Buitenlandse Kaarten nº2.160 do Inventário Leupe. Publicada por Gonçalves de Mello, 1961, fig.4.¹⁷

¹⁷ ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. Forte Real do Bom Jesus: resgate arqueológico de um sítio histórico. Recife: CEPE, 1988. pg. 55.

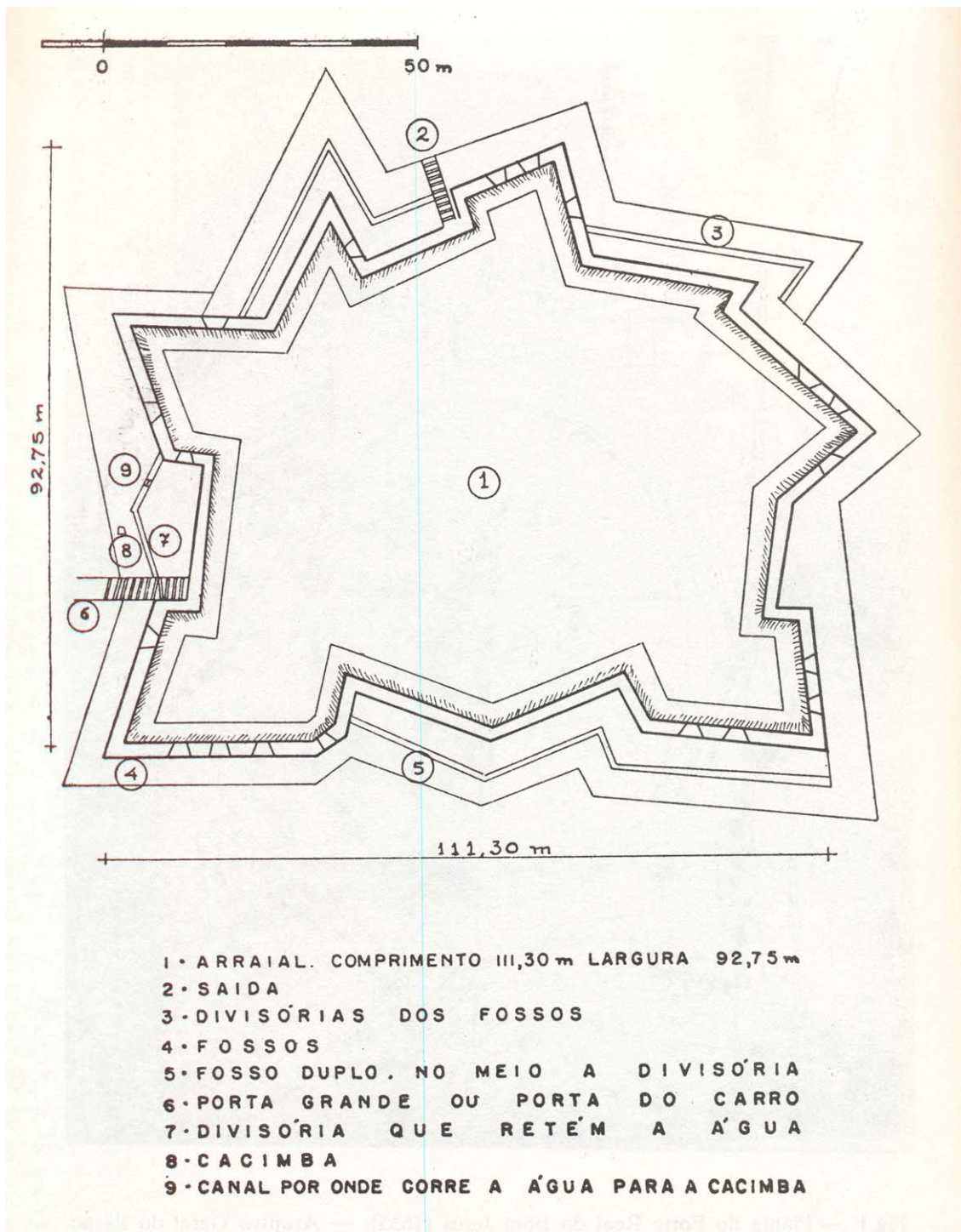


Figura 2 - Especificação da figura anterior. Publicada por Gonçalves de Mello, 1961.

Segundo Evaldo Cabral, as fortificações luso-brasileiras, não estavam preparadas para resistir à artilharia holandesa.

O que tinham em vista era evitar o investimento e a escalada por índios ágeis, exagerando-se em muros altos numa época em que na Europa a engenharia militar se preocupava em contrarrestar a eficácia crescente da artilharia expandindo-as em sentido horizontal e dotando-as de grossos muros e de esplanadas extensas. (CABRAL, 1975, p.227-228)

A artilharia que municiaava o Forte do Bom Jesus era composta por 12 peças de canhão com seus respectivos trens. Estas foram transportadas as naus de D. Antônio de Oquendo, que as desembarcou na Barra Grande, a fim de minimizar o risco de ter o carregamento interceptado pelos holandeses. Da Barra grande ao Forte do Bom Jesus foram transportadas com apoio de tração animal, resguardada por 700 homens, que mais tarde fizeram falta na batalha de Mata Redonda.

[...] levou dos meses para percorrer as 40 léguas da Barra Grande ao Arraial, tendo-se de tomar aos moradores seus bois, negros e cavalos. [...] Na sua guarda, ocuparam-se 700 homens que fariam falta dias depois na batalha de Mata Redonda (Apud. CABRAL, 1975, p.227-228)

Por terra também era transportado o peixe seco, importante mantimento utilizado pra abastecer os engenhos e o Arraial. Relatos sobre a capitania do Rio Grande, antecedentes a presença holandesa, narram que esta capitania era responsável por abastecer Paraíba e Pernambuco de peixe salgado. Até o ano de 1634, existem registros de que o Arraial do Bom Jesus foi aprovisionado do produto, que era desembarcado na Paraíba e de lá transportado por terra até a praça-forte.

Em torno do forte, gradativamente foram se chegando os moradores. Antigos moradores de Olinda (o quais abandonaram suas casas, durante a presença holandesa), temerosos com o momento vivido na colônia, também buscaram abrigar-se na circunvizinhança do Arraial. Logo surgiu um aglomerado de casas na proximidade do forte (1630-1635), cujos moradores buscavam proteção. Este

aglomerado atraiu a atenção dos comerciantes, que inicialmente montaram pequenas barracas e posteriormente erigiram estabelecimentos comerciais nos contornos da fortaleza. Dentre os residentes deste aglomerado, era grande o número de eclesiásticos, principalmente franciscanos, que trataram de edificar um oratório para celebrarem os ritos católicos. Em pouco tempo, o Forte do Bom Jesus, viu rebentar nos seus arredores um pequeno povoado, o Arraial do Bom Jesus.

O Forte do Bom Jesus funcionou com um foco de resistência luso-brasileira a invasão holandesa e de lá partiram muitas das companhias de emboscada, que praticamente mantiveram os holandeses confinados à estreita faixa no litoral. Após 1633, a Resistência foi paulatinamente perdendo seus postos avançados. Com a queda do Passo dos Afogados, que fechava aos holandeses o acesso através do Rio Capibaribe, houve condições para que os holandeses pudessem atuar maciçamente contra o Arraial. Vários contingentes foram enviados e tomando de assalto pontos estratégicos, constituíram o cerco ao Forte Real do Bom Jesus. Desencadeou-se então um cerrado ataque e, sobretudo um longo sítio.

O Arraial do Bom Jesus foi sitiado do ano de 1635 pelas tropas holandesas comandadas pelo coronel Chrestoffle Arzciszewsky. As forças luso-brasileiras resistiram por aproximadamente 3 meses, mas, praticamente destruído pelo pesado bombardeio que sofreu e exaurido pelo longo sítio, que praticamente os privou de todo tipo de abastecimento, o forte rendeu-se em 1635.

Afinal faltou o que tudo rende, que é o sustento, e não já de rocins, que isto seria regalo, mas de couro, cachorros e gatos e ratos [...] E quando disto houvesse o necessário, já não havia pólvora nem outra munição. Não é de admirar, pois, que se perdesse, não por certo; o admirável é que em tal estado o sustentasse o governador André Marin com seus capitais três meses e três dias. (**Duarte de Albuquerque** *apud* ABREU, 1954, 92-93,)

Pouco depois rendia-se o Forte de Nazaré. Era o fim da Resistência. Após a rendição, o Forte Real do Bom Jesus foi destruído pelos holandeses e abandonado.



Figura 3 - Cerco ao Forte Real do Bom Jesus. Gravura 28 x 36 cm. Commelyn, 1651, 231.

Em 1859, por ocasião da visita de D. Pedro II a Pernambuco, o Imperador buscou localizar as ruínas do antigo forte. Tendo sido infrutíferas as diligências que fez, concluiu então, que já não havia vestígios do forte.

O Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, em 1922 identificou o 'Sítio Trindade', como as terras em que outrora existira o forte, ali implantando um marco alusivo. A exata localização do forte, entretanto, apenas foi possível através da pesquisa arqueológica realizada na área pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco na década de 1960, que revelou parte do fosso, as bases das muralhas e do terraplino, assim como grande quantidade de munições e objetos de uso pessoal dos combatentes.

A localização do Forte foi realizada pelo Instituto, onde uma de suas atividades era localizar os monumentos históricos do estado. Em 1922, com base em levantamento histórico textual e iconográfico, o Instituto Arqueológico, Histórico e

Geográfico Pernambucano instalou no Sítio Trindade um obelisco em granito de 2m assinalando a existência do Forte naquele local.

Em 17 de junho de 1974 o Sítio Trindade foi tombado pelo IPHAN no Livro Histórico.

Ocupação no século XIX – O Chalé

Ocupações mais recentes, conhecidas remontam aos séculos XIX/XX. Na segunda metade do século XIX, a propriedade já apresentava a conformação atual, com cerca de 6000m². Neste período a área teria pertencido a uma família descendente de italianos, Trindade Peretti. Nela residiu o Conselheiro Anselmo Francisco Peretti. Sua família residiu no local até 1952, quando a o terreno foi desapropriado sendo declarado como um bem de utilidade pública. A presença desta família deu origem ao nome - Sítio Trindade, como ficou conhecido até os dias atuais.



Figura 4 – Vista aérea do Casarão do Sítio Trindade. Foto: Prefeitura da Cidade do Recife.

A estrutura da casa foi ampliada podendo se observar o acréscimo do lado direito cujo estilo é tipicamente francês. Na construção acrescida não deveria haver quartos, mas possivelmente uma biblioteca, de acordo com as informações orais do Dr. Reinaldo Carneiro Leão, membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. A casa possuía um jardim bem cuidado ao estilo Francês com muitas cores e uma alameda florida na entrada.



Figura 5 - Vista lateral do chalé onde é possível observar à esquerda o cômodo construído posteriormente à sua construção.

Figura 6 - Piso do interior de um dos cômodos da casa.

MCP – Movimento de Cultura Popular.

A realidade do Estado de Pernambuco no ano de 1960 expressava enorme índice de analfabetismo, exigindo esforços urgentes, a fim de incorporar à sociedade os milhares de proletários e marginais do Recife, dotando-os de uma nova consciência. Assim em maio do mesmo ano, o prefeito Miguel Arraes e Germano Coelho (idealizador do movimento) identificaram a necessidade de apoiar os setores progressistas da intelectualidade e estudantes, fundando o Movimento de Cultura Popular, conhecido como MCP.

Este movimento nasceu em Recife, no Sítio Trindade, em Casa Amarela, no dia 13 de maio de 1960, recebendo diversas influências de obras e autores, sobretudo franceses. Ressaltasse que o seu nome foi herdado do movimento francês *“Peuple et Culture”* (Povo e Cultura). Suas atividades iniciais se orientaram, fundamentalmente, no sentido de conscientizar as massas através da alfabetização e educação de base, buscando uma melhor qualidade de vida para a população recifense.

Tinha como objetivos, segundo Cunha e Góes (1985), de promover e incentivar a educação de crianças, adolescentes e adultos; desenvolver plenamente todas as virtualidades do ser humano; proporcionar a elevação do nível cultural do povo; colaborar para a melhoria do nível material do povo; formar quadros destinados a interpretar, sistematizar e transmitir os múltiplos aspectos da cultura popular.

Dentre outros, esse movimento também serviu de base para o campo da arte em Pernambuco, contribuiu para tornar visível, em meio à sociedade, a necessidade do ensino da arte para o desenvolvimento dos indivíduos, serviu de meio para encontro, troca de experiências, enfim, espaços para a organização dos arte-educadores, profissionais envolvidos nessa área ou os que dela se aproximavam.

Devido ao clima político da época, o MCP ganhou dimensão nacional e serviu de modelo para movimentos semelhantes criados em outros Estados brasileiros. Entre 1962/63, forças de direita tentaram sufocar o movimento e houve uma mobilização nacional em sua defesa: até mesmo o então Ministro da Educação, Darci Ribeiro, veio ao Recife apoiar pessoalmente o MCP e o considerou “um exemplo a ser levado a todo o País”.

O MCP foi extinto em 1964 com o golpe militar.

Pesquisa Arqueológica

Como foi discutido anteriormente execução da Pesquisa Arqueológica na área do Sítio Trindade privilegiou dois setores de investigações distintos: O primeiro corresponde à área de topo/encosta onde foi localizada, na década de 60, parte do fosso do Forte Real do Bom Jesus¹⁸; e, o segundo, correspondente à área de base de vertente onde atualmente está localizada a sementeira da Prefeitura da Cidade do Recife - Emlurb. Por se tratar de atividades com abordagens distintas cada uma das áreas foi tratada separadamente.

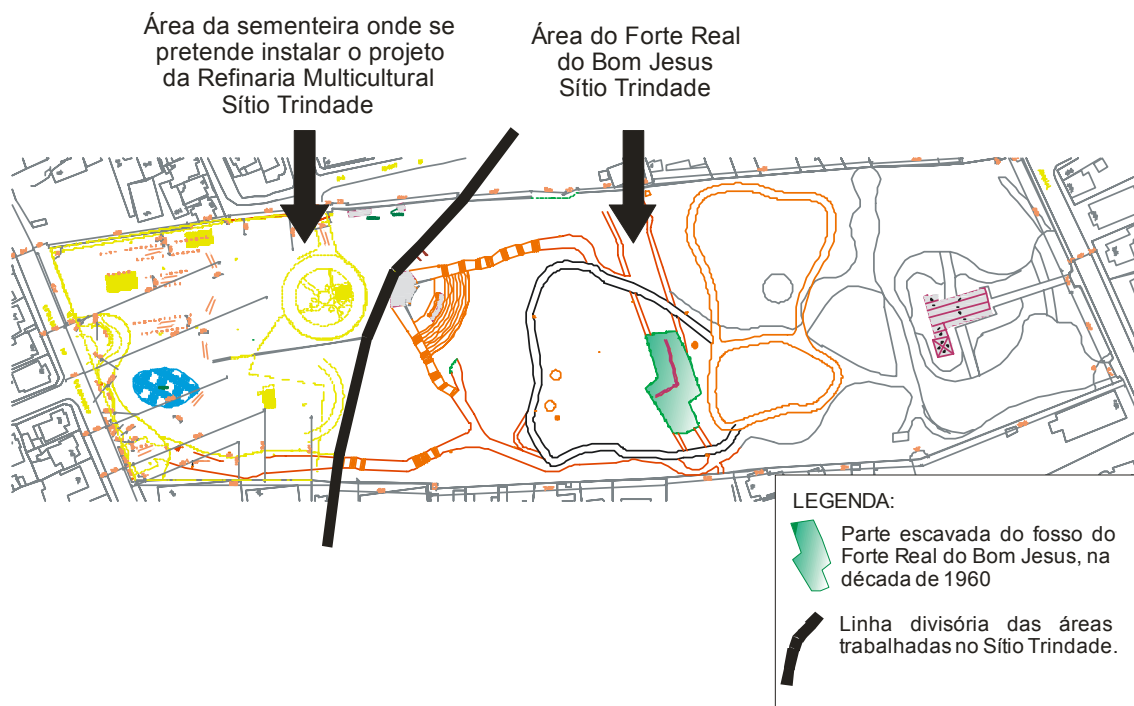


Ilustração 1 – Planta do Sítio Trindade com indicação das áreas trabalhadas na Pesquisa Arqueológica. Fonte: Prefeitura do Recife.

A pesquisa arqueológica de campo foi realizada entre os dias 09 de março a 17 de junho de 2009. Neste período foram realizadas atividades de prospecção de superfície, sondagens e escavação arqueológica. Conforme consta no Termo de Referência (TR) o Banco de Dados com o diário de campo segue em anexo¹⁹.

A unidade móvel do Laboratório de arqueologia da UFPE foi instalada no local tendo em vista a manutenção de uma estrutura permanente de apoio às atividades de

¹⁸ Mapa planialtimétrico em anexo.

¹⁹ Diário de Campo, em anexo.

campo, de modo que, viabilizou uma retroalimentação Gabinete/Campo/Laboratório que permitiu maior segurança e agilidade no andamento da Pesquisa. A unidade é dotada de infra-estrutura necessária ao apoio de suas pesquisas de campo. Além de prover uma equipagem que permite realizar as análises básicas, o laboratório móvel está equipado com sistemas de comunicação (rádio, telefonia, Internet), bancos de dados e um sistema de apresentação de multimídia, contribuindo ainda para a realização das atividades de Educação Patrimonial.

As atividades de campo compreenderam inicialmente uma prospecção de superfície em toda área Sítio Trindade, principalmente na área onde a Prefeitura do Recife pretende instalar uma de suas Refinarias Multiculturais. Durante a prospecção de superfície foi detectada a presença de material arqueológico cuja abrangência cronológica se estende do século XVII até os dias atuais. Foram localizados na superfície fragmentos de faiança, faiança fina, objetos de ferro, além de restos de construção, dentre outros. Na área da sementeira a abrangência cronológica do material localizado à superfície se restringe aos séculos XX/ XXI.

Após a prospecção de superfície teve início a seqüência de sondagens na área para a qual a expectativa arqueológica apontava a possibilidade de presença de elementos do Forte Real do Bom Jesus. Os resultados das sondagens propiciaram uma expectativa arqueológica/estratigráfica, que balizaram as escavações subseqüentes.

Além da questão de uso (parque público / sementeira) a topografia da área se constituiu no elemento preponderante para a delimitação das áreas de pesquisa. A convergência dos dois fatores concorreu decisivamente para o estabelecimento de dois setores distintos para as pesquisas: a área do Forte Real do Bom Jesus, ocupando o topo do outeiro e o início da encosta, e a área de topografia plana (ou aplanada), hoje ocupada pela sementeira onde se pretende implantar a Refinaria Multicultural do Sítio Trindade.

Forte Real do Bom Jesus – Sítio Trindade

Por se tratar de uma estrutura defensiva em terra, construído às pressas, em tempos de guerra, a expectativa quanto à construção do Forte Real do Bom Jesus aponta para uma obra menos elaborada em termos de requintes construtivos, mas uma obra sólida, já que resistiu por pelo menos 3 meses a um pesado cerco imposto pelos holandeses.

Do ponto de vista documental, a planta atribuída ao engenheiro português Cristóvão Álvares, encontrada nos arquivos de Haia, bem pode representar um croqui a servir de base para a construção de um forte naquela emergência, ou mesmo um croqui da situação do forte, já em 1635. É certo, no entanto, que a obra não se fez, de imediato, na íntegra. Uma obra que começou com apenas uns poucos homens e que ao fim, veio a abrigar um grande número de famílias da região.

A iconografia coeva mostra que a área onde se instalou o forte, apesar de incrustada em meio às terras de engenhos, à época (1635 ou mais) não era ocupada com o plantio de cana. Em se considerando uma aproximação com distribuição das casas, o porte e a densidade das árvores representadas, possivelmente aquela não seria uma área de plantio de cana abandonado, destruído pela guerra; antes sugere se tratar de um enclave onde se concentravam alguns sítios.

O traçado irregular do forte sugere que buscava se adequar à conformação natural do terreno, no que atende aos ditames da engenharia militar de então, e mesmo mais tardia. Por outro lado, a falta de detalhe de medidas, é mais um indício de que se trata de uma aproximação do traçado do que efetivamente de uma planta a ser seguida. Tampouco mostra o perfil das estruturas de defesa, o que, em muito contribuiria para um melhor entendimento da dimensão da obra.

Nesta campanha a pesquisa arqueológica pretende localizar os limites do Forte Real do Bom Jesus no sentido SW, em direção a atual Estrada do Encanamento, do fosso localizado em campanhas anteriores pelo Laboratório de Arqueologia. A simbologia utilizada na planta, no entanto, em confronto com descrições textuais holandesas permitiram uma aproximação preliminar na avaliação das defesas. A pesquisa arqueológica realizada, quando foi localizado o fosso, pode definitivamente reconstituir as dimensões das defesas construídas, avaliar o esforço despendido.

Por outro lado, considerando-se a irregularidade do traçado e que existe apenas uma aproximação entre as formas em planta com aquela resgatada arqueologicamente, não se pode atribuir uma correspondência tal que remita reconstituir-se no terreno a disposição do forte, apenas com base no traçado da planta. Nem mesmo, ou melhor, principalmente, tomando-se por base o trecho descoberto. De fato, apenas uma ampla pesquisa arqueológica, uma escavação no terreno, permitirá resgatar-se o conjunto das obras externas de defesa do Forte Real do Bom Jesus.

Se não é possível aplicar-se sobre o terreno uma reconstituição gráfica exata, do ponto de vista gráfico é possível estabelecer-se uma aproximação dos limites do forte através de uma avaliação da topografia local atual com base em estudos de área feitos a partir das plantas existentes e do fosso localizado. Segundo o padrão de implantação de uma unidade defensiva da época, o fosso provavelmente não ultrapassaria a parte elevada do outeiro. Embora em se tratando de um fosso seco, possivelmente seu traçado deveria buscar manter uma cota aproximada.

Evidentemente, além do fosso poderia haver outras construções, fossem defesas externas, ou mesmo alguma estrutura de apoio, como um cercado, por exemplo. É quase certo que na parte baixa, contígua ao fosso, não haveria casas ou estruturas fechadas que pudessem dar abrigo ao inimigo durante um ataque.

Considerando uma estratégia para alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, o ponto de partida estabelecido foi a busca por estabelecer-se os limites da área fortificada, na face voltada para a área da Sementeira. Para tanto a localização da superfície de ocupação da época e dos limites físicos registrados pelo contexto arqueológico.

O resgate do contexto arqueológico, considerando-se que a obra fora erguida em terra, remete a uma busca através da estratigrafia. Assim, a identificação as origens das camadas, se natural, se antrópica, constitui-se em um indicador de grande significância para o resultado da pesquisa.

Prospecção de superfície.

A primeira etapa do trabalho de campo correspondeu a uma prospecção de superfície, sistemática, que abrangeu toda a área do parque. Os resultados obtidos, entretanto, revelaram uma distribuição se não homogênea, difusa, onde se misturavam elementos dos séculos XVII, XVIII, XIX, XX e mesmo atuais. Contínuas interferências subsuperficiais, erosão natural, obras realizadas na área, sobretudo durante a segunda metade do século XX, propiciaram um quadro caótico que se afigura à superfície. Por outro lado, pesquisas arqueológicas anteriores mostraram que a superfície de ocupação seiscentista, atualmente se mostra em profundidades variáveis, desde a superfície atual a uma profundidade de cerca de 1,2m.

Deste modo, a distribuição do material arqueológico ou recente, na superfície, dissociado de um estudo em profundidade no local, é inócuo, do ponto de vista desta pesquisa.

Sondagens

Como foi referido na Metodologia, foram realizadas sondagens por tradagem manual e ainda por tradagem mecânica, no intuito de avaliar-se a estratigrafia em diversos pontos do terreno. Buscou-se deste modo identificar possíveis indicadores que revelassem a antiga estrutura do fosso que circundava o Forte, possibilitando deste modo, delimitar sua área de abrangência.

As sondagens iniciais, e que atingiram maior profundidade, foram realizadas pela ENSOLO - Engenharia e Consultoria de Solos e Fundações Ltda., empresa especializada no ramo e que já realizara outros estudos estruturais na área.

Como foi comentado anteriormente, as sondagens realizadas visaram a localização em profundidade, de áreas com interferência antrópica, que pudessem sugerir a presença do fosso que circundava o Forte.

O reconhecimento da presença de áreas, com interferência antrópica, em profundidade, serviriam ainda de alerta para áreas com potencial arqueológico, a serem priorizadas em futuras intervenções arqueológicas.



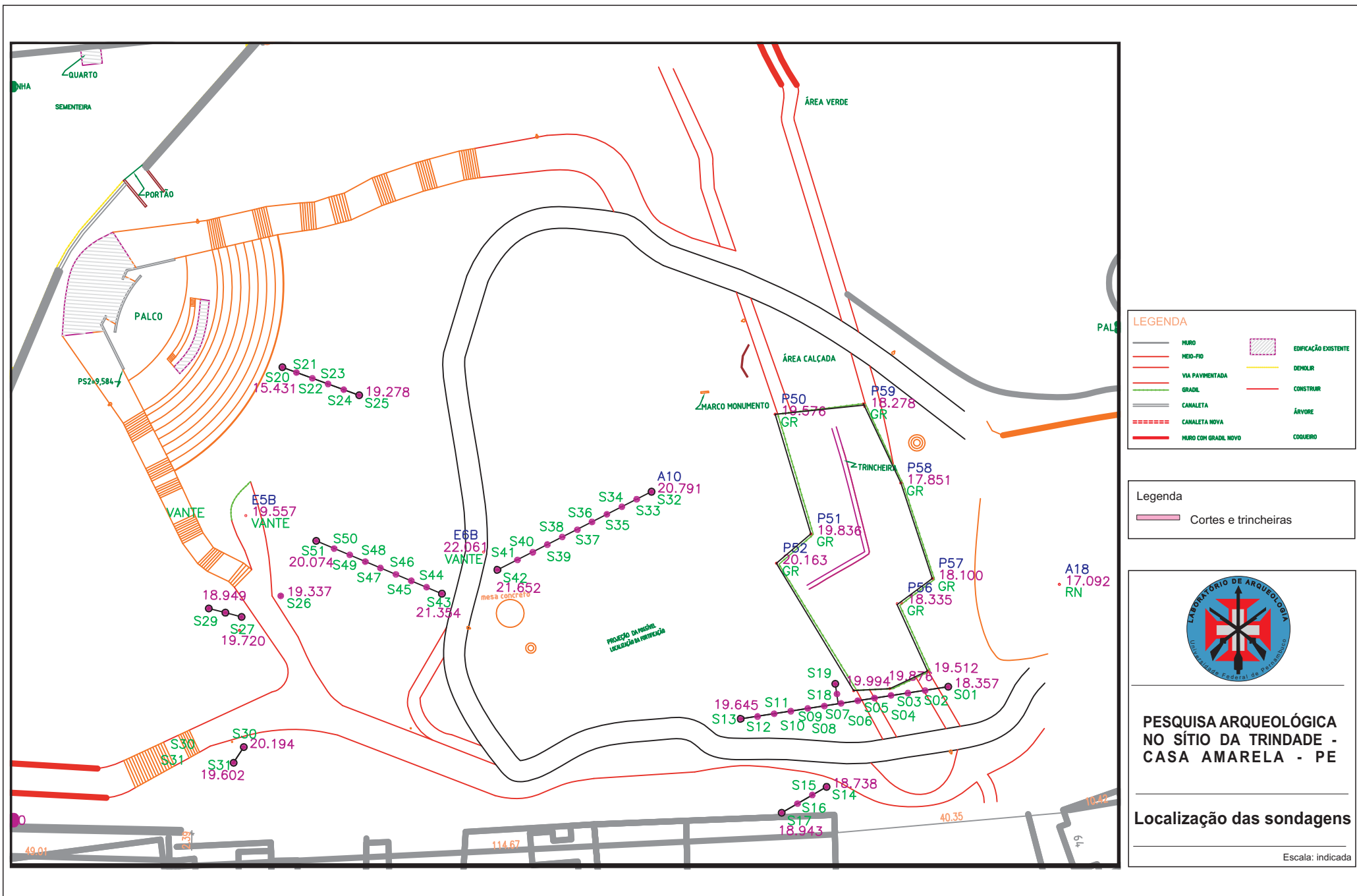
Ilustração 2 - Equipamento utilizado para a realização de sondagem.



Ilustração 3 - amostra coletada.

As sondagens chegaram a atingir 4m de profundidade sendo finalizadas em área de terreno local, isto é, sem intervenções antrópicas, área fruto da formação geológica do período terciário.

Foram realizadas 51 sondagens deste tipo, na área do Sítio Trindade, no período de 09 a 27 de março de 2009. As sondagens proporcionaram uma visualização de como se comporta a estratigrafia do local em diferentes áreas além de permitir a visualização de intervenções antrópicas em determinadas áreas. Este estudo deu suporte para a escolha do local para o início das escavações arqueológicas.



Escavações

A avaliação do potencial arqueológico se fez, em gabinete, quando se buscou ainda coligir dados textuais e iconográficos, decorrentes tanto da documentação histórica quanto arqueológica.

Com base nos resultados obtidos através das sondagens, duas áreas foram selecionadas:

A primeira área selecionada foi aquela contígua ao trecho já escavado do fosso, na face voltada para a Rua Ferreira Lopes; esta escolha visou a identificação da tendência de prosseguimento da estrutura do fosso, de modo a propiciar informações para futuras intervenções arqueológicas na área.

A segunda área foi aquela que se situa entre o outeiro e a escarpa onde foi construído em meados do século XX, o anfiteatro. Ali, dois foram os objetivos buscados: a busca de informações acerca do limite do forte em sua face voltada para o rio; e a origem e efeitos da escarpa, naquele trecho.

Com base em tais premissas foram demarcados cortes e trincheiras a serem escavados, de modo a confrontar os resultados obtidos com as sondagens.

No conjunto, na área de topo/encosta onde, no século XVII, existiu o Forte Real do Bom Jesus, foram abertas 15 trincheiras.

Durante a escavação foram identificadas no trecho, as seguintes camadas:

Camada	Descrição
C 01	Camada superficial, areno-argilosa, com concentração de matéria orgânica; presença de fragmentos de telha.
C 02	Camada argilosa com manchas esparsas com concentração de matéria orgânica.
C 03	Camada argilosa sem incorporação de matéria orgânica, terreno local pré-quaternário
C 04	Camada areno-argilosa com concentração de matéria orgânica; presença de material arqueológico. Trata-se do material proveniente de marcas de estacas ou buracos preenchidos com material da camada 01.
C 05	Camada areno-argilosa com incorporação de matéria orgânica, com forte incidência de fragmentos de telha e brita.
C 06	Camada com incorporação de matéria orgânica, que se segue à camada de telha e brita. Prato de faiança da 1º metade do séc. XVIII, 01 botão e 02 projéteis: 01 inteiro e 01 amassado. Camada caracterizada por forte incidência de fragmentos de telhas (1.864 fragmentos)

Camada	Descrição
C 07	Material de preenchimento de uma cava no terreno (interferência antrópica). É constituído por material areno-argiloso com forte concentração de matéria orgânica; localização restrita ao perfil SE do corte 16-17.
C 08	Paleossolo que surge no perfil NW do corte 16-17 e se estende na T-01 até o corte 18-19. No perfil SE o paleossolo surge no corte 17-18 da T-01. Foi identificado ainda na T-15.
C 09	Camada argilosa com incorporação esparsa de matéria orgânica que se mostra a partir do perfil NW do corte 16-17 da T-01. Corresponde a um aterro, que lacrou a camada 08.
C 10	Camada argilosa de aterro.
C 11	Camada com ostras, conchas bivalves, carvão, rica em material arqueológico.
C 12	Camada argilosa que limita o buraco de ostras. Devido ao seu preenchimento a camada com incorporação de matéria orgânica mascarou a camada.
C 13	Camada argilo-arenosa com forte concentração de matéria orgânica.
C 14	Entulho do fosso.
C 15	Aterro recente, superficial, de argila.
C 16	Aterro superficial, de areia, serviu de base para o assentamento do piso em tijolos usado para demarcar hipoteticamente o traçado do fosso.
C 17	Camada de argila, areia e metralha decorrente de pequenas <i>demolições</i> (séc. XX).
C 18	Camada de aterro (séc. XX) acima da camada que continha a urna indígena.
C 19	Camada de terreno local onde foi localizada a urna indígena.
C 20	Tijoleira

Durante a escavação foi coletado o material arqueológico localizado, que recebeu os seguintes números de registro:

PE 0016 LA/UFPE - Planilha de Registro					
Sítio	Registro	Setor	Trincheira	Corte	Camada
PE 0016 LA/UFPE	4750	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	Rolado Geral do Sítio	Rolado Geral do Sítio	Rolado Geral do Sítio
PE 0016 LA/UFPE	4751	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	01-02	1
PE 0016 LA/UFPE	4752	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	02-03	1
PE 0016 LA/UFPE	4753	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	03-04	1

PE 0016 LA/UFPE - Planilha de Registro					
Sítio	Registro	Setor	Trincheira	Corte	Camada
PE 0016 LA/UFPE	4754	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	04-05	1
PE 0016 LA/UFPE	4755	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	05-06	1
PE 0016 LA/UFPE	4756	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	06-07	1
PE 0016 LA/UFPE	4757	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	07-08	1
PE 0016 LA/UFPE	4758	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	08-09	1
PE 0016 LA/UFPE	4759	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	09-10	1
PE 0016 LA/UFPE	4760	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	10-11	1
PE 0016 LA/UFPE	4761	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	04-05	2
PE 0016 LA/UFPE	4762	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	05-06	2
PE 0016 LA/UFPE	4763	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	06-07	2
PE 0016 LA/UFPE	4764	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	11-12	1
PE 0016 LA/UFPE	4765	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	12-13	1
PE 0016 LA/UFPE	4766	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	13-14	1
PE 0016 LA/UFPE	4767	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	14-15	1
PE 0016 LA/UFPE	4768	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	15-16	1
PE 0016 LA/UFPE	4769	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	16-17	1
PE 0016 LA/UFPE	4770	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	17-18	1

PE 0016 LA/UFPE - Planilha de Registro					
Sítio	Registro	Setor	Trincheira	Corte	Camada
PE 0016 LA/UFPE	4771	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	18-19	1
PE 0016 LA/UFPE	4772	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	18-19	1
PE 0016 LA/UFPE	4773	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	18-19	5 e 9
PE 0016 LA/UFPE	4774	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	17-18	5
PE 0016 LA/UFPE	4775	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	18-19	8
PE 0016 LA/UFPE	4776	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	17-18	8
PE 0016 LA/UFPE	4777	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	18-19	8
PE 0016 LA/UFPE	4778	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	11-12	4
PE 0016 LA/UFPE	4779	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	16-17	5 e 6
PE 0016 LA/UFPE	4780	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	12-13	2
PE 0016 LA/UFPE	4781	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-02	04-05	1
PE 0016 LA/UFPE	4782	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	16-17	2
PE 0016 LA/UFPE	4783	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	16-17	8
PE 0016 LA/UFPE	4784	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	16-17	7
PE 0016 LA/UFPE	4785	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-02	04-05	11
PE 0016 LA/UFPE	4786	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-03	17-18	1
PE 0016 LA/UFPE	4787	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-02	04-05	12

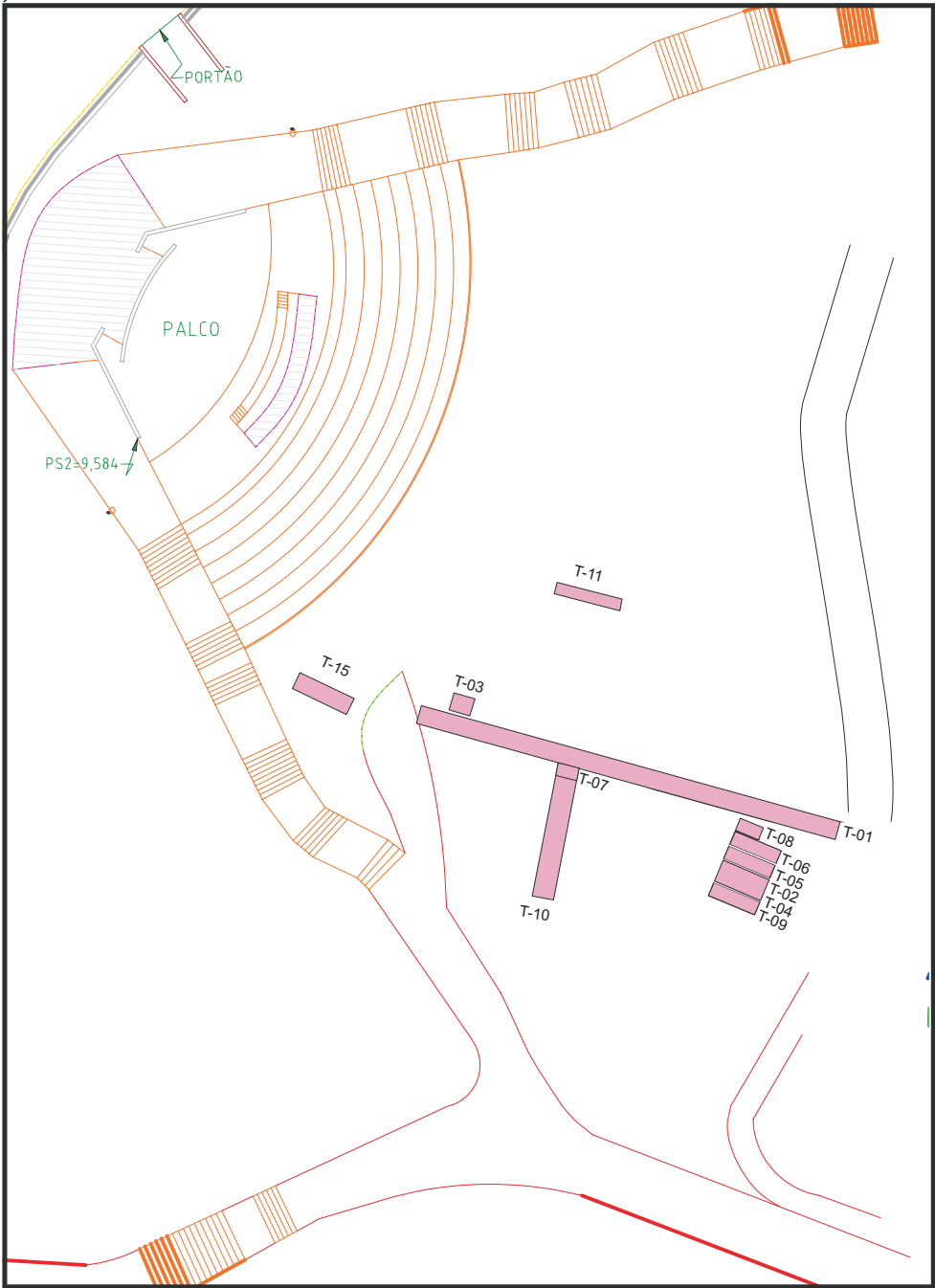
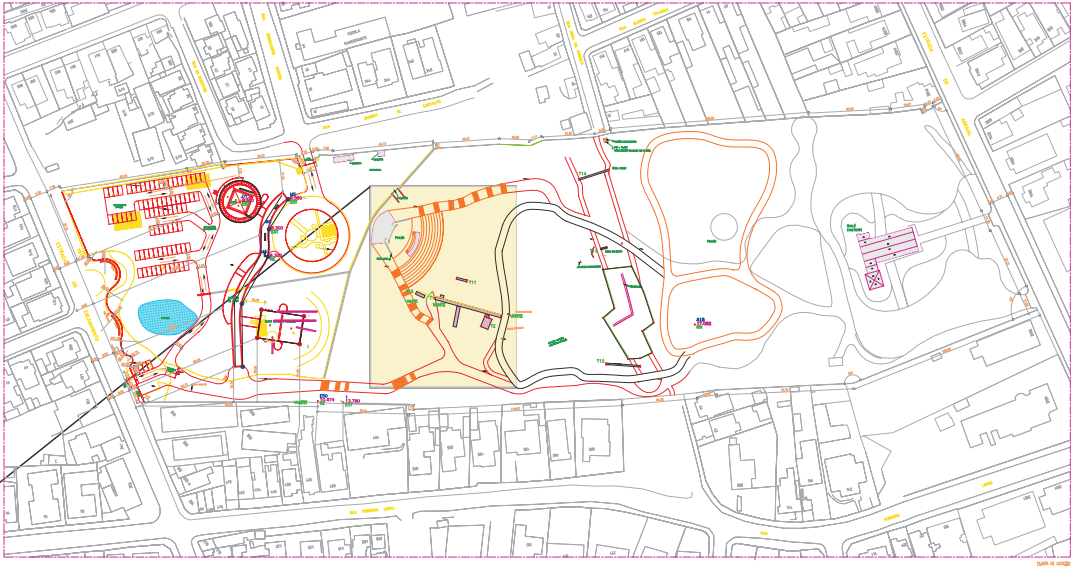
PE 0016 LA/UFPE - Planilha de Registro					
Sítio	Registro	Setor	Trincheira	Corte	Camada
PE 0016 LA/UFPE	4788	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-03	17-18	8
PE 0016 LA/UFPE	4789	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-03	17-18	8
PE 0016 LA/UFPE	4790	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-04	04-05	1
PE 0016 LA/UFPE	4791	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-04	04-05	11
PE 0016 LA/UFPE	4792	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-04	03-04	1
PE 0016 LA/UFPE	4793	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-02	03-04	1
PE 0016 LA/UFPE	4794	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-04	03-04	11
PE 0016 LA/UFPE	4795	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-04	03-04	12
PE 0016 LA/UFPE	4796	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-02	03-04	2
PE 0016 LA/UFPE	4797	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-02	03-04	11
PE 0016 LA/UFPE	4798	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-05	04-05	1
PE 0016 LA/UFPE	4799	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-05	03-04	1
PE 0016 LA/UFPE	4800	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-05	04-05	13
PE 0016 LA/UFPE	4801	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-05	03-04	13
PE 0016 LA/UFPE	4802	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-07	04-05	1
PE 0016 LA/UFPE	4803	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-06	04-05	1

PE 0016 LA/UFPE - Planilha de Registro					
Sítio	Registro	Setor	Trincheira	Corte	Camada
PE 0016 LA/UFPE	4804	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-06	04-05	13
PE 0016 LA/UFPE	4805	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-06	04-05	13
PE 0016 LA/UFPE	4806	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-07	04-05	2
PE 0016 LA/UFPE	4807	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-06	04-05	13
PE 0016 LA/UFPE	4808	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-06	03-04	1
PE 0016 LA/UFPE	4809	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-06	03-04	13
PE 0016 LA/UFPE	4810	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-06	03-04	13
PE 0016 LA/UFPE	4811	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-06	03-04	13
PE 0016 LA/UFPE	4812	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-06	03-04	13
PE 0016 LA/UFPE	4813	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-08	04-05	1
PE 0016 LA/UFPE	4814	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-08	04-05	13
PE 0016 LA/UFPE	4815	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	17-18 e 18-19	Rolado do corte 17-18 e 18-19
PE 0016 LA/UFPE	4816	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	15-16	Rolado do corte
PE 0016 LA/UFPE	4817	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-08	04-05	13
PE 0016 LA/UFPE	4818	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-08	04-05	13
PE 0016 LA/UFPE	4819	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-09	04-05	Rolado do corte

PE 0016 LA/UFPE - Planilha de Registro					
Sítio	Registro	Setor	Trincheira	Corte	Camada
PE 0016 LA/UFPE	4820	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-09	04-05	1
PE 0016 LA/UFPE	4821	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-09	04-05	11
PE 0016 LA/UFPE	4822	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-09	04-05	11
PE 0016 LA/UFPE	4823	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-09	03-04	Rolado do corte
PE 0016 LA/UFPE	4824	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	16-17	7
PE 0016 LA/UFPE	4825	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-08	04-05	13
PE 0016 LA/UFPE	4826	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	16-17	Rolado do corte
PE 0016 LA/UFPE	4827	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-08	04-05	13
PE 0016 LA/UFPE	4828	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-08	04-05	13
PE 0016 LA/UFPE	4829	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-08	04-05	13
PE 0016 LA/UFPE	4830	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	03-04	Rolado do corte
PE 0016 LA/UFPE	4831	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	01-02	Rolado do corte
PE 0016 LA/UFPE	4832	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	02-03	Rolado do corte
PE 0016 LA/UFPE	4833	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	08-09	Rolado do corte
PE 0016 LA/UFPE	4834	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-01	12-13	Rolado do corte
PE 0016 LA/UFPE	4835	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-09	03-04	1
PE 0016 LA/UFPE	4836	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-05	04-05	Rolado do corte

PE 0016 LA/UFPE - Planilha de Registro					
Sítio	Registro	Setor	Trincheira	Corte	Camada
PE 0016 LA/UFPE	4837	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-09	03-04	11
PE 0016 LA/UFPE	4838	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-06	04-05	Rolado do corte
PE 0016 LA/UFPE	4839	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-08	04-05	13
PE 0016 LA/UFPE	4840	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-10		Rolado da T-10
PE 0016 LA/UFPE	4841	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-11		Rolado da T-11
PE 0016 LA/UFPE	4842	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-12		Rolado da T-12
PE 0016 LA/UFPE	4843	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-15		1 e 5
PE 0016 LA/UFPE	4844	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-15		10
PE 0016 LA/UFPE	4845	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-15		9
PE 0016 LA/UFPE	4846	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-14	04-05	19
PE 0016 LA/UFPE	4847	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-14	04-05	Rolado da C-01
PE 0016 LA/UFPE	4848	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	Rolado Fosso		
PE 0016 LA/UFPE	4849	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-02 e T-04		Rolado da T-02 e T-04
PE 0016 LA/UFPE	4850	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-05	03-04	Rolado da T-05
PE 0016 LA/UFPE	4851	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-06	04-05	Rolado da T-06
PE 0016 LA/UFPE	4852	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-02 e T-04		11
PE 0016 LA/UFPE	4853	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-02	03-04	11

PE 0016 LA/UFPE - Planilha de Registro					
Sítio	Registro	Setor	Trincheira	Corte	Camada
PE 0016 LA/UFPE	4854	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-02	03-04	11
PE 0016 LA/UFPE	4855	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-02	03-04	11
PE 0016 LA/UFPE	4856	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-04	03-04	11
PE 0016 LA/UFPE	4857	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-04	04-05	11
PE 0016 LA/UFPE	4858	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-09	03-04	11
PE 0016 LA/UFPE	4859	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-09	04-05	11
PE 0016 LA/UFPE	4890	Sítio Trindade - Forte Real do Bom Jesus	T-02, T-04 e T-09		11



LEGENDA

	MURO		EDIFICAÇÃO EXISTENTE
	MURO-FIXO		DEPOLAR
	VIA PAVIMENTADA		CONSTRUIR
	GRADIL		ÁRVORE
	CANALETA		COQUEIRO
	CANALETA NOVA		
	MURO COM GRADIL NOVO		

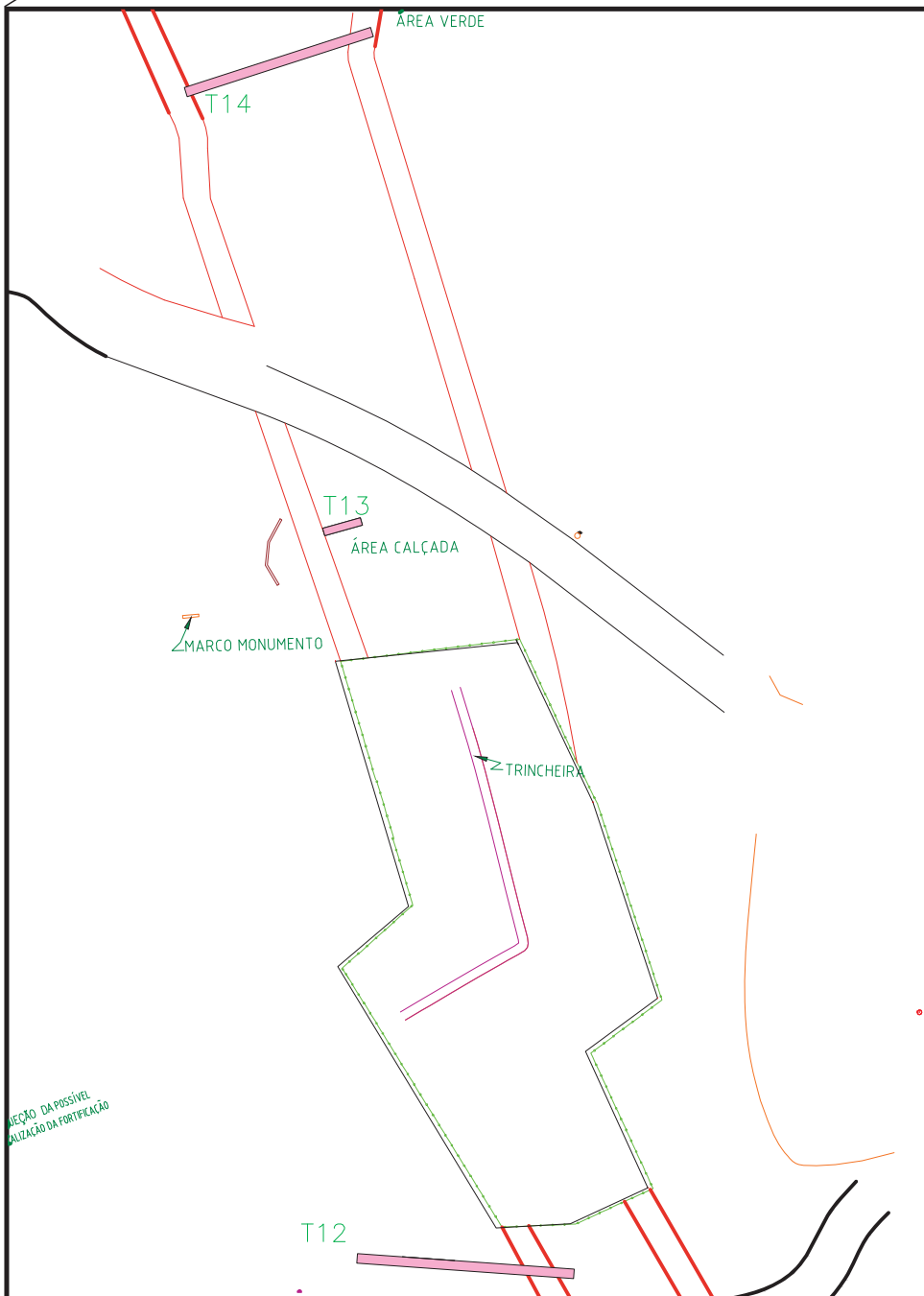
Legenda

	Cortes e trincheiras
--	----------------------

**PESQUISA ARQUEOLÓGICA
NO SÍTIO DA TRINDADE
CASA AMARELA - PE**

Prospecção de subsuperfície na área de topo e encosta do Sítio da Trindade - 1/2

Escala: indicada



LEGENDA

—	MURO	▨	EDIFICAÇÃO EXISTENTE
—	MURO-FIO	—	DEMOLIR
—	VIA PAVIMENTADA	—	CONSTRUIR
—	GRADIL	—	ÁRVORE
—	CANALETA	—	COQUEIRO
—	CANALETA NOVA		
—	MURO COM GRADIL NOVO		

Legenda

▨	Cortes e trincheiras
---	----------------------

LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA
Universidade Federal de Pernambuco

**PESQUISA ARQUEOLÓGICA
NO SÍTIO DA TRINDADE -
CASA AMARELA - PE**

Prospecção de subsuperfície na área de topo e encosta do Sítio da Trindade - 2/2

Escala: indicada

Trincheiras 01, 03, 07 e 15:

A primeira trincheira, T-01, foi projetada naquela segunda área, tendo início logo após a pista de Cooper. A trincheira foi escavada no sentido NE – SW, tendo se estendido até o mirante existente nas proximidades do anfiteatro.

Com uma extensão de 36m, e uma largura de 1,5m, a trincheira 01 foi subdividida em 18 cortes para um melhor controle da escavação. O local foi escolhido devido aos resultados das sondagens S43 a S51, nas quais os perfis apresentavam evidências de interferência antrópica, em profundidade.

A localização da trincheira é ainda compatível com cota da superfície do terreno na área do fosso localizado e escavado nas campanhas anteriores, que corresponde aos 18m de altitude em relação ao nível do mar. A escavação desta trincheira buscava localizar eventuais vestígios da continuidade do fosso ou dos limites da fortificação de terra naquela face do terreno.

A escavação foi iniciada por níveis artificiais, a cada 20 cm de profundidade, de modo a fornecer uma primeira visão das camadas do terreno. A partir de então a escavação foi realizada por camadas.

Durante a escavação da camada 01 foi observada a presença de algumas interferências ('buracos' preenchidos, contendo material arqueológico) ao longo da trincheira. As interferências foram identificadas nos seguintes cortes:

Avaliando-se a posição de deposição dos fragmentos observou-se que se mostravam diferentes resultados. O material arqueológico dos cortes 3/4 e 4/5 estavam dispostos horizontalmente, como se o material tivesse sido descartado sobre uma superfície de ocupação. Já nos outros 'buracos' o material se encontrava distribuído de modo caótico, sugerindo uma deposição de permeio com outros elementos.

Ainda no corte 16/17, no perfil SE, foi localizado uma grande vala preenchida, que se pode associar ao período de ocupação do Forte. Por seu perfil e localização poderia se tratar de uma trincheira ou mesmo uma vala para escoamento da água. No corte 16/17 aquela vala atingiu aproximadamente 1,30m de profundidade da superfície atual. Nele foram encontrados fragmentos de cerâmica utilitária, faiança.

Durante a escavação da camada 02 foi observada a presença de uma vala cuja disposição no terreno a colocava formando um ângulo em relação à trincheira escavada por nós.

Face sua disposição transversal em relação à trincheira, sua conformação pode ser observada no perfil NW (e) dos cortes 6/7 e 7/8, e no perfil NW (l) dos cortes 7/8 e 8/9.

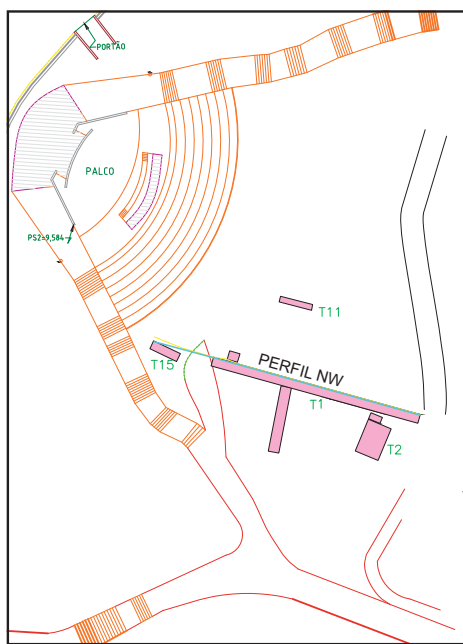
Na camada 03 foi localizada uma camada com seixos rolados, o que sugere a presença de um paleoleito de rio que ali teria existido no período Terciário. Porém nos cortes 14/15 e entre os cortes 15/16 e 16/17 foram localizadas descontinuidades na linha de seixos. Durante a escavação e peneiramento dessa camada não foi localizado qualquer material arqueológico ou outro elemento que denotasse interferência antrópica.

A trincheira 07 apresentou as camadas 01, 02 e 03 e não revelou interferência antrópica abaixo da camada 02.

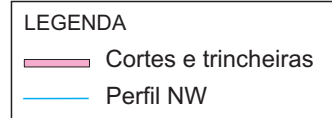
A trincheira 03 apresentou uma camada de aterro seguida de um paleossolo onde repousava um fragmento de prato de faiança portuguesa do século XVII.

Por fim, a trincheira 15 foi realizada em área de encosta no alinhamento da trincheira 01 e apresentou perfil semelhante ao do corte 18-19 da T-01.

Documentação da Trincheira 01



LOCALIZAÇÃO DAS TRINCHEIRAS 15 E 01



PESQUISA ARQUEOLÓGICA
NO SÍTIO DA TRINDADE -
CASA AMARELA - PE

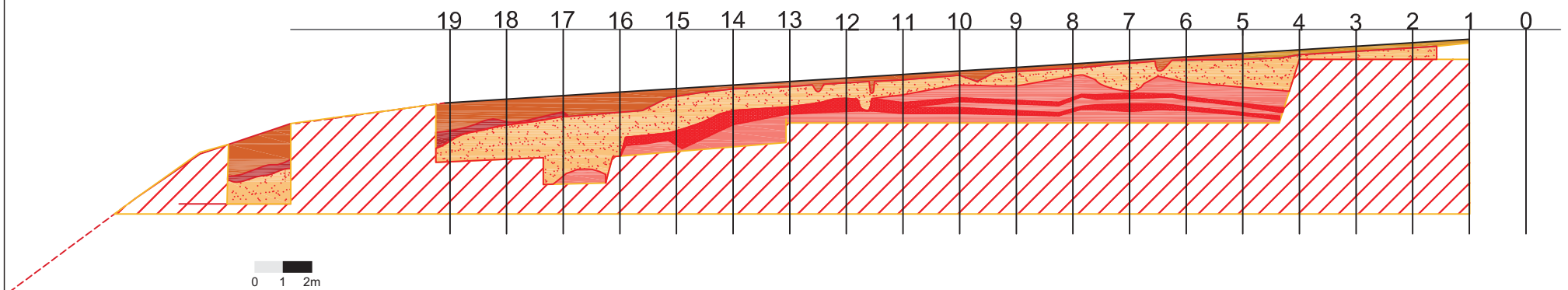
**Perfil NW das Trincheiras
15 e 01**

Escala: indicada

PERFIL NW

T15

T01



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 01-02



Orientação: SE

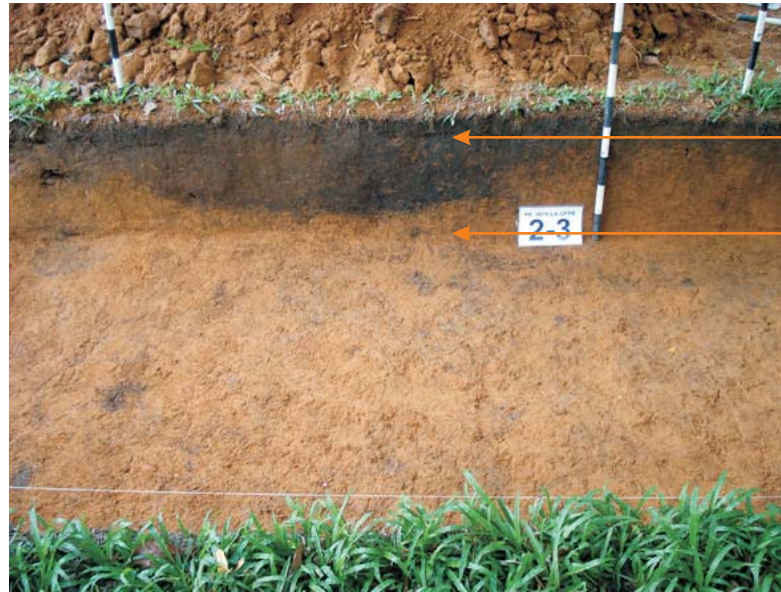
No corte 01-02 da trincheira 01 foi removida apenas a camada 01, superficial. Esta camada foi interferida durante a construção da pista de cooper asfaltada onde foram encontrados fragmentos de brita e asfalto. Para não comprometer a estrutura da pista, que limita o corte no sentido NE, não foi dado prosseguimento ao rebaixamento do corte.

Camada 01

Trincheira 01	
Corte 01-02	
Camada	Registro
1	4751
Rolado do corte	4831

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 02-03

Foto panorâmica: Orientação SE



Orientação: SE

→ Camada 01

→ Camada 02



Orientação: NW

→ Camada 01

→ Camada 02

Trincheira 01	
Corte 02-03	
Camada	Registro
1	4752
2	sem registro
Rolado do corte	4832

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 03-04

Foto panorâmica: Orientação SW



Orientação: SE

→ Camada 01

→ Camada 02



Orientação: NW

→ Camada 01

→ Camada 02

Trincheira 01

Corte 03-04

Camada	Registro
1	4753
2	sem registro
Rolado do corte	4830

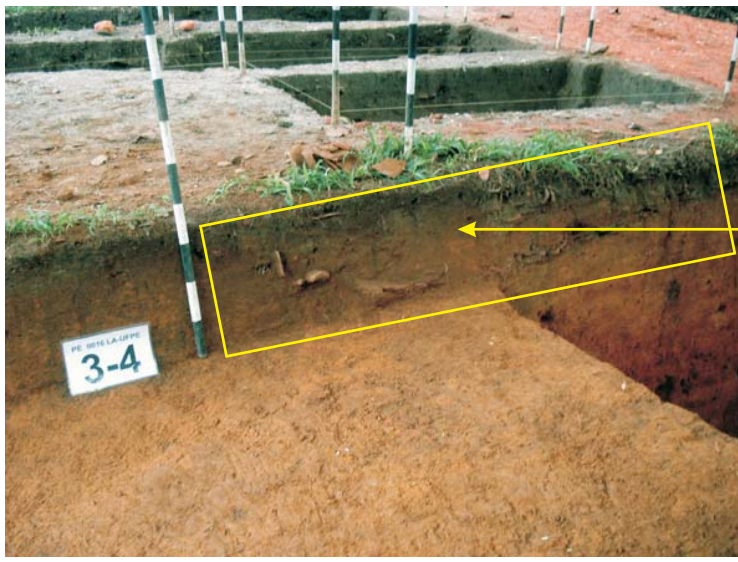
CONTEÚDO:

Interferência na camada 01

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 03-04 e 04-05

Foto panorâmica: Orientação S



Interferência preenchida com telhas.

Comentários:

Entre os cortes 03-04 e 04-05 pode-se perceber a existência de um buraco limitado por telhas. As telhas se encontram, em sua maioria, na posição horizontal.

Orientação: SE



Camada 01

Camada 02

Orientação: SE



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 04-05

Foto panorâmica: Orientação SW



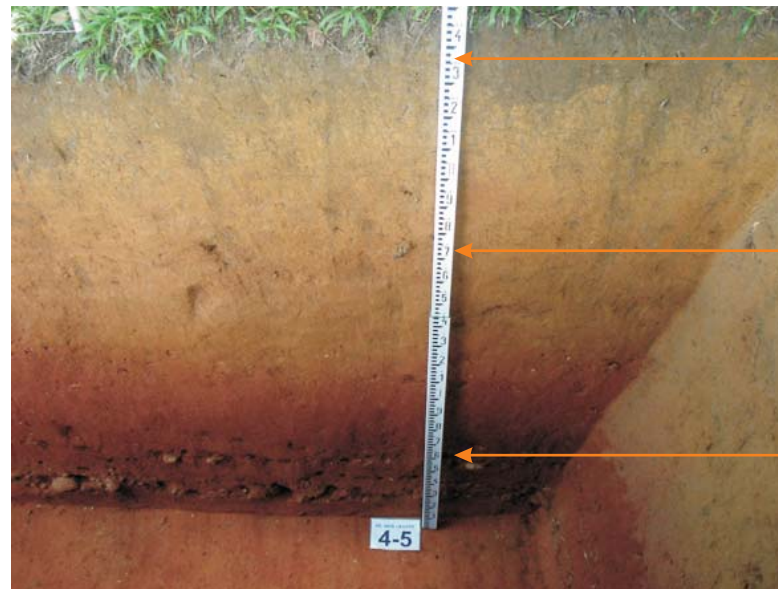
Orientação: SE

← Camada 01

← Camada 02

← Camada 03

4-5



Orientação: NW

← Camada 01

← Camada 02

← Camada 03

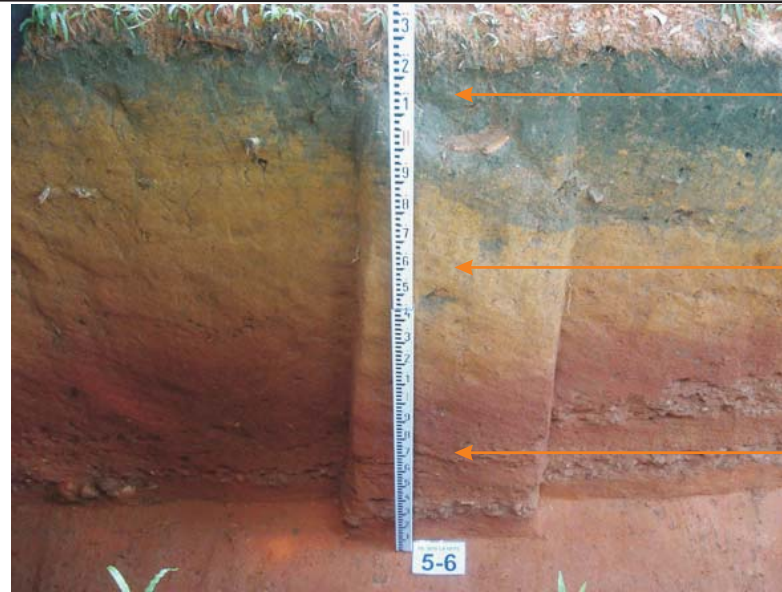
4-5

Trincheira 01	
Corte 04-05	
Camada	Registro
1	4754
2	4761
3	sem registro

Obs: O registro 4761 corresponde ao material arqueológico encontrado no início da camada 2 (mariscada), nos primeiros 30cm.

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 05-06

Foto panorâmica: Orientação W

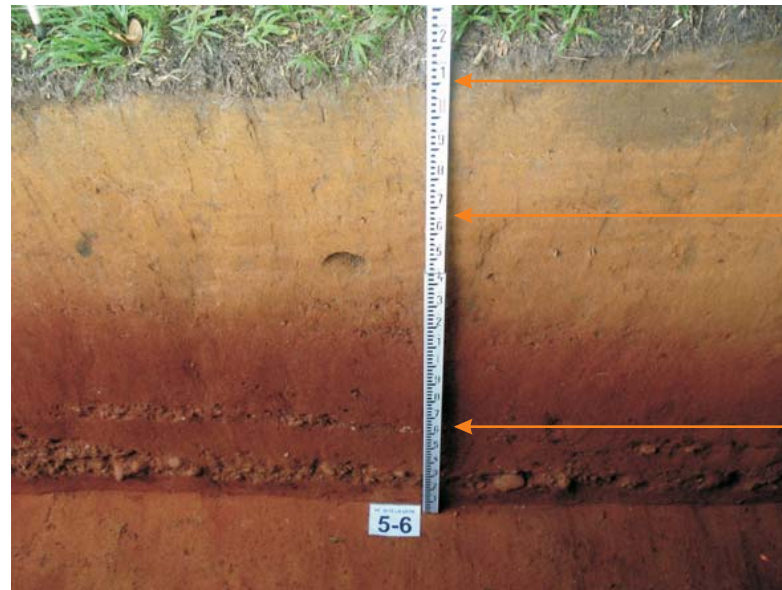


Orientação: SE

← Camada 01

← Camada 02

← Camada 03



Orientação: NW

← Camada 01

← Camada 02

← Camada 03

Trincheira 01	
Corte 05-06	
Camada	Registro
1	4755
2	4762
3	sem registro

Obs: O registro 4762 corresponde ao material arqueológico encontrado no início da camada 2 (mariscada), nos primeiros 30cm.

CONTEÚDO:

Interferência na camada 01

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 05-06 e 06-07

Foto panorâmica: Orientação SE



Buraco preenchido com material arqueológico.

Comentários:

Entre os cortes 05-06 e 06-07 pode-se perceber a existência de um buraco. Pode-se observar que o material arqueológico visto no perfil estava depositado de forma desordenada.

Orientação: SE

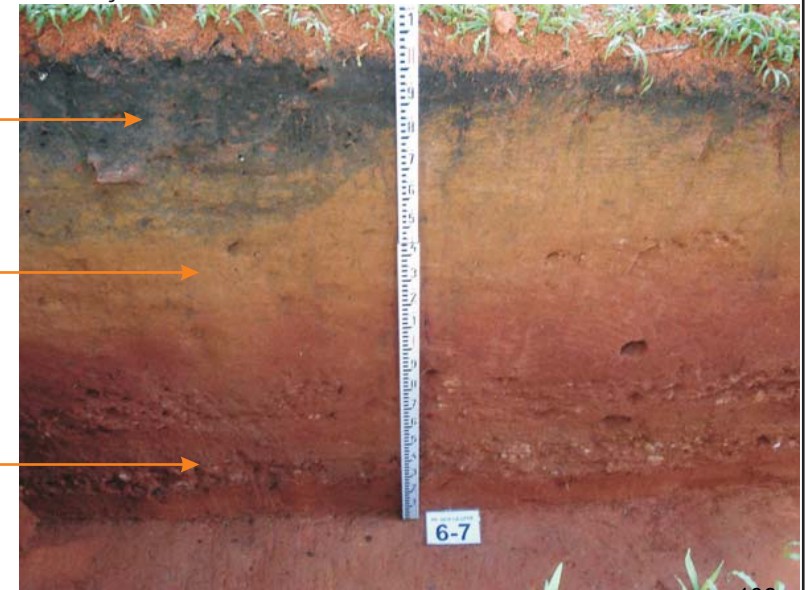


Camada 01

Camada 02

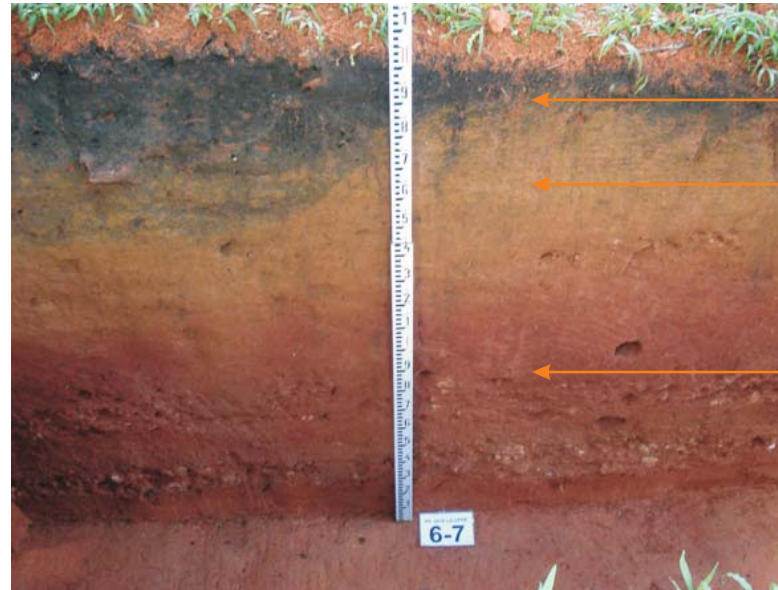
Camada 03

Orientação: SE



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 06-07

Foto panorâmica: Orientação W

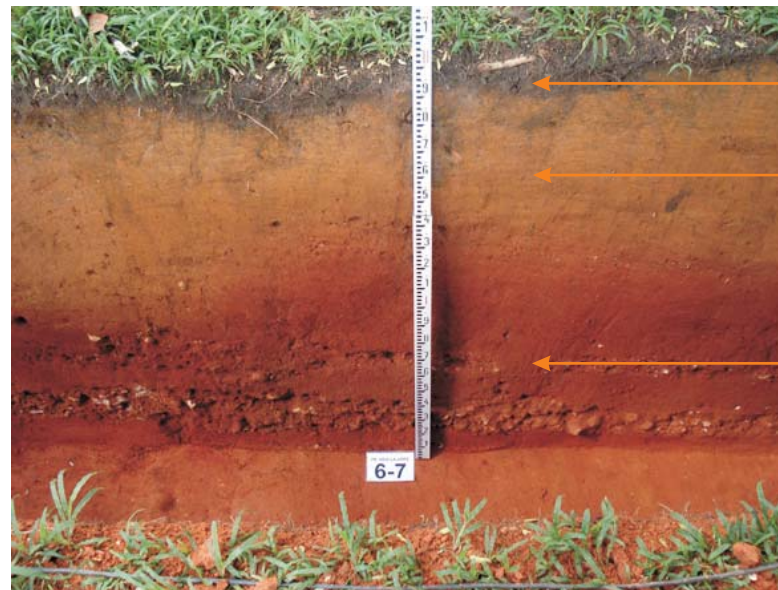


Orientação: SE

Camada 01

Camada 02

Camada 03



Orientação: NW

Camada 01

Camada 02

Camada 03

Trincheira 01	
Corte 06-07	
Camada	Registro
1	4756
2	4763
3	sem registro

Obs: O registro 4763 corresponde ao material arqueológico encontrado no início da camada 2 (mariscada), nos primeiros 30cm.

CONTEÚDO:

Marca de estaca

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 06-07

Orientação NW



← Marca de estaca.

Detalhe:



Comentários:

No perfil NW do corte 06-07 foi encontrado uma marca de estaca com 42cm de profundidade da superfície.

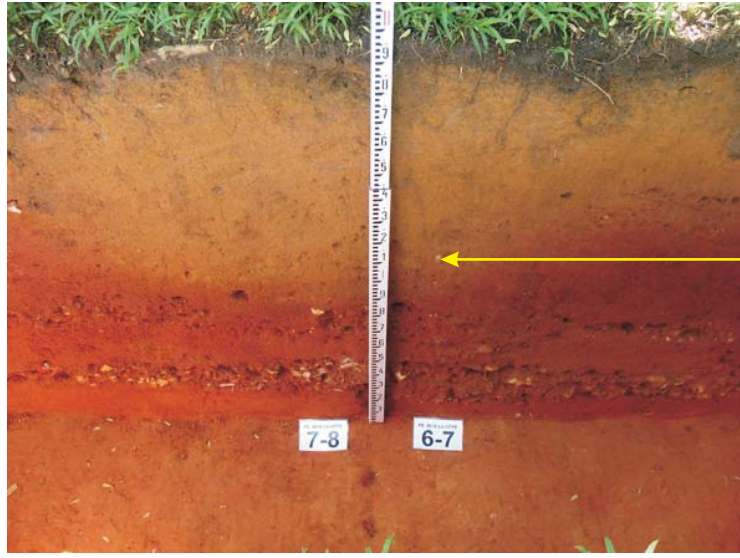
CONTEÚDO:

Buraco localizado na camada 02.

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 06-07 e 07-08

Foto panorâmica: Orientação NW

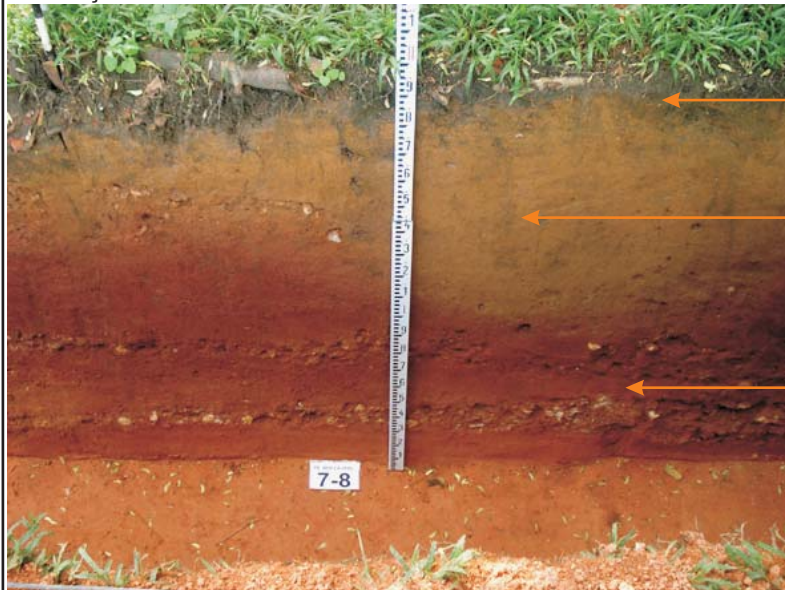


Rebaixamento da
camada 02.

Comentários:

Entre os cortes 06-07 e 07-08 percebe-se um rebaixamento da camada 02. Esta camada apresenta material arqueológico nos 30cm iniciais.

Orientação: NW

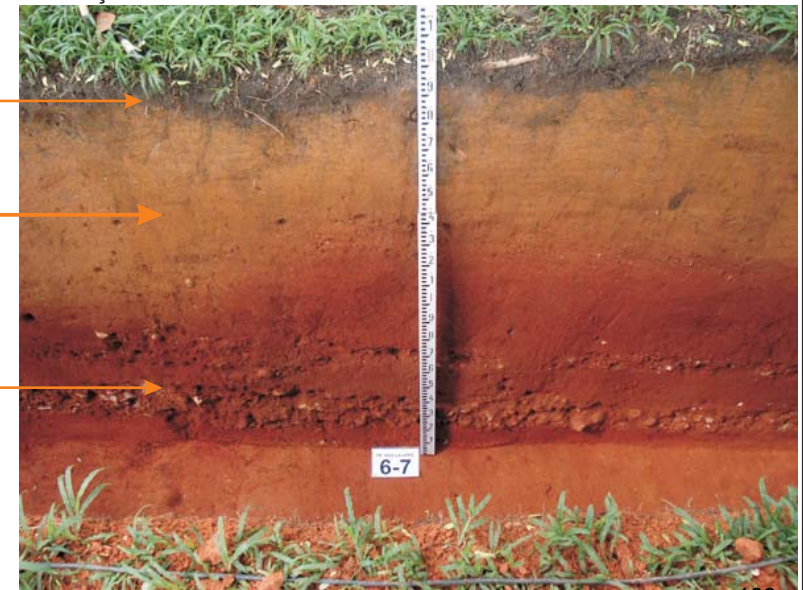


Camada 01

Camada 02

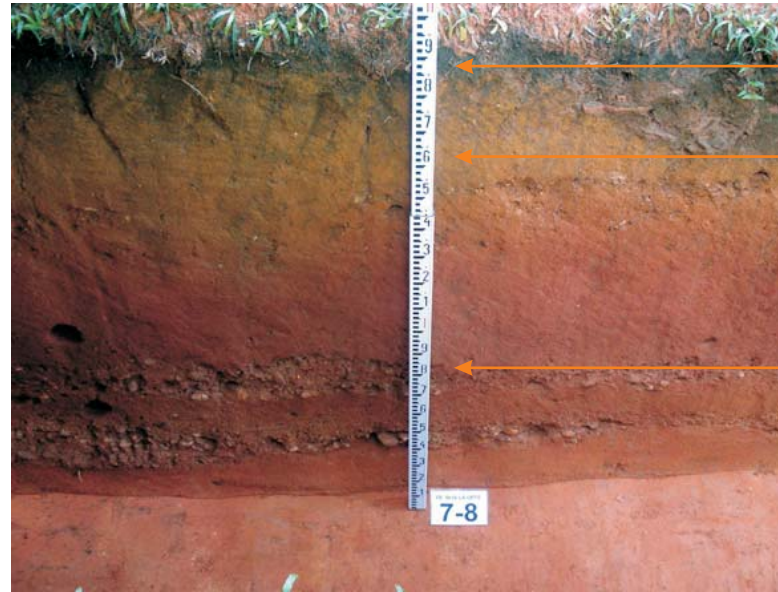
Camada 03

Orientação: NW



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 07-08

Foto panorâmica: Orientação W



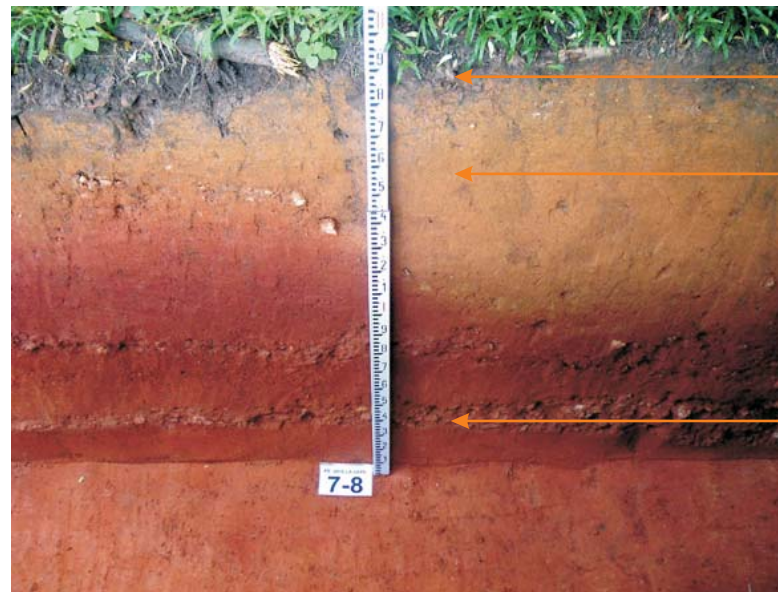
Orientação: SE

Camada 01

Camada 02

Camada 03

Trincheira 01	
Corte 07-08	
Camada	Registro
1	4757
2	sem registro
3	sem registro



Orientação: NW

Camada 01

Camada 02

Camada 03

CONTEÚDO: Concentração de material arqueológico entre os cortes 07-08 e 08-09 (camada 01) **TRINCHEIRA:** 01 **CORTE:** 07-08 e 08-09

Fotos: Orientação SE
Prof.: 10cm



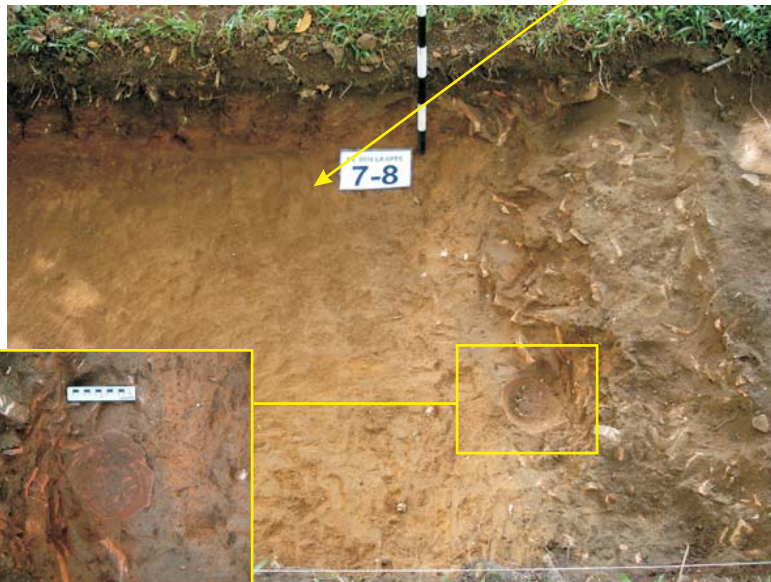
Prof.: 35cm



Nestes cortes foram localizados 4.948 fragmentos de telha manual.



Prof.: 35cm



Base de recipiente cerâmico encontrado durante o rebaixamento do corte 07-08. peça de ferro NI, 257 frag de cerâmica, , 1604 frg.

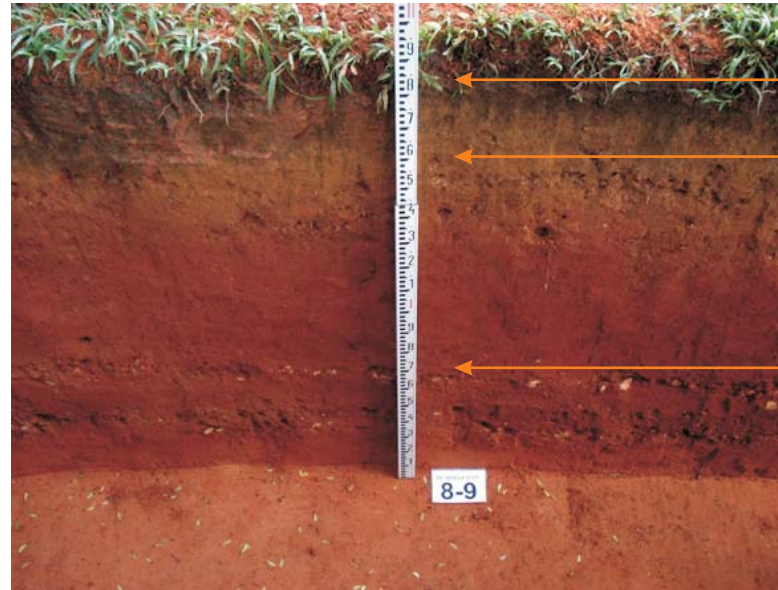
Prof.: 30cm



Borda de recipiente cerâmico, fragmento de um alguidar, e um copo fragmentado em porcelana oriental decorada em azul sobre branco sobre branco. Constituem exemplos do material localizado na camada 01 do corte 08-09.

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 08-09

Foto panorâmica: Orientação NE

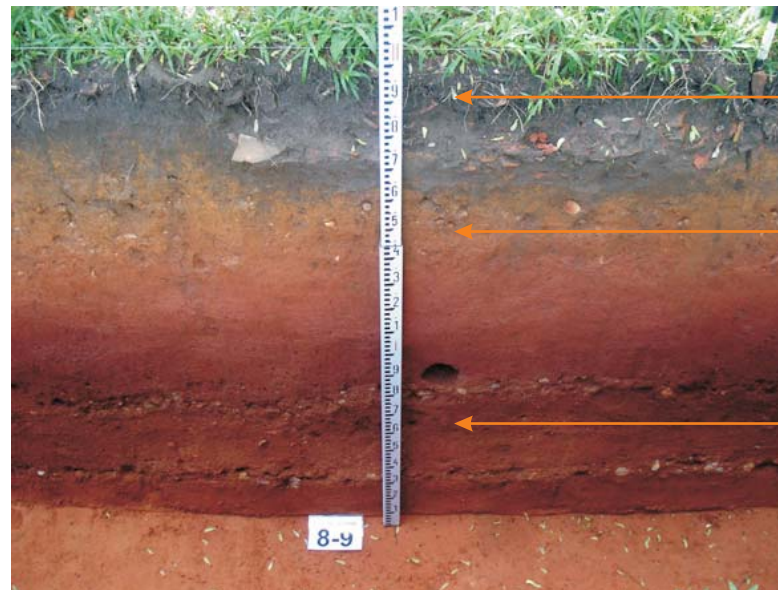


Orientação: SE

← Camada 01

← Camada 02

← Camada 03



Orientação: NW

← Camada 01

← Camada 02

← Camada 03

Trincheira 01	
Corte 08-09	
Camada	Registro
1	4758
2	sem registro
3	sem registro
Rolado do corte	4833

CONTEÚDO:

Manchas localizadas no corte 08-09.

TRINCHEIRA: 01

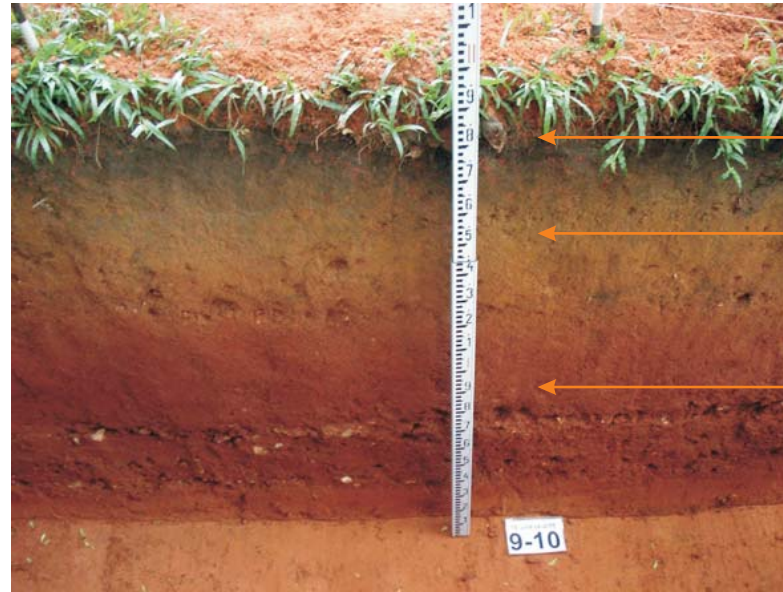
CORTE: 08-09

Orientação SE



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 09-10

Foto panorâmica: Orientação SW

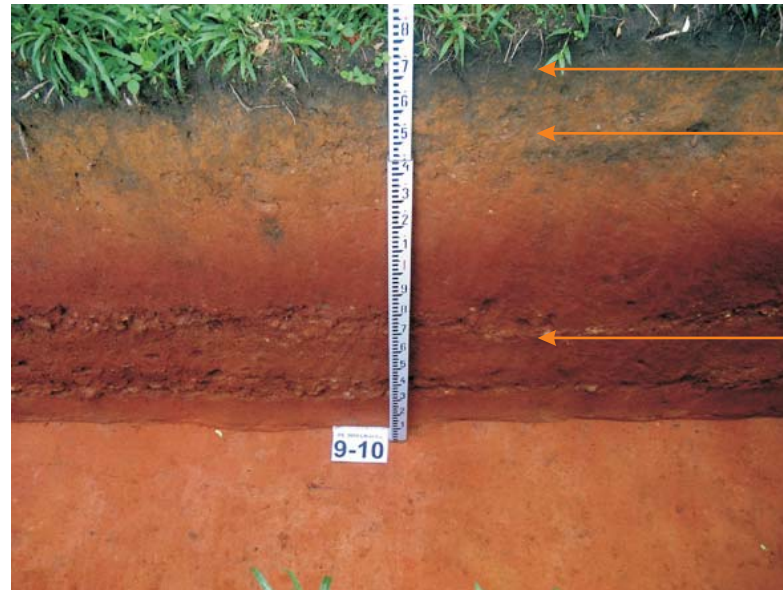


Orientação: SE

← Camada 01

← Camada 02

← Camada 03



Orientação: NW

← Camada 01

← Camada 02

← Camada 03

Trincheira 01	
Corte 09-10	
Camada	Registro
1	4759
2	sem registro
3	sem registro

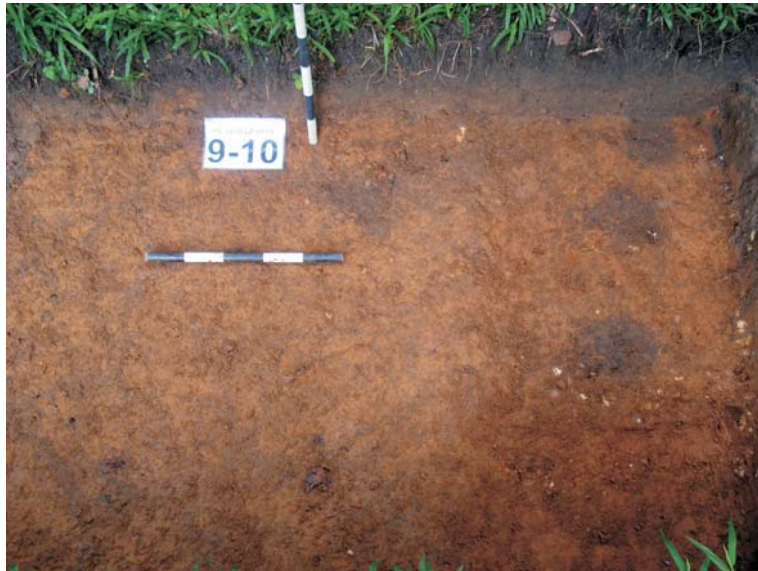
CONTEÚDO:

Manchas localizadas no corte 09-10

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 09-10

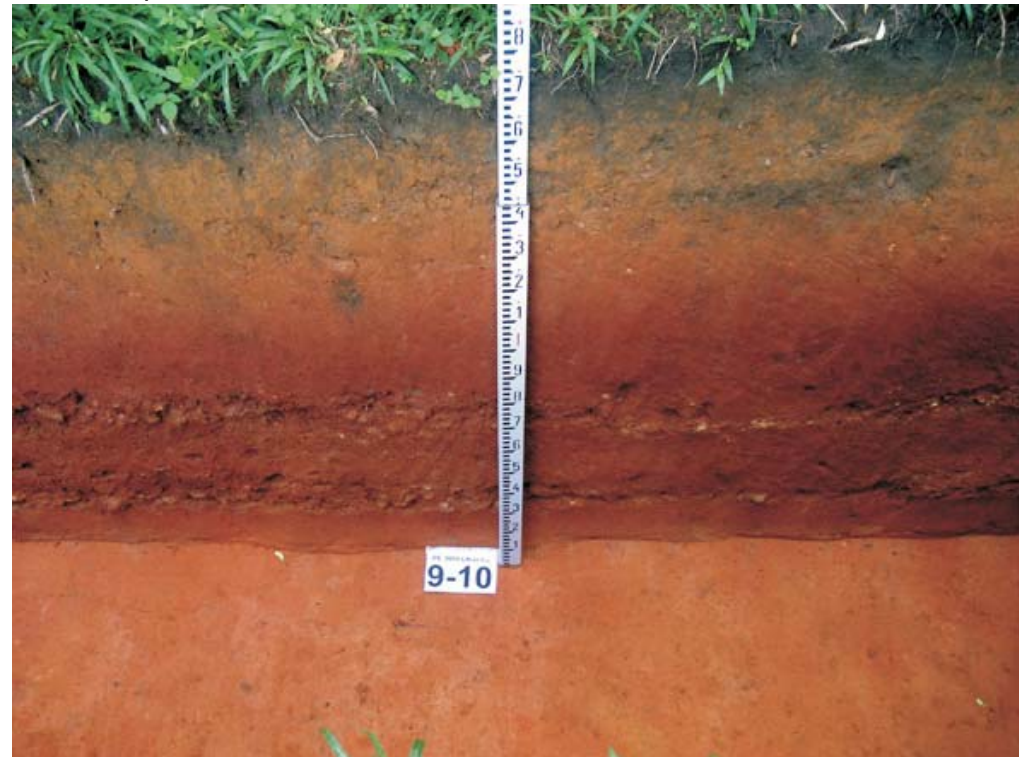
Planta-baixa a 40cm de profundidade



Planta-baixa a 45cm de profundidade



Marca no perfil SE



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 10-11

Foto panorâmica: Orientação



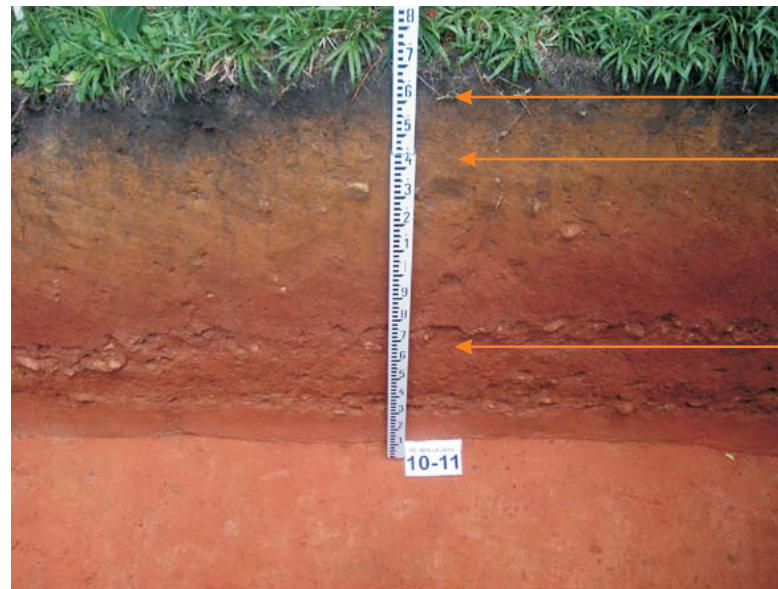
Orientação: SE

→ Camada 01

→ Camada 02

→ Camada 03

10-11



Orientação: NW

→ Camada 01

→ Camada 02

→ Camada 03

10-11

Trincheira 01	
Corte 10-11	
Camada	Registro
1	4760
2	sem registro
3	sem registro

CONTEÚDO:

Manchas localizadas no corte 10-11

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 03-04 e 04-05

Orientação: NW



Orientação: NE

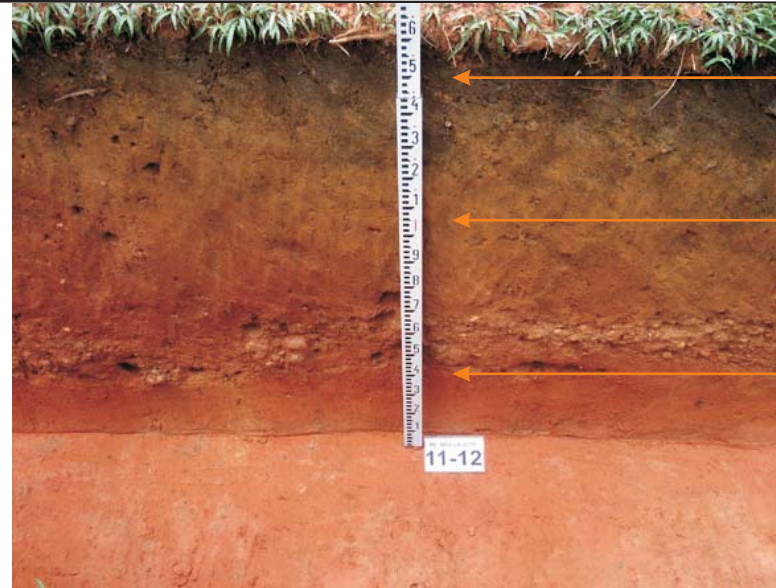


Orientação: NE



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 11-12

Foto panorâmica: Orientação



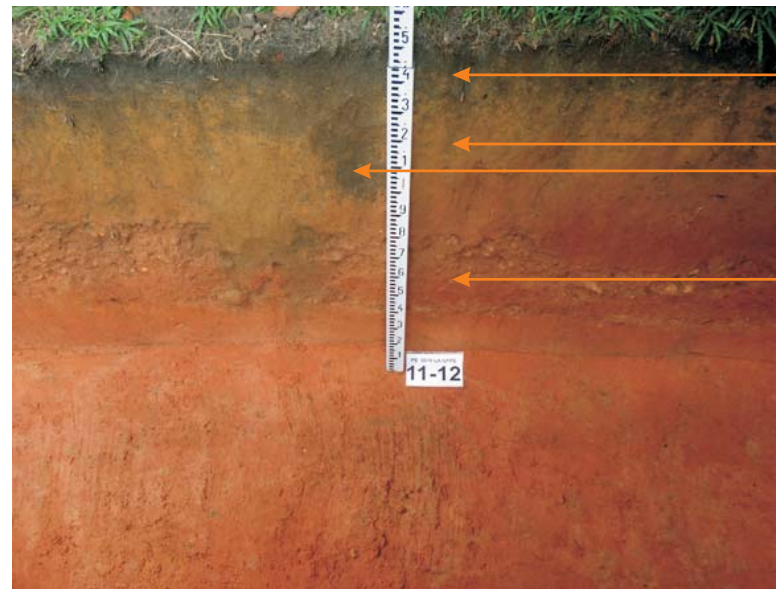
Orientação: SE

← Camada 01

← Camada 02

← Camada 03

Trincheira 01	
Corte 11-12	
Camada	Registro
1	4764
4	4778
2	sem registro
3	sem registro



Orientação: NW

← Camada 01

← Camada 02

← Camada 04

← Camada 03

CONTEÚDO:

Manchas localizadas durante rebaixamento do corte 11-12

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 11-12

Orientação: NW



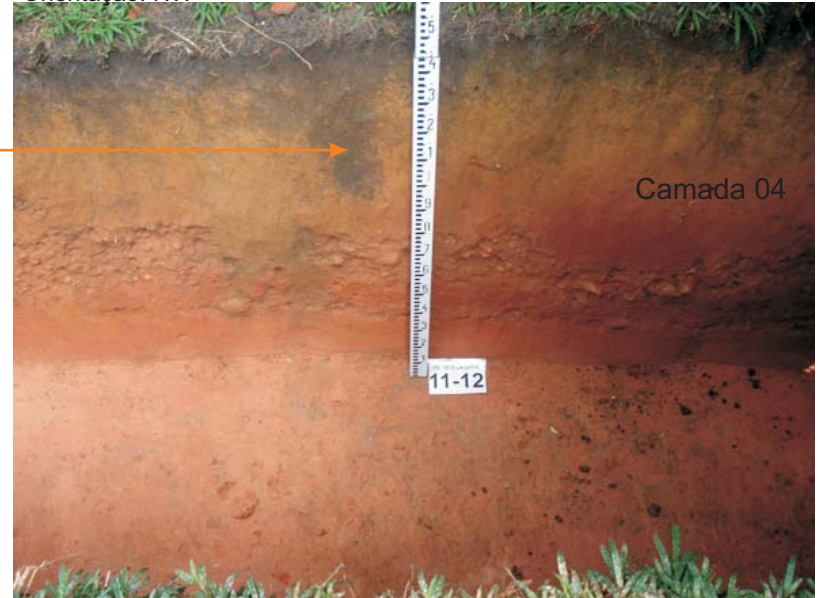
Orientação: SW



Orientação: NW



Orientação: NW



Camada 04

Camada 04

Camada 04

Camada 04

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 12-13

Foto panorâmica: Orientação SW

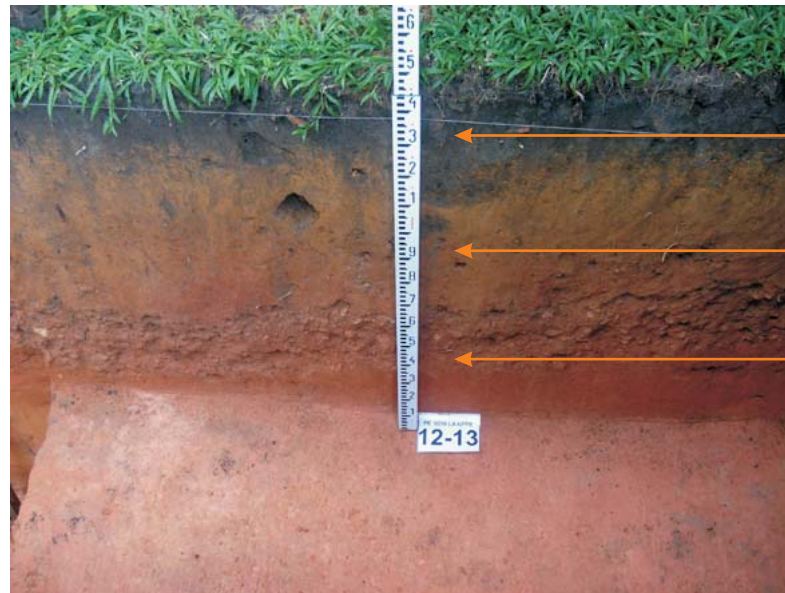


Orientação: SE

Camada 01

Camada 02

Camada 03



Orientação: NW

Camada 01

Camada 02

Camada 03

Trincheira 01	
Corte 12-13	
Camada	Registro
1	4765
2	4780
3	sem registro
Rolado do corte	4834

CONTEÚDO:	Manchas localizadas no corte 12-13.	TRINCHEIRA: 01	CORTE: 12-13
------------------	-------------------------------------	-----------------------	---------------------

Orientação: NW



Detalhe:



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 13-14

Foto panorâmica: Orientação sw



Orientação: SE

← Camada 01 →

← Camada 02 →

← Camada 03 →



Orientação: NW

← Camada 01 →

← Camada 02 →

← Camada 03 →

Trincheira 01	
Corte 13-14	
Camada	Registro
1	4766
2	sem registro
3	sem registro

CONTEÚDO:

Alinhamento de tijolo batido com cimento portland localizado na camada 01.

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 13-14

Orientação: SE

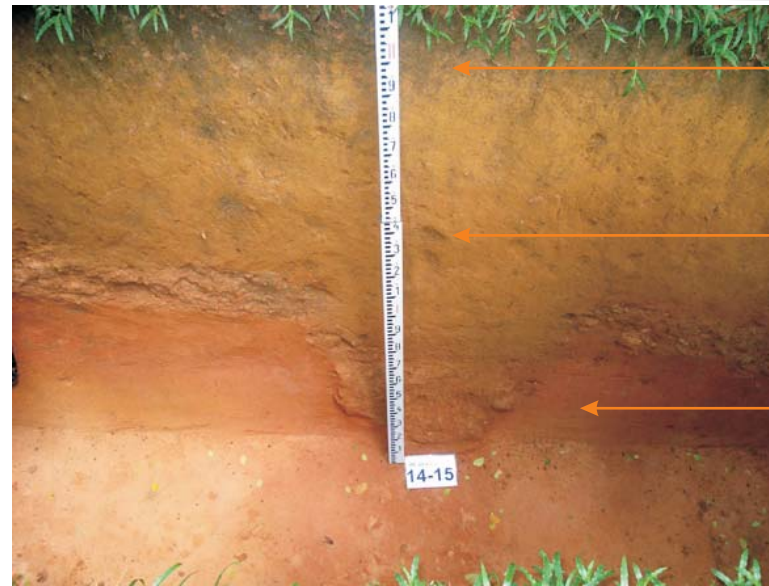


Orientação: NW



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 14-15

Foto panorâmica: Orientação S

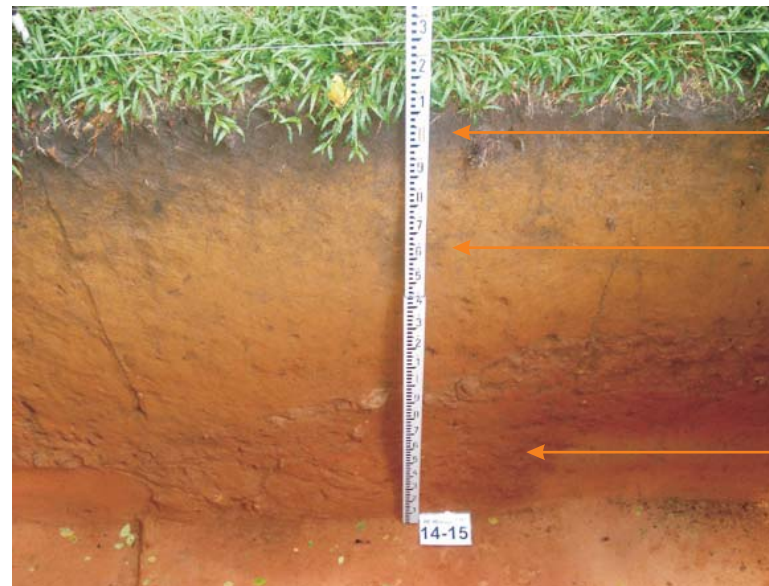


Orientação: SE

Camada 01

Camada 02

Camada 03



Orientação: NW

Camada 01

Camada 02

Camada 03

Trincheira 01	
Corte 14-15	
Camada	Registro
1	4767
2	sem registro
3	sem registro

CONTEÚDO: Interrupção no alinhamento de seixos.

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 14-15

SE



NW



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 15-16

Foto panorâmica: Orientação SW



Orientação: SE

→ Camada 01

→ Camada 02

→ Camada 03



Orientação: NW

→ Camada 01

→ Camada 02

→ Camada 03

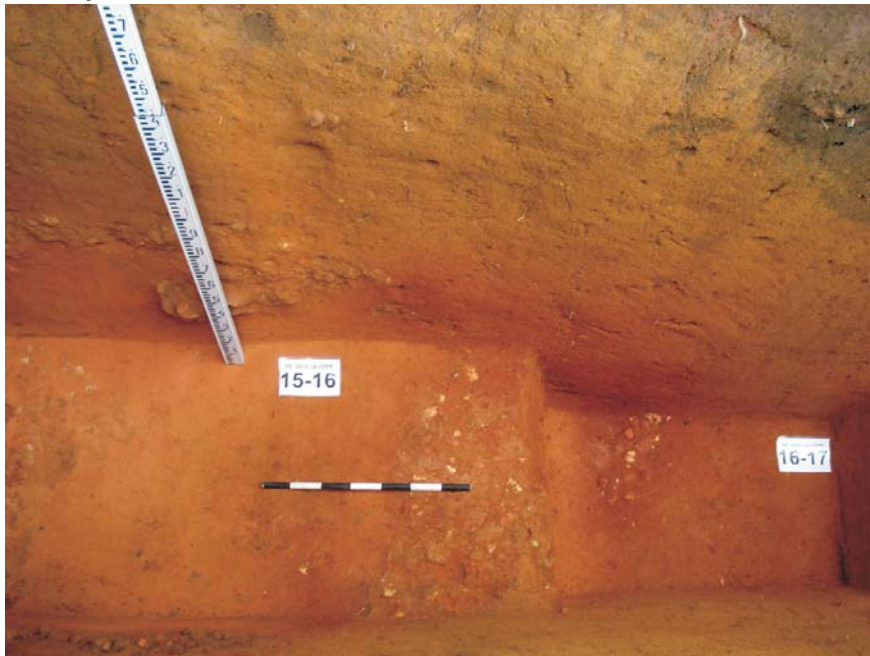
Trincheira 01	
Corte 15-16	
Camada	Registro
1	4768
2	sem registro
3	sem registro
Rolado do corte	4816

CONTEÚDO: Interrupção no alinhamento de seixos.

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 15-16 e 16-17

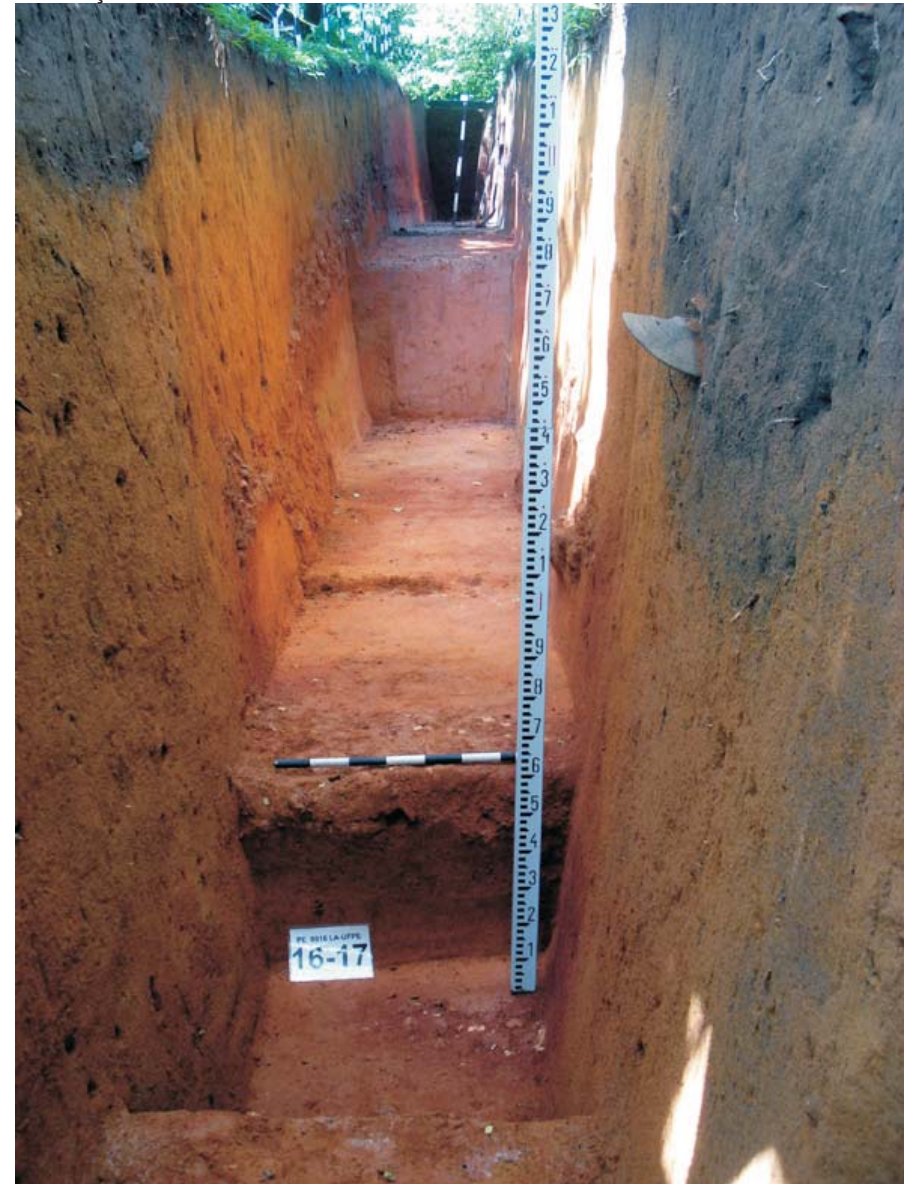
Orientação: NW



Orientação: NW



Orientação: NE



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 16-17

Foto panorâmica: Orientação



Orientação: SE

→ Camada 01

→ Camada 05

→ Camada 06

→ Camada 07

→ Camada 02

→ Camada 03

Trincheira 01	
Corte 16-17	
Camada	Registro
1	4769
5	4779
6	4779
9	sem registro
8	4783
7	4784
7	4824
2	4782
3	sem registro
Rolado do corte	4826



Orientação: NW

→ Camada 01

→ Camada 05

→ Camada 06

→ Camada 09

→ Camada 08

→ Camada 02

→ Camada 03

CONTEÚDO: Material arqueológico localizado durante dentro do buraco a SE do corte.

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 16-17

Orientação: SE



Faiança localizada a 55cm de profundidade. a partir da superfície. O fragmento de prato de faiança foi identificado como de procedência portuguesa do século XVII. Esse padrão decorativo (363 do LA/UFPE) apareceu, ainda, nas seguintes camadas:

- camada 05 da T-01, corte 17-18;
- camada 08 da T-03, corte 17-18;
- camada 09 da T-15, corte 01-02;

CONTEÚDO: Interferência antrópica localizada em planta-baixa e no perfil SE do corte.

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 16-17



LEGENDA:

- 1- Perfil SE e planta-baixa do corte;
- 2- Rebaixamento da camada 07;
- 3- Panorâmica do área de interferência após a retirada de seu conteúdo.
- 4- Panorâmica do perfil SE após rebaixamento do corte.

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 17-18

Foto panorâmica: Orientação NE



Orientação: SE

- ← Camada 01
- ← Camada 05
- ← Camada 09
- ← Camada 08
- ← Camada 02



Orientação: NW

- ← Camada 01
- ← Camada 05
- ← Camada 09
- ← Camada 08
- ← Camada 02

Trincheira 01	
Corte 17-18	
Camada	Registro
1	4770
5	4774
9	sem registro
8	4776
2	sem registro
Rolado do corte 17-18 e 18-19	4815

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 01
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 18-19

Foto panorâmica: Orientação SW



Orientação: SE

- ← Camada 01
- ← Camada 05
- ← Camada 09
- ← Camada 08
- ← Camada 10
- ← Camada 02



Orientação: NW

- ← Camada 01 e 05
- ← Camada 09
- ← Camada 10
- ← Camada 08
- ← Camada 02

Trincheira 01	
Corte 18-19	
Camada	Registro
1	4771
1	4772
5	4773
9	4773
8	4775 e 4777
10	sem registro
2	sem registro
Rolado do corte 17-18 e 18-19	4815

CONTEÚDO: Perfil SE durante rebaixamento do corte.

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 18-19

Prato em faiança portuguesa seiscentista localizada na camada 08 (Paleossolo).



CONTEÚDO: Perfil SE durante rebaixamento do corte.

TRINCHEIRA: 01

CORTE: 18-19

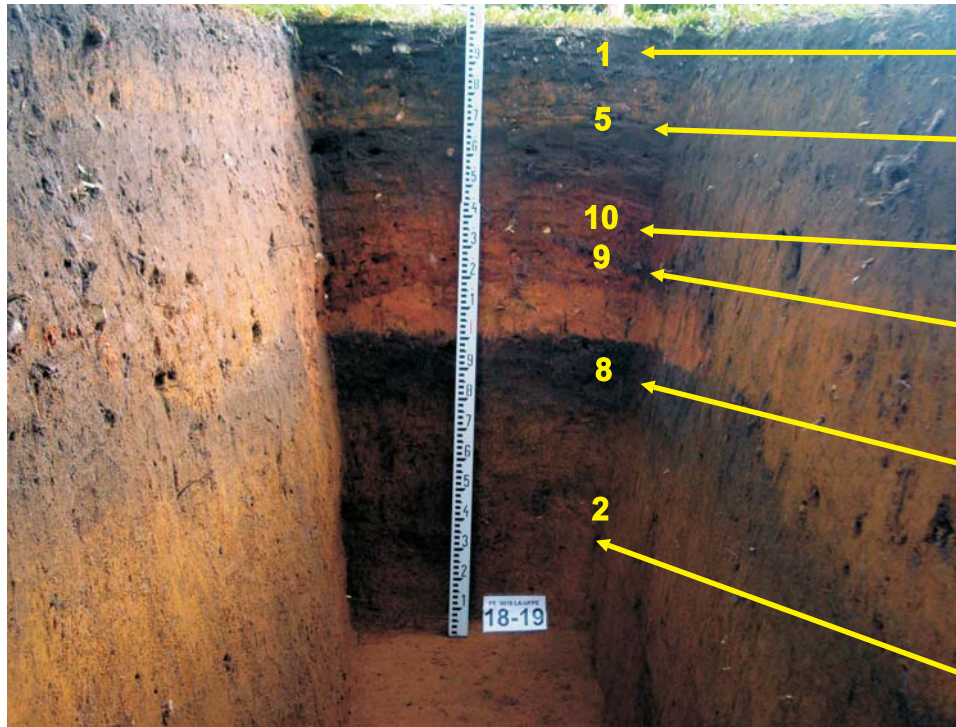


Acompanhamento do rebaixamento de camadas de aterro.

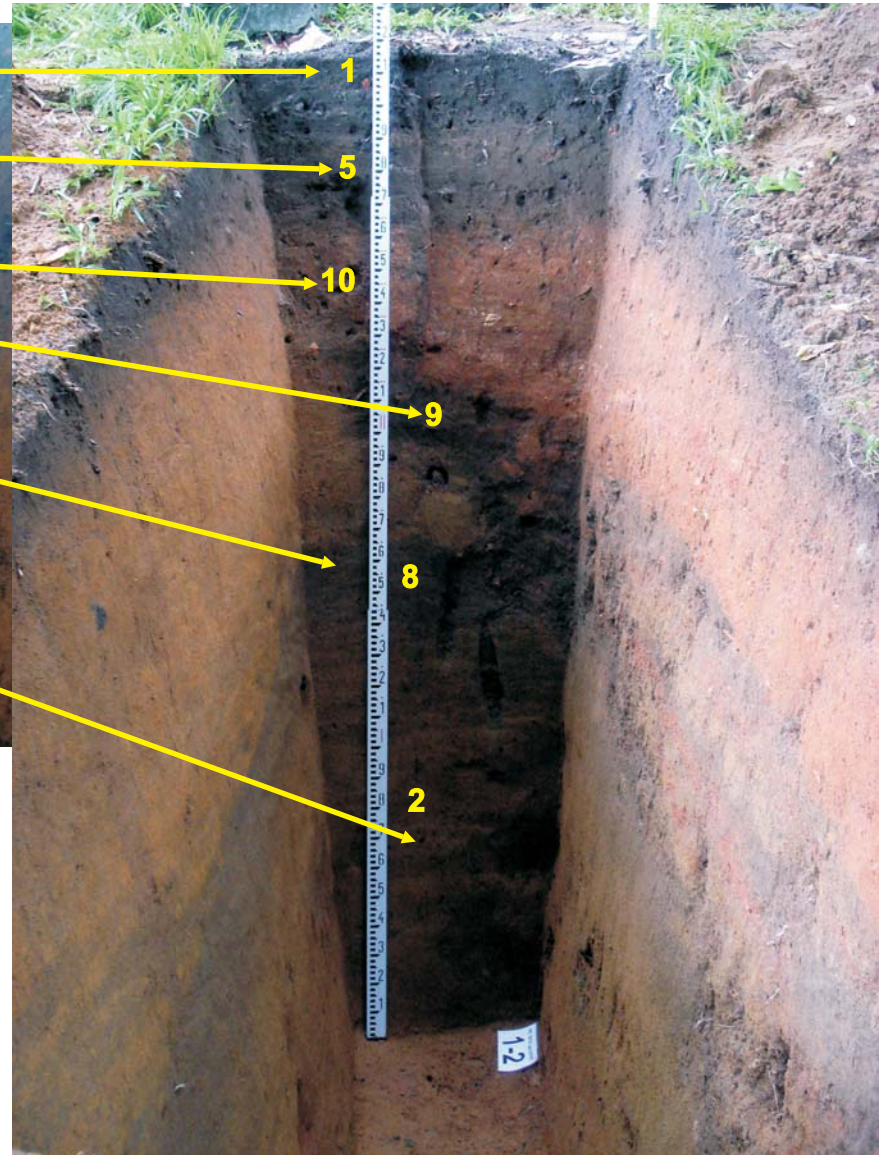
Documentação da Trincheira 15

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRAS: 01 e 15
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	

T-01 Perfil SW do corte 18-19



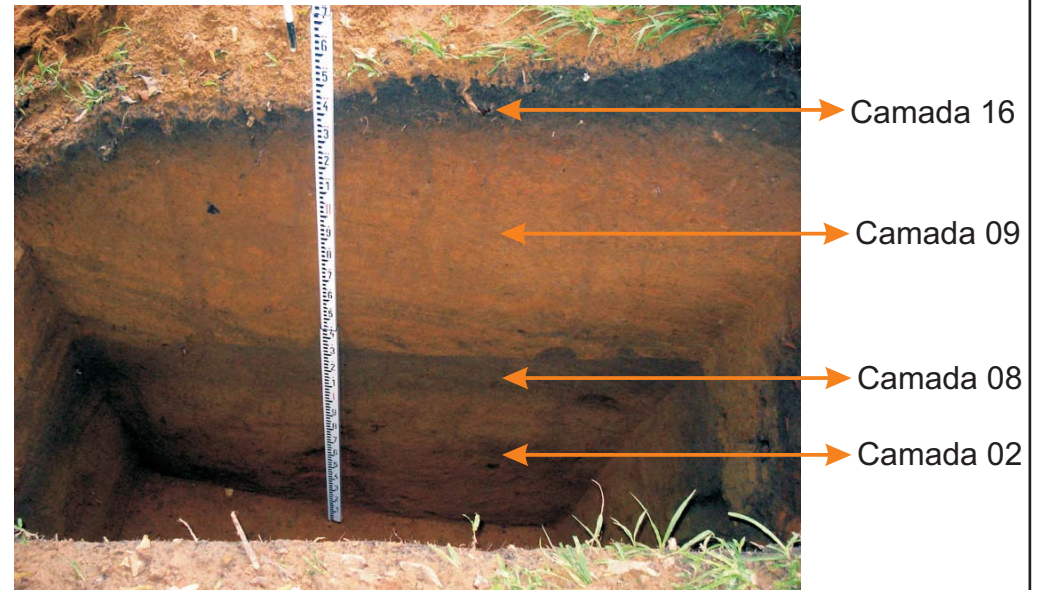
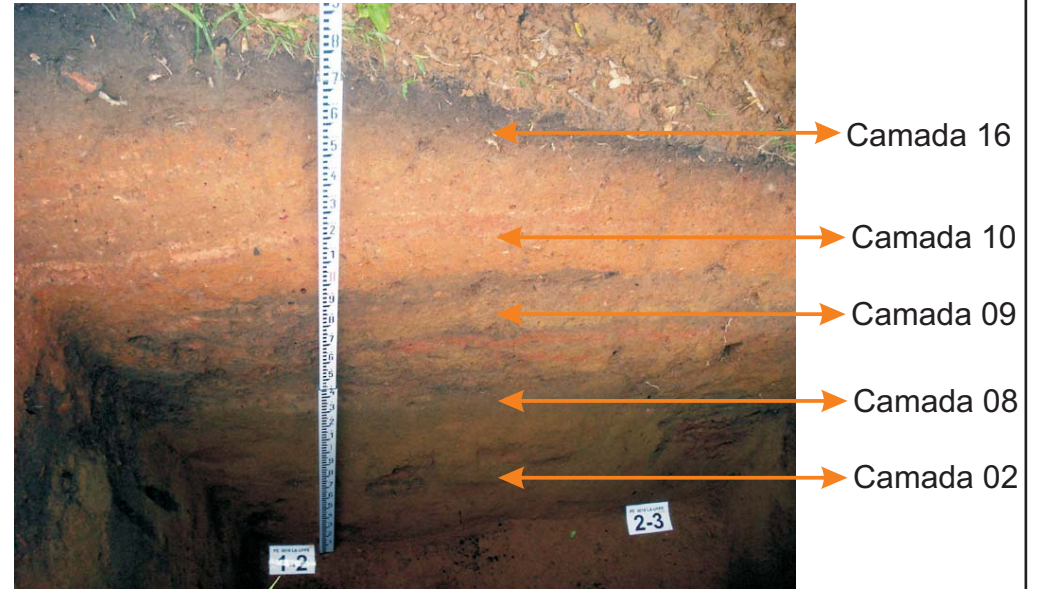
T-15 Perfil NE do corte 01-02



Trincheira 01	
Corte 18-19	
Camada	Registro
1	4771
1	4772
5	4773
9	4773
8	4775 e 4777
10	sem registro
2	sem registro
Rolado do corte 17-18 e 18-19	4815

Trincheira 15	
Corte	
Camada	Registro
1	4843
5	4843
10	4844
9	4845
8	sem registro
2	sem registro

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 15
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	



Trincheira 15	
Corte	
Camada	Registro
1	4843
5	4843
10	4844
9	4845
8	sem registro
2	sem registro

Documentação da Trincheira 03

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 03
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 17-18

Foto panorâmica: Orientação NW



Trincheira 03	
Corte 17-18	
1	4786
8	4788
8	4789
9	sem registro

Faiança portuguesa com padrão decorativo característico do século XVII. A cronologia estabelecida para os motivos decorativos que o compõe estariam situados entre 1626 e 1675. Foram encontradas outras peças com o mesmo padrão decorativo nos registros 4779, 4789, 4774, 4845 sugerindo a existência de conjuntos.



Orientação: SE

Camada 01

Camada 09

Camada 08



Orientação: SW

Camada 02

Faiança localizada sobre paleossolo.

Camada 08

Documentação da Trincheira 07

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 07
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 11-12

Foto panorâmica: Orientação S



Orientação: SE

Camada 01



Orientação: NW

Camada 01

Camada 02

Trincheira 07	
Corte 04-05	
Camada	Registro
1	4802
2	4806

Trincheira 02, 04 e 09:

Paralelamente as escavações da T-01 foi iniciada a abertura da T-02 na local da sondagem de número 45.

Nesta sondagem 45 foi localizada uma concentração de ostras nas amostras das profundidades de 0 a 0,45m e de 0,50m a 1m. Ainda nesta sondagem, foi identificada a presença de um fragmento de faiança grossa.

Por se tratar de uma área próxima do rio Capibaribe e do Riacho Parnamirim, mas distante do mar, o material malacológico poderia estar relacionado ao subsistema alimentar.



Ilustração 4 - Sondagem de 0,00m a 0,45m.

Ilustração 5 - Sondagem de 0,50m a 1m.

Visando explicar a ocorrência do material malacológico na área foram abertas as Trincheiras 02, 04 e 09 no entorno da área onde foi realizada a sondagem de nº 45.

A remoção da camada 01 (superficial) revelou na seqüência uma camada com grande concentração de matéria orgânica, carapaças de ostras, de outros moluscos bivalves, carvão e ainda muito rica em material arqueológico. Esta camada recebeu o codinome de camada 11. O material arqueológico presente nesta camada é predominantemente relacionado ao subsistema alimentar. Durante as escavações, foi observada a ocorrência de recipientes de cerâmica utilitária de pequeno, médio e grande porte; recipientes de faiança e de porcelana, além de restos alimentares como ossos de animais, entre outros.

Avaliando-se o conjunto da escavação no trecho relacionado à presença da camada 11, foi possível observar que se constituía em uma estrutura, provavelmente de descarte. Trata-se de uma cava aberta no solo, na qual foram depositados restos orgânicos, certamente restos de cozinha, provavelmente anteriores ao cerco das tropas holandesas. Serviu ainda de área de descarte de parte da tralha doméstica

que fora recolhida ao forte e de alguma forma fora danificada. O uso da área para descarte se fez ao longo do tempo, provavelmente com intervalos em desuso. Por mais de uma vez os restos orgânicos foram capeados por uma camada de barro, possivelmente no intuito de vedar o lixo, possivelmente o mau cheiro. É provável que com a decomposição do material e a conseqüente acomodação do material, a área voltou a ser utilizada para descarte, o que sucessivamente produziu um conjunto de camadas imbricadas, em que se alternavam 'pacotes' de lixo doméstico capeados por camadas de barro mais ou menos impregnadas de matéria orgânica.

Abaixo da camada 11, e nos seus limites laterais o terreno local de mostrava muito escuro, impregnado com matéria orgânica, que gradativamente fazia a transição para o mosqueado. Deste modo o contato entre a área escavada para uso como área de descarte e o terreno local mantido in situ não oferecia limites claros. Deste modo a camada de contato entre o depósito de lixo e o terreno local recebeu a denominação de camada 12. Nesta campanha, a estrutura de descarte não foi integralmente escavada.

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	Trincheira 2,4 e 9
CONTEÚDO:	Documentação das trincheiras da área de topo/encosta	Panorâmica



Panorâmica da área escavada. Da direita para esquerda T-09, T-04 e T-02.



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	Trincheira 2,4 e 9
CONTEÚDO:	Documentação das trincheiras da área de topo/encosta - detalhe dos cortes da trincheira 02 e 04.	Panorâmica



Detalhe da T-04 e T-02. Pode-se perceber a existência de um grande buraco preenchido com material malacológico. Grande quantidade de recipientes associados ao sistema alimentar foi localizada no interior da camada 11.

Documentação da Trincheira 02

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 02
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 03-04

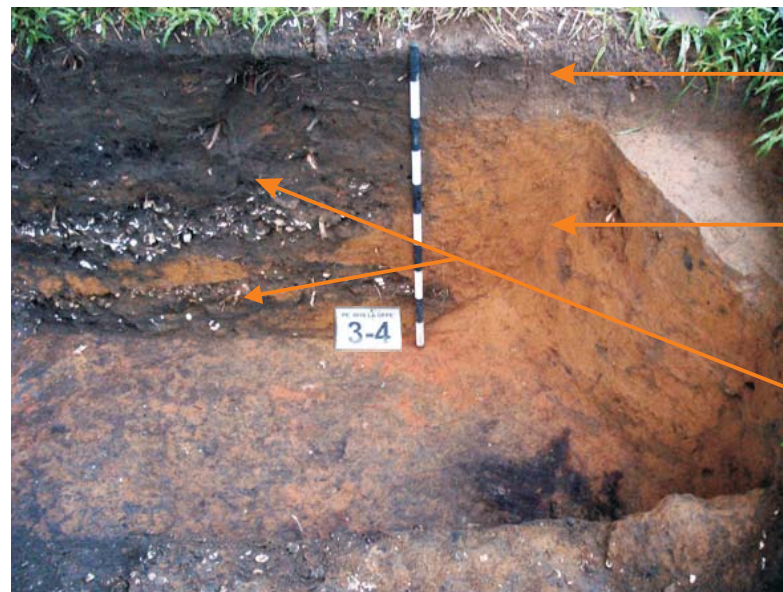
Foto panorâmica: Orientação SW



Orientação: SE
Data: 16/04/2009

← Camada 01
← Camada 12
← Camada 11

Trincheira 02	
Corte 03-04	
Camada	Registro
1	4793
12	4796
11	4797
11	4853
11	4854
11	4855
11	4852
Rolado da T-02 e T-04	4849



Orientação: SE
Data: 22/05/2009

← Camada 01
← Camada 12
← Camada 11

CONTEÚDO:

Rebaixamento da Trincheira 02 do corte 3/4

TRINCHEIRA: 02

CORTE: 03-04

Orientação NW



Orientação: NE



Orientação: NW

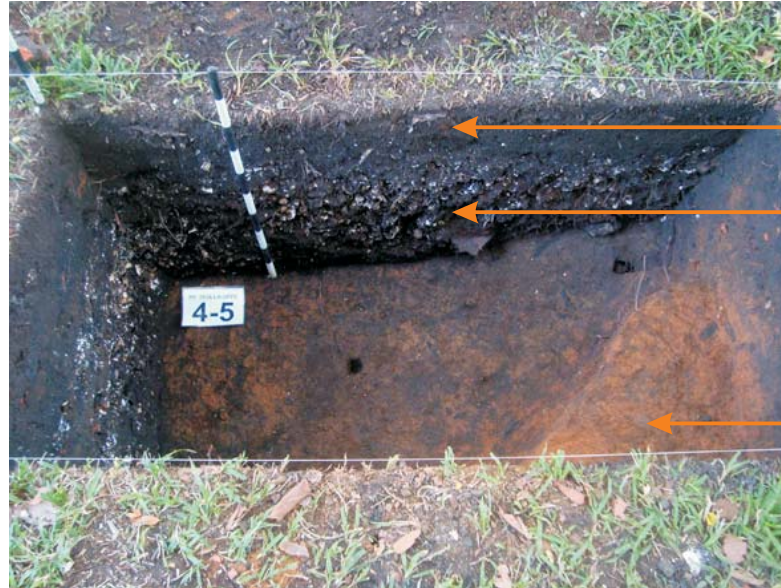


Orientação: NW



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 02
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 04-05

Foto panorâmica: Orientação SW



Orientação: SE

Camada 01

Camada 11

Camada 13



Orientação: NW

Camada 01

Camada 11

Camada 12

Trincheira 02	
Corte 04-05	
Camada	Registro
1	4781
12	4787
11	4785
11	4852
Rolado da T-02 e T-04	4849

CONTEÚDO:

Recipiente de Faiança localizado durante rebaixamento da camada 01.

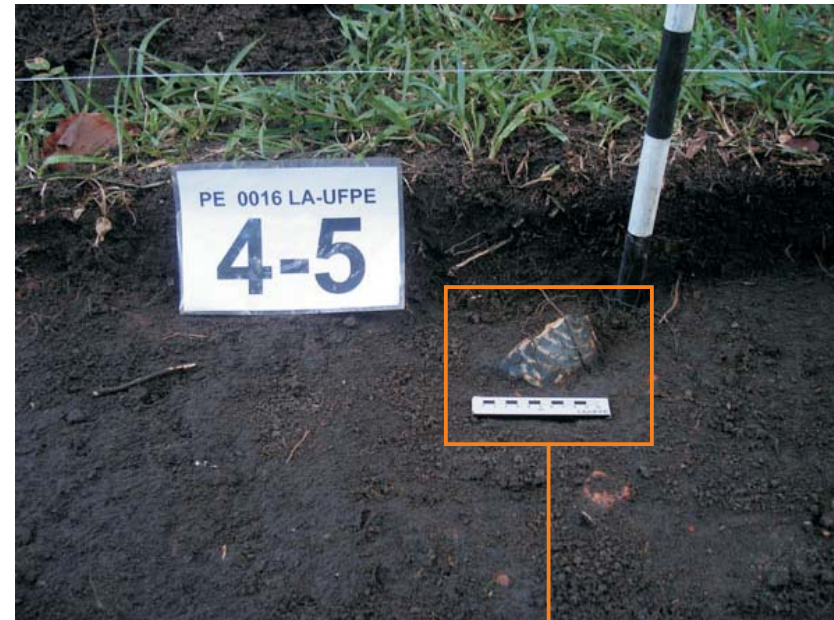
TRINCHEIRA: 02

CORTE: 04-05

Orientação SE



Orientação:SE



Orientação:SE



Fragmento de pequena tigela em faiança azul sobre branco apresentando motivo geométrico caracterizado por círculos concêntricos, cuja a expectativa cronológica para o início de sua produção é a partir de 1551.



Orientação:



Fragmento de base de prato em faiança italiana, da Ligúria, cuja expectativa cronológica para sua produção seria entre 1590 e 1610. Com decoração em azul aplicado sobre fundo azul.

Orientação:



Orientação:



Documentação da Trincheira 04

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 04
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 03-04

Foto panorâmica: Orientação



Orientação: SE

← Camada 01

← Camada 11

← Camada 12

Trincheira 04	
Corte 03-04	
Camada	Registro
1	4792
12	4795
11	4794
11	4856
11	4852
Rolado da T-02 e T-04	4849



Orientação: NW

← Camada 11

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 04
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 04-05

Foto panorâmica: Orientação



Orientação: SE

← Camada 01

← Camada 11



Orientação: NW

← Camada 01

← Camada 11

Trincheira 04	
Corte 04-05	
Camada	Registro
1	4790
11	4791
11	4857
11	4852
Rolado da T-02 e T-04	4849

Documentação da Trincheira 09

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 09
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 03-04

Foto panorâmica: Orientação



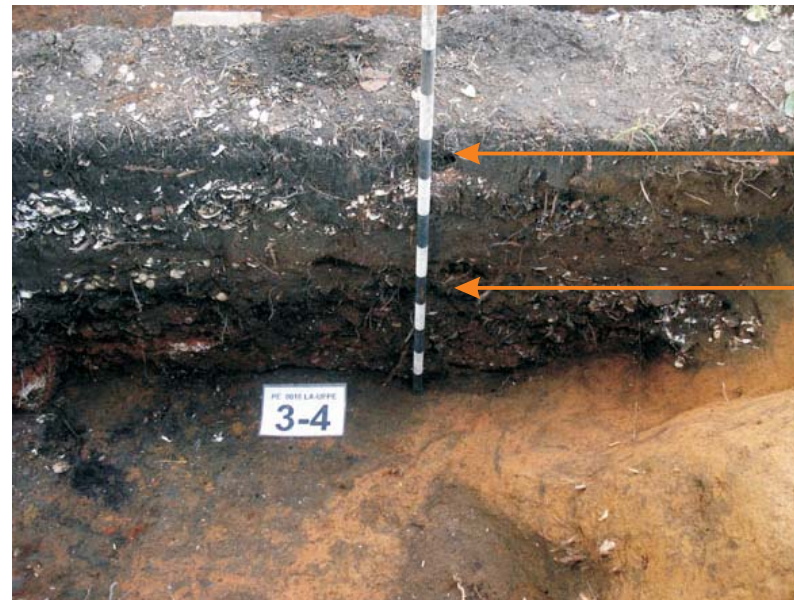
Orientação: SE

Camada 01

Camada 12

Camada 11

Trincheira 09	
Corte 03-04	
Camada	Registro
1	4835
12	sem registro
11	4837
11	4858
Rolado do corte	4823



Orientação: NW

Camada 01

Camada 11



NW



Orientação: NE



Fragmento de porcelana oriental apresentando decoração em azul sobre branco.



Orientação: NE



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 09
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 04-05

Foto panorâmica: Orientação

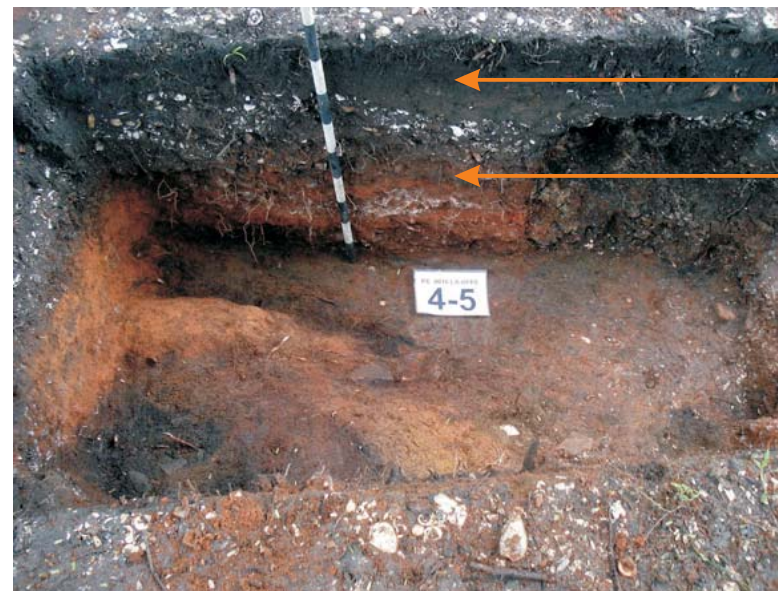


Orientação: SE

Camada 01

Camada 11

Trincheira 09	
Corte 04-05	
Camada	Registro
1	4820
11	4822
11	4821
11	4859
Rolado do corte	4819



Orientação: NW

Camada 01

Camada 11



Perfil NW



Perfil NW



Perfil NW



Perfil NW

Trincheiras 05, 06, 08

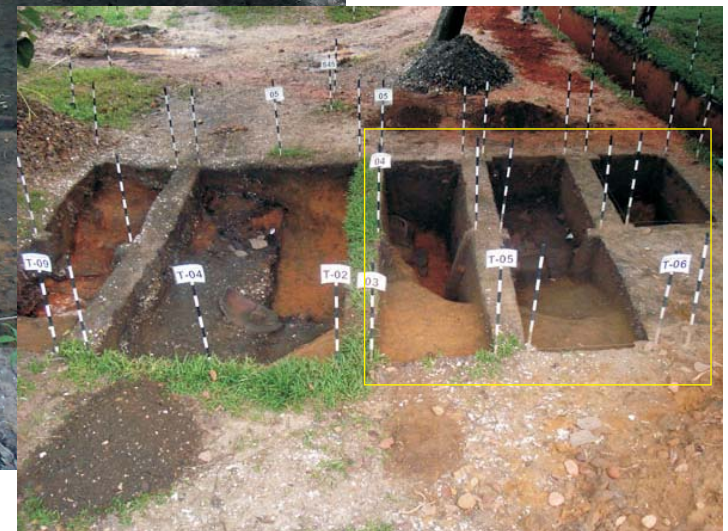
A escavação das Trincheiras 05, 06 e 08 está relacionada aos esforços de se reconstituir a distribuição espacial da estrutura de descarte mencionada quando se tratou da Camada 11. A escavação na área revelou, entretanto, a existência de uma outra estrutura, com características distintas daquela que comportava a camada 11. Trata-se igualmente de uma estrutura de descarte, onde se observa uma camada argilo-arenosa também impregnada por uma grande concentração de matéria orgânica e que foi denominada de camada 13.

A camada 13 é constituída por uma camada de sedimento à qual foi incorporada grande quantidade e variedade de peças e fragmentos de peças descartados. Tal área de descarte, diferentemente da anterior, não pode ser associada a um subsistema específico. A variedade da material ali presente, fragmentos de cerâmica, faiança, telha, guarda-mão de espada, entre outros, perpassa diferentes subsistemas. A presença de matéria orgânica permeando o conjunto promoveu a mesma dificuldade encontrada na estrutura anteriormente descrita, quanto ao estabelecimento dos limites. Deste modo foi ainda considerada uma mesma camada de transição, camada 12.

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	Trincheira 5, 6 e 8
CONTEÚDO:	Documentação das trincheiras da área de topo/encosta	Panorâmica



Panorâmica da área escavada. Da direita para esquerda T-08, T-04 e T-05.



Documentação da Trincheira 05

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 05
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 03-04



Camada 01

Camada 13

Camada 12



Camada 01

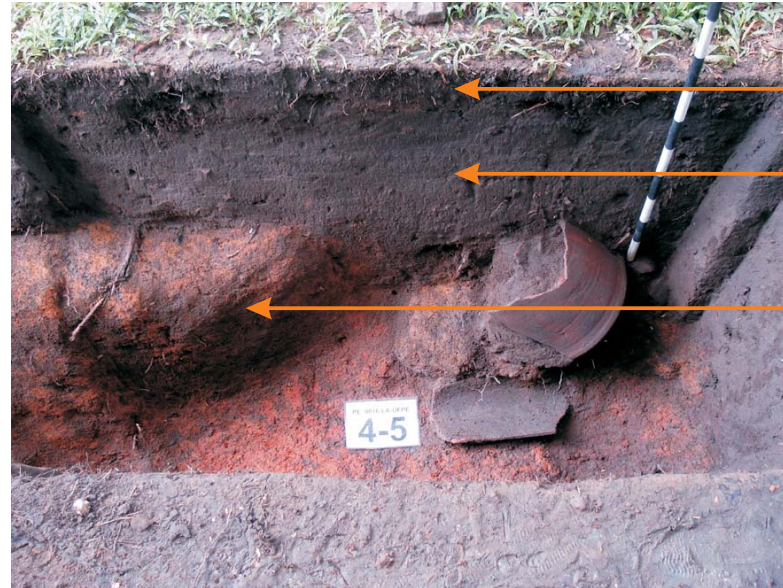
Camada 13

Camada 12

Trincheira 05	
Corte 03-04	
Camada	Registro
1	4799
13	4801
12	Sem registro
Rolado da T-05	4850

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 05
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 04-05

Foto panorâmica: Orientação S



Orientação: SE

Camada 01

Camada 13

Camada 12

Trincheira 05	
Corte 04-05	
Camada	Registro
1	4798
13	4800
12	Sem registro
Rolado do corte	4836



Orientação: NW

Camada 01

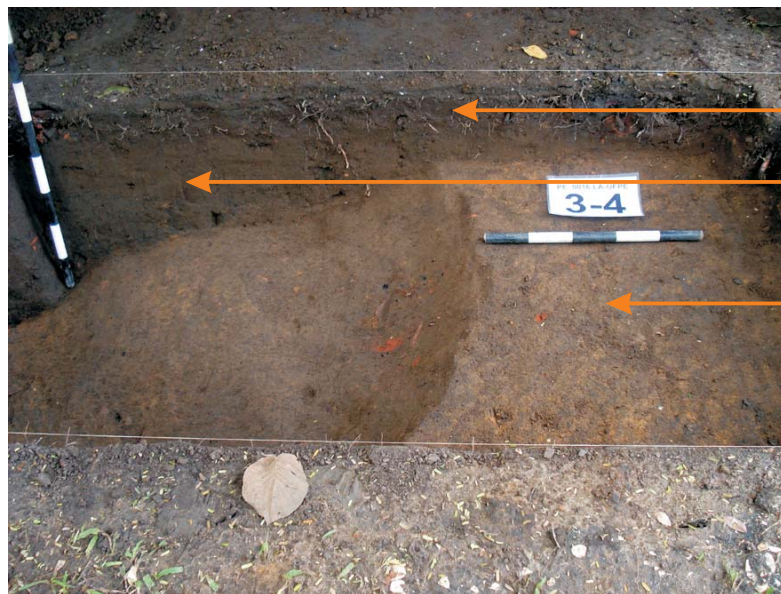
Camada 13

Documentação da Trincheira 06

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 06
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 03-04



← Camada 01
← Camada 13



← Camada 01
← Camada 13
← Camada 12

Trincheira 06	
Corte 03-04	
Camada	Registro
1	4808
13	4809
13	4810
13	4811
13	4812
12	Sem registro
Rolado da T-06	4851

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 06
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 04-05

Foto panorâmica: Orientação SW



Orientação: SE
 Camada 01
 Camada 13

Trincheira 06	
Corte 04-05	
Camada	Registro
1	4803
13	4804
13	4805
13	4807
12	Sem registro
Rolado do corte	4838
Rolado da T-06	4851

Detalhe do guarda-mão de espada de ferro e da faiança portuguesa no perfil NW.



Orientação: SW
 Camada 01
 Camada 13

Documentação da Trincheira 08

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 08
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 04-05

Foto panorâmica: Orientação N



Orientação: SE

Camada 01

Camada 13

Trincheira 08	
Corte 04-05	
Camada	Registro
1	4813
13	4814
13	4817
13	4818
13	4825
13	4827
13	4828
13	4829
13	4839
12	Sem registro

Detalhe de faiança portuguesa no perfil SE.



Orientação: SW

Camada 01

Camada 13

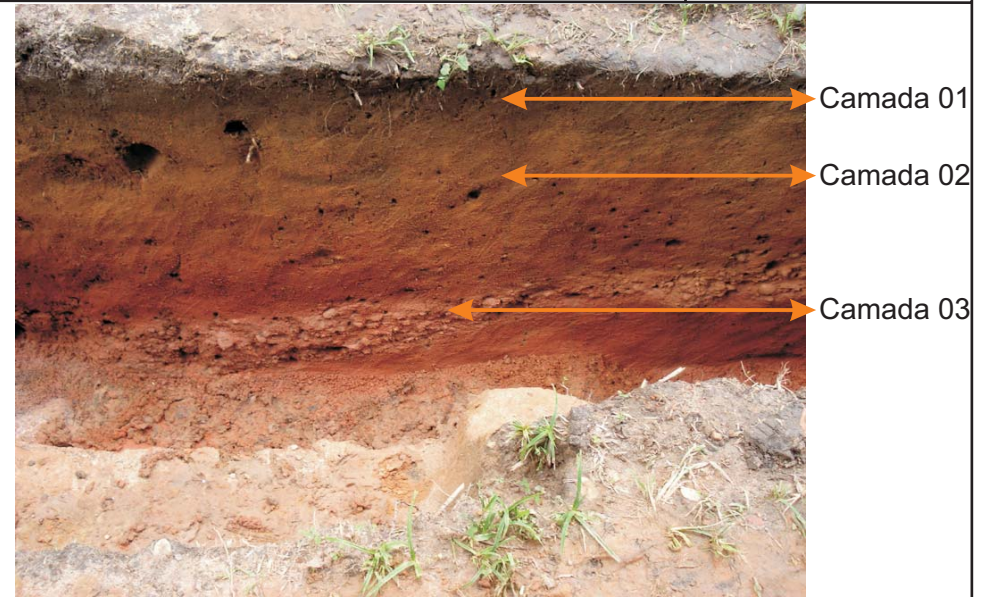
Camada 12

Trincheiras 10 e 11

Com base no perfil localizado na trincheira 01 foram abertas as trincheiras 10 e 11 com intuito de localizar alguma evidência da existência do fosso na área, ou ainda, procurar averiguar a existência de interrupções na linha de seixos. Porém a escavação não revelou interferência antrópica abaixo da camada superficial.

Documentação da Trincheira 10

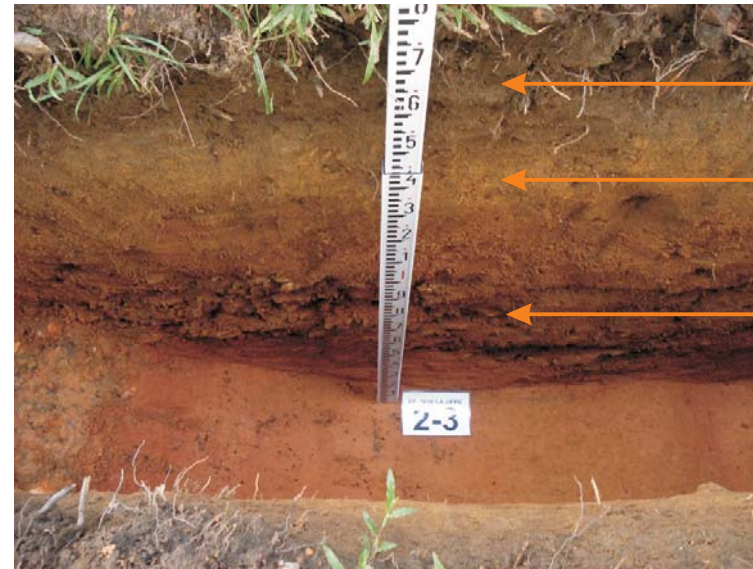
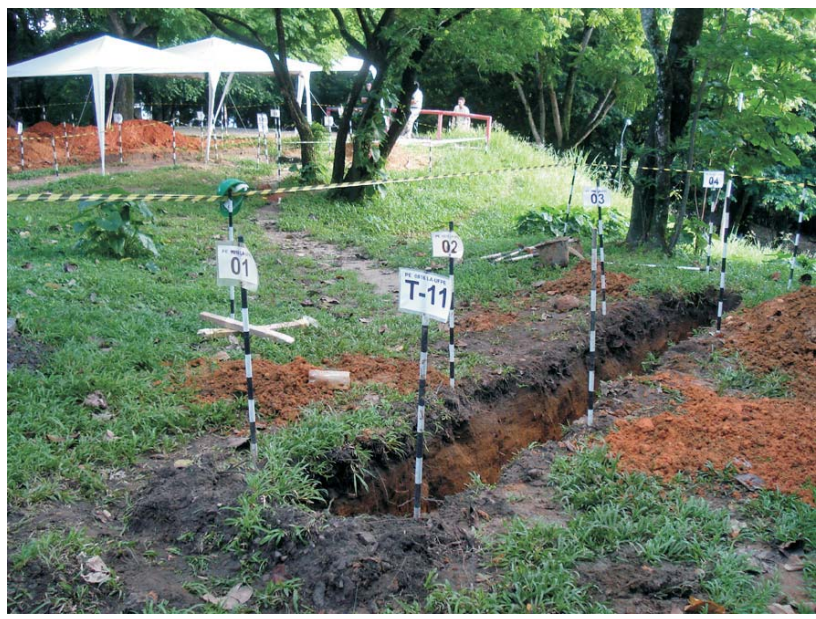
PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 10
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	



Trincheira 10	
Camada	Registro
1	sem registro
2	sem registro
3	sem registro
Rolado	4840

Documentação da Trincheira 11

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 11
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 01-02 e 02-03



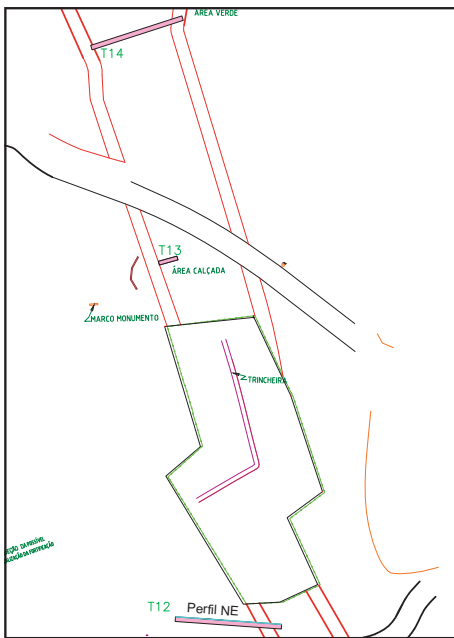
Trincheira 11	
Camada	Registro
1	sem registro
2	sem registro
3	sem registro
Rolado	4841

Trincheira 12

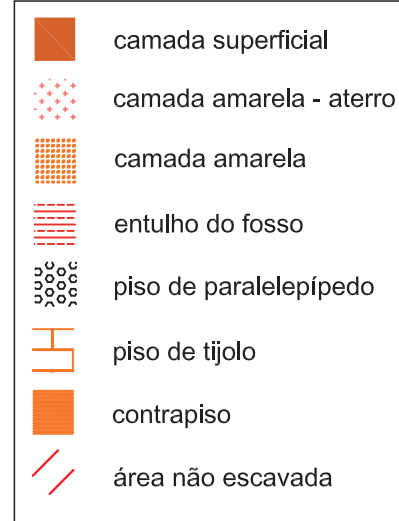
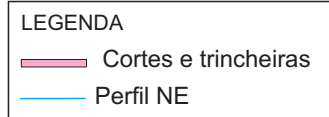
A trincheira 12 foi escavada nas proximidades do fosso já escavado com o objetivo de localizar e identificar sua continuidade ou não naquela área. A escolha do local foi baseada nos resultados obtidos com as sondagens S 07, S08 e S09, que apontaram uma interferência antrópica em profundidade.

A escavação da trincheira 12 permitiu a visualização do perfil transversal do fosso, no trecho.

Documentação da Trincheira 12



LOCALIZAÇÃO DA TRINCHEIRA 12



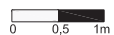
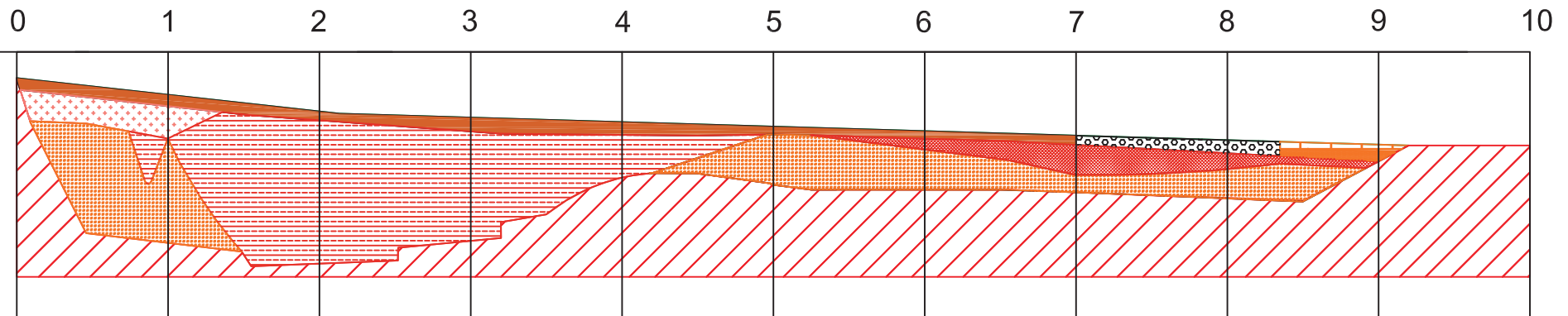
PESQUISA ARQUEOLÓGICA
NO SÍTIO DA TRINDADE -
CASA AMARELA - PE

Perfil NE da Trincheira 12

Escala: indicada

PERFIL NE

T12



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	Trincheira 12
CONTEÚDO:	Documentação da área da trincheira 12.	Panorâmica



Panorâmica da área escavada da T-12. No detalhe, fotografia da trincheira e linha de sondagem S-01 a S-13.



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 12
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	Fosso

Trincheira 12	
Camada	Registro
1	sem registro
14	sem registro
15	sem registro
16	sem registro
2	sem registro
3	sem registro
Rolado	4842



Camada 01

Camada 14



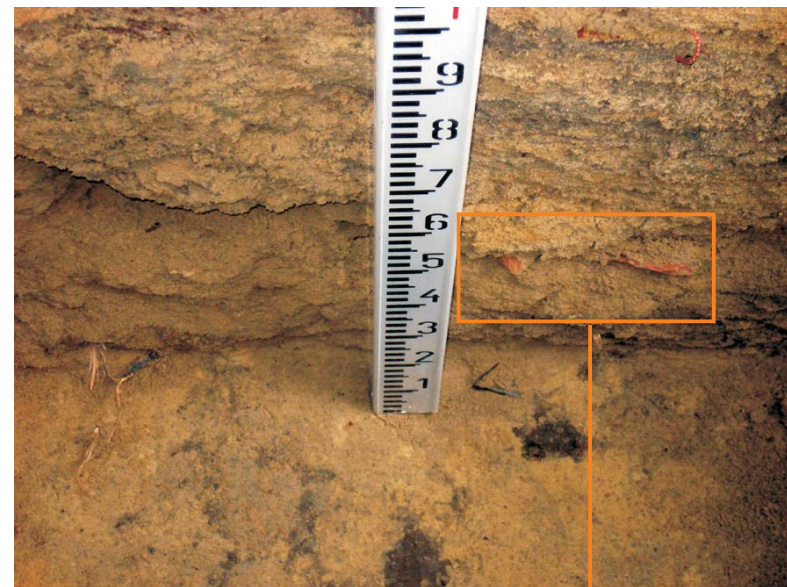
Contato da camada 14 com a 02.

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 12
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	Fosso



← Camada 01

← Camada 14



Fragmento de telha manual localizado no entulho do fosso.

Trincheira 12	
Camada	Registro
1	sem registro
14	sem registro
15	sem registro
16	sem registro
2	sem registro
3	sem registro
Rolado	4842

Trincheiras 13 e 14

A escolha do local de escavação da Trincheira 13 não está relacionada a resultados da sondagem realizada. Nesta escolha se levou em consideração dois parâmetros distintos: estender a busca do fosso em direção à lateral do Sítio Trindade voltada para a Rua da Harmonia, levando em consideração a cota do terreno compatível com a cota do trecho do fosso localizado. Na ocasião a área se encontrava revestida por um piso em tijolos, assentados sobre uma camada de areia. A trincheira 13 foi aberta no sentido NE-SW, presumivelmente no sentido transversal ao fosso. Com a abertura do primeiro corte se pode observar que ali o terreno sofrera severa interferência antrópica recente até uma profundidade que certamente teria mascarado quaisquer evidências do fosso, eventualmente presente naquela área. A escavação da trincheira foi suspensa e transferida para outra área. A nova (trincheira 14) área selecionada, próxima ao marco implantado pelo Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco, atendia ainda aos parâmetros anteriormente estabelecidos.

A trincheira 14 foi aberta no sentido NE-SW, ainda com o objetivo de se localizar alguma evidência do fosso que circundava o Forte Real do Bom Jesus.

Durante a escavação da trincheira foi localizada uma urna funerária da tradição ceramista Tupiguarani. Apesar de se encontrar em seu contexto arqueológico primário, a urna se encontrava muito fragmentada. Alguns fatores devem ter contribuído para a fragmentação do recipiente cerâmico que certamente fora enterrado com o bojo e a base íntegros. O interior de uma urna funerária não se encontra, no contexto sistêmico, inteiramente preenchido. Embora quase sempre capeado por uma segunda vasilha que lhe serve de cobertura, ao longo do tempo sedimentos são depositados em seu interior. A compactação destes sedimentos, entretanto, pelo menos por um longo tempo, não corresponde à compactação do terreno local onde a urna foi depositada. Por outro lado, a infiltração de tais sedimentos se dá através de rachaduras, ou mesmo de quebras que ocorram tanto na coberta quanto na própria urna, em função da diferença nas pressões interna e externa. No caso da urna localizada no Sítio Trindade, pode-se atribuir um agravante: uma história antiga e também recente de uma circulação de veículos pesados. No passado se pode pensar nos pesados canhões, que apesar de poucos, teriam circulado na área. Mais recentemente, pelo menos desde meados do século XX, o trânsito de caminhões carregados com as estruturas dos 'brinquedos' (rodas gigantes, etc.) que desde então todos os anos são armados no Sítio Trindade durante os festejos juninos. Um trânsito que se dá durante o inverno, quando, face a umidade, o solo está mais susceptível à compactação pontual.

Além da urna foram localizados recipientes de cerâmica indígena e um cachimbo Tupiguarani, tubular, de cerâmica vermelha. Nas camadas superficial e subsuperficial foi registrada a presença de material recente.

Vestígios que pudessem ser associados à presença do fosso do Forte não foram localizados nesta área.

Documentação da Trincheira 13

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 13
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	Aterro



Trincheira 13	
Camada	Registro
17	sem registro

Camada 16

Documentação da Trincheira 14

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	Trincheira 14
CONTEÚDO:	Documentação fotográfica da trincheira 14.	Panorâmica

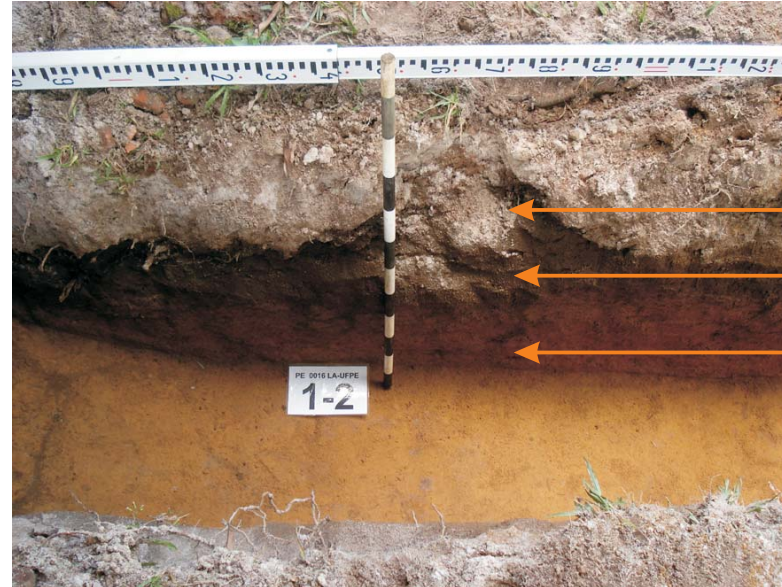


Panorâmica da área escavada da T-14. No detalhe fotografia da trincheira a partir do marco do Instituto Arqueológico.



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 14
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTES: 01-02 e 02-03

Foto panorâmica: Orientação

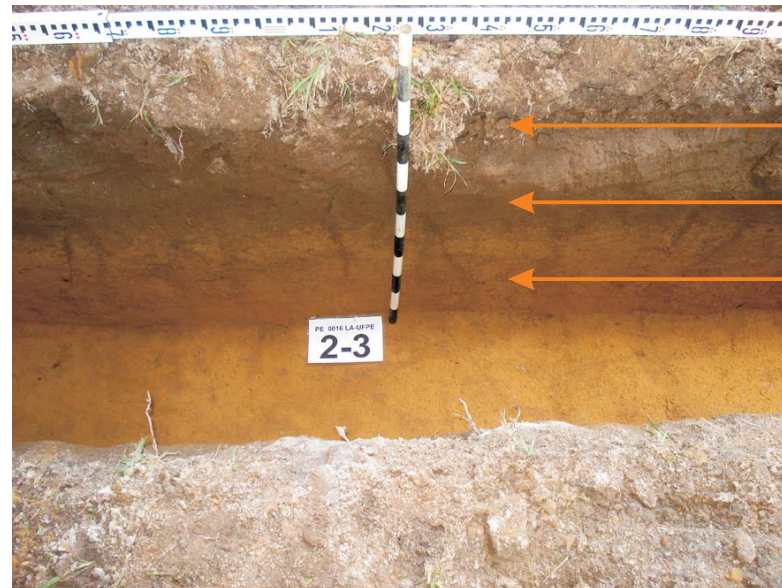


Orientação: SE

← Camada 16

← Camada 01

← Camada 02



Orientação: NW

← Camada 16

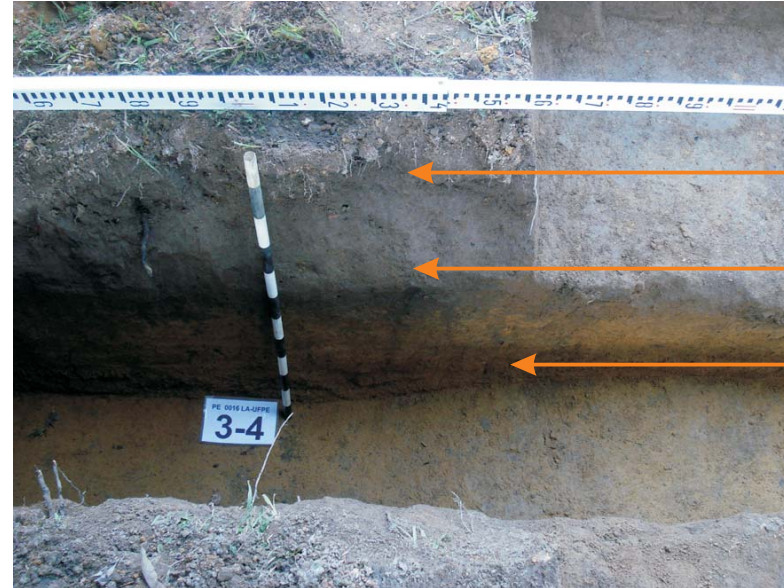
← Camada 01

← Camada 02

Trincheira 14	
Camada	Registro
16	sem registro
1	sem registro
2	sem registro

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 14
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 03-04 e 05-06

Foto panorâmica: Orientação



Orientação: SE

- ← Camada 16
- ← Camada 01
- ← Camada 02

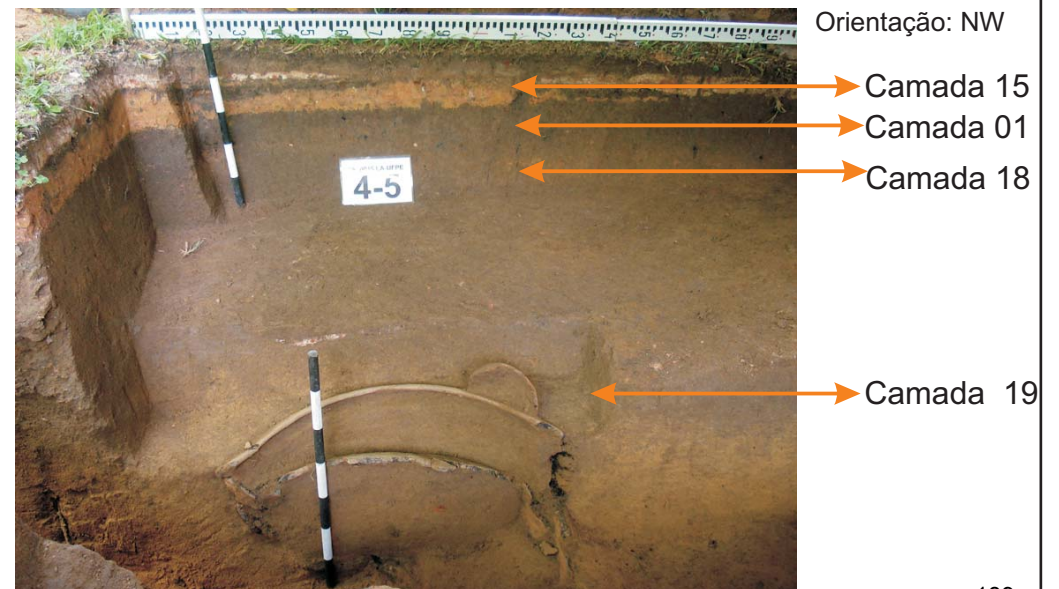
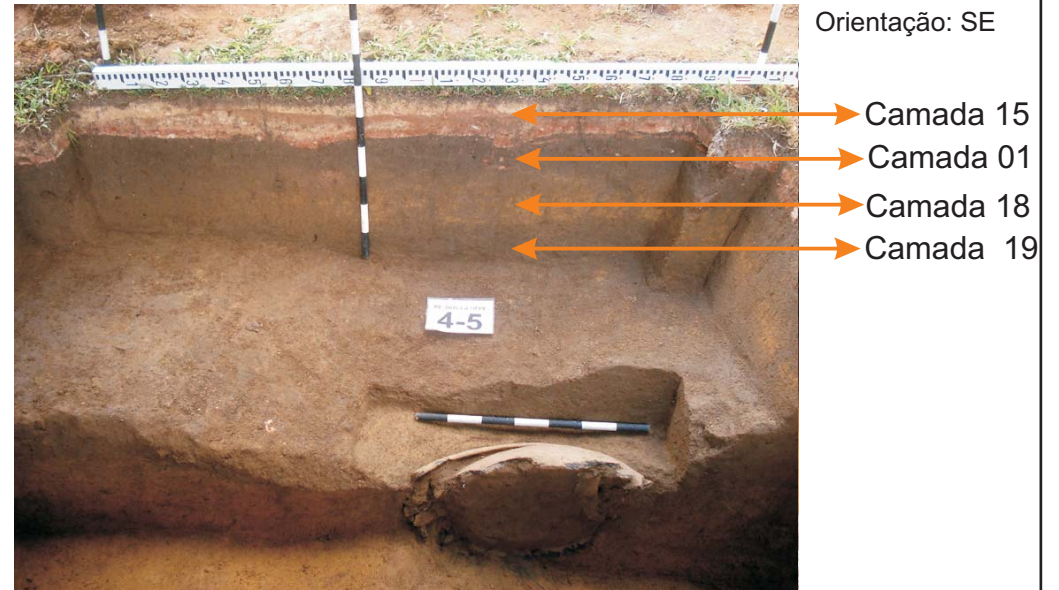


Orientação: NW

- ← Camada 16
- ← Camada 15
- ← Camada 01
- ← Camada 18
- ← Camada 19

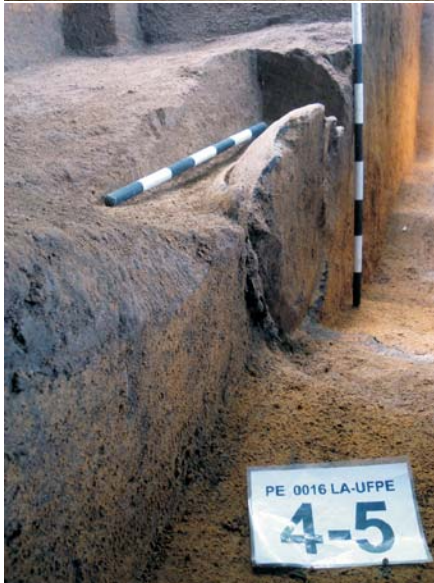
Trincheira 14	
Corte 3-4 e 5-6	
16	sem registro
15	sem registro
1	sem registro
18	sem registro
19	sem registro
2	sem registro

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 14
CONTEÚDO:	Documentação das Camadas e registros das escavações arqueológicas	CORTE: 04-05



Trincheira 14	
Corte 4-5	
1	sem registro
15	sem registro
18	sem registro
19	4846
Rolado da C-01	4847

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	TRINCHEIRA: 14
CONTEÚDO:	Documentação da urna funerária fragmentada.	CORTE: 04-05



Urna funerária da Tradição ceramista Tupiguarani. No entorno da urna foram localizados outros recipientes cerâmicos.

Perfil do corte 04-05:



Revitalização do monumento

Desde a sua descoberta, nos anos de 1968/1969 o trecho do fosso do Forte Real do Bom Jesus permaneceu exposto, de modo a evidenciar o monumento seiscentista ali existente. Desde então aquele monumento histórico sofre com a falta de conservação. Em 1988, o Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, também em parceria com a Prefeitura da Cidade do Recife, retornou ao sítio arqueológico com o objetivo de revitalizar a estrutura do fosso que ao longo dos anos vinha sendo utilizado como depósito do lixo acumulado durante os festejos juninos realizados no Sítio Trindade. Restos orgânicos e inorgânicos, além do carreamento de sedimentos proveniente das partes mais altas da área²⁰. quase que re-entulharam o fosso.



Figura 7 - Panorâmica do Fosso do Forte Real do Bom Jesus em março de 2009.

²⁰ Albuquerque, Marcos. Forte Real do Bom Jesus: Resgate Arqueológico de um sítio Histórico. Recife:s.n. 1988 (Recife : CEPE). Pg. 07.

Mas a revitalização levada a efeito em 1988 não foi suficiente para garantir sua conservação, e o fosso do antigo forte foi novamente alvo de descaso.

A despeito das repetidas tentativas de propiciar melhores condições de preservação e de exposição ao público, na realidade o Forte Real do Bom Jesus, como monumento histórico, permaneceu praticamente esquecido. Ao longo do tempo o fosso foi sendo integrado à paisagem do parque público, perdendo gradativamente a memória como monumento seiscentista. Para tanto contribuiu fortemente o desenvolvimento de uma cobertura vegetal que ali se instalou a partir de sementes transportadas seja pelas enxurradas, seja pelas aves e roedores. Por falta de trato e manutenção uma vegetação de grande porte se instalou em toda a área do monumento de terra.

Durante a execução da escavação arqueológica realizada em 2009 no Sítio Trindade, a equipe do Laboratório de Arqueologia se empenhou para que a área do fosso fosse mais uma vez revitalizada.

A princípio, a despeito dos recursos arquitetônicos adotados (uso de uma faixa de calçamento a guisa de reconstituição do traçado do fosso), a presença luxuriante da vegetação que se instalara mascarava completamente o fosso, reforçava a amnésia da sociedade para com seu monumento. Uma amnésia decorrente da falta de informação, de uma política de educação Patrimonial, que perpassava o público atingindo mesmo alguns dirigentes da comunidade. Assim é que, a solicitação para a remoção da vegetação que se instalara e já começava a destruir o fosso, a princípio causou estranheza. Até mesmo um forte desagrado junto aos usuários do parque.

Em respeito à população, e no sentido de dar uma explicação aos usuários do parque, as ações de Educação Patrimonial vinculadas ao projeto arqueológico foram em parte redirecionadas no sentido de mostrar a importância da preservação de um monumento que é único, e que reflete os esforços de nossa gente na defesa de sua terra, seus costumes, suas crenças. Ao mesmo tempo propunha-se mitigar a supressão da vegetação invasora, com o plantio de novas mudas no parque.

Além das ações de educação patrimonial, foram tomadas, em parceria com a Secretaria de Cultura da Prefeitura do Recife medidas administrativas compatíveis com a situação.

Em reuniões que contaram com a presença de representantes da Secretaria de Cultura e de Meio Ambiente da Prefeitura do Recife foram tomadas as medidas cabíveis no sentido de ajustar-se a conduta no que se refere à preservação daquele patrimônio. Após a autorização da DIRMAM para a remoção da vegetação a Emlurb – Empresa de Limpeza Urbana – ficou responsável pelo corte da vegetação de grande porte.



Figura 8 - Corte das árvores realizado pela Emlurb.



Figura 9 - Panorâmica do fosso em processo de limpeza.

Após o corte das árvores a limpeza no interior do monumento foi realizada pela equipe do Laboratório de Arqueologia.



Figura 10 - Seqüência de ações envolvendo a limpeza do fosso.

Após a limpeza, com a aprovação de técnicos da Superintendência Regional do IPHAN em Pernambuco, o fosso foi revestido com grama (tipo esmeralda). O uso da cobertura com grama atende sobretudo à necessidade de reduzir os processos erosivos que atuam sobre o monumento de terra.



Figura 11 - Remoção da água acumulada após chuva.



Figura 12 - Início da cobertura do fosso com grama Esmeralda pela Ecoflora.



Figura 13 - Panorâmica do fosso após as atividades de prospecção arqueológica no Sítio Trindade

A remoção da vegetação de grande porte, a implantação da grama, além da aposição de uma placa explicativa, criaram um cenário que permitiu não apenas a revitalização da estrutura do fosso, mas ainda uma melhor divulgação e valorização do patrimônio do Sítio Arqueológico Arraial Velho do Bom Jesus.



Figura 14 - Colocação de placas explicativas na área do fosso do Forte Real do Bom Jesus.

Vale ressaltar que o compromisso assumido perante a população, de realizar o plantio de novas mudas foi cumprido pela Prefeitura da Cidade, tendo sido plantadas mudas de espécimes arbóreas variadas.



Figura 15 - Plantio de mudas pela Prefeitura do Recife, atendendo à compensação prometida pela remoção das árvores que cresceram no interior do fosso do Forte Real do Bom Jesus.



Figura 16 - Como parte da programação de Educação Patrimonial, participação de estudantes da rede pública no plantio das novas mudas, ainda durante a realização da escavação arqueológica no Sítio Trindade.

Refinaria Multicultural – Sítio Trindade

A área em que se pretende instalar Refinaria Multicultural do Sítio Trindade corresponde à área da atual sementeira da Cidade do Recife. Trata-se de uma área baixa e alagadiça, na base da colina histórica. Devido a sua proximidade com o sítio histórico um dos objetivos desta pesquisa foi avaliar se a implantação da Refinaria viria a causar danos ao conjunto do Forte.

Por se tratar de uma área baixa, deste modo distinta daquelas em que preferencialmente eram instaladas as estruturas de defesa portuguesas da época, possivelmente já não integraria o corpo daquela fortificação seiscentista. De qualquer sorte, poder-se-ia cogitar sobre a eventual presença de estruturas externas de defesa, ou mesmo de elementos de apoio, no entorno do forte. Neste caso, a construção das edificações para a instalação do Projeto da Refinaria Multicultural poderia vir atingir alguma estrutura externa do conjunto do Forte ou mesmo revelar estruturas ainda não manifestas (ocupação pré-histórica ou outras).

A avaliação arqueológica preliminar mostrou que a área onde hoje se encontra a Sementeira já fora alvo de grandes transformações. Trata-se de uma área visivelmente terraplanada, onde, em meados do século XX, comportou uma pista de concreto para prática de aeromodelismo.

Posteriormente a pista caiu em desuso e ali se instalou a Sementeira da Cidade, quando foram implantadas edificações correlatas. Tais modificações poderiam ter causado danos parciais e mesmo extensivos, irreversíveis caso existisse qualquer ocorrência arqueológica na área.

O Projeto da Refinaria visa à construção de 03 estruturas: bloco de Música, o bloco de Artes Plásticas e uma marquise de apoio. Segundo consta no Termo de Referência do referido Projeto, a escavação arqueológica da área deveria privilegiar, pelo menos, 70% das fundações de cada edifício a ser implantado na área.



Figura 17 - Panorâmica da Sementeira.



Figura 18 - Área alagada próxima a Estrada do Encanamento.



Figura 19 - Edificação na área da Sementeira da Prefeitura do Recife.



Figura 20 - Entrada da Sementeira. No canto da imagem detalhe da antiga pista de aeromodelismo.

Sondagens

De início foi realizada uma prospecção arqueológica de superfície, que abrangeu toda a área da Sementeira. Em seguida foi realizada uma seqüência de 14 sondagens com o intuito de avaliar-se a estratigrafia da área em diferentes pontos do terreno.

As sondagens revelaram uma seqüência de camadas de aterro que se sobrepunha a uma outra camada com grande concentração de matéria orgânica. Sobretudo nas sondagens S05, S06, S07 e S08 (Ilustração 6: pontos vermelhos.) a camada em que havia grande concentração de matéria orgânica se mostrava encharcada. Por outro

lado, o material que permeava aquela a camada em que se concentrava matéria orgânica revelou se tratar de um antigo depósito de lixo urbano.

Deste modo, pode-se concluir que o terreno onde se pretende instalar a Refinaria Multicultural, já se encontra severamente alterado, com interferências antrópicas recentes.

O resultado da análise das sondagens está sendo apresentado sob a forma de banco de dados, abaixo.

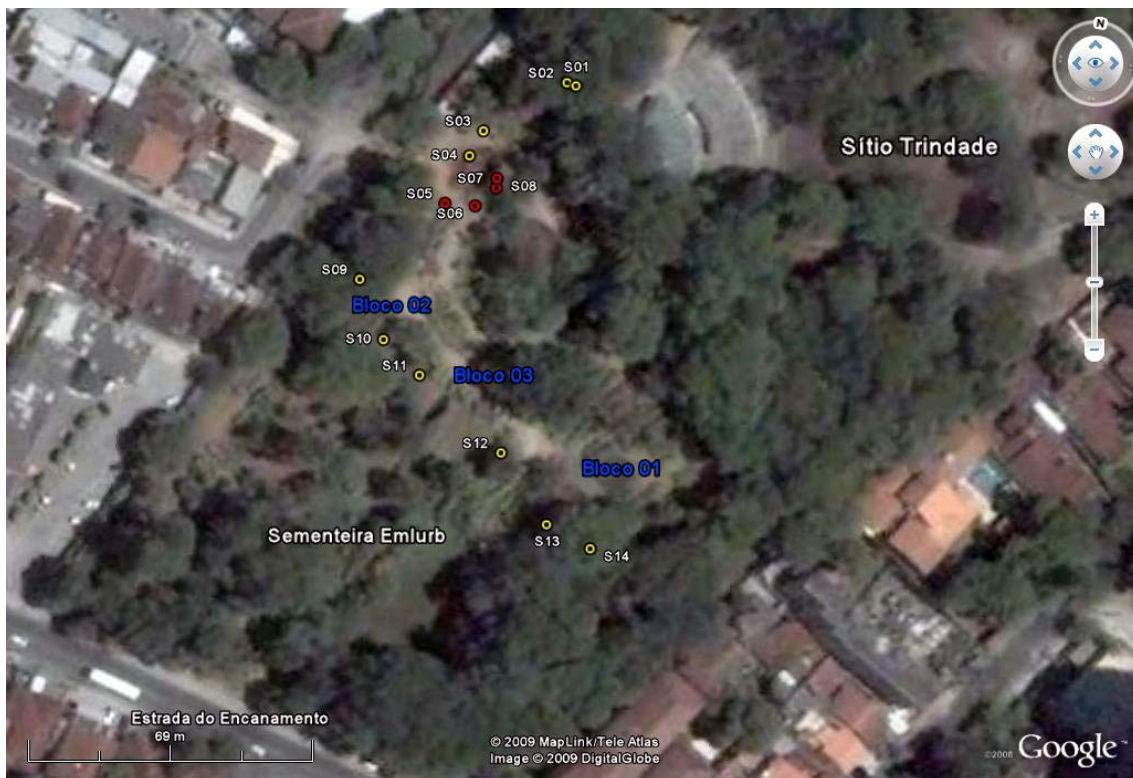


Ilustração 6 - Localização das sondagens sobrepostas à imagem de satélite do Google Earth.

Antes mesmo da Prospecção Arqueológica, a Ensolo, contratada pela Prefeitura do Recife, realizou sondagens na área das fundações dos 03 blocos da Refinaria Multicultural, o relatório apresentado pela empresa em anexo.

Sondagens realizadas na Sementeira – Refinaria Multicultural

SEMENTEIRA DO SÍTIO TRINDADE - BANCO DE SONDAGENS

Data: 08/06/2009

Sondagem: 14

Ponto de Referência: 059

Precisão: 9m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289147,204
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111777,504

Profundidade 50cm

Presença da Camada de Lixo: Não

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 7cm de camada arenosa concentrada em matéria orgânica;
- 26cm de camada argilosa;
- 17cm de camada arenosa com incorporação de matéria orgânica e metralha;

-

Foto Perfil:



Data: 08/06/2009

Sondagem: 01

Ponto de Referência: 045

Precisão: 8m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289129,851
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111885,271

Profundidade 70cm

Presença da Camada de Lixo: Não

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 8cm de camada areno-argiloso concentrado em matéria orgânica (Horizonte A);
- 15cm de camada argiloso proveniente de aterro;
- 27cm de camada arenosa concentrado em matéria orgânica.

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



SEMENTEIRA DO SÍTIO TRINDADE - BANCO DE SONDAGENS

Data: 08/06/2009

Sondagem: 02

Ponto de Referência: 046

Precisão: 15m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289127,662
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111885,806

Profundidade 70cm

Presença da Camada de Lixo: Não

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 1cm de camada de areia branca;
- 5cm de camada areno-argiloso concentrado em matéria orgânica (Horizonte A);
- 8cm de camada argiloso proveniente de aterro;

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



Data: 08/06/2009

Sondagem: 03

Ponto de Referência: 047

Precisão: 8m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289109,269
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111872,490

Profundidade 60cm

Presença da Camada de Lixo: Não

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 6cm de camada areno-argiloso concentrado em matéria orgânica;
- 2cm de camada argilosa;
- 16cm de camada arenosa concentrada em matéria orgânica;

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



SEMENTEIRA DO SÍTIO TRINDADE - BANCO DE SONDAGENS

Data: 08/06/2009

Sondagem: 04

Ponto de Referência: 048

Precisão: 11m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289106,711
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111866,284

Profundidade 60cm

Presença da Camada de Lixo: Não

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 8cm de camada areno-argilosa concentrada em matéria orgânica (Horizonte A);
- 12cm de camada areno-argilosa proveniente de aterro;
- 40cm de camada arenosa com incorporação de matéria orgânica.

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



Data: 08/06/2009

Sondagem: 05

Ponto de Referência: 050

Precisão: 11m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289102,265
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111854,461

Profundidade 60cm

Presença da Camada de Lixo: Sim

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 15cm de camada areno-argilosa concentrada em matéria orgânica (Horizonte A);
- 14cm de camada argilosa proveniente de aterro;
- 18cm de camada arenosa muito concentrada em matéria orgânica com lixo.

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



SEMENTEIRA DO SÍTIO TRINDADE - BANCO DE SONDAGENS

Data: 08/06/2009

Sondagem: 06

Ponto de Referência: 053

Precisão: 9m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289109,574
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111854,690

Profundidade 60cm

Presença da Camada de Lixo: Sim

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 1cm de camada areno-argilosa concentrada em matéria orgânica (Horizonte A);
- 50cm de camada argilosa proveniente de aterro;
- 9cm de camada arenosa muito concentrada em matéria orgânica com lixo.

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



Data: 08/06/2009

Sondagem: 07

Ponto de Referência: 051

Precisão: 8m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289114,043
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111859,458

Profundidade 50 cm

Presença da Camada de Lixo: Sim

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 20cm de camada argilosa proveniente de aterro;
- 20cm de camada arenosa com metralha;
- 10cm de camada arenosa muito concentrada em matéria orgânica com lixo.

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



SEMENTEIRA DO SÍTIO TRINDADE - BANCO DE SONDAGENS

Data: 08/06/2009

Sondagem: 08

Ponto de Referência: 052

Precisão: 9m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289113,949
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111861,710

Profundidade 70cm

Presença da Camada de Lixo: Sim

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 10cm de camada areno-argilosa concentrada em matéria orgânica (Horizonte A);
- 25cm de camada argilosa proveniente de aterro;
- 35cm de camada arenosa muito concentrada em matéria orgânica com lixo.

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



Data: 08/06/2009

Sondagem: 09

Ponto de Referência: 054

Precisão: 10m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289084,146
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111834,072

Profundidade 50cm

Presença da Camada de Lixo: Não

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 7cm de camada areno-argilosa concentrada em matéria orgânica (Horizonte A);
- 22cm de camada argilosa com trechos com incorporação de matéria orgânica;
- 21cm de camada arenosa concentrada em matéria orgânica.

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



SEMENTEIRA DO SÍTIO TRINDADE - BANCO DE SONDAGENS

Data: 08/06/2009

Sondagem: 10

Ponto de Referência: 055

Precisão: 10m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289091,667
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111820,524

Profundidade 40cm

Presença da Camada de Lixo: Não

Presença de Material Arqueológico: Sim

Descrição do Perfil:

- 10cm de camada argilosa;
- 30cm de camada arenosa com incorporação de matéria orgânica e metralha;

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



Data: 08/06/2009

Sondagem: 11

Ponto de Referência: 056

Precisão: 9m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289101,377
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111813,199

Profundidade 54cm

Presença da Camada de Lixo: Não

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 14cm de camada argilosa;
- 40cm de camada arenosa com incorporação de matéria orgânica e metralha;

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



SEMENTEIRA DO SÍTIO TRINDADE - BANCO DE SONDAGENS

Data: 08/06/2009

Sondagem: 12

Ponto de Referência: 057

Precisão: 10m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289123,131
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111797,372

Profundidade 80cm

Presença da Camada de Lixo: Não

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 15cm de camada argilosa;
- 20cm de camada arenosa com incorporação de matéria orgânica e metralha;
- 35cm de camada argilosa;

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



Data: 08/06/2009

Sondagem: 13

Ponto de Referência: 058

Precisão: 9m

Coordenadas Geográficas Zona 25L Leste 289136,104
(UTM / SAD69 BRASIL/IBGE): Norte 9111781,866

Profundidade 50cm

Presença da Camada de Lixo: Não

Presença de Material Arqueológico: Não

Descrição do Perfil:

- 50cm de terreno areno-argiloso, concentrado em matéria orgânica

Foto Panorâmica:



Foto Perfil:



Escavações

Apesar de se tratar de uma área para a qual a expectativa arqueológica não incluía a presença de elementos centrais do Forte Real do Bom Jesus, a escavação da área foi realizada visando identificar quaisquer indícios que pudessem estar associados a eventuais estruturas externas do antigo Forte, ou mesmo outras estruturas anteriores ou mesmo mais recentes.

A pesquisa foi realizada no âmbito do terreno da Sementeira, concentrando esforços na área onde será instalado cada bloco da Refinaria Multicultural.

Atendendo aos pressupostos da metodologia estabelecida, a realização das sondagens preliminares permitiu estabelecer-se uma expectativa (arqueológica) da seqüência estratigráfica presente na área, e que seria exposta quando da escavação dos cortes e trincheiras.

No conjunto foram escavadas 09 trincheiras na área onde está projetada a Refinaria Multicultural.

Durante a realização de prospecção de subsuperfície na área: foram identificadas 07 camadas ao longo das trincheiras abertas:

Camada	Descrição
1	Camada superficial areno-argilosa com incorporação de matéria orgânica.
2	Camada de aterro argilosa
3	Camada areno-argilosa com incorporação de matéria orgânica.
4	Camada areno-argilosa sem incorporação de matéria orgânica.
5	Camada areno-argilosa compacta sem incorporação de matéria orgânica e com concentração de ferro.
6	Camada areno-argilosa com grande concentração de matéria orgânica e com presença de lixo urbano.
7	Camada areno-argilosa com grande concentração de matéria orgânica.

A distribuição das trincheiras e cortes buscou concentrar a atenção nas áreas a serem atingidas pelas fundações dos três blocos que inclui a marquise, de acordo com a exigência do Termo de Referência.

Tem-se assim:

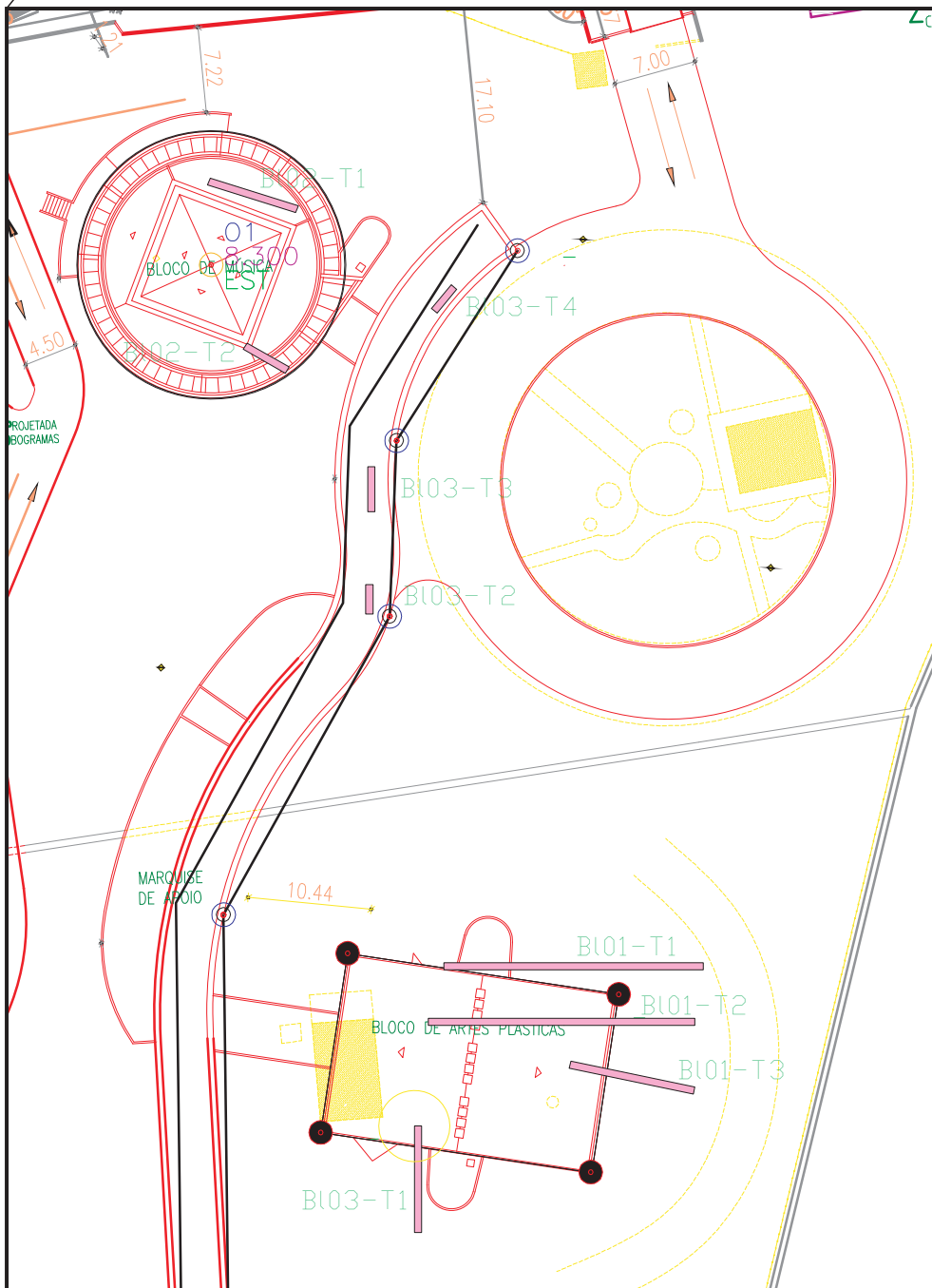
Bloco 01 - Bloco de Artes Plásticas, Design e Multimeios

Bloco 02 - Bloco de Artes Cênicas, Música, Biblioteca e Cultura Digital

Bloco 03 - Marquise de Atividades de Apoio:

Durante a escavação foi coletado o material arqueológico localizado, que recebeu os seguintes números de registro:

Registro	Bloco	Trincheira	Corte	Camada
4874			Superfície	1
4866	1	T-02	8/9	6
4867	1	T-02	9/10	6
4860	1	T-02	11/12	7
4864	1	T-02	11/12	6
4861	1	T-02	Rolado	6
4865	1	T-02	Rolado	Rolado
4875	1	T-02	Rolado	Rolado
4876	1	T-03	11/12	6
4862	1	T-03	Rolado	6
4877	1	T-03	Rolado	
4863	2	T-01	Rolado	6
4880	2	T-01	Rolado	Rolado
4872	2	T-02	Rolado	6
4878	2	T-02	Rolado	Rolado
4882	1 e 2	Rolado	Rolado	Rolado
4868	3	T-01	Rolado	Rolado
4869	3	T-02	Rolado	Rolado
4870	3	T-03	2/3	6
4871	3	T-04	1/2	6
4873	3	Rolado	Rolado	6
4840	Rolado Geral			
4879	Material localizado na sondagem 10 realizada na sementeira.			



LEGENDA

	MURO		EDIFICAÇÃO EXISTENTE
	MURO-FIO		DEMOLIR
	VIA PAVIMENTADA		CONSTRUIR
	GRADIL		ÁRVORE
	CANALETA		COQUEIRO
	CANALETA NOVA		
	MURO COM GRADIL NOVO		

Legenda

	Cortes e trincheiras
--	----------------------



**PESQUISA ARQUEOLÓGICA
NO SÍTIO DA TRINDADE -
CASA AMARELA - PE**

Prospecção de subsuperfície na área onde será construída a Refinaria Multicultural

Escala: indicada

Bloco 01 - Bloco de Artes Plásticas, Design e Multimeios:



Ilustração 7 - Panorâmica da área do Bloco 01 antes das escavações.

O Bloco está projetado para ser edificado ao lado do prédio de administração da Sementeira. Trata-se de uma edificação retangular com 15,30 x 23,15m que irá ocupar uma área 373,29 m².

Três trincheiras foram escavadas na área do Bloco de Artes Plásticas, Design e Multimeios:

Trincheira	Área
01	0,60 x 10,70m
02	0,60 x 22m
03	0,60 x 22m

Todas as trincheiras escavadas apresentaram, no trecho mais próximo ao morro, um perfil com uma camada inicial areno-argilosa de espessura fina, com grande concentração de matéria orgânica, seguido de camada argilosa proveniente de aterro da área e finalmente uma camada areno-argilosa onde na parte mais profunda da

trincheira apresentou concentração de ferro (limonita), muito compactada. Esta última camada revela o contato de uma área alagadiça com a base do morro.

As trincheiras 02 e 03, em trecho mais próximo a sede da sementeira e do alagado (área mais baixa) apresentaram perfil argiloso proveniente de aterro, neste local a camada de aterro se encontra mais espessa do que a área mais próxima ao morro, o que indica uma declividade do terreno em direção a Estrada do Encanamento. Após a camada argilosa surgiu uma nova camada, com espessura variando de 15 a 20 cm, areno-argilosa com grande concentração de matéria orgânica com restos de metralha, louça, plástico, enfim, lixo urbano. Tanto na T-02 quanto na T-03 foi identificada, ainda nesta camada a presença de faiança portuguesa (cronologia entre os séculos XVI a XVIII - Portugal) de permeio com material recente. Neste trecho a camada final, areno-argilosa, encontra-se com incorporação de matéria orgânica, face a percolação, intensificada pela proximidade com o nível freático (área mais baixa e encharcada).

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 01
CONTEÚDO:	Documentação das escavações da área do Bloco de Artes Plásticas, Design e Multimeios.	Panorâmica



Panorâmica da área escavada do Bloco de Artes Plásticas, Design e Multimeios. Da direita para esquerda T-01, T-02 e T-03.



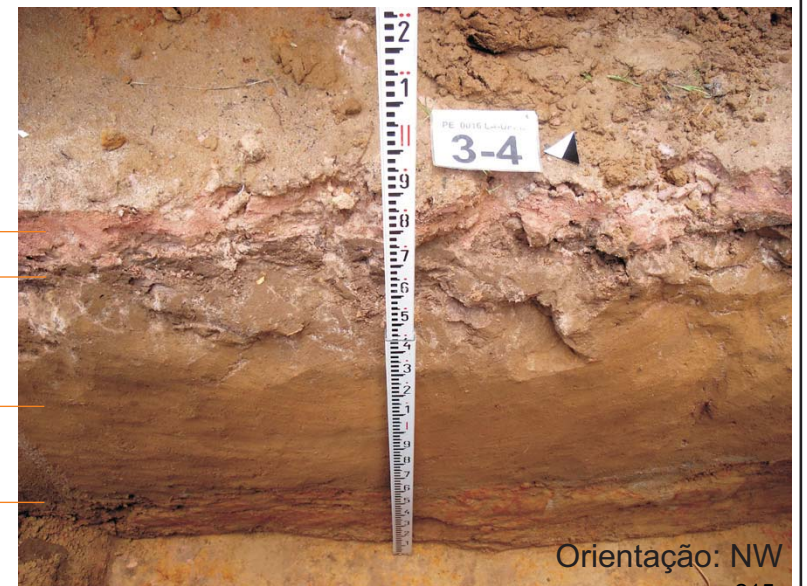
PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 01
CONTEÚDO:	Documentação dos cortes da trincheira 01.	TRINCHEIRA: 01



CAMADA 02 ←
CAMADA 03 ←

CAMADA 04 ←

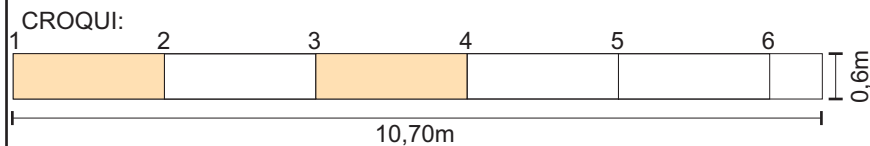
CAMADA 05 ←



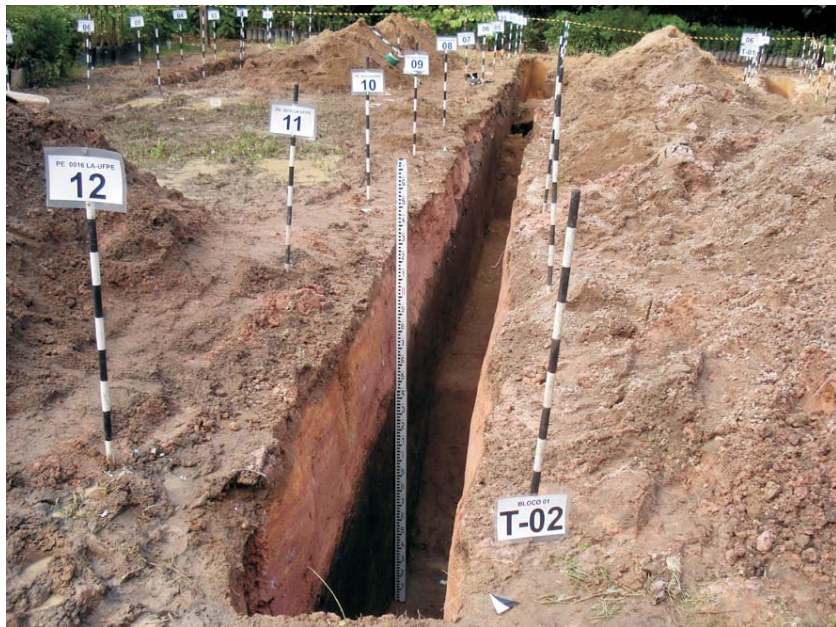
CAMADA 02 ←
CAMADA 03 ←

CAMADA 04 ←

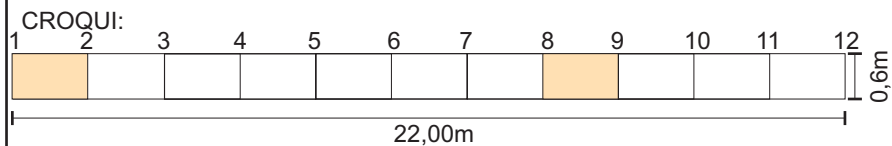
CAMADA 05 ←



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 01
CONTEÚDO:	Documentação dos cortes da trincheira 02.	TRINCHEIRA: 02



Detalhe dos cortes
1-2, 2-3 e 3-4.



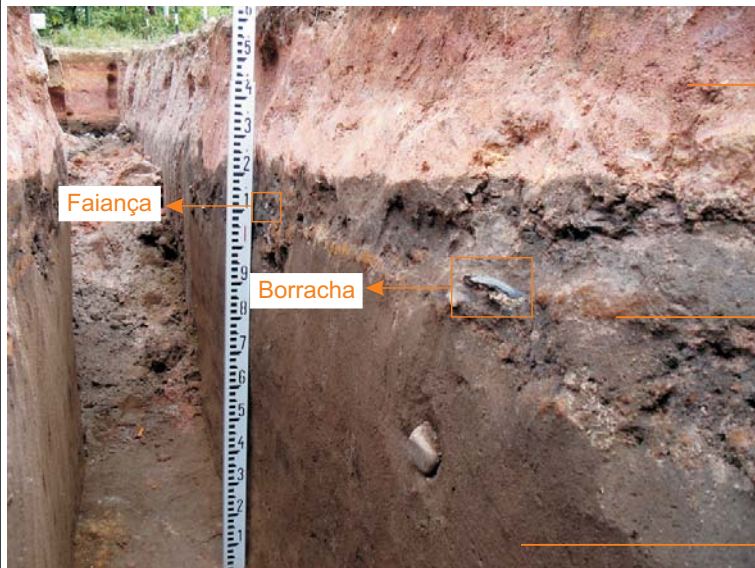
- CAMADA 02 ←
- CAMADA 03 ←
- CAMADA 04 ←
- CAMADA 05 ←



- CAMADA 01 ←
- CAMADA 02 ←
- CAMADA 06 ←
- CAMADA 07 ←



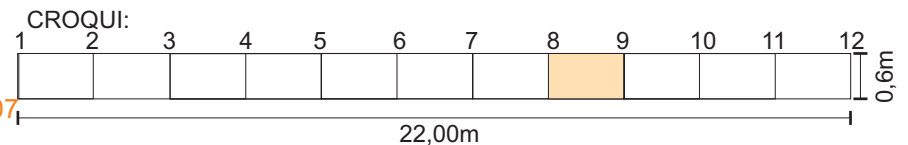
PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 01
CONTEÚDO:	Fragmento de Faiança localizado no corte 8-9	TRINCHEIRA: 02



→ CAMADA 02 Um fragmento de faiança, louça produzida na Europa e importada para o Brasil quando era ainda uma colônia, foi localizado na camada 06 do corte 8-9. No entanto, a grande maioria do material encontrado nesta camada foi identificado do ponto de vista cronológico como produção e consumo do séculi XX-XXI. No mesmo perfil, por exemplo, pode ser observada a presença de borracha nesta mesma camada.

→ CAMADA 06

→ CAMADA 07

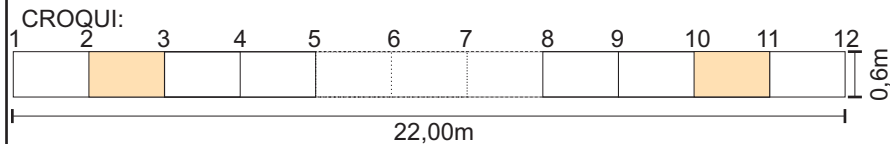
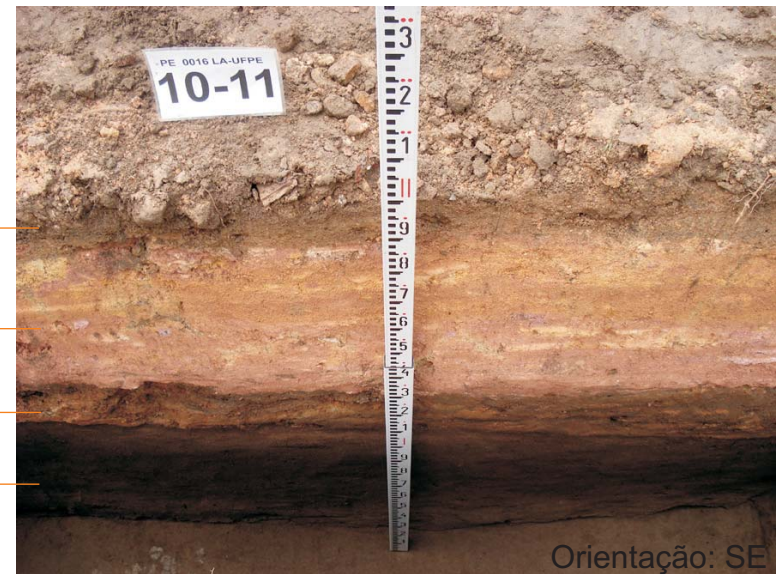


PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 01
CONTEÚDO:	Documentação dos cortes da trincheira 03.	TRINCHEIRA: 03



Cortes 1-2, 2-3, 3-4 e 4-5

Cortes 9-10, 10-11 e 11-12

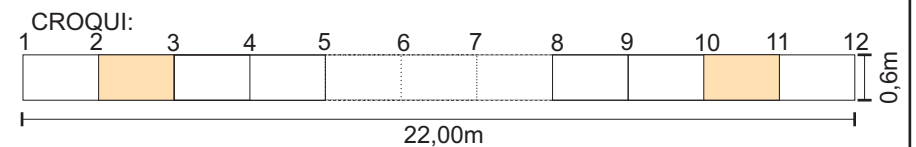


PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 01
CONTEÚDO:	Fragmento de Faiança localizado no corte 11-12.	TRINCHEIRA: 03

Orientação: SE



No corte 11-12, localizou-se também, como pode ser observado no perfil SW, um outro fragmento de faiança na camada 06. Este fragmento foi o único cuja a cronologia se revela compatível com a ocupação de Forte Real do Bom Jesus (1630-1635), remontando a um período anterior ao estabelecido para a referida camada, caracterizada pelo descarte de lixo nos séculos XX-XXI.



Bloco 02 - Bloco de Artes Cênicas, Música, Biblioteca e Cultura Digital:



Ilustração 8 - Panorâmica da área do bloco 02 antes das escavações.

Este bloco está projetado para ser edificado em local próximo a guarita, na entrada da sementeira pela Rua Joubert de Carvalho. Trata-se de uma edificação em formato circular com raio de 11,25m que irá ocupar uma área de 397,61 m².

Duas trincheiras foram escavadas na área do Bloco de Música, Biblioteca e Cultura Digital:

Trincheira	Área
01	0,60 x 8m
02	0,60 x 4m

As duas trincheiras escavadas apresentaram o mesmo perfil e atingiram o lençol freático a aproximadamente 1,60 m da superfície do terreno. A camada 06, com grande concentração de matéria orgânica, apresentou grande quantidade de lixo urbano. O material localizado nesta camada é, em sua maioria, do século XX. A espessura e a

incidência de material nesta camada revelam que em meados do século XX esta área foi utilizada para descarte de lixo.



Ilustração 9 - Material removido da T-01 do Bloco 02.



Ilustração 10 - Material arqueológico do século XX.

PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 02
CONTEÚDO:	Documentação das escavações da área do Bloco de Musica, Biblioteca e Cultura Digital.	Panorâmica



Panorâmica da área escavada do Bloco de Música, Biblioteca e Cultura Digital. Da direita para esquerda T-01 e T-02.



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 02
CONTEÚDO:	Documentação dos cortes da trincheira 01.	TRINCHEIRA: 01



CAMADA 02 ←

CAMADA 06 ←

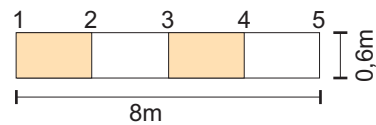


CAMADA 02 ←

CAMADA 06 ←

Lençol freático ←

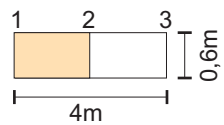
CROQUI:



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 02
CONTEÚDO:	Documentação dos cortes da trincheira 02.	TRINCHEIRA: 02



CROQUI:



CAMADA 02 ←

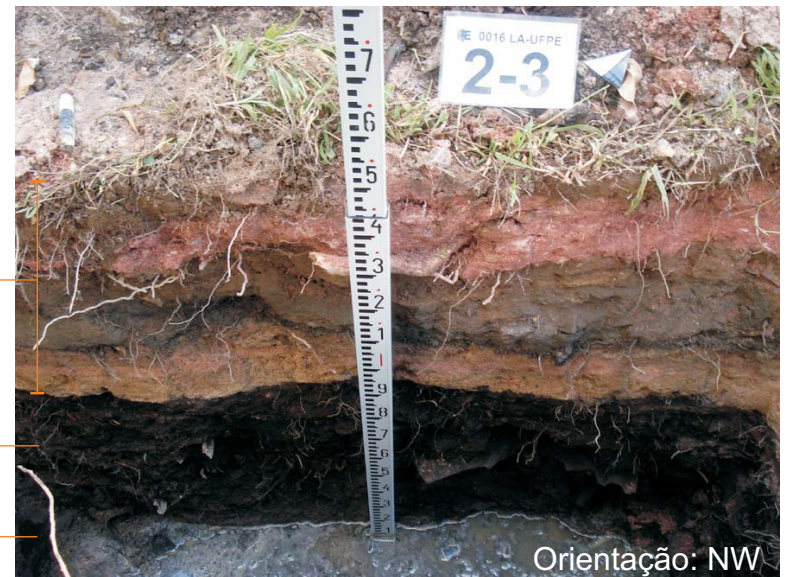
CAMADA 06 ←



CAMADA 02 ←

CAMADA 06 ←

Lençol freático ←



Bloco 03 - Marquise de Atividades de Apoio:



Ilustração 11 - Panorâmica da área da Marquise de Apoio antes das escavações.

O Bloco 03 corresponde a Marquise de Apoio que fará a ligação entre os blocos 01 e 02 e irá ocupar uma área de 696,94 m².

Quatro trincheiras foram escavadas na área da Marquise de Apoio:

Trincheira	Área
01	0,60 x 9m
02	0,60 x 2,5m
03	0,60 x 9m
04	0,60m x 2,6m

A trincheira 01, realizada nas proximidades do Bloco 01, apresentou uma camada de aterro que capeava uma camada areno-argilosa com grande concentração de matéria orgânica proveniente de lixo urbano. Abaixo ainda uma camada areno-argilosa, que também mostrava uma alta concentração de matéria orgânica.

As trincheiras 02, 03 e 04 apresentaram perfil onde se pode registrar uma camada de aterro constituindo um pacote decorrente de materiais de pelo menos quatro fontes distintas. Esta seqüência de aterro capeava uma espessa camada que concentrava matéria orgânica decorrente de acúmulo de lixo urbano (camada 06).

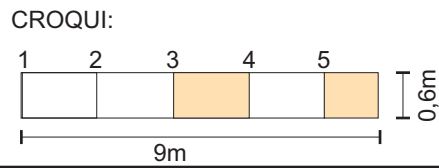
PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 03
CONTEÚDO:	Documentação das escavações da área do Bloco da Marquise de Apoio.	Panorâmica



Panorâmica da área escavada do Bloco de Marquise de Apoio.



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 03
CONTEÚDO:	Documentação dos cortes da trincheira 01.	TRINCHEIRA: 01



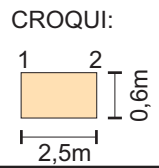
PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 03
CONTEÚDO:	Documentação dos cortes da trincheira 02.	TRINCHEIRA: 02



Orientação: NE



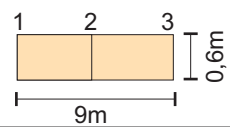
Orientação: SW



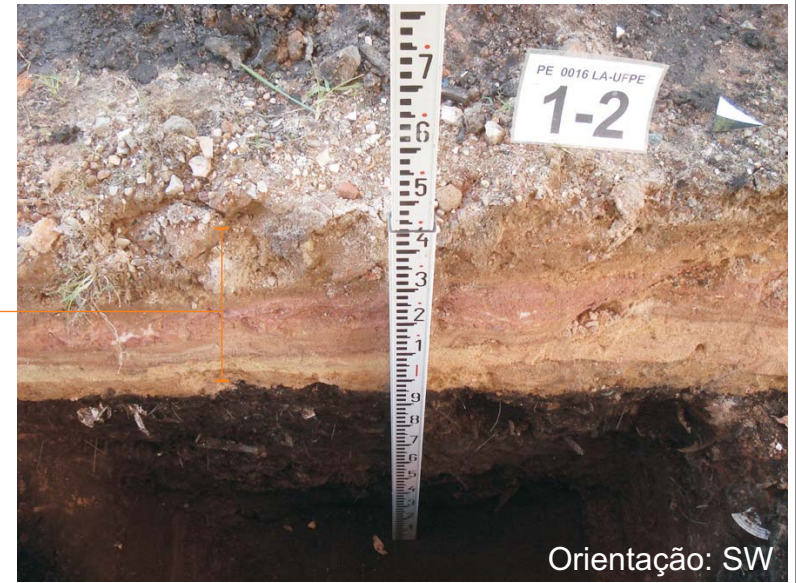
PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 03
CONTEÚDO:	Documentação dos cortes da trincheira 03.	TRINCHEIRA: 03



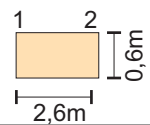
CROQUI:



PROJETO:	PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO TRINDADE	BLOCO 03
CONTEÚDO:	Documentação dos cortes da trincheira 04.	TRINCHEIRA: 04



CROQUI:



Resultados analíticos

A análise do material arqueológico proveniente das escavações do Sítio Trindade foi realizada no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, localizado na Av. Professor Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Cidade Universitária, Recife-PE; Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) – 11º andar.

Participaram da análise os seguintes integrantes da Equipe:

Marcos Albuquerque	Coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE
Eleonôra Guerra	Arqueóloga
Silvia Uchôa	Arqueóloga
Milena Duarte	Arqueóloga
Érica Lima	Técnica de Laboratório

Os procedimentos analíticos do material arqueológico tiveram início concomitante com os trabalhos de escavação. Inicialmente, foi realizada a separação por categoria de material, limpeza e numeração. Em seguida foi selecionada a coleção de referência do sítio e foram preenchidas as planilhas de análise por camada e registro. Após a análise o material foi scaneado e/ou fotografado.



Ilustração 12 - Material arqueológico em processo de análise.

A metodologia adotada pelo Laboratório de Arqueologia da UFPE durante a escavação de sítios complexos, inclui, ainda em campo, uma avaliação prévia do material arqueológico resgatado, no sentido de se identificar indicadores funcionais e cronológicos. Esta prática, associada a uma avaliação geoarqueológica permite uma maior segurança na interpretação da estratigrafia.

Assim, o material resgatado durante a escavação realizada no Sítio Trindade foi submetido, ainda em campo, a um processo preliminar de identificação, e classificado em macro categorias; processo este que atua como uma retro-alimentação gabinete/campo/laboratório. A estrutura de apoio promovida pela presença da unidade móvel do Laboratório junto ao local da escavação viabiliza a execução das práticas laboratoriais concomitante aos trabalhos de escavação, conferindo-lhe uma maior unidade e confiabilidade.

O trabalho preliminar de identificação e classificação se faz com base nos bancos de dados de referência criados pela equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE, que são mantidos em constante atualização. Tais bases de dados abrangem informações textuais quanto à origem, cronologia, dispersão, de elementos materiais da cultura, em especial aqueles recorrentes em sítios arqueológicos brasileiros. Inclui ainda imagens de peças arqueológicas pré-históricas, do período histórico e mesmo etnográficas.

Sequência de ações desenvolvidas na análise do material arqueológico resgatado:

Etapa preliminar (em campo, durante a escavação).

As atividades desenvolvidas pelo laboratório de campo incluem a avaliação do material arqueológico quanto ao estado de conservação, e quanto a sua identificação. A avaliação do estado de conservação das peças, além de fornecer informações quanto ao contexto arqueológico em que foram mantidas, aponta as necessidades de relacionadas à limpeza e acondicionamento, com vistas a manter sua integridade. A avaliação quanto a identificação das peças, como foi mencionado anteriormente, busca fornecer elementos que permitam confrontar as expectativas estratigráficas, ainda durante o desenvolvimento dos trabalhos de escavação.

Deste modo, a preparação preliminar das amostras para análise laboratorial é uma etapa que tem início ainda no campo, durante a execução das escavações. Além da limpeza das peças a preparação das amostras inclui ainda a numeração de cada peça em conformidade com a sua disposição espacial (tridimensional) no sítio e seu acondicionamento, condizente com o tipo de material. No caso da escavação do sítio Trindade, o grande número de peças resgatadas não permitiu que todas as coleções fossem tratadas em campo. Assim, a preparação de parte do material foi concluída no laboratório base.

Cumprida a etapa de identificação preliminar, já no laboratório base, e devidamente referenciado quanto ao corte e à camada onde foi encontrado, o material arqueológico foi submetido ao processo analítico propriamente dito.

No laboratório base, o material recebido é checado com base na planilha de controle e situação e só então passa a ser manuseado para análise detalhada, e documentação. A análise se faz por conjunto de peças, por número de registro, (por corte e camada), que reflete sua disposição espacial. O resultado das análises são registrados em uma planilha, montadas de modo a permitir não apenas a coleta das informações, mas, sobretudo o seu processamento e avaliação estatísticas.²¹

Vale ressaltar ainda que, buscando focar a análise do material no sentido da identificação e compreensão das atividades, no cotidiano dos ocupantes do sítio em estudo, bem como sua inserção no contexto sistêmico, o material arqueológico foi analisado prioritariamente mediante critérios funcionais. Um considerável percentual do material, no entanto, por não fornecer elementos seguros para a identificação de seu uso e função foi classificado mediante outros critérios analíticos.

Todas as ocorrências constatadas durante a análise, quer sejam técnicas, funcionais, morfológicas, estilísticas ou mesmo provocadas por intemperismo pós-deposicional são registradas e documentadas em planilhas específicas. Durante a análise, um representante de cada ocorrência será separado para ser registrado em imagem, constituindo uma “Coleção de Referência” para o sítio²². Os exemplares desta coleção serão acondicionados separadamente do restante do material, contribuindo muitas vezes para ampliar os nossos bancos de referência. As demais peças do sítio serão acondicionadas após sua análise, em embalagens por categoria e por registro, recebendo identificação interna e externa. As peças que apresentarem potencial expositivo estarão assinaladas na planilha, para o caso de surgir a possibilidade de serem encaminhadas a um museu ou para uma exposição temporária. Algumas ressalvas devem ser feitas, no entanto, no que se refere aos procedimentos adotados a algumas categorias específicas de material, como é o caso do material de construção e material contemporâneo em plástico, borracha, metal, tal como embalagens plásticas, lata de refrigerante. O material destas categorias foi trabalhado em campo e, após sua documentação e quantificação, são selecionados exemplares representativos de cada “tipo” observado para a coleção de referência da categoria. O restante do material permanece in loco.

O material arqueológico da área de topo/encosta

Os vestígios materiais resgatados no Sítio Trindade, constituídos de peças e fragmentos de peças, após sua análise foram agrupados nas seguintes categorias:

- Material de construção
- Material de Fixação

²¹ As planilhas e gráficos de incidência de material arqueológico seguem em anexo.

²² O catálogo de imagem da “Coleção de Referência” do PE0016 LA/UFPE segue em anexo.

- Trancas e articulações
- Material de Iluminação
- Instrumento de Trabalho
- Material Bélico
- Cachimbo
- Material Lúdico
- Selo
- Moedas
- Material relacionado à alimentação
 - Cerâmica
 - Faiança
 - Porcelana
 - Faiança Fina
 - Grés
 - Vidro
 - Talher
 - Malacológico
 - Ossos e dentes
- Material relacionado à saúde
- Vestuário
- Fivelas e passadores
- Lixo recente
- Lítico
- Material pré-histórico
- Material não identificado

Todas as categorias foram subdivididas, tendo-se utilizado critérios tecnológicos, morfológicos, cronológicos e de origem.

Material de Construção

A categoria de material arqueológico mais expressiva do ponto de vista quantitativo no Sítio Trindade é o Material de construção. Esta categoria de material foi subdividida em material de revestimento, parede/alicerce, telhado, material hidro-sanitário, uma peça vinculada à rede elétrica também foi encaixada nesta categoria.

O material de revestimento resgatado está representado por oito fragmentos de azulejo tendo-se fragmento monocromático na cor branca e outro com decoração pintada na cor azul, além de uma pastilha de revestimento externo. O material de revestimento foi situado cronologicamente no séc. XX-XXI.

No local, registrou-se a presença de fragmentos de tijolos batidos. Há fragmentos cujas dimensões não puderam ser resgatadas, dificultando assim sua identificação morfofuncional, ou seja, não oferecendo condições de se identificar se seria um tijolo para construção de alicerce/parede, para piso, ou mesmo para delimitação de canteiros.

Além dos tijolos batidos foram registrados fragmentos de tijolos de furo, produção do séc. XX e, em menor quantidade, também tijolos sextavados, de produção britânica, séc. XIX-XX.



Ilustração 13 - Tijolo batido em cerâmica vermelha, apresentando vestígio de argamassa de cal encontrado na camada 13, da trincheira 3, corte 4-5.



Ilustração 14 - Tijolo sextavado, com referência do fabricante impressa, em negativo: CLAYTON & SHUTTLEWORTH Nº 21890. LINCOLN. ENGLAND. Trata-se de uma produção britânica do séc. XIX-XX. Este tipo de tijolo foi encontrado na camada 13, da trincheira 6 e também no material recolhido durante a limpeza do fosso.

Observou-se uma concentração do tijolo de furo na camada 13, da trincheira 6. Nesta mesma camada foram encontrados fragmentos do tijolo de origem britânica: trata-se de uma peça sextavada, em argila vermelha, com impressão do fabricante invertida em baixo relevo: CLAYTON & SHUTTLEWORTH Nº 21890. LINCOLN. ENGLAND.

No que se refere ao material de cobertura (de telhado), dois tipos distintos de telha foram registrados: o tipo canal (manual e alguns poucos fragmentos industrial) e o tipo francesa (industrial). Dentre todos os representantes do material de construção, a telha é o mais volumoso. Diferenças foram observadas na pasta, queima e fôrma dos fragmentos de telha industrial revelando a existência de lotes de produção distintos.



Ilustração 15 - Conjunto de fragmentos de telha de fabricação manual encontradas na Camada 11. Pode-se observar a diversidade das peças, em termos de pasta, espessura, acabamento e queima.

No que se refere ao material de construção encontrado na Camada 11, pode-se afirmar que a grande maioria do material é constituído por fragmentos de telha canal manual, havendo fragmentos de tijolo batido, lajota, argamassa de cal e uma concreção de cimento com brita também foi registrada.

Fragmentos de peças vinculadas ao sistema hidro-sanitário foram registrados no local. Trata-se de uma peça de tubulação de água, possivelmente de uma central de abastecimento, fragmento de manilha e um fragmento de louça sanitária em faiança fina. Também foi registrada nesta categoria uma tampa de rosca para torneira.

Incluído ainda na categoria de material de construção, há um componente de tomada macho de plástico, marca DEFESA e uma peça em grès na cor branca utilizada para prender fios elétricos, representando o material de rede elétrica, séc. XX.

Material de fixação

Na categoria de material de fixação foram tratados os pregos, parafusos, tachas, grampos, gancho, estaca e braçadeira encontrados no Sítio. Esta categoria normalmente apresenta dificuldades de identificação no que se refere a sua função específica, uma vez que a maioria do material integrante desta categoria se constitui em um material componente de outras peças que poderão estar vinculado a qualquer um dos sistemas básicos de uma sociedade.

A matéria-prima utilizada na confecção destas peças é normalmente o ferro e muitas vezes também o latão.

Pregos

As peças desta categoria de material encontradas no Sítio Trindade são, em sua maioria, pregos em ferro, de secção quadrada. O estado de oxidação dos pregos dificultou a identificação de algumas peças cujo corpo não se apresentava em condições de visualização que permitisse identificar se tratava de um prego de secção quadrada ou circular, tipo de “arame”. O único prego de secção circular identificado foi localizado na camada 19, da trincheira 14.

Percebeu-se uma concentração desses pregos na Camada 11. Também se registrou nesta camada pregos apresentando marca de rebatimento para fixação. Nesta camada foi também registrada a presença de uma braçadeira e um gancho.



Ilustração 16 - Conjunto de pregos secção quadrada, em ferro oxidado. As peças abaixo apresentam evidência de rebatimento.

Tachas

Três modelos de tacha foram registrados no sítio: uma grande em ferro e duas menores em latão. A tacha em ferro apresenta a cabeça retangular larga e lisa, embora oxidada. As que são em latão se apresentam em dois modelos e dois tamanhos distintos. A maioria delas apresenta a cabeça esférica e lisa sendo uma delas em tamanho maior. O corpo partido das menores sugere que tenham sido arrancadas; um outro modelo observado é no tamanho menor e apresenta a cabeça esférica e raiada.



Ilustração 17 - Modelos de tachas localizados no Sítio Trindade. As tachas acima são de latão e a peça ao lado, em ferro oxidado.

Trancas e Articulações

Na categoria de Trancas e Articulações, estão incluídas peças como corrente, cadeado, fechadura, aldrava, dobradiça. Todas as peças são em ferro e se apresentam oxidadas, permitindo, no entanto, a visualização de sua morfologia. A grande maioria das peças desta categoria, encontradas no Sítio foi localizada na Camada 11. Não foi possível se recuperar a cronologia das maioria das peças, excetuando-se o cadeado que é uma peça esférica característica do séc. XVII.



Ilustração 18 - Cadeado esférico em ferro oxidado. Séc. XVII-XVII.



Ilustração 19 - Conjunto constituído por dobradiça (1), corrente (2), aldrava (3) e Cadeado (4), em ferro.

Material de iluminação

Um representante da categoria de Material de Iluminação foi encontrado na Camada 11. Trata-se de uma lamparina fragmentada, em ferro, cuja cronologia permite situá-la entre os séculos XVII-XVIII.



Ilustração 20 - Peças de lamparina, em ferro oxidada.

Instrumentos de trabalho

Alguns Instrumentos de trabalho foram identificados nas Camadas 11, e 13 e 1.

Camada 11

Na camada 11 foram registradas uma lâmina de tesoura de ponta fina em ferro, duas lâminas de faca em ferro: uma delas medindo aproximadamente 10 cm de comprimento e vestígios de cabo, provavelmente em osso; e a outra aproximadamente 8,5cm de comprimento. Esta última não apresenta vestígio de cabo.

Camada 13

Na camada 13, foram localizadas duas outras peças: uma lâmina de machado e uma articulação de compasso. Nesta categoria de material apenas uma peças apresentou condições de identificação cronológica: um alicate de unha, do século XX-XXI.



Ilustração 21 - lâmina de tesoura de ponta, em ferro.

Material Bélico

O material bélico resgatado na 4ª Campanha arqueológica realizada pelo Laboratório de Arqueologia da UFPE no Sítio Trindade é constituído basicamente por peças de munição em chumbo, para mosquete. Foram trinta e seis projéteis resgatados, além de fragmentos de peças em chumbo que apresentam marcas de rebatimento e cortes. Ainda entre o material bélico foram resgatados um guarda mão de rapiere e dois dedais em latão, que poderiam ter sido utilizados como medida de pólvora.

A maioria dos projéteis de mosquete se encontrava na Camada 1, nas trincheiras 1, 2, 5, e 9. Também foram resgatados projéteis na Camada 5 da Trincheira 1 na e Camada 13, nas trincheira 5, 6 e 8. Apenas um projétil foi localizado na Camada 11.

Na camada 1, além dos projéteis foram registrados quatro fragmentos de peças em chumbo apresentando marcas de rebatimento e cortes, sugerindo se tratar de projéteis que teriam sido deformados após terem sido disparados contra uma superfície dura e áspera.

Um guarda mão em laço de arma branca longa e fina, ou seja, de uma rapiere foi encontrado na Camada 13 da trincheira 6. A peça é em ferro e se encontra oxidada e pouco deformada.

Os dedais foram localizados na Camada 11. No caso destas duas peças, convém lembrar que foram incluídas na categoria da material bélico por ser uma peça que frequentemente é encontrada em sítios de defesa, associadas a apetrechos dos artilheiros; poderia ter sido utilizado como medida para pólvora ou mesmo para pequenos consertos de costura. A matéria prima é o latão.



Ilustração 22 - Acima, Guarda-mão de arma branca em ferro: rapiere. Ao lado, dedais de latão muito utilizado como medida de pólvora.



Cachimbo

O tabaco é uma herança americana hoje compartilhada praticamente em todo o mundo. Ao longo de sua trajetória de globalização, o uso do tabaco variou de diferentes maneiras: no tratamento das folhas, no processo de preparação, nas formas de uso e ainda no conceito social. Usado para mascar, para cheirar (rapé) e para fumar, nem sempre o tabaco foi considerado um vício. Ao contrário, ao longo da história, em diferentes ocasiões foi recomendado como medicação, e até hoje, sob a forma de infusão, ainda é utilizado como via alternativa (orgânica) de combate a pragas de vegetais cultivados. Como fumo, o uso do tabaco é talvez a forma de atualmente mais difundida (e mais combatida). Mas nem sempre foi assim; a simbologia do fumo passa desde a celebração da paz entre os homens (cachimbos da paz), aos rituais religiosos de purificação (a fumaça do fumo aspirado pelos pajés sobre os doentes e os tomados pelos maus espíritos).

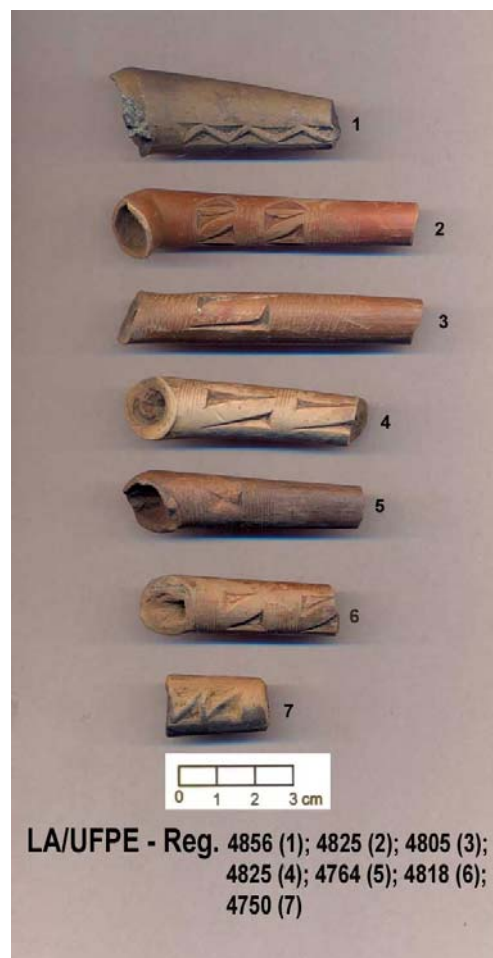
Levado à Europa, o tabaco logo foi 'adotado', e no seu entorno foram desenvolvidas diferentes atividades econômicas, tanto nas Américas quanto na Europa. A fabricação

e o comércio de cachimbos foi uma delas. E o fumo, levado das Américas para a Europa, retornava como hábito refinado através dos cachimbos importados. Dois grandes blocos de cachimbos podem ser reconhecidos: os brancos (de argila branca) e os vermelhos (de argila vermelha). Cachimbos diferentes daqueles da costa atlântica da América do Sul, também de cerâmica, mas tubulares, com o tubo em madeira. Muitos dos cachimbos europeus utilizavam o tubo de madeira, tanto vermelhos quanto brancos. Noutros, entretanto, o tubo era uma continuidade do cotovelo, também em cerâmica. Tais cachimbos são muito freqüentes nos sítios arqueológicos, particularmente em Pernambuco. Via de regra, aos cachimbos de barro vermelho é atribuída a origem portuguesa, e aos brancos, holandesa (sobretudo quando se trata do século XVII).

Alguns fragmentos de cachimbo em cerâmica foram encontrados no Sítio Trindade. A maioria desses cachimbos resgatados fora elaborada em argila vermelha, havendo também fragmentos de cachimbo em argila branca.



Ilustração 23- Fragmentos de cachimbos de cerâmica vermelha. Acima, conjunto de forninhos de diferentes modelos, inclusive de cachimbos tipo "peça única" e de tubo de encaixe. E, ao lado, tubos apresentando variações na decoração plástica incisa.



Os cachimbos de argila branca são os típicos cachimbos brancos holandeses: peças únicas, ou seja, forninho e tubo consistindo em uma única peça. Há fragmentos apresentando decoração moldada e outros sem evidência de decoração. Estes cachimbos apareceram principalmente na camada 1, ocorrendo também na camada 5. De fato, a análise do material revela que tais peças são efetivamente de origem holandesa, do séc. XVII.



Ilustração 24 - Cachimbos de argila branca, holandeses, do século XVII.

Dentre os cachimbos em argila vermelha, dois tipos foram resgatados na escavação no Sítio Trindade: os que são constituídos por uma peça única, e que representa a maioria, e os que utilizam o tubo em madeira, encaixado. Até o momento não se dispõe de elementos que possibilitem inferência quanto a sua origem e cronologia, muito embora sejam normalmente associados aos luso-brasileiros, no período colonial.

Os cachimbos encontrados na camada 11 são peças em que tubo e forninho constituem uma única peça. Fabricados com argila vermelha, os cachimbos desta camada apresentam forninhos com altura com altura variada, o maior deles com 5 cm de altura; e 3,5cm de diâmetro (medidas externas). Alguns destes forninhos apresentam, na face externa, decoração plástica incisa com motivos geométricos. Os tubos, por sua vez, apresentam comprimento que varia entre 5 cm e 7,5 cm. Apresentam também decoração plástica incisa com motivos geométricos.

Material Lúdico

O material lúdico encontrado no sítio é constituído por peças de jogo de tabuleiro improvisadas a partir de fragmentos de peças em cerâmica em faiança, e bolas de gude, em vidro.

Na Camada 11, seis peças de jogo de tabuleiro, em forma circular, fabricadas a partir de fragmentos de recipientes cerâmicos e outra de faiança foram registradas. Duas das peças em cerâmica e uma em faiança apresentam um orifício central.

As quatro peças lúdicas do séc. XX-XXI, bolas de gude em vidro, foram resgatadas na Camada 1 da trincheira 1. Na mesma camada, também na trincheira 1, foi registrada uma peça de jogo de tabuleiro produzida a partir do reaproveitamento de fragmento de faiança.

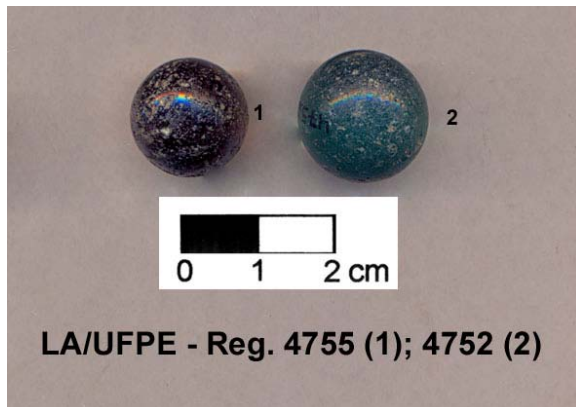


Ilustração 25 - Acima, duas bolas de gude em vidro, século XX-XXI, localizados na camada 01 da trincheira 01. Ao lado, peça de jogo de tabuleiro produzida a partir do reaproveitamento de fragmento de faiança italiana.



Selos

Um selo em chumbo foi encontrado no sítio. Considerando-se a matéria prima, a peça poderia ter sido levada para o local como matéria prima para a produção de munição em chumbo e não acompanhando uma mercadoria.



Ilustração 26 - Selo em chumbo com inscrição impressa ilegível.

Moeda

Moedas recentes, ou seja, do Brasil Nova República, séc. XX, foram resgatadas no sítio.

Na Camada 1 da trincheira 1, foi resgatada uma moeda brasileira de 1969 no valor de 5 centavos, e na mesma camada, mas na trincheira 6, uma outra moeda foi localizada. Esta última mais recente e ainda em circulação: trata-se de uma moeda de 1994 no valor de 5 centavos de real.

Mais uma moeda foi encontrada na Camada 7 da trincheira 1: moeda brasileira de 1970, no valor de 50 centavos.



LA/UFPE - Reg. 4750 (1); 4771 (2); 4803 (3)
Ilustração 27 - Moedas do Brasil do século XX.

Material relacionado à alimentação

O material arqueológico relacionado à alimentação registrado no Sítio Trindade consiste, em recipientes em cerâmica, faiança, porcelana, grés, faiança fina e vidro, além de talheres em ferro, além de restos alimentares como carapaças de moluscos, ossos e dentes de animais.

Cerâmica Utilitária

Camada 11 (de ostras)

O material arqueológico registrado na camada 11 (de ostra) é predominantemente relacionado à alimentação. Registrou-se, no local, a presença de cinzas; resto alimentares, principalmente ostras e mariscos; e recipientes voltados para o armazenamento, transporte, preparo, e atividades de servir e consumir alimentos.

A maioria do material voltado para a alimentação é em cerâmica, principalmente de argila vermelha. Na classificação desta categoria de material, convém explicitar que se utilizou a terminologia normalmente empregada ao se referir a esta subcategoria de material produzido em cerâmica, associado ao uso doméstico: Cerâmica Utilitária.

Esta categoria de material se apresenta, na maioria dos casos, muito fragmentada, o que dificulta sobremaneira sua reconstituição morfológica e, conseqüentemente a identificação do uso ou função. Poucas são as peças que apresentam elementos

suficientes para a recomposição da morfologia funcional com base em critérios seguros. No caso específico do material desta Camada 11, o material arqueológico, diferentemente do que é comum, não se apresentava muito fragmentado, o que é comum em sítios com ocupação ininterrupta ao longo dos séculos. Assim, o material arqueológico proveniente da camada 11 apresenta fragmentos grandes, que por sua vez decorrem da quebra de peças grandes. O estado de conservação do material possibilitou a identificação morfológica de algumas peças, tornando possível, portanto, associá-las às respectivas funções. Foram identificados pratos, panelas, tigelas, alguidares, 2 potes grandes (para armazenamento) e potes médios para transporte de líquidos e potes pequenos para consumo de alimento.

Com base em critérios analíticos que incluem diferenças técnicas, estilísticas e morfológicas, constatou-se a diversidade das peças encontradas nesta camada. No tocante à origem e cronologia do material, entretanto, a maioria das peças não forneceu elementos que conduzisse a uma identificação precisa. Convém assinalar, no entanto, a ocorrência de peças de origem portuguesa e espanhola dentre a cerâmica encontrada nesta camada. A expectativa cronológica para este material corresponde aos séc. XVII-XVIII.



Ilustração 28 - Um dos potes em cerâmica utilitária apresentando decoração plástica com aplique encontrado na camada 11.



Ilustração 29 - Conjunto de fragmentos de peças portuguesas do séc. XVII-XVIII, apresentando decoração plástica moldada e incisa.



Ilustração 30 - Peroleira ibérica. Séc. XVII.



Ilustração 31 - Conjunto de pratos de dimensões diferentes, encontrados no Sítio.

Faiança

Camada 11 (de ostras)

Grande parte das peças resgatadas está relacionada ao serviço de mesa, que inclui as atividades de servir e de consumo de alimento. Peças desta função foram encontradas em faiança e também em porcelana, apesar de que em sua maioria, como foi visto, seja constituída por cerâmica vermelha utilitária.

Quanto à faiança resgatada nesta camada, excetuando-se uma única peça identificada como lúdica, as demais foram classificadas como vinculadas ao serviço de mesa. O que se refere a sua morfologia funcional, foram identificados pratos, tigelas, e fragmentos de borda, de aba, e de caldeira, além de um bico e um cabo, que não permitiram uma identificação segura das peças representadas. Além das peças identificadas quanto a sua morfologia funcional, é possível que se tenha fragmentos de travessa. O bico permite a identificação de uma peça voltada para o serviço de líquido, que poderia se tratar de um recipiente para leite.

Macroscopicamente foram observadas diferenças técnicas, morfológicas e estilísticas que refletem não apenas a diversidade do material descartado nesta camada. No tocante à pasta, por exemplo, foram observadas diferenças de coloração, textura, dureza e homogeneidade, sugerindo principalmente a possibilidade de fontes produtoras distintas. Uma vez que muito embora se pudesse utilizar argilas diferentes em uma mesma olaria, é de se esperar que se buscasse fontes de matéria-prima com propriedades similares, que produziram resultados igualmente similares.

No que se refere à morfologia, registrou-se a utilização de diferentes fôrmas no processo de elaboração das peças. Constatou-se a ocorrência de diferenças no contorno/perfil das peças dentro do mesmo conjunto morfológico. Nos pratos, por exemplo, foram identificadas nove formas distintas, em sua maioria no tamanho médio, embora se tenha registrado um prato pequeno. No caso das tigelas, apenas duas formas foram identificadas.

Independentemente do contorno que distingue as peças encontradas, a espessura das paredes se apresenta homogênea.

O acabamento da superfície apresenta diferenças macroscopicamente observáveis no esmalte. No caso do banho que o biscoito recebe como acabamento da superfície, observa-se ser a cor branca predominante. Registrou-se, no entanto, peças em que este acabamento foi realizado na cor azul. Observando-se o material é possível constatar diferenças que distinguem as peças. Há casos em que o esmalte utilizado neste banho se apresenta fosco; observou-se ainda raros casos em que o esmalte apresenta um tom levemente esverdeado. No caso das peças monocromáticas, registrou-se também casos em que a cor branca se apresentava tendendo para o creme. Nas peças que receberam uma decoração sobre este banho, a tonalidade é normalmente mais branca e brilhante. Um outro detalhe que chamou a atenção no material desta camada, foi a ocorrência de peças cujo esmalte parece não aderir bem ao biscoito, tendendo a se destacar facilmente.

As peças em faiança encontradas nesta camada apresentaram, no que se refere à decoração, diferenças quanto ao motivo decorativo, o que inclui motivos distintos e variações do motivo. Também se observou diferenças na combinação dos motivos ao formarem os padrões.



Ilustração 32 - Conjunto de fragmentos de peças portuguesas com produção registrada entre 1551 e 1625.



Ilustração 33 - Prato italiano, em azul sobre azul, produzido entre 1590 e 1610.

Diferenças na qualidade do material, também foram observadas, podendo refletir artesões distintos, até mesmo dentro da mesma olaria, com domínio da técnica diferenciado ou ainda consumidor distinto.

Algumas particularidades diferenciaram o material deste sítio em relação a outro com contextos equivalentes. Além do estado e tamanho dos fragmentos, também se observou que alguns motivos que estão sempre presentes em sítios coloniais, como é o caso dos círculos concêntricos em azul sobre branco não foi detectado nesta camada. Este motivo decorativo é datado entre 1551-1625, e aparece relacionado à ocupações portuguesas do séc. XVII. Do mesmo modo, as chamadas “Rendas Portuguesas” não estão presentes nesta camada. Peças decoradas em vinhoso ou azul e vinhoso também se revelaram ausentes nesta camada. Vale ressaltar que a ausência dos motivos e a utilização da cor foi observada na camada 11 e não no sítio.

Porcelana

Fragmentos de peças em porcelana, em sua maioria vinculadas à alimentação foram registrados nas camadas 1, 2, 5, 6, 8, 11, 13 e 19. Trata-se de fragmentos de peças vinculadas, em grande parte, ao serviço de mesa. Foram identificados fragmentos de prato, pires, xícara, além de uma pequena tigela e um copo pequeno, todos fragmentados. A grande maioria do material em porcelana encontrado no Sítio se apresenta decorada à mão livre e ou no torno em azul sobre branco, apresentando motivos e padrões decorativos diversos. Há também fragmentos brancos, não decorados.

Camada 1

Na camada 1 das trincheiras 1 e 5, foram registrados fragmentos de peças em porcelana pintada a mão livre e no torno, em azul sobre fundo branco, podendo-se destacar a ocorrência de duas peças que apresentam referência do artesão. Uma das peças, um copo pequeno, fragmentado, com inscrição em sua base externa, foi localizado na trincheira 1. A outra, cuja morfologia não pode ser resgatada, em decorrência de seu estado de fragmentação foi encontrada na trincheira 5. No que se refere aos outros elementos de identificação que contribuiriam para o entendimento do contexto sistêmico do Sítio, no entanto, não foram ainda devidamente esclarecidos. A origem e cronologia destas peças, não foram, até o momento, identificadas. As inscrições observadas nas referidas peças apresentam um traçado identificado como Kanji. O número de traços sugere se tratar do Kanji antigo, ou seja, chinês. No entanto, a similaridade do Kanji antigo, chinês, com o Kanji japonês, uma vez que o Japão incorporou símbolos de Kanji em um período mais recente, dificultou a identificação da peça, que ainda está sendo objeto de estudo.



Ilustração 34 - Pequeno copo em porcelana oriental, decorada em azul e branco, apresentando inscrição com referências do artesão na base.



Ilustração 35 - Base fragmentada de peça chinesa, produzida no séc. XVII.

Camada 6

Na camada 6, trincheira 1 foi resgatada uma pequena tigela, apresentando decoração plástica moldada associada à pintura em azul. Apesar de se tratar de uma peça fragmentada, foi possível reconstituir-se sua morfologia praticamente íntegra. Por outro lado, não foi possível inferir com segurança o seu uso e função. No que se refere à origem e cronologia, os elementos também foram insuficientes para uma afirmação contundente, muito embora não se tenha dúvida que se trata de uma peça de produção oriental. Nesta camada, também foram resgatados fragmentos de porcelana branca, sem qualquer referência no que se refere à origem e cronologia.

Camada 11

Na camada 11, foram resgatados fragmentos de peças em porcelana, cujo estado de fragmentação em sua maioria não possibilitou a recuperação da morfologia e função. Poucas foram as peças cuja reconstituição permitiu a identificação quanto à forma e função. Foi possível identificar-se a presença de fragmentos de pratos.

No que se refere à origem e cronologia de sua produção, pode-se constatar que todas as peças encontradas nesta camada seriam produção oriental, tendo-se identificado peças produzidas na China. Alguns fragmentos teriam sido produzidos durante a Dinastia Ming, período Wanli (1573-1619). Todas as peças apresentam decoração em azul sobre branco, pintada à mão e/ou no torno, em tonalidades diferentes de azul, com motivos e padrões decorativos inspirados nos mais variados motivos populares como flores, peônias, frutos, animais, cenas.

Grès

Um único fragmento de recipiente não identificado em grès, produzido na Alemanha, no séc. XVII foi registrado no Sítio. O fragmento não oferece condições de identificação quanto a sua morfologia funcional.



Ilustração 36 – Fragmento de recipiente não identificado, produzido na Alemanha no século XVII.

Faiança fina

A pequena ocorrência de peças em faiança fina na área escavada, na parte alta do Sítio Trindade, chamou a atenção, pois esta categoria de material, normalmente vinculada ao sistema alimentar, mais especificamente ao serviço de mesa, tem se revelado uma presença constante e normalmente volumosa em sítios históricos a partir de ocupações do séc. XIX. A presença desta categoria de material foi registrada no Sítio, no entanto, em pequena quantidade se comparada com peças da mesma categoria, ou seja, peças do serviço de mesa, tanto em faiança, quanto porcelana, por exemplo.



Ilustração 37 - Fragmento de aba de prato apresentando decoração por molde vazado, em processo industrial. Séc. XX.

Camadas 1, 5, 13 e 19

Nas camadas 1, 5, 13 e 19 foram encontrados fragmentos de faiança fina. Todos os fragmentos desta categoria de material foram identificados como produção do séc. XIX-XX, principalmente do séc. XX.

Os fragmentos resgatados eram, em sua maioria, brancos, sem decoração e se apresentaram muito fragmentados, dificultando a sua identificação morfológica e funcional. Também apresentaram limitações quanto à identificação cronológica mais precisa, em alguns casos, o que conduziu a uma identificação cronológica com base, entre outros elementos de referência, tais como o início da aplicação de determinada técnica. A persistência temporal da técnica utilizada como referência, no entanto, promove uma cronologia bastante abrangente para o material.

Camada 11

Na camada 11, também se registrou a presença de peça em faiança fina. Nesta camada, no contato com a camada superficial, resgatou-se um único fragmento de uma aba de prato apresentando decoração industrial com base no molde vazado. Trata-se de uma peça do séc. XX, mas que difere do restante do material da camada, valendo ressaltar que a peça se encontrava no contato com a camada superficial.

Também na trincheira onde foi resgatado o conjunto da urna funerária indígena, foram resgatados, igualmente no contato com a camada superficial, três fragmentos de peças em faiança fina recentes. Estes fragmentos, em função de seu estado de fragmentação não permitiram o acesso a outras informações.

Vidro

Camada superficial

Na camada superficial da trincheira 1 foram identificados fragmentos de peças em vidro apresentando marca de molde. Foram identificados fragmentos de garrafa e de copo. A grande maioria foi identificada como produção do séc. XX, alguns dos quais fragmentos de peças produzidas pela Companhia Industrial de Vidros - CIV.

Já na trincheira 2, o vidro não identificado e uma base de um frasco também não identificado quanto ao seu uso, mas possivelmente teria servido como embalagem para produto medicinal.

Na trincheira 4 também foram identificados fragmentos de peças, na maioria garrafas em vidro produzido no séc. XX-XXI. Foram resgatados garrafa e fragmentos de garrafa de cerveja Long Neck na camada 1. Também foi possível identificar produtos da CIV entre o material em vidro encontrado nesta camada.

Nas trincheiras 5, 6 e 8, os fragmentos de vidro resgatados na camada 1 não foram identificados, que quanto à cronologia, local de produção ou uso.

Na trincheira 9, um fragmento de vidro de produção artesanal foi resgatado na camada superficial, além de outros fragmentos não identificados.

Camada 5

Na Camada 5 da Trincheira 1, foi resgatado um fragmento de vidro temperado, produção do séc. XX.

Camada 11

Na Camada 11, foram resgatados fragmentos de peças não identificadas em vidro, no entanto, registrou-se a ocorrência de recipientes voltados para a contenção de líquidos: garrafa, frasco e taça. Também foi localizado um fragmento de vidro plano, sem maiores referências.

Observou-se ainda a presença de peças que apresentam evidências de fabrico artesanal, tendo sido identificado marca de pontil em frasco e em garrafa. Há, dentre o material em vidro resgatado nesta camada, a presença de 2 garrafas de base quadrada, de tamanho distinto, ambas apresentando marca do pontil na base. A garrafa maior apresenta a parte superior, ou seja, a boca implantada sem pescoço, logo acima do ombro e se pode perceber que teria recebido, no local, uma aplicação de estanho. Outras duas garrafas ou frascos, em vidro esverdeado, apresentam marca de pontil com decantador.

No que se refere à cronologia do material encontrado nesta camada, apesar da presença de fragmentos que não apresentam elementos objetivos que permitam uma segurança cronológica, pode-se assinalar a presença de peças cuja produção foi estimada como sendo do séc. XVII-XVIII. Estes fragmentos apresentam superfície alterada em função dos processos químicos naturais aos quais foi submetida ao longo do tempo. Também foram identificados fragmentos de garrafa do séc. XX, com marcas de fabricação industrial em molde.



Ilustração 38 - Garrafa fragmentada apresentando revestimento de estanho na boca e base quadrada com marca de pontil.

Camada 13

Os fragmentos de vidro encontrados na camada 13 também não apresentaram elementos suficientes para sua identificação funcional nem tampouco cronológica. Há dois fragmentos, no entanto, que apresentam evidência de produção artesanal.

Talher

Na categoria de material relacionado à alimentação foram registradas peças, em ferro.



Ilustração 39 - Faca fragmentada e oxidada apresentando revestimento do cabo em osso, localizada na camada 11.

Malacológico

No Sítio Trindade, uma grande quantidade de material malacológico foi encontrada nas escavações. O material é constituído principalmente por carapaças de ostra e mariscos bivalves. Foram ainda registrados fragmento de carapaça tubular e conchas de caramujo e búzios (univalves).

Esta categoria de material, mais particularmente, as carapaças de ostra e os mariscos bivalves, apresentaram-se em grande concentração na Camada 11. Observou-se nesta camada, principalmente em sua base, que algumas destas carapaças, se encontravam calcinadas. Identificada como descarte alimentar, esta categoria de material, foi trabalhada em campo e apenas alguns exemplares foram encaminhados ao Laboratório Base como representação da ocorrência.



Ilustração 40 - Conjunto representando os exemplares malacológicos encontrados no Sítio Trindade.

Quanto aos búzios, apenas seis exemplares foram registrados na Camada 1.

Ossos e dentes

Ossos e dentes de animais foram registrados no sítio, como descarte alimentar. Pode-se identificar a presença de ossos de animais terrestres de pequeno, médio e grande porte, e ainda restos de peixe. Foram também identificados também dentes de mamíferos, quadrúpedes, ainda presos à mandíbula. Alguns ossos apresentavam marcas que evidenciavam terem sido serrados.

Na Camada 11, alguns ossos se apresentaram calcinados.



Ilustração 41 - Conjunto de ossos e dentes de animais encontrados na camada 11.

Material relacionado à saúde

Vidro

Camada 14

Na Camada 14, foram resgatados, fragmentos de vidro que não apresentam elementos morfológicos que permitam a identificação de seu uso e função e tampouco referenciais cronológicos. Uma única ocorrência nesta camada foi identificada: um frasco de produto farmacêutico produzido no Rio de Janeiro. Trata-se de uma peça que apresenta marcas de fabrico compatíveis com os processos de produção do vidro entre 1820 e 1870. O frasco apresenta em relevo na superfície referências do produto: MAGNÉSIA FLÚIDA SEBASTIANY, revelando ter sido produzido especificamente para atender às necessidades do Sebastiany, ou seja, para a embalagem aquele produto.

Foram ainda resgatados dois frascos com vestígio de inscrições.



Ilustração 42 - Embalagem em vidro de produto medicinal: **MAGNÉSIA FLÚIDA SEBASTIANY.**

Peças de Vestuário

Na qualidade de peça de vestuário, uma única representante foi resgatada no Sítio. Trata-se de um exemplar de botão metálico, com um aro para fixação, e em baixo relevo inscrições na face interna: PLATED LONDON.



Ilustração 43 – Botão metálico com aro, plano, com inscrição do fabricante na face interna. Produzido na Inglaterra.

Fivela e Passadores

Ao todo foram resgatadas cinco fivelas e um passador, tendo-se observado a ocorrência de diferentes modelos. Há peças circulares e retangulares, em ferro e em latão.

A Maioria das fivelas foi encontrada na camada 11: duas são circulares em ferro e uma retangular em latão. Não foi possível identificar origem e cronologia do material.



Ilustração 44 - Conjunto representando os diferentes modelos de fivelas encontrados no Sítio Trindade.

Lixo recente

Na Camada 1, registrou-se a presença de um material de descarte atual, ou seja, do séc. XX-XXI, tal como isqueiro descartável Cricket, peças plásticas, tampa/abridor de garrafa de lata, peça de borracha utilizada para revestimento externo de automóveis; copo de plástico da sorveteria John's; plásticos de embalagens para lanche (biscoitos Bela Vista...).

Na Camada 11, registrou-se no contato com a camada superficial a presença de uma tampa de embalagem plástica.

Na Camada 19, trincheira 14 também se registrou a ocorrência de material atual: plástico de embalagem.

Lítico

Alguns fragmentos e lascas de quartzito, sílex, granito foram registrados no sítio. A maioria sem evidência de ação humana intencional.

Na Camada 5 da trincheira foram encontrados fragmento lítico e lasca de sílex que apresentaram marcas de trabalho. Na Camada 13, trincheira 5 e 6, foram observadas peças com sinais de ação humana, nesta mesma camada, na trincheira 6, resgatou-se um fragmento em granito (brita).



Ilustração 45 - Fragmento de sílex.



Ilustração 46 - Lascas de sílex.

Material pré-histórico

Durante a pesquisa arqueológica constatou-se a presença de material indígena no Sítio Trindade, tendo-se detectado duas áreas de maior concentração. Todo o material indígena resgatado consiste em peças e fragmentos de recipientes, em cerâmica, além de um cachimbo igualmente em cerâmica. Apesar da presença de peças líticas na área, não se constatou a associação do material cerâmico pré-histórico com peças líticas ou qualquer outra ocorrência.

Cerâmica indígena

Um total de 664 fragmentos de cerâmica indígena foi resgatado no sítio, tendo-se registrado sua ocorrência nas camadas 1, 2, 4 e 5 da trincheira 1; na Camada 1 das trincheiras 2, 4, 5 e 9; na Camada 8 da trincheira 3; na Camada 13 das trincheiras 6 e 8; e na Camada 19 da trincheira 14.

Trincheira 14

A maior concentração do material indígena estava localizada na Camada 19 da trincheira 14. No local foram identificadas peças praticamente completas, embora se apresentassem intemperizadas e rachadas in situ. Registrou-se no local um conjunto constituído por cinco recipientes distintos.

O maior dos recipientes foi elaborado com base em uma técnica conhecida como de 'roletes', em cuja pasta foram adicionados a guisa de antiplástico fragmentos de cerâmica triturados. A queima foi realizada em atmosfera oxidante, entretanto o núcleo mostra evidências de queima incompleta, de coloração escura (reduzida). A superfície da vasilha foi alisada, tendo recebido decoração plástica ungluada, na borda. Internamente, a superfície também alisada, recebeu como decoração pintura em vermelho e preto sobre branco, com motivo geométrico.



Ilustração 47 - A exposição do núcleo do fragmento acima permitiu a visualização de fragmentos de cerâmica triturados inseridos na pasta.



Ilustração 48 - Diversos fragmentos evidenciaram o método de manufatura ao apresentar quebra no rolete, revelando também sua má obliteração. O fragmento acima apresenta decoração plástica ungluada na borda.

O segundo maior recipiente do conjunto, servia de opérculo para o primeiro. Trata-se de uma peça classificada como uma tigela grande. Também apresenta fragmentos de cerâmica triturada inseridos intencionalmente na pasta como material antiplástico; evidência de rolete em sua manufatura; superfícies alisadas, decorada internamente por pintura em vermelho e preto sobre branco, apresentando motivo geométrico; a borda, introvertida, apresentando leve reforço externo, podendo-se observar macroscopicamente o acréscimo na borda como reforço; queima realizada em atmosfera oxidante.

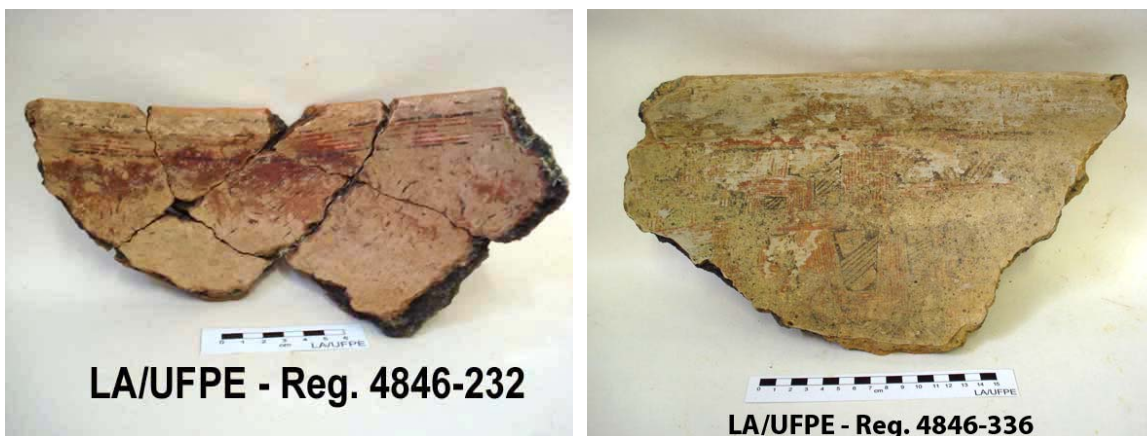


Ilustração 49 – Tigelas apresentando decoração pintada em preto e vermelho sobre branco, na superfície interna. As peças integram o conjunto da urna funerária.

O terceiro recipiente consiste em uma tigela oval, menor que as anteriores. No que se refere ao preparo da pasta, também apresenta fragmentos de cerâmica triturada inseridos como material antiplástico; não apresentou evidências de roletes no processo de manufatura; também apresenta as superfícies alisadas e decoração em vermelho e preto sobre branco, na superfície interna; queima incompleta, apresentando o núcleo reduzido.

Um recipiente pequeno, ainda menor que os anteriores, foi encontrado sobre o conjunto operculado. Esta peça se apresenta erodida e a borda não se apresenta íntegra. Sua pasta é pouco mais arenosa que as demais, e a presença de fragmentos de cerâmica triturados inseridos como antiplástico também foi observada. Apesar da interferência da erosão de suas superfícies, é possível perceber que a peça foi alisada e que apresenta vestígios de branco na superfície interna; quanto à queima, pode-se afirmar que a se processou em atmosfera oxidante.

Um quinto recipiente foi observado, porém a nível vestigial, ou seja, apenas um pequeno fragmento de borda de uma peça ainda menor que as quatro anteriores foi registrado. O fragmento não permitiu a obtenção de muitas informações. Pode-se apenas afirmar que se tratava de mais uma peça, muito pequena, apresentando 2 mm de espessura de parede. No que se refere à pasta, foi observada a presença de fragmentos de cerâmica triturados utilizados como antiplástico; não foi possível identificar o método de manufatura; a superfície se apresenta alisada com aplicação de pintura na face interna, podendo-se perceber vestígio de branco e de vermelho; a queima se processou em atmosfera oxidante.

Ainda neste mesmo registro, há um cachimbo tubular em cerâmica. Trata-se de uma peça medindo 13 cm de comprimento e diâmetro de aproximadamente 3,5cm, alargando-se um pouco mais nas extremidades. A peça apresenta pasta similar à do quarto recipiente acima descrito, não havendo condições de observar efetivamente o núcleo, vez que a peça se encontra praticamente íntegra. A pasta apenas pode ser observada em uma pequena área onde a superfície se mostra levemente erodida. O método de manufatura é provavelmente o modelado. A queima foi realizada em atmosfera oxidante, embora algumas manchas de redução possam ser percebidas. A superfície se apresenta alisada e sem vestígio de decoração.



Ilustração 50 – Cachimbo tubular em cerâmica.

Camada 11

Outra concentração de material cerâmico indígena foi observada na Camada 11. Nesta camada, no entanto, o material que também se apresenta fragmentado, as peças estão incompletas. No conjunto foi observada além de fragmentos de borda, bojo e base, a presença de asas, em formas arredondadas. No que se refere à

preparação da pasta, há fragmentos que apresentam a inclusão intencional de fragmentos de cerâmica triturada, como material antiplástico. Alguns fragmentos evidenciaram a utilização de roletes no processo de manufatura. No que se refere à queima, pode-se observar que a maioria dos fragmentos apresenta evidências de uma queima incompleta em atmosfera oxidante. Quanto ao tratamento de superfície, as peças apresentam alisamento da superfície e, em alguns casos, a aplicação de um banho vermelho. A espessura dos fragmentos varia de 0,7 cm a 2 cm. No conjunto, há peças decoradas e não decoradas, tendo-se identificado a ocorrência de decoração pintada e de decoração plástica. Na análise da decoração pintada se observou vestígios de pintura em vermelho, sobre uma superfície decorada com branco. Quanto à decoração plástica, registrou-se uma borda com lábio ponteados e outra com decoração ungulada.

As demais ocorrências de cerâmica indígena no sítio são similares àquelas já descritas. Caracterizam-se por apresentar a utilização de fragmentos de cerâmica triturados como antiplástico, havendo alguns fragmentos cuja pasta se apresenta mais arenosa. Também se observou a presença na pasta de pequenas concreções. Quanto à queima, os fragmentos, em sua grande maioria, apresentam queima oxidante incompleta. No que se refere ao tratamento de superfície, constatou-se a ocorrência de peças apenas alisadas, enquanto que outras receberam um banho ou pintura, tendo-se registrado vestígio das cores branco e de vermelho. No que se refere à morfologia funcional, no entanto, o estado de fragmentação em que se encontram os fragmentos não permite que se façam inferências.

Material não identificado

Fragmentos de peças não identificadas foram encontradas principalmente em material metálico, em especial em ferro. Além das peças em ferro, há também outras em diferentes matérias primas, tais como chumbo, latão, osso, vidro, cerâmica.

O material arqueológico da área baixa - Sementeira

A escavação arqueológica realizada na área onde se pretende implantar a Refinaria Multicultural do Sítio Trindade, revelou a presença de material com cronologia recente, entre os séculos XX e XXI.

Como se pode observar em campo, a maior parte do material resgatado estava concentrado na camada 6. Esta camada, apresenta uma alta concentração de matéria orgânica, e corresponde a uma área de descarte de lixo urbano. Em alguns trechos da área escavada, esta camada de depósito de lixo chegou a atingir o lençol freático. Dentre o material ali resgatado, observou-se grande quantidade de fragmentos de louça doméstica - serviço de mesa - de fabricação brasileira, em grande parte de porcelana. Outra categoria também de grande incidência foi aquela relacionada a medicamentos. Registrou-se diversas embalagens em vidro de produtos fitoterápicos e também alopáticos. Também foi observada ocorrência de embalagens em vidro e em plástico de produtos de uso e cuidado pessoal, como os cosméticos.

Não foi localizado qualquer material anterior ao século XX, além de pequenos fragmentos de faiança, em área de arrasto - rolados.

O material arqueológico recente foi agrupado nas seguintes categorias: material de construção (elétrico, hidro-sanitário), tranca e articulação, material de fixação, instrumento de trabalho, decoração, material de transporte, vestuário, adorno, alimentação (vidro, cerâmica, faiança, plástico), malacológico, ossos e dentes, higiene e cuidado pessoal (cosméticos), medicamentos, limpeza e manutenção, escritório, material lúdico, além de material não identificado.

Documentação fotográfica do material localizado na área da sementeira:



Ilustração 51 - Conjunto do material de construção.



Ilustração 52 - Material hidro-sanitário.



Ilustração 53 – Material diverso em ferro podendo-se destacar a presença de instrumentos de trabalho (vassoura, colher de pedreiro), material de fixação, entre outros.



Ilustração 54 - Material cerâmico ligado à alimentação.



Ilustração 55 - Conjunto de cerâmica vitrificada.



Ilustração 56 - Coleção de embalagens em vidro de produtos voltados para finalidades distintas.



Ilustração 57 – Conjuntoto de recipientes de vidro.

Educação Patrimonial

O Programa de educação Patrimonial foi realizado pela equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE em parceria com a Secretaria de Cultura de Pernambuco, de acordo com as especificações técnicas previstas para a execução do Projeto Arqueológico Forte Real do Bom Jesus, localizado no bairro de Casa Amarela na cidade do Recife/PE.

As atividades voltadas para Educação Patrimonial foram realizadas em parceria com Secretaria de Cultura no mesmo período dos trabalhos de campo, isto é, no período de 31 de março a 05 de junho de 2009.

A conservação histórica de uma cidade, segundo Simão (2001), deve valorizar e manter a identidade local, garantindo aos residentes a referência do seu lugar, podendo se tornar um atrativo turístico.

Um patrimônio pode se tornar um atrativo turístico buscando a motivação da manutenção da identidade local, podendo ser uma fonte alternativa de geração de renda, funcionando como um canal de aproximação entre pessoas e principalmente a valorização cultural.

O Sítio Trindade no dia 17 de junho de 1974, foi classificado como um conjunto paisagístico e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Um legado que a sociedade pernambucana herdou do passado, devendo ser conservado e transmitido para as gerações futuras.

Lemos (1981) ressalta a importância de conservar as características de uma sociedade, mantendo conservadas as condições mínimas de sobrevivência, garantindo a compreensão de nossa memória social, preservando o que for significativo no repertório dos elementos do patrimônio.

Diante do exposto a equipe do Laboratório de Arqueologia disponibilizou um responsável para atender a comunidade local e passante, tanto em campo como em sua unidade móvel, repassando informações e esclarecimentos a respeito do trabalho em desenvolvimento.

Esta necessidade vem de encontro ao interesse da equipe que tem por princípio manter em aberto, os trabalhos que realiza, à visitação pública a todos os

interessados, repassando o conhecimento gerado por suas pesquisas, inserido no projeto de educação patrimonial. Desde sua criação, em 1965, o Laboratório de Arqueologia da UFPE tem por princípio manter em aberto à visitação pública os trabalhos que realiza.

Durante a execução do Projeto Arqueológico Forte Real do Bom Jesus, a unidade móvel foi deslocada para o Sítio Trindade.

A divulgação junto a emissoras de televisão Rede Globo, Rede TV e TV Universitária, Rádio CBN, Jornal do Comércio de Pernambuco e Jornal do Diário de Pernambuco, foi uma das atividades programadas tendo em vista o esclarecimento da comunidade em geral, ressaltando sempre a importância do resgate arqueológico e preservação do patrimônio.

Foram recebidas, a convite, escolas da rede pública e particular, sobretudo as do entorno. Recebemos ainda membros da comunidade local, bem como passantes que tiveram a curiosidade despertada pelo trabalho arqueológico.²³

O interesse por informações relacionadas ao projeto vem ao encontro dos objetivos da equipe, em transmitir e inculcar a importância do resgate e preservação deste patrimônio.

Alunos do curso de Arqueologia e História da UFPE, assim como alunos do curso de Arquitetura da FAUPE, visitaram o trabalho.

Desta maneira, o Laboratório de Arqueologia atuou através de palestras em parceria com a Secretaria de Cultura, atendendo grupos agendados. Nestes encontros as visitas foram guiadas as escavações e às instalações da unidade móvel, que foi deslocada para o Sítio Trindade durante a execução do projeto. Além do atendimento a visitas agendadas, concedeu-se o apoio a alunos em trabalhos escolares, que recorreram à equipe por iniciativa própria ou por indicação de seus professores.

Foi distribuído aos visitantes, folder educativo, confeccionado em cordel sendo recitado por repentistas. O cordel foi elaborado em linguagem popular mantendo-se fiel às características deste gênero literário.²⁴

²³ Segue em anexo listagem das escolas recebidas durante a execução do Programa de Educação Patrimonial;

²⁴ O cordel “Os Holandeses no Sítio da Trindade” escrito por Eivaldo de Lima, segue em anexo;

A equipe do Laboratório de Arqueologia também recebeu e prestou esclarecimentos a autoridades e comitativas de órgãos como IPHAN, Secretaria de Cultura e Secretaria de Meio Ambiente, em vistorias oficiais do Projeto, tanto em campo quanto em sua unidade móvel.

Integrantes do IPHAN e órgãos envolvidos na execução do projeto visitaram o trabalho freqüentemente, também deixaram registrada a sua passagem pela unidade móvel do Laboratório de Arqueologia. Ressaltar a visita do Tenente.

Devido ao grande número de visitantes no período do São João, que acabam causando danos físicos ao patrimônio material Forte Real do Bom Jesus, ressalta-se a importância de buscar ações planejadas e responsáveis envolvendo o poder público, setor privado e comunidade local, visando assim minimizar os impactos negativos ocasionados a este patrimônio.

“UMA SOCIEDADE QUE NÃO CONHECE O SEU PASSADO NÃO TEM PERSPECTIVA DE FUTURO”.

(Marcos Albuquerque – Arqueólogo)



PROJETO: PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO: Educação Patrimonial - Documentação fotográfica



UNIDADE MÓVEL DO LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA.

BANCADA PARA ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO.



BANCADA EXPONDO MATERIAL ARQUEOLÓGICO LOCALIZADO PELO LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA NO SÍTIO TRINDADE.

PROJETO: PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO: Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

VISITAÇÃO GUIADA A UNIDADE MÓVEL DO
LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA.



PROJETO: PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO: Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

GUARDA CIVIL E GUARDA PATRIMONIAL, FORAM RECEBIDOS POR NOSSA EQUIPE.



PROJETO: PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO: Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL REALIZADA JUNTO À
COMUNIDADE LOCAL.



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL REALIZADA PARA OS ALUNOS DA
4ª E 5ª SÉRIE DO COLÉGIO ETHOS.



PROJETO:

PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO:

Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA OS ALUNOS
COM ALTAS HABILIDADE/SUPERDOTAÇÃO.



PROJETO:

PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO:

Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL AOS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES.



PROJETO:

PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO:

Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

DURANTE O PERÍODO DE DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DE CAMPO, CENTENAS DE PESSOAS TIVERAM A OPORTUNIDADE DE CONHECER UM POUCO MAIS DO SEU PASSADO E ENTENDER A IMPORTÂNCIA DO PATRIMÔNIO PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA.



PROJETO: PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO: Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

ESCLARECIMENTOS A AUTORIDADES E COMITIVAS DE ÓRGÃOS COMO IPHAN, PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL E ESTADUAL, SECRETARIA DE CULTURA E SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE.



PROJETO: PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO: Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

ALUNOS DA REDE PÚBLICA REALIZARAM O PLANTIO DE DIVERSAS ESPÉCIES, PARA COMPENSAR A REMOÇÃO DAS ARVORES LOCALIZADAS NO TRECHO DO FOSSE DO FORTE REAL DO BOM JESUS.



PROJETO: PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO: Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

PALESTRA NA CASA DE PASSAGEM E ESCOLA ESTADUAL SÃO MIGUEL.



PROJETO: PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO: Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

PALESTRA NO AUDITÓRIO DO SÍTIO TRINDADE.



PROJETO: PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO: Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

OS CORDELISTAS FIZERAM PARTE DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, RECITANDO OS VERSOS DOS CORDÊIS ENTREGUE AOS VISITANTES



PROJETO: PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO: Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

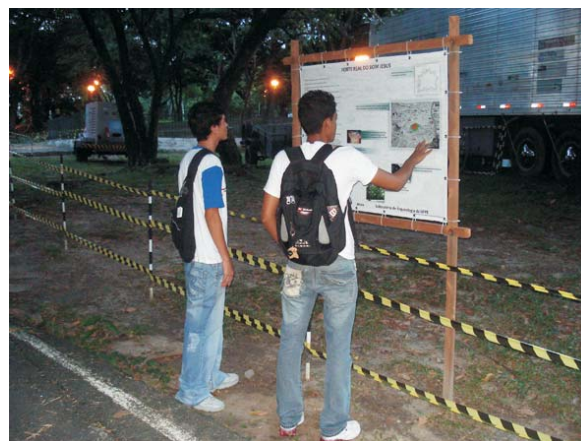
PAINÉIS ILUSTRATIVO COM INFORMAÇÕES SOBRE O FORTE REAL DO BOM JESUS.



PROJETO: PROJETO ARQUEOLÓGICO FORTE REAL DO BOM JESUS.

CONTEÚDO: Educação Patrimonial - Documentação fotográfica

OS PAINÉIS FIZERAM PARTE DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.



Considerações Finais

A apresentação das Conclusões da pesquisa se fez à medida que foram sendo tratados cada um dos conjuntos escavados, de modo a aproximar as conclusões das demonstrações (resultados da escavação/ estratigrafia/ material analisado), reservando-se às Conclusões apenas aquelas inerentes aos objetivos precípuos à avaliação dos riscos face a implantação da Refinaria Multicultural Sítio Trindade.

- a. O Forte Real do Bom Jesus foi construído no atual Sítio da Trindade entre as cotas 18 a 20;
- b. A área atualmente ocupada pela sementeira, local onde a Prefeitura do Recife pleiteia construir a Refinaria Multicultural se encontra no entorno da cota 8;
- c. Considerando as técnicas da engenharia militar portuguesa, no século XVII, não faria nenhum sentido haver muralhas ou fosso nesta parte baixa. Caso houvesse uma muralha nesta cota, os defensores da fortificação estariam completamente expostos ao tiro inimigo;
- d. Esta foi a hipótese levantada por nossa equipe por ocasião da descoberta de parte do fosso na década de 60, e comprovada com as escavações realizadas nesta área;
- e. A parte alta do Sítio da Trindade, na qual foi construído o Forte Real do Bom Jesus, é constituída pela Formação sedimentar, pré-quaternaria do Grupo Barreiras. Em sua porção superior apresenta o horizonte A, que, embora desgastado, correspondeu à superfície de ocupação contemporânea ao Forte;
- f. A área hoje utilizada pela “sementeira” corresponde a uma área de desgaste ao pé da encosta, que se caracteriza por suas condições de enxarcamento. Sua topografia aproximadamente plana nos dias atuais, no entorno da cota 8, apresenta extensas camadas de aterro. Embora parte do aterro se deva a eventos naturais, em sua maior parte responde a ação antrópica. Os sedimentos de origem natural correspondem às camadas de areia, oriundas do carreamento das partes mais elevadas e ainda a camadas de argila oriundas de enchentes do Capibaribe, que assolaram o Recife, e que atingiram aquela área. Sobrepondo-se àqueles sedimentos de origem natural, foram detectadas camadas de origem antrópica. O mais antigo, provavelmente contemporâneo aos últimos eventos das enchentes, corresponde a um extenso depósito de lixo doméstico urbano. Trata-se de material predominantemente orgânico que se encontra em

adiantado processo de decomposição, onde permeiam outros vestígios materiais que permitem datá-lo da segunda metade do século XX. Lacrando a camada de lixo justapõem-se outras camadas de origem antrópica, certamente associadas à terraplanagem, à urbanização da área. Corresponde a pacotes de argila, remobilizados em período recente, imediatamente anterior à implantação das antigas pistas para aeromodelismo que existiram na área.

- g. Uma grande porção da área hoje utilizada pela sementeira apresenta o lençol freático muito superficial. Considerando que esta área encontra-se no entorno da cota 8, durante o início da estação das chuvas (maio/2009), o nível da água encontra-se pelo menos a 1,30m abaixo da superfície já aterrada;
- h. Considerando a dispersão da camada de lixo recente que foi depositada sobre a área encharcada, e os aterros posteriores, pode-se concluir que até recentemente havia uma grande depressão inundada que provavelmente interligava-se ao riacho Parnamirim;
- i. Na porção mais próxima do início da elevação foi encontrada uma camada da Formação Barreiras, com nítidos sinais de laterização refletindo a grande umidade da área, correspondente ao contato com o aquífero;

2. Considerações arqueológicas:

- a. A metodologia adotada na pesquisa arqueológica desta área não se limitou apenas a perfurações nos locais previstos para as fundações. Foram escavadas trincheiras nas áreas previstas para as construções, e ainda realizadas sondagens para identificar a extensão da área inundada e recoberta pela camada de lixo recente;
- b. No local previsto para a construção do Bloco de Artes Plásticas, foram escavadas três trincheiras que abrangeram a totalidade da área prevista para esta construção. Estas trincheiras atingiram o terreno local a 1,90m de profundidade sem que tenha aparecido qualquer vestígio arqueológico;
- c. Na área destinada à marquise de apoio, foram escavadas quatro trincheiras que revelaram a presença de lixo recente, oriundo do aterro efetuado sobre a superfície da água, conforme descrito no item 3b;
- d. No local previsto para a construção do Bloco de Ciências, Música, Biblioteca e Cultura Digital foram escavadas duas trincheiras em toda a extensão da construção prevista. Estas trincheiras revelaram o grande depósito de lixo, já referido, que recobriu o nível da água. Estas trincheiras atingiram 60 cm abaixo do nível da água até o desaparecimento da camada de lixo. Esta constatação comprova que o lixo foi depositado sobre a região alagada. Além do lixo orgânico foram encontrados nesta camada vários frascos de “Óleo de Peroba”, ainda

produzido nos dias atuais, plásticos e solado de sapatos Vulcabras. Nenhum vestígio arqueológico contemporâneo a ocupação do Forte Real do Bom Jesus foi ali encontrado;

- e. Face à malha amostral utilizada para a abertura das trincheiras, que privilegiou o centro e as laterais de todas as áreas previstas para construção;
- f. Face à interpretação estratigráfica de todas as camadas encontradas e peneiradas;
- g. Face ao material arqueológico recente encontrado na camada de lixo;
- h. Podemos afirmar com segurança que, nas áreas onde estão previstas as construções, e que foram por nossa equipe prospectadas, não existem vestígios que possam remontar ao período da construção do Forte Real do Bom Jesus.

Bibliografia

ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. Brasília: Universidade Brasília, 1982

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. **Arraial Novo do Bom Jesus: consolidando um processo, iniciando um futuro**. Recife: Graftorre, 1997. 225 p. il.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; WALMSLEY, Doris. **Fortes de Pernambuco: imagens do presente e do passado**. Recife: Graftorre, 1999. 204 p., il.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. **Forte Real do Bom Jesus: resgate arqueológico de um sítio histórico**. Recife: CEPE, 1988. 64 p. il.

CALADO, Manuel, Frei. **O valeroso Lucideno e triunfo da liberdade**. Recife: FUNDARPE, 1985. il. (Coleção Pernambucana – 2ª fase, 13).

COELHO, Duarte de Albuquerque. **Memórias Diárias da Guerra do Brasil**. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981. il. (Coleção Recife, 12).

CUNHA, Luiz Antônio e GÓES, Moacyr de. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

GASPAR, Lúcia. **Movimento de Cultura Popular**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2009. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=309&textCode=11411&date=currentDate>> Acesso em: 26 nov. 2009.

LEMONS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Olinda Restaurada**. Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654. São Paulo: Forence-Universitária (Editora da Universidade de São Paulo), 1975

MELO, José Antônio Gonçalves de. **Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte de Brasil**. 3 ed. Recife: Massangana, 1987.

PRESERVAÇÃO do patrimônio cultural de Pernambuco. Recife: FUNDARPE, 2009.

SANTIAGO, Diogo Lopes. **História da guerra de Pernambuco e feitos memoráveis do mestre de campo João Fernandes Vieira herói digno de eterna memória, primeiro aclamador da guerra**. Recife, FUNDARPE. 1984. 612 p. il. (Coleção Pernambucana – 2ª fase, 1)

SIMÃO, Maria Cristina Rocha de. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Sites consultados:

BRASIL. Portaria nº 3, de 2 de fevereiro de 2009. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 03 fev. 2009. nº23, seção 1, pág. 6-7. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/imprensa/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=107&data=03/02/2009>>. Acesso em: 24 nov. 2009.

LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA. **Brasil Arqueológico**. Disponível em: <<http://www.magmarqueologia.pro.br>>. Acesso em: 24 nov 2009.

MINISTÉRIO DA CULTURA/IPHAN. **Portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 24 nov. 2009.

MINISTÉRIO DA CULTURA/IPHAN. **Arquivo Noronha Santos**. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2009.

MINISTÉRIO DA CULTURA/IPHAN. **Sistema de Gerenciamento de Patrimônio Arqueológico**. Disponível em: <<http://sistemas.iphan.gov.br/sgpa/>> Acesso em: 24 nov. 2009.

VERAS Marcos Cirano Sampaio (Jornalista responsável). **PERNAMBUCO DE A/Z**. Disponível em: <<http://culturareligare.wordpress.com/2007/09/06/mcp-movimento-de-cultura-popular>> Acesso em: 26 nov. 2009.

Equipe Técnica e de Apoio

A pesquisa arqueológica de subsuperfície na área da PCH de Pedra Furada foi realizada pelos seguintes integrantes de nossa equipe:

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação Geral:	Marcos Albuquerque
Endereço:	Rua Hoel Sette, nº 165, aptº 601. CEP: 52050-090. Jaqueira, Recife-PE.
Telefone:	(81) 9972-8184 / (81) 3459-3340
E-mail:	marcos@magmarqueologia.pro.br
Arqueóloga:	Veleda Lucena
Endereço:	Rua Hoel Sette, nº 165, aptº 601. CEP: 52050-090. Jaqueira, Recife-PE.
Telefone:	(81) 9998-0472 / (81) 3459-3340
E-mail:	veleda@magmarqueologia.pro.br
Arqueóloga de campo:	Rúbia Nogueira
Endereço:	Rua das Pitombeiras, nº 210. CEP: 54.786-520. Aldeia, Camaragibe-PE.
Telefone:	(81) 9952-6414 / (81) 3459-3340
E-mail:	rubia_nogueira@yahoo.com.br
Arqueóloga de campo:	Darlene Maciel
Endereço:	Rua das Pitombeiras, nº 210. CEP: 54.786-520. Aldeia, Camaragibe-PE.
Telefone:	(81) 9602-1437 / (81) 3459-3340
E-mail:	darlenemaciell@hotmail.com
Arqueóloga de laboratório:	Eleonôra Guerra
Endereço:	Rua das Pitombeiras, nº 210. CEP: 54.786-520. Aldeia, Camaragibe-PE.

Telefone: (81) 9966-5302 / (81) 3459-3340

E-mail: meguerra@elogica.com.br

Arqueóloga de laboratório: Silvia Uchôa

Endereço: Rua das Pitombeiras, nº 210. CEP:
54.786-520. Aldeia, Camaragibe-PE.

Telefone: (81) 9966-0633 / (81) 3459-3340

E-mail: silvia.a.l@bol.com.br

Arqueóloga de laboratório: Milena Duarte

Endereço: Rua das Pitombeiras, nº 210. CEP:
54.786-520. Aldeia, Camaragibe-PE.

Telefone: (81) 9998-0502 / (81) 3459-3340

E-mail: milenaduarte9@hotmail.com

Educação Patrimonial: Taciana Mendes

Endereço: Rua das Pitombeiras, nº 210. CEP:
54.786-520. Aldeia, Camaragibe-PE.

Telefone: (81) 9652-8180 / (81) 3459-3340

E-mail: mendes_taciana@hotmail.com

EQUIPE DE APOIO

Técnica de laboratório: Érica Marcela Lima

Técnico administrativo: Fredson Santiago Corpes

Técnica administrativa: Micarla Valéria

Técnica administrativa: Tatiane Kelly Guimarães

Auxiliares de campo:

- Alberes da Silva Pessoa
- Alberon Barros
- Edson Leôncio da Silva
- Luiz Marquez
- Petrônio Santos
- Ricardo Ferreira Farias

Auxiliar de Laboratório: Elizângela Souza

Operários:

- Alexandro Andrade dos Santos
- Edilson Carneiro de Olveira
- Edimilson Carneiro de Olveira
- Elton Manoel de Lima Silva
- José Alberto da Silva Pessoa
- José Luiz Ribeiro dos Santos
- Rafael Correa dos Santos
- Roberto José da Silva

Órgãos Envolvidos

- Governo Federal

Ministério da Cultura

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

- Prefeitura da Cidade do Recife:

Secretária de Cultura

DPPC - Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural Material

Emlurb – Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana

Guarda Municipal do Recife

Guarda Patrimonial do Recife

- Instituições privadas:

- ENSOLO - Engenharia e Consultoria de Solos e Fundações Ltda

- Ecoflora Paisagismo Ltda

Agradecimentos

Por ocasião da realização dos trabalhos de campo a equipe do LA agradece a colaboração recebida fundamentalmente pelas seguintes pessoas:

Prefeitura do Recife - Secretaria de Cultura:

- Renato Lins - Secretário de Cultura
- Leonor Mesel - Assessora do Gabinete da Secretaria
- Leone Correia - DAS (Diretora de Administração Setorial)
- Franciza Toledo - Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural (DPPC)
- Lorena Correia Veloso - Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural (DPPC)
- Maria Cristina Balbino - Gerência de Educação Patrimonial da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural (DPPC)
- Conceição Fragoso - Gerência de Educação Patrimonial da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural (DPPC)

Prefeitura do Recife – Emlurb (Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana):

- José Carlos Vidal - Gerente de Praças e Áreas Verdes da Emlurb
- Ana Guedes
- Fernando Bivar – Gerente de Sementeiras da Emlurb

Sítio da Trindade:

- Prazeres Barros – Diretora
- Funcionários do Parque
- Guarda Municipal

Não poderíamos deixar de agradecer, ainda, o público frequentador do Parque pela sua integração com os trabalhos de Pesquisa Arqueológica.